15/15

VELUT ARBOR ÆVO

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

Z 8022

cf. M. de Pina e Mello

Digitized by the Internet Archive
in 2012 with funding from
University of Toronto

http://archive.org/details/criticadacritica00sant

CRITICA
DA
CRITICA,
E DEFENSA DA DEFENSA

Distribuidas em dez Cartas apologetico criticos, em q̃ se qualifica a justiça da resposta ás duas cartas, que de Villa-viçosa, e Evora se escreverão contra o Poema intitulado Triunfo da Religiaõ; *e se notaõ algũs descuidos, em q̃ miseravelmente cahiraõ os eruditos Authores das duas cartas,*

ESCRITAS

Pelo Padre D. JOAQUIM VELHO DO CANTO
Presbytero Lisbonense,

Dedicadas

AO ILUSTRISSIMO E EXCELENTISSIMO SENHOR

Conde de Oeiras, do Concelho de Sua Mag. Fidelissima, Senhor Donatario da Villa de Pombal, e do Reguengo, e direitos Reaes de Oeiras: Cõmendador das Cõmendas de S. Miguel das tres Minas, e S. Maria da Matta de Lobos na Ordem de Christo, e Secretario de Estado dos negocios do Reino, &c. &c. &c.

DADAS A' LUZ

Pelo P. Fr. JOAM DA ANUNCIAÇAM POMBA,
Religioso da Terceira Ordẽ de S. Francisco no Convento de N. Senhora de Jesus de Lisboa.

LISBOA
Na Officina de Pedro Ferreira, Impressor da muito Augusta Rainha N. S. Anno 1760,
Com todas as licenças necessarias.

CRITICA

ILL.mo E EX.mo SENHOR.

STAS Cartas, qüe me foraõ eſcritas, e dezejo dar ao prélo, vaõ com o mais profundo reſpeito buſcar a V. Exc. para ſeu Mecenas. Eſte limitado obſequio, que ſolicíta honrá las com o veneravel nome de V. Exc., naõ he tanto eleiçaõ da minha vonta-

de, como dívida ao ſeu incomparavel merecimento. A materia, de que tratam, e o author, que as eſcreveu, eſtavaõ pedindo como de juſtiça a prezente dedicatoria: a materia; porque conſtaõ de alguma erudiçaõ, em que V. Exc. tem o primeiro voto: o author he taõ addicto à Peſſoa de V. Exc. que chega o ſeu affecto a ſer cortez idolatria. Porèm, Senhor Excellentiſſimo, a principal razaõ, que me obriga a buſcar o patrocinio de V. Exc., he reconbecer, que os ajuſtados, e zelozos procedimentos de V. Exc. lhe tem adquirido o glorioſo renome de Pae da patria; titulo, que recopila em ſi tudo o mais, que de V. Exc. ſe póde, e deve dizer. Deos guarde a V. Exc. muitos annos como lhe peço.

Fr. Joaõ da Annunciaçaõ Pomba.

PRO-

PROLOGO.

LEYTOR benevolo. O Poema intitulado Triunfo da Religiaõ encontrou no Alem-Tejo dous Criticos famozos, que com a invétiva de duas cartas lhe notáraõ os erros, de que naõ era Rèo. O Author deſtas dez Cartas, ſem mais motivo, que defender a verdade, e remir a innocencia das inquietaçoens, com que a opprimîo a calumnia, tomou a penna, e quiz fazer evidente a ſemrazaõ da Critica, que do Alem-Tejo lhe fizeraõ. Parece-me que te dou goſto em cõmunicar-te eſte papel; por iſſo o dou à eſtampa: ſe te naõ agradar, emendarey o meu deſcuido em naõ imprimir outro. Deos te guarde.

LICENÇAS

DA ORDEM.

Approvação do M. R. P. M. Fr. Antonio das Onze mil Virgens Ferreira, Lente em a Faculdade Sacra, Qualificador do Santo Officio, Consultor da Bulla da Santa Cruzada, Examinador das Tres Ordens Militares, e das Igrejas do Padroado Real, Protonotario Apostolico de Sua Santidade, Ministro em o seu Convento de N. Senhora de Jesus, de Lisboa.

N. M. R. P. M. COMMISSARIO PROVINCIAL.

COM a mais exacta obediencia, e particular dezejo examinei o Livro, que se intitula *Critica da Critica*, que o Reverendo Padre Fr. João da Annunciação Pomba pertende dar à luz publica por beneficio do prelo: E se os adoraveis preceitos de V. P. M. R. pudessem admittir desculpa, esta seria a occazião, em que humildemente me eximira do ministerio de Censor; obrigação, em que receio muyto que a minha obediencia claudique, pois he tão especiozo o affecto, que consagro ao eloquentissimo Author destas Cartas, que, ainda cingindo-me às severidades de Censor, temo tropeçar nas parcialidades do affecto: porèm fazendo, como devo, da obediencia sacrificio, digo a V. P. M. R., que estas Cartas não encontrão, nem levissimamente offendem a pureza da nossa Fé, e menos a inteireza dos bons costumes: e supposto que este foy o juizo, qne formei depois de ler esta peregrina

na Obra, com tudo o meſmo tinha jà formado ha muytos tempos deſte erudentiſſimo Eſcritor; não ſó por ſer perfeito Religioſo nos coſtumes, mas porque os Clauſtros Auguſtinianos o eſtão aſſim declamando. He Joaquim, que tem dom de ſabedoria. He velho, porque nelle eſtà perfeito o entendimento, judicioza a razão, e maduro o conſelho: Sò não diz bem em dizer que he do Canto; porque o vejo hoje pelo ſeu alto talento occupar o mais reſpeitozo lugar. A empreza deſte Heròe he defender o incomparavel Pina de huma Critica, a que devemos chamar puerilidade, com que dous Trantaganos quizerão macular a eſclarecida Obra do *Triunfo da Religiaõ:* quem tal diſſera! Eſtes ſaõ os effeitos da inveja; naõ advertem eſtes dous ſujeitos no eminente diſcurſo do Sabio Marquez de Valença, que diz: *A inveja naſce do baixo conceito, que cada hum de ſi faz, e naõ do grande, que dos outros forma; porque ninguem inveja o que tem, ſenaõ o que lhe falta.* Nunca mais gloriozo o grande Pina, ſenaõ quando invejado; porque he certo, que quanto mais diminutas ſaõ as forças do inimigo, tanto mais ſe realça, e creſce o triunfo do vencedor: contra o da Religiaõ ſe oppôs a inveja, ou porque cega com tantas luzes, ou porque ſubmergida das proprias ſombras. Prezumiraõ que, eſcurecendo-ſe o triunfo, ſe tirava a clava da mam do Hercules da eloquencia: ſem advertirem, que para eclipſar he neceſſario ter qualidades opacas; e que eſte havia de ſer o cazo, em que, ſendo dous contra eſte Hercules, ſe illuſtraria mas o ſeu Triunfo. Eſtes dous ſujeitos, que tanto fallaõ ſem convencer, deviam ſer conduzidos para a aula de Socrates a ſerem mulctados na dicacidade; porque naõ conhecem que o famozo

famozo Pina he Luminar mayor na Esfera dos Sabios, que desprezalatidos, que saõ pedantarias pueris. Bem sei que me poderaõ dizer, que se o braço do grande Pina he taõ valorozo, naõ necessita de quem defenda os seus escritos: assim he. Porèm se o triunfo, que alcançou de Polifemo o valorozo Ulysses, ficou mais ennobrecido, porque ajudado de Minerva; tambem o Triunfo da Religiam ficarà mais illustre, porque em seu abono tem ao Doutissimo Escritor desta singular Critica. Posto que David foy unico no valor, nem por isso deyxou de lhe resultar grande gloria o destroço, que nos inimigos fez o animozo Josué, quando conquistou a Cidade de Raab. Em fim, appareça jà no theatro do mundo, para maior lustre do eruditissimo Pina, e credito immortal de seu Author, este discreto livro; e à vista delle recebaõ de suas proprias maons o merecido castigo estes dous invejozos Criticos: que essa he a condiçaõ, e natureza da inveja, que quando as outras culpas recebem o castigo das maons alhêas, esta recebe-o da propria mam. Este o meu sentir: V. P. M. R. mandarà o que for servido. Convento de Nossa Senhora de Jesus de Lisboa, 4 de Agosto de 1758.

Fr. Antonio das Onze mil Virgens Ferreyra

FR. JOSE' DE SANTA ROSA TEIXEIRA, Lente Jubilado na Sagrada Theologia, Qualificador do S. Officio, Consultor da Bulla da Santa Cruzada, Examinador da Meza da Consciencia, e Ordens Militares, e dos Oppositores ás Igrejas do Padroado Real; Visitador Geral, e Cõmissario Provincial da Terceira Ordẽ da Penitencia da Regular Observancia do N. S. P. S. Francisco nestes Reynos de Portugal, Algarves &c. Pelas presentes concedemos licença ao Padre Frey Joaõ

Joaõ da Annunciaçaõ Pomba, para que, havidas as mais licenças, poſſa imprimir os papeis intitulados: *Critica da Critica, e Defenſa da Defenſa*, viſta a bõa informaçaõ do R. P. M. Frey Antonio das Onze mil Virgens, a quem comettemos o ſeu exame; e naõ contêr couſa alguma contra a fé, bons coſtumes, e Leys do Reyno. Dada neſte noſſo Convento de Noſſa Senhora de Jeſus de Lisboa aos 7 de Agoſto de 1758. Sob noſſo final ſomente.

Fr. Joſeph de Santa Roza Teixeira
Commiſſario Provincial, e Vizitador Geral.

DO SANTO OFFICIO.

POde-ſe imprimir (menos o riſcado) com o mais accreſcentado, o quaderno de Cartas, que ſe aprezenta com o titulo de *Critica da Critica*, e pertende dar ao prélo o Padre Fr. Joaõ da Annunciaçaõ Pomba, e depois voltarà conferido para ſe dar licença que corra, ſem a qual naõ correrà. Lisboa 19 de Setembro de 1758.

Silva. Trigozo. Silveiro Lobo.

DO ORDINARIO.

Cenſura do M. *R.* P. M. *Fr. Joaquim de Santa Anna, Lente jubilado em Theologia, Doutor pelas Univerſidades de Coimbra, e Evora, Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, Oppoſitor ás Cadeiras na Univerſidade de Coimbra, Academico da Academia Liturgica, Pontificia, Secretario da Ordem dos Eremitas de S. Paulo, e Chroniſta da Religiam neſtes Reynos de Portugal, e Algarves.*

EXCELLENTISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR.

LI por ordem de V. Excellencia o papel intitulado *Critica da Critica, e Defenſa da Defenſa*, expoſto em dez Cartas apologetico-criſtica,

criſtica, que em defenſa do Triunfo da Religiaõ eſcreveo o Doutor Joaquim Velho do Canto, e quer dar ao prelo o M. R. P. Fr. Joaõ da Annunciaçaõ Pomba Religiozo da Eſclarecida Ordem Terceira de S. Franciſco; e como devo informar a V. Excellencia do caracter deſtas Cartas, digo que eſta he hũa Obra das mais importantes, q̃ ſahem ao publico, e que naõ podia o Author, que as eſcreveo, entrar em empreza mais louvavel, nem mais util. He o Triunfo da Religiaõ hum Poema, que dà bem a conhecer qual ſeja o talento, e inſtrucçaõ do grande Pina; porque no ſeu methodo, e contextura moſtra que he hum dos mais famozos Poetas deſte ſeculo; e em ſua materia, e notas bem ſe deixa ver que he homem inſtruido mais que com bellas letras, diſcorrendo ſem tropeço em materia, em que o ſeu eſtudo naõ paſſa de curioſidade, porque nunca foy profiſſaõ. Corria eſte Poema com univerſal acceitaçaõ dos eruditos, houve porèm quem levado do zelo, ou do eſcrupulo, lhe notaſſe alguns erros; occaſiaõ bem eſtimavel para ſeu Author, pois ficaria menos gloriozo o Triunfo, ſe correſſe ſem contendores. Reſponde o Pina aos reparos dos eſcrupulos, e bem ſe lê na reſpoſta o quanto aquelles fizeraõ a obra mais vantajoza, porque ficou inteiramente purificada, acautelando ainda reparos, que naõ merecem reflexaõ de homem prudente. Para Criticar a Critica dos eſcrupulozos, e defender a reſpoſta, e Defenſa do Pina, he que eſcreveo eſtas dez Cartas o Doutor Joaquim Velho do Canto, ſujeito, que eu conheço mais pelas prendas, que pelo nome. Tomou empreza pouco vulgar, mas muyto louvavel: apenas haverà Author mais bem predicamentado, que naõ viſſe huma rigida Critica às ſuas obras; e

he

he raro o homem sabio, que tiveſſe quem lhe defendeſſe os ſeus eſcritos; mais de preſſa ſe aparaõ as pennas para a reprehenſaõ, que para o louvor. Com eſtas Cartas, em que o Leitor encontrarà dóçura, e utilidade, ſe acabarà de conhecer o como corre ſem mancha o *Triunfo da Religiam*, e como foraõ affectados os erros, que ſe impuzerão a ſeu Author: O beneficio, que recebe o publico deſta obra, ſe deve ao M. R. P. Fr. João da Annunciaçaõ Pomba, que zeloſo da Naçam, e do credito de hum Sabio, pertende corram impreſſas eſtas Cartas pelas maons dos eruditos. Eu as julgo dignas da impreſſam pelo que tenho ponderado, e por nam conterem couza alguma, que ſeja diſſonante da fé, ou bons coſtumes. Eſte o meu parecer, que ſujeito às determinaçoens de V. Excellencia. Convento do Santiſſimo Sacramento dos Religiozos de S. Paulo, 24 de Setembro de 1758.

Fr. Joaquim de Santa Anna.

VIſta a informaçaõ, podem-ſe imprimir os papeis, de que ſe trata, e depois tornem para ſe dar licença para correr. Lisboa 12 de Outubro de 1758. *D. J. A. de Lacedemonia.*

DO PAÇO.

Cenſura do Excellentiſſimo e Reverendiſſimo Senhor. D Fr. Joaõ de S. Jozè, Monge Benedicto, Academico da Academia Real da Hiſtoria, e Biſpo Eleyto do Graõ Parà.

SENHOR.

COM a mais attenta obſervancia das ordens de Voſſa Mageſtade revi ſo livro, que ſe intitula *Critica da Critica, e Defenſa da Defenſa*, e nelle naõ encontro couza alguma, que ſe opponha

aos

aos Reaes intereſſes; acho ſim que ſendo huma Apologia honroſa de hum filho benemèrito da Patria, deſaggrava o Author eſta da oppoſiçaõ, com que ſe combatia a honra, que reſulta ao Paiz, em que naſcêo hum Poeta taõ diſtincto, qual he o Author do Poema *Triunfo da Religiaõ*. Ao carro deſte triunfo bem pòdem ſeguir com as maons atadas os que eſcreveraõ a Critica contra o grande Pina de Montemòr, devendo ſó levantar os olhos para lerem a Inſcripçaõ de que foy Author o Seneca Portuguez Franciſco de Sà e Miranda, e com que principia hum Elogio de Jorge de Monte-mayòr dizendo *Monte-mayor, que o alto do Parnazo.* Nem ſerà a primeira vez que a inveja confuza ſervio a ſemelhante pompa. O certo he, Senhor, que o Defenſor daquella Epopeya de Franciſco de Pìna e Mello, em outra intitulada *o Marte Luſitano na India* dezempenhou todos os primores, de que he capaz aquelle genero de compoſiçaõ, e por iſſo he o mais habil contraſte do precioſo, que defende. Merecia aquella primeira obra eſta prezente, porque na realidade he o Triunfo da Religiam de hum grande merecimento. Elle dezempenha todo o caracter da Poezia epica; ſendo eſta inventada para mover a admiraçaõ, e inſpirar o amor da virtude, repreſentando-nos hum Herôe favorecido do Céo, que executa hũa grande idèa, diſſenho, ou deſignio, e triunfando de todos os obſtaculos, que ſe oppoem; ſaõ palavras do incomparavel Fenechou fielmente traduzidas do diſcurſo da Poeſia epica, que ſerve de preliminar ao ſeu *Telemaco.* A'lèm de que diſtingueſe em a Acçaõ, o Moral, e a Poezia, debayxo tudo de hum compaſſo, a quem governa a maõ perita de hum profeſſor eminente, e que obſervou primeiro

primeiro na Odyſſea, e na Eneida aquellas finezas da arte, e bellezas, que ſe achaõ juntas, que ſe admiraõ em Homero, e Virgilio, e hoje com artificioſas invençoens, ou noviſſimos adornos augmentadas no *Paraizo perdido* do Inglez Millon, e na *Henricida* de Monſr. Voltaire, e tudo com exacta obſervancia dos preceitos de Ariſtoteles, e Horacio. Por naõ obſervarem eſtas regras eſcrupuloſamente ſaõ excluidos da razaõ de Poemas epicos a Pharſalia de Lucano, a Guerra Punica de Silio Italico, e a Achilleida de Eſtacio, [como affirma o eruditiſſimo Arcebiſpo de Cambray] àlèm de outros muytos, a quem com ſevera Critica naõ perdoa Monſr. Boileau Deſpreaux. Pelo que julgo muyto digna de ſe imprimir eſta Obra, que moſtra livre de cenſura hum Poema, que dà tanta honra à Patria, e ſerve à meſma de intereſſe o excellente diſcurſo, que o Eruditiſſimo Apologiſta faz ſobre a introducçaõ de palavras novas, e termos de explicar, ainda que peregrinos, excellentes; pois taõ longe eſtà iſto de merecer cenſuras, que he proprio para ennobrecer os idiomas, e principalmente a Poezia; aſſim o affirma o Cavalhero Adiſſon, famoſo Critico, no diſcurſo cincoenta e quatro do tom. ſetimo do ſeu *Theatro Inglez*: o meſmo parecer leva o Meſtre Feijòo no tom. primeiro das Cartas em a Carta 33. Concluo finalmente com o que diz o grande Padre S. Agoſtinho, o qual fallando dosque obſervaõ huma delicadeza rara, e eſcrupuloſa em ſemelhante materia, chama-lhes na expoſiçaõ do Salmo 55 Caçadores de palavras, e quaſi contadores, ou medidores de Syllabas. E como em toda eſta Obra naõ encontro couza, que offenda nem levemente os apices das Leys

de

de V. Mageſtade, parece-me pòde V. Mageſtade honrar com a permiſſaõ da licença eſte Livro, e Collecçaõ de Cartas eruditas. V. Mageſtade mandarà o que for ſervido. Lisboa S. Bento da Saude 3 de Outubro de 1758.

Fr. Joaõ de S. Jozè. Monge *Benedictino.*

QUE ſepoſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornarà à Meza para ſe conferir, e taxar, e dar licença para que corra, e ſem iſſo não correrà. Lisboa 12 de Outubro de 1758.

Com quatro Rubricas.

CRITICA DA CRITICA,

E DEFENSA DA DEFENSA.

CARTA I.

M. R. P. M. Fr. Joaõ da Annunciaçaõ Pomba.

MEU bom, e velho Amigo. Eſta reſpoſta do Pina de Montemor, em que ſatisfaz aos dous Engenhos Tranſtaganos, q̃ ſevéra, mas tyrannamente, lhe criticàram o Poema *Triunfo da Religiam*, he mimo, com que a voſſa amizade me ſuaviza as moleſtiàs, que ha dias me tem de cama; pois entre os repetidos achaques, com que a idade ſe vinga da natureza, naõ póde fazer-ſe mayor liſonja a hũ homẽ applicado, que dar-lhe a ler eſcrituras eruditas. Eſta o he, e muito; ſó

poderia ſer-me nociva pelo que tem de ſalgada; abſtinencia, a que me obriga a Medicina: por iſſo talvez que eſta minha carta vos parecerá inſulſa; tende paciencia, que já eſtais habituado ás minhas ſem ſaborias, e *ab aſſuetis non fit paſſio.* Mas naõ miſturemos o que póde fazer mal aos achaques do corpo com o que póde fazer bem á recreaçaõ de eſpirito. A reſpoſta do Pina he a que tem ſal, e pimenta; e ainda podia carregar mais a maõ neſte critico guizado para caſtigar as linguas déſtes dous Criticos Tranſtaganos, que me parecem hũa eſpecie de homẽs, que, moſtrando que ſabem muito, empregaõ muito mal o que ſabem. Alguns Portuguezes conheço eu, que invejoſos dos progreſſos literarios de outros, entendem que ſó ſe acreditaõ a ſi, quando deſacreditaõ os eſtudos alheios; e buſcando affectados pretextos para inſtruir, tem todo o cuidado em ſatyrizar: fazem do zelo huma maſcara para diſſimular a calumnia. Eſtes Senhores Criticos do Alentejo, querendo deſaggravar das injurias o ſimulacro da Epopeia, fingem mil erros na do Pina, e cahem (como ireis vendo) em outros tantos abſurdos. Terrivel bichinho he a ſenhora D. Inveja: athè dos antidotos faz venenos: finge delictos para empregar mordeduras: naõ ha innocencia tam

qua-

qualificada, que ſe exima do ſeu dente: he muito atrevida; e às vezes, tocando a linha do exceſſo, paſſa a desbocada.

Antes que a Critica de Villaviçoſa chegaſſe ás mãos do Pina, tive diſtincta noticia da ſua materia, q̃ me cõmunicou certo amigo; e confeſſo que fiquey mortificado; porque tendo eu lido com muita attençaõ aquelle Poema, e tendo obſervado o ſeu Prologómeno, naõ ſó com attençaõ curioſa, mas tambem com hum profundo reſpeito, por obſequio à vaſtiſſima erudiçaõ, com que o vi exornado; confeſſo, digo outra vez, que interiormente me conheci reſentido de que hum homem de taõ abalizado merecimento houveſſe de eſcrever hum Poema, que foſſe aſſumpto de duas Criticas ſeveras. Que ſerà iſto, dizia eu fallando cõmigo meſmo, que tanto deu em roſto a dous Criticos eſtudioſos, e q̃ eu naõ ſoube diſtinguir quando li eſte Poema? Que delictos taõ graves contra os preceitos da Epopeia cõmetteria eſte Author, de que os ſeus Criticos foraõ linces, ficando eu no eſtado de huma cega toupeira? Ou eu ignoro totalmente as regras da Arte, ou naõ ſerà o Demo taõ feio como o pintaõ. Logo tornava a diſcorrer, parecendo-me impoſſivel que hum homem de taõ continuados eſtudos, de taõ bom goſto das bellas letras, de tanto nome

no Reyno, e fóra delle, de tanta ſezudeza, e moderaçaõ, eſcreveſſe huma obra taõ digna de cenſura. Mas occorria-me tãbem, como huma couſa impraticavel, que dous Portuguezes conhecidos na republica literaria, naõ ſó com a noticia de eſtudioſos, ſenaõ tambem com o caracter de erudîtos, ſahiſſem com duas Criticas ao publico, ſem ter juſtificado motivo para aparar as pennas; pois qualquer peſſoa de qualificada literatura, quando chega a tirar a eſpada, naõ deve ſer *quaſi aerem verberans*, ſenaõ para empregar o golpe onde achar a culpa.

Fluctuando no mar deſtas differentes duvidas ſe conſiderava a pobre barquinha do meu entendimento, quando entrou a viſitar-me aquelle Amigo, que vòs ſabeis; e, vendo-me aſſim a modo de quem vacilla opprimido de algum grande cuidado, me perguntou a cauza da quelle paſmatorio, em que me achava. Que ha de ſer, (lhe reſpondi meyo paſmado) ſenaõ ver a variedade dos humanos juizos? Athègora ſuppunha eu, q̃ o Pina de Montemor era hum dos homens, que no prezente ſeculo fazem honra á ſua Patria; porém vendo agora o ſeu Poema impugnado por dous Criticos erudîtos, eſtava imaginando, e quaſi crendo, que ſe tinha executado em mim a metempſicoſe de Pithagoras, e que, de homem

mem com raciocinio, me tinha convertido em alguns deſſes animalejos, que deitam à margem por inuteis. Viſtes vòs já (lhe perguntey eu) eſte Poema epicò polemico intitulado *Triunfo da Religiaõ*? Sim, me reſpondeu o Amigo; já vi eſſa Epopeia, e vi tambem as duas Criticas, por naõ baptizá-las com o nome de ſatyras, que de Evora, e de Villa viçoſa lhe fizeram, que mas fiou deſde Coimbra hum Eccleſiaſtico authorizado: mas guarday me ſegredo neſte particular, porque bem ſabeis, que *con el Rey, y la Inquiſicion, chiton.* E ultimamente li a Reſpoſta, que a ambos deu o Pina. Eſſe he o papel (lhe repliquey) que eu tinha agora entre mãos, e que cauſava o aſſombro, em que vòs me achaſtes: por vida voſſa aqui q̃ ninguem nos ouve, dizey me que juizo formais do Poema, e das cenſuras? Sim direi, me reſpondeu elle francamente; porque eſſe pouco, que ſey, *ſine fictione didici, & ſine invidiâ communico, et honeſtatem illius non abſcondo.* Pegai là na penna, e vos direi o meu ſentimento em bom Romance.

Que he iſto, que por mim paſſa?
ou que tam profundo ſomno
ſuſpende o uſo ao juizo,
e tapa à razaõ os olhos?
Iſto he deſcuido, ou lethargo?

ſerà

ſerà peſadello, ou ſonho?
tenho os meus ſette ſentidos,
ou trago o fantaſma abſorto?
Deve de ſer, porque os annos
carregaõ jà ſobre os hombros;
pois eu, quando era rapaz,
nunca me vi dorminhoco.
Eu li o Triunfo do Pina;
eu ſey que o criticaõ outros:
hum de nòs, ou eu, ou elles,
temos furado o miollo.
Eu obſervando a Epopeia,
ſó, por mais que buſque, encontro
em cada verſo hum prodigio,
em cada idéa hum aſſombro.
Os Criticos Tranſtaganos
ſó achaõ, ſendo taõ doutos,
a cada paſſo hum tropeço
hum erro em cada epiſodio.
Com bem diverſos dictames
nos vemos os tres oppoſtos:
eu ſó vejo o trigo limpo,
elles hervilhaca, e joyo.
Serà porque a perſpicacia
dos dous Criticos famozos,
por fazer de atomos vigas
tem na penna o microſcopio?

Será porque, naõ podendo
levantar taõ alto o ponto,
quizeraõ negar o Olympo
deſta Aguia Real aos voos?
Será porque do Parnaſo
o ſagrado Promontorio,
ſendo pizado de muytos,
he cultivado de poucos?
Será que dos que ſe aliſtaõ
neſta milicia de Apollo,
o Pina he ſoldado velho,
e os dous ſoldados biſonhos?
Será porque de Aganipe
no ſempre fecundo golfo
os dous ſaõ huns roucos patos,
e o Pina hum ciſne canoro?
Será porque de Minerva
ſahiraõ polido, e toſcos,
o Pina hum facundo parto,
os dous huns feios abortos?
Será que os diverſos climas
produzem por varios modos
Montemor ſublimes aguias,
o Alentejo gafanhotos?
Nada diſto foy, ſenaõ,
que tendo o Pina compoſto
hum Poema imcomparavel,
venit inimicus homo. Mais

Mais algumas palavras diſſemos ſobre a materia, e nos conformamos no dictame de que as duas Criticas Tranſtanganas ſó tiveraõ por fim o querer oſtentar noticia, mas com infeliz ſucceſſo; porque o Pina lhes reſponde com taõ nervoſos argumentos, que jà os ſupponho arrependidos de o terem deſafiado. Deſpedio-ſe o Amigo, deixando-me o tempo livre para eſcrever-vos, jà q̃ as minhas moleſtias me privaõ do goſto de viſitar-vos.

Neſtas duas invétivas, que contra o Pina ſe fabricàraõ, tenho eu a mais juſtificada deſculpa de naõ concluir, e dar à eſtampa o meu Poema Indico. Se naõ eſcapa o Pina, vivendo là taõ longe; como havia de eſcapar eu eſtando mais ao perto? Se ſe perde o reſpeito à literatura de hum taõ grande homem; q̃ podia eſperar eſte parvuloſinho, q̃ em materia de Poeſia ainda naõ principiou a engatinhar? Sou muy fraco, tenho muito medo; naõ quiz expor-me a duellos, porq̃ me faltaõ as forças para ſahir a dezafio. Mais facil me ſerà o defender a outro, que defender-me a mim. Melhor me eſtà o por-me ao lado de hum valente, que obrigar-me a ſahir a campo para me ver ſem padrinho. Ainda para eſcrever eſtas poucas regras, parece-me que me treme a maõ. Animei-me, com tudo; porque, ſe mediraõ as armas

tres

tres Coriacios contra os tres Horacios, parece-me juſto, que contra dous Criticos taõ valentes achaſſe o Pina hum *Quidam homo*, que lhe ſerviſſe de rodéla; ſe naõ for jà que, conhecida a debilidade do meu pulſo, me diga o Pina = Mais val ſó, que mal acompanhado.

Eſte Papel, pois, taõ erudîto, em que o Pina ſatisfaz ſuperabundantemente aos reparos, com que o mortificaõ ſeus emulos, vos affirmo com ingenua ſinceridade ſer hum dos eſcritos mais concludentes, em que tenho poſto os olhos. Só naõ poſſo conformar me com o parecer do Meſtre Fr. Pedro Eſteves, que na cenſura, em que o approva, dá moſtras de inclinar-ſe mais aos verſos, do que às proſas deſte inſigne Eſcritor; porque eſtou firme no conceito de que as ſuas proſas excedem *ab humero*, & *ſurſum* a todos os ſeus verſos; pois neſtes naõ moſtra (nem cabe) a vaſta erudiçaõ, com que enriquece as ſuas producçoens quando naõ vaõ ligadas com a priſaõ dos numeros. Ainda o julgo mais eloquente neſtas, que naquelles. nem quero mais prova deſte penſamento, para alguns talvez eſtranho, que as duas cartas eſcritas a Vernei; que, para eximir ſe de medir as armas com hum braço taõ robuſto, negou ter ſido o author do Novo methodo: cartas, que eu li com ſummo deleite, e naõ

menor aſſombro, porque foraõ a unha deſte Leaõ, ou o dedo deſte Encélado. Neſſas cartas, e na preſente reſpoſta os periodos parece que devem juſta medida ao compaſſo, ſem haver para iſſo particular eſtudo. Uſa da lingua como ſe deve uſar. He excellente a propriedade, com que eſcreve, e a eſcolha dos termos, com que ſe explica. Verboſo ſem redundancia; diſcreto ſem affectaçaõ; ſabio ſem fingimento; eloquente ſem demazia; picante ſem offenſa; florido ſem verdura; ſerio ſem carranca; jovial ſem abatimento, e ſublime ſem ſoberba. Em todos os ſeus eſcritos vereis que os reveſte deſtes propriiſſimos caractéres. Eu tenho obſervado, que em todos os partos da ſua fecunda penna ſe lhe deſcobre aquella mageſtade, que Plinio admirava no ſeu Trajano *Securus majeſtatis ſuæ;* porque compõem com a modeſtia de quem ſabe, ſempre longe da petulancia de quem offende. Em huma palavra. Franciſco de Pina he hum dos Heróes Portuguezes do preſente ſeculo, a cujos eſcritos ſe póde applicar com verdade o que diſſe hum Italiano por liſonja: *Che non trova l' invidia ove l' emendi.* Dizer o contrario he mentir, ou naõ ſaber. Como naõ tenho dependencia, fallo ſem rebuço. Sou cidade livre, e digo o que na verdade entendo.

Na

Na apologîa, que ſe faz a ſi meſmo ſobre a licença de introduzir as palavras novas, o vejo muy remiſſo, ou demaſiadamente modeſto: e he ponto, que merece mais curioſa amplificaçaõ. O texto da Arte Poetica de Horacio *Ego, cur arquirere pauca*, &c. he hum pezado montante, ou bîfido cutélo, que corta de hum golpe todas as ſentenças, que neſta materia promulgaõ os Rigoriſtas de qualquer idioma; daquelles, digo, que fazem voto de caſtidade da lingua, e ao meſmo tempo lhe obſervaõ, e tambem conſervaõ o voto da pobreza; mas o da obediencia aos preceitos dos Meſtres, naõ chega a tanto a religiaõ dos bem fallantes.

He terminante neſte aſſumpto o texto de Lucrecio, que ainda ſôlta mais a rédea à liberdade dos Eſcritores. Diz aſſim:

Sæpe novis verbis, præterquam cùm ſit agendũ propter egeſtatem linguæ, & rerum novitatem.

Onde eſte doutiſſimo Poeta conſidera que a pobreza de hum idioma, e a novidade dos objectos, que ſe offerecem à lingua, e à penna de quem falla, e de quem eſcreve, ſervem naõ ſó de eſcuza, mas de motivo juſto para que o Eſcritor não duvide na introducçaõ de palavras novas, e não huma, ſenaõ muitas vezes: *Sæpe novis verbis.* E porque a authoridade naõ baſta,

ſe naõ funda em razaõ ſolida a ſentença, que profere, ſerá preciſo que buſquemos a razaõ fundamental deſte ſeu dictame. A razaõ he, nem pode ſer outra; porque as linguas ſaõ huns inſtrumentos, que reduzem a acto os conceitos da potencia intellectiva; e he forte deſgraça, que o meu entendimento conceba qualquer eſpecie, e que, por faltar-lhe a parteira de huma palavrinha, haja de ficar infecundo. Se athè Cataõ, e Enio, Authores muyto mais antigos, e de hum ſeculo menos illuſtrado, enriqueceraõ com termos novos o idioma patrio: *Cum lingua Catonis, & Ænii ſermonẽ patrium ditaverit*: eu (exclama Horacio) que ſou hum homem bem inſtruîdo, que vivo em hum ſeculo mais culto, e que mereço diſtincto nome entre os doutos; com que juſta razaõ ſe me eſtranhará q̃ cuide tambẽ em adquirir para o idioma do Lacio alguns poucos ermos, algumas precizas vozes: *Ego, cur acquirere pauca, ſi poſſum, invideor*? Se a lingua de ſi meſma he pobre, porq̃ ha de caſtigar-ſe-me como delicto o aſpirar a enriquecê-la: *Cur invideor*? Demos que naõ eſteja em taõ extrema neceſſidade, que lhe ſeja licito qualquer furto: que culpa ſerá taõ grave o accreſcentar-lhe mais hum pouco de riqueza: *Cur invideor*? Rico he aquelle lavrador, que tiver no ſeu celleiro mil moyos de trigo: e quanto

to mais ſe reputará, ſe áquelles mil accreſcentar hum cifrâõ!

Se o ſuaviſſimo, e eloquentiſſimo Tullio naõ tiveſſe tido o illuſtre atrevimento de introduzir no materno idioma hum ſem-numero de vocabulos, em que termos, ou em que anguſtias naõ nos deixaria a lingua Latina eſte incomparavel Pay da eloquencia Romana! Se o Padre Antonio Vieira naõ tomaſſe a meſma liberdade, que pobre ſe acharia hoje a lingua Portugueza! Sey muito bem, que aquella licença de Marco Tullio ſe fez Ré de huma inventiva ſatyrica, que contra elle eſcreveu o Cenſorino Cataõ: aquelle Cataõ todo circunſpecto, em quem perdera ſeu uſo a propriedade do riſivel: aquelle Cataõ todo ſerio, que, por ver a Cicero muito jovial, exclamava repetidas vezes: *Dii immortales, quàm ridiculum habemus Conſulem*! Eſte, pois, integerrimo Cataõ, inexoravel fiſcal de palavras introduzidas, deu ao publico hum cartapacio, que conſtava (ſegundo o que li ha muitos annos) de mil e ſettecentas palavras Gregas, que Cicero introduzira no Lacio. Aſſim he que Cataõ o cenſurou; mas a lingua materna ficaria pobre, ſe a naõ enriqueceſſe Tullio: e Cataõ naõ mereceu, como Tullio, o glorioſo nome de Principe da eloquencia. Ex-aqui as reſultas dos atrevimentos de

Ci-

Cicero: ex-ahi o máo ſucceſſo da ſatyra de Cataõ.

E ſe a Marco Tullio era licito o deduzir para o idioma patrio palavras de huma lingua abſolutamente eſtranha, qual era a Grega a reſpeito da Latina; quem poderá impedir com juſta cauſa a hum douto Portuguez, que ſe aproveite deſta meſma licença, que, ſem a pedir a Cataõ, tomou para ſi o Romano? A lingua Grega, bem que muy frequentada em Roma, em nada ſe parecia com a Latina, porque athé nos caracteres era toda differente: e ainda aſſim enſina Horacio, que ſe introduzaõ termos novos, com tanto que tenhaõ no Grego a ſua origem: *Habebunt nova verba fidem, ſi Græco fonte cadent.* Com effeito iſto foy o que fez Tullio, latinizando as palavras Gregas, como v. g. na palavra *Sophos*, que no Grego he indeclinavel, e Cicero lhe deu caſos. *Sophos i*, fazendo deſta ſorte mais facil a ſua explicaçaõ, e mais abundante o idioma patrio: advertindo, porêm, que ſe eſtes atrevimentos ſe fizeraõ licitos a hum Orador, que declamava em proſa; muito mais licitos, antes neceſſarios, ſe faraõ a hum Poeta, que eſcrever em verſo; ſegundo o que nos diz o meſmo Horacio:

Pictoribus, atque poetis
quidlibet audendi ſemper fuit æqua poteſtas.

Em cujas expreſſões he muito digno do reparo

paro de todo o engenho penetrante, que eſtas licenças, ainda capituladas com o nome de atrevimentos, *audendi*, ſaõ hum poder, e poder juſto; naõ iniquo, nem alheyo da razaõ, mas cheio de equidade, *æqua poteſtas*; e iſto naõ ſó neſta, ou em outra circunſtancia, mas em todo o tempo; que eſta he a força daquelle *ſemper*. Donde ſe infere (ſem violentar a grammatica daquella faculdade, que lhe dà o Lirico) que ſempre que ao Poeta lhe faltar na lingua materna hum termo, com que devera explicar-ſe, tem juſta authoridade, *æqua poteſtas*, para aportuguezar as vozes Latinas, as Caſtelhanas, as Italianas, as Franceſas; porque todas eſtas, ou pela origem, qual he a Latina, ou pella ſemelhança, quaes ſaõ as outras, tem com a lingua Portugueza toda a anologia, a qual naõ ha entre a Grega, e a Latina. E ſe naõ obſtante a nenhũa ſemelhança deſtas duas linguas, quer Horacio que tenhaõ fé publica as vozes Latinas, que trouxerem o paſſaporte da origem Grega: *Habebunt fidem, ſi Græco fonte cadent*; com quanta mais razaõ devem ficar acreditadas aquellas vozes, que ſe honrarem com o caracter da origem, ou da irmandade! Iſto he taõ evidente, que me parece naõ admittir reſpoſta.

Di-

Dirâõ talvez, que eſtas, e outras ſemelhantes licenças pódem, e devem diſſimular-ſe em hum Cicero; mas que em mim, e no Pina, e outros idiotas *ejuſdem furfuris* nem ſe pódem diſſimular, nem ſe devem conſentir. Com effeito a mim me ſuccedeu achar me em diſputa ſobre a preſente materia; e allegando a meu favor naõ poucos exemplos de muitos Santos Padres, e Varões Doutiſſimos, que introduziraõ na lingua Latina, ſendo lingua morta, infinitas vozes, que ſó o ſeu ſeculo as conheceu; ſe me diſſe: (naõ ſey ſe por graça, ou por frialdade) *V.m. he Padre, mas naõ he Santo.* Ao que eu reſpondi com modeſta liberdade: *Agora ſey, que a eſcóla das virtudes he a aula das bellas letras.* De fórma que eſtes meus ſenhores Rigoriſtas da lingua materna, naõ ſó nos diſputaõ a authoridade, que nos deviaõ conceder, attendendo aos continuados eſtudos, que nesta materia temos tido; mas athè nos querem privar da imitaçaõ daquelles authorizados exemplos, em que o uſo ſe facilita, e a liberdade ſe affiança. Ora ouvi, que he digno de attençaõ.

Houve aqui hum Religioſo Carmelita deſcalço bem conhecido neſte Reino, por nome Fr. Caetano de S. Jozé, grande Theologo, gran-

grande Prégador, grande Humaniſta, Engenho grande. Eſcreveu hum ſermaõ, em que por mal de peccados adoptou a voz *Amabilidade*. Moſtrou o ſermaõ a certo Amigo ſeu, que preſumia de Cataõ do ſeu ſeculo, e teimou eſte em que o Religioſo naõ uſaſſe de tal palavra, por naõ eſtar em uſo na lingua Portugueza. Inſtava o Religioſo, e dizia, que ſó com ella podia explicar o penſamento, que tinha concebido; porque nem amor, nem amizade, nem benevolencia, nem algum outro termo lhe quadrava para fazer mais comprehenſivel o ſeu conceito. Tornava a obſtinar-ſe o Amigo com o graviſſimo fundamento de naõ eſtar em uſo. Neſte meio tempo apareceu em Lisboa vindo da America hum ſermaõ de Vieira uſando da meſma voz *Amabilidade*. Agora ſim, diſſe o tal Amigo; huma vez que a uſou Vieira, jà a podemos livremente uſar todos. Confeſſo-vos, que ſe me faz inſoffrivel huma liſonja, em que o reſpeito chega a tocar nos limites da idolatria. E quem lhe deu a Vieira a authoridade de fingir palavras? E, ſe a Vieira he concedida, a Fr. Caetano porque ha de ſer negada? Dou, e concedo que foſſe Vieira maior Theologo, mais Eſcriturario, maior Prègador, maior em tudo: nego, que tiveſſe melhor bom

goſto do que tinha Fr. Caetano, e outros como elle. Deſorte que a introducçaõ de palavras novas (ou ſeja deduzindo-as da lingua mãy, ou pedindo-as às irmaãs como por eſmola) naõ he morgado, que ſe vincule à authoridade deſte, ou daquelle homem grande: he prazo de livre nomeaçaõ, cujo direito ſenhorio ſó deve ſer o bom goſto de quem inventa, reſpeitando a pobreza da lingua, e a novidade das couſas, que neceſſita declarar, *propter egeſtatem linguæ, et rerum novitatem.*

Athéqui o que paſſou entre aquelle idolatra de Vieira, e Fr. Caetano de S. Jozè: agora vos direi o que paſſou entre mim, e outra diſtincta peſſoa da noſſa Corte. Obrigou-me eſta a repetir algumas oitavas do meu Poema, e em huma, que concluo deſte modo:

Numeroſas eſquadras pronto aliſta,
e intenta de Salſete a reconquiſta.

A voz *reconquiſta* foy o campo da batalha. Aconſelha Horacio a todos os Poetas, que naõ dem ao publico as ſuas producçoens immediatamente depois que as eſcreverem, porque podem ir arriſcadas deixando levar-ſe dos primeiros impetos. Quer o Lirico, que o Poeta guarde a ſua obra para a publicar depois de nove annos, *nonum ſer vertur in annum*, dando tempo a q̃ a prudẽcia pro-

propria, e as advertencias dos amigos emendem algum exceſſo, em que talvez rompeu o furor do enthuſiaſmo. Diſcretiſſimo, e prudentiſſimo conſelho! Pois jà paſſa de doze annos, que ſe me notou a voz *reconquiſta*, e confeſſo, que ainda naõ pude arrepender me de a ter uzado. De fórma que no noſſo patrio idioma temos as vozes *conquiſta*, *conquiſtar*, e *reconquiſtar*; porèm, ſe eſte miſeravel ignorantaõ quizer introduzir o termo *reconquiſta*, que nada tem de eſtranho, violento, riſpido, ou diſſonante, ſerei ſem duvida condemnado por eſtes rigidos Cenſores da lingua Portugueza. Reſpeito em todos muyto mayor literatura: negolhes neſte caſo mayor authoridade. Com effeito eu me deſpiquey das calumnias, e póde ſer que com hum pouco de vangloria, que nunca chegou a ſer ſoberba, e diſſe: *Se athégora naõ eſtava em uſo, daqui por diante ſe uſará, porque a uſo eu.*

Peior foy outra. No meſmo Canto vou eu a deſcrever naõ ſey que eſcaramuça, e digo aſſim:

Bravo o ginete fortemente bate
no veloz bruto o rigido acicate.

eſta voz *acicate* o fez ſahir à eſpora: e, como eſtava jà picado da *reconquiſta*, correu, e deſbocou-ſe. Eu tinha imitado a expreſſaõ de Vir-

gilio *pungit calcaribus armos;* elle quiz retratar o cavallo de Troya, lançando de ſi, em vez de gente armada, hum exercito de dicterios, que ſoffri com a modeſtia, que corresponde ao meu eſtado, ou com a compaixaõ, que ſe devia ao ſeu deſcuido. Deſconheceu a palavra *acicate*. Diſſe, q̃ nunca a ouvira, nem lera, e abſolutamente negou a exiſtencia de huma palavra, que naõ ha proſodia, nem vocabulario, nem livro de cavallaria, que a naõ enſine; porque no rigor do ſeu ſignificado he propriamente a eſpora da gineta. Deſde que houve no mundo o uſo deſta ſella, he conhecido o termo acicate, ou por outro nome *pua*, que pela ſemelhança ſe chamaõ *puas* os eſporões do gallo: e ſendo taõ vulgar eſte termo *acicate*, ainda lhe naõ tinha chegado a noticia do que ſignifica. Agora argumento eu. Quem ignora a voz, que realmente ha; como póde ſaber, que naõ exiſte o que reprova por naõ exiſtir? Pudera lembrar-ſe de hũa hiſtorieta, que he muy ſabida neſta Corte: Certo homẽ pertendia caſar com certa ſenhorita; mas dizia o futuro ſogro, que ſe habilitaſſe primeiro pondo ſe o habito de Chriſto para merecer a noiva. Dilatou ſe o deſpacho do habito, e o Pertendente inſtava pela concluſaõ do matrimonio: mas o pay da Menina, que eſtava fixo no ſeu dictame, lhe

lhe dizia: Naõ ſe cance; que naõ ha de montar a poldra ſem calçar primeiro os acicates. Ex-aqui acicate, q̃ bem podia ſervir para quem o ignora.

E ſe cauſou tanta eſtranheza hum termo taõ uſado, que vive, e reina deſde que ha no mundo ginetarios; como havia de merecer acceitaçaõ a voz *reconquiſta* taõ naturalmente deduzida, e taõ neceſſariamente adoptada? Nem que melhor ſorte póde eſperar o Pina das vozes, que adoptou? Se a noſſa lingua foſſe taõ fecunda como a mãy, de que naſceu: ſe tiveſſe tantas vozes como a vizinha, com quem alinda: ſe foſſe taõ opulenta como a Franceſa, e Italiana, com quem eſtá emparentada; mais juſta ſeria a ſentença dos que impugnaõ termos novos: e aqui entra o texto de Lucrecio *Propter egeſtatem linguæ*. Que a noſſa lingua he reſpectivamente pobre, ſó o nega quem das outras tem huma breve tinctura. Eu, que, como vòs ſabeis, pratîco algumas, poſſo fallar com a experiencia. Digo abertamente, e ſem jactancia, que na idade juvenil corria ſem tropeço pello vaſto campo da verſificaçaõ Latina. Na Caſtelhana ſe verſifica mais facilmente, que em qualquer outra lingua; porque naõ ſey que chiſte, e graça particular tem aquelle idioma, que tudo nelle ſe pare felizmente, e tudo parece bem. No Italiano ha grande liberdade na figura ſyncope, q̃ no noſſo he enfermidade mortal.

No

No Francez ha a licença de terminar os verſos heroicos em agudos, pelos muitos de que abunda aquella lingua. Porèm o Poeta Portuguez he preciſo que navegue ſempre com o chumbo na mão (e tambem na cabeça) tanteando o váo para naõ roçar no bayxo de algum termo humilde, ou para evitar os dentes dos ratos, que tanto roem no fundo da embarcaçaõ. Na noſſa lingua ha muita falta de palavras, e por conſeguinte de conſoantes. Os equivocos, as paronomaſias, e outros uſos ſemelhantes pedem huma grande parſimonia: e aſſim nos vemos naõ poucas vezes reduzidos a taes anguſtias, quaes ſaõ notorias a quem ſe acha nellas. E que remedio ſe póde applicar a taõ manifeſta penuria, ſenaõ valer do ripio de furtar huma palavrinha, ou de inventar hum termo novo deduzido de boa origem, ou emparentado com as linguas cultas, para explicar o que chegámos a conceber? E ſe aſſim o fizermos para enriquecer pouco a pouco a noſſa pobre lingua; porque naõ diremos com Horacio: *Cur invideor*?

E quando ſe nos diſpute huma licença, que talvez ſe deve conceder ás continuas obſervaçoens, e laborioſos eſtudos; quem poderá diſputar-nos a imitaçaõ dos mais famoſos exemplos? Que outra couſa fez Camões, ſenaõ introduzir

no

no ſeu Poema infinitas vozes athé o ſeu tempo ignoradas? Que furtos naõ fez ao idioma Latino? Achou ſe neceſſitado pela pobreza da lingua, e foy muito a ſeu arbitrio introduzindo vocabulos: advertindo, porem, q̃ alguns delles tiveraõ a deſgraça de naõ ſerem imitados; e tal foy a voz *ingente*, de que ainda hoje naõ uſamos, talvez, porque a reconhecemos ſuperflua; bem que, olhando para o latim, a naõ poſſamos notar de eſtranha: e ex-aqui a regra, que authoriza eſtas liberdades: quando eu tenho o termo *grande*, he demaſia o introduzir *ingente*: e quando na lingua ha termo proprio, ou ſynonymo para exprimir o meu conceito, naõ louvo, nem já mais approvarey, q̃ ſe introduzaõ palavras novas, ſe naõ nos virmos obrigados da novidade dos objectos: e aqui entra outra vez a authoridade do mencionado Lucrecio *Et rerum novitatem*: e ainda aſſim ha caſos, em que eſta introducçaõ naõ ſó ſe deve deſculpar, ſenaõ tambem permittir.

O Padre Vieira, Meſtre da eloquencia Portugueza, fez o meſmo na Oratoria, que Camões na Poeſia, e Cicero no Lacio. E naõ ſo he diſpenſavel eſta liberdade, a que os Rigoriſtas condemnaõ como nociva; mas he preciſamente neceſſaria por algumas ſolidas razões, que brevemente tocarey. Primeira: porque nenhuma lingua

gua tem chegado ao ponto da ſua perfeiçaõ; o que ſe prova evidentemente com a falta, que padecem de verbos, de nomes, de adverbios, e de caſos, como he notorio: e naõ póde ſahir do infeliz eſtado dos ſeus defeitos, ſe eſte, e aquelle homem eruditos naõ forem introduzindo vozes, que ſuppraõ eſtas faltas. Segunda: porque ſe os eſcritores obſervarem á riſca eſta chamada caſtidade da lingua, (eu lhe chamara fea deſnudez) nunca haverá eſtylo ſublime, ao qual conduz naõ pouco a nova introducçaõ para diſtinguir-ſe do vulgar. Provo o meu aſſerto. Ruî de Pina, Aſcendente do de Montemor, e Joaõ de Barros, tambem Aſcendente da Caſa de Real, ambos foraõ quaſi contemporaneos, e eſcreveraõ no meſmo tempo, Pina a ſua Chronica, e Barros as ſuas Decadas. Ruî de Pina, rigoroſo obſervante da lingua do ſeu tempo, cauſa faſtio, e riſo a quem o lê: Joaõ de Barros tem outro eſtylo taõ diverſo, que ainda hoje (athé entre os Caſtelhanos) he eſtimado por ſegundo Tito Livio. Procure-ſe, fóra de preocupaçaõ, a cauſa da differença; e ſe achará naõ ſer outra, que adoptar eſte as vozes, que o outro naõ quiz adoptar. Terceira: he certo, que em todas as linguas ha termos antiquados, os quaes ſe deſterraraõ para o lugar de toſcos, de groſſeiros, de incivís, de menos

nos cultos, como v. g. *bacio*, de que uſa com frequencia a Hiſtoria do Senhor Rey D. Joaõ ſegundo: e eſtes termos foram ſubſtituidos por outros novos, e virá tempo, em que eſtes novos ſejaõ tambem antiquados, conforme o que diz Horacio.

Multa renaſcentur, quæ jam cecidere; cadentque
Quæ nunc ſunt in honore vocabula

Baſtem eſtas tres provas, quanto a mim fundamentaes, para qualificar a licença de palavras novas, ſe he que a tenacidade de hum juizo protervo póde ceder á força da razaõ, ainda que ſeja evidente.

De criticas, ou ſatyras ſobre a introducçaõ de novos termos, ninguem ſe livra, ainda que o meſmo Apollo lhe dê carta de ſeguro para naõ ſer preſo. Igual fortuna correraõ as Soledades de D. Luiz de Gongora, obra de taõ ſingular caracter, que todo o que a quiz imitar, pagou no precipicio a culpa do atrevimento. D. Eugenio Gerardo Lobo, hum dos maiores poetas, que conheceu Heſpanha, me diſſe em Madrid, que muitas vezes tinha intentado obra, em que imitaſſe as Soledades, e que outras tantas tinha raſgado o que compunha; reconhecendo, que D. Luiz naquella obra ſe fez inimitavel. Será, talvez, pelas deformidades daquella obra? Nam

por certo: antes, porque conſta de inimitaveis bellezas. Horacio collocou os pintores na meſma linha dos poetas: *Pictoribus, atque poetis*; e ſuccede em ſemelhante caſo aos poetas o meſmo, q̃ aos pintores. Toma hum pintor nos dedos o ſeu pincel para fazer o retrato de huma cara fea, e ſahe taõ proprio, que naõ ſe diſtingue do original: empenha-ſe em retratar huma formoſura, e nunca a copia póde jactar-ſe de inteira ſemelhança. Quer dar-nos em hum quadro huma idèa do inferno, e alli vemos com horror a deſeſperaçaõ de hũ rẽprobo, a figura de hum demonio, o aſpecto de hũa Furia, a voracidade de huma chamma, e a tyrannia dos inſtrumentos, que caſtigaõ aos que padecem. Vay a pintar huma Gloria, e faltaõ as idéas, as cores, os raſgos, e naõ pinta mais, que huma ſombra do que na verdade he: qual ſerà a cauſa? Diga-a, e confeſſe-a, com ingenuidade todo o homem grande. Naõ ſe acha outra, ſenaõ o ſer taõ rara à formoſura das Soledades, que naõ admitte imitaçaõ.

Contra ellas ſe eſcreveraõ naõ poucas invétivas, o author de huma foy o noſſo Manoel de Faria e Souſa, a quem, tẽpo depois, caſtigou com robuſta maõ hum Engenho Peruano (a que ninguem reſpondeu, nem reſponderà) proſtituindo a ignorancia de Faria na profiſſaõ poetica, e collocando

collocando a penna do Gongora naquelle alto throno, a que o tinha elevado o ſeu proprio merecimento. Nem Gongora neceſſitava deſte auxilio; (aſſim como o Pina naõ neceſſita do meu) porque jà ſe tinha deſpicado de ſeus emulos com o Soneto, que vou a tranſcrever, na methafora de huma prociſſaõ da Soledade, que em Madrid ſe faz na ſexta feira Santa de tarde, de que logo darey alguma explicaçaõ. O Soneto he eſte

Con poca luz, y menos diſciplina
Al voto de un muy critico, y muy lego,
Entra en Madrid la Soledad, y luego
A Palacio con lento pié camina.

Nota ibi. Las puertas le cerrò de la Latina,
Quiẽ duerme ẽ Heſpañol, y ſueña ẽ Griego
Pedante gofo, que de paſſion ciego,
La ſuya reza, y calla la Divina.

Del viento es el pendon pompa ligera;
No ay paſſo concedido a maior gloria,
Ni voz, que no la acuſen de eſtrangera.

Gaſtando, pues, en eſto la memoria,
Agena embidia más que propria cera,
Por el Carmen la lleva à la Victoria.

Vay a explicaçaõ para que ſe conheça o deſpique. Sexta feira Santa de tarde ſe faz huma prociſſaõ em Madrid, q̃ ſahe do Convento dos Mini-

mos, e naõ leva mais andor, que a Senhora da Soledade, nem mais luzes, que humas lanternas junto ao meſmo andor. Tambem naõ leva diciplinantes, (hoje entre nós por juſtas cauſas prohibidos) porque vaõ todos de manhãa na de Jeſus Nazareno. Os leigos do Convento ſaõ os que dirijem eſta prociſſaõ. Vay ao terreiro de Palacio, para ſer viſta das Peſſoas Reaes. Coſtumava entrar em huma Igreja chamada a Latina; e, por algumas controverſias, que niſto houve, lhe fechãraõ as portas para que là naõ entraſſe. He tempo, que andaõ os cegos rezando verſos, que trataõ da Payxão de Chriſto. Vem pela rua do Carmo, e ſe recolhe na Victoria, donde tinha ſahido. Suppoſtas eſtas circunſtancias todas, diz Gongora aos cenſores das ſuas Soledades: Vós outros os que cenſurais eſta obra da minha culta penna, ſois huns criticos neſta materia muito leigos: falta-vos a luz neceſſaria, e por conſeguinte a doutrina, q̃ ſe requer para a intelligencia dos primores poeticos deſta minha producçaõ: fechais á minha Soledade as portas da imitaçaõ á lingua Latina; e na voſſa meſma q̃ he a Caſtelhana, eſtais dormindo; e aſſim ſonhais em Grego, porque para vós o he a cultura do meu eſtylo: ſois huns pedantes, q̃ nsõ ſabeis mais fraſe, que huma oraçaõ de cego: ſoi verdadeiramente cegos, porq̃

ſó

ſó rezais conforme vos dicta a voſſa payxaõ cega, e nam ſabeis conhecer aquella payxaõ divina do furor poetico, de quem cantou Ovidio:

Eſt Deus in nobis, ſpirante caleſcimus illo:
Impetus hic ſacræ ſemina mentis habet;

por iſſo, no voſſo conceito, naõ ha paſſo neſtas Soledades, que mereça a gloria do voſſo applauſo, accuſando-me as vozes de eſtrangeiras, ſem advertir, que niſſo meſmo as qualificais de peregrinas. Gaſtais, em fim, a voſſa inveja em lugar de cera; e no meſmo caminho, por onde entendeis que a levais ao ſupplicio, lhe confeſſais, ſem o ſaber, que *datus eſt ei decor Carmeli*; e a conduzis inſenſivelmente ao templo da Victoria, onde, pelas acclamaçoens dos homens eruditos, ouve os vivas do ſeu triunfo.

Eſta foy a ſezudeza chea de mil ſáes, com que em huma taõ bem ſeguida methàfora ſe deſaggravou o ſublime engenho de D. Luis de Gongora das ignorantes ſatyras, que lhe fizeraõ ſeus emulos. Ainda hoje tem alguns, que, valendo-ſe do ſilencio das ſuas veneraveis cinzas, o mordem com mais ſegura liberdade; porèm he porque naõ pódem levar a penna aonde D. Luis remontou os voos da ſua: e he muito natural na inveja dos homens, que condenem o que naõ ſabem imitar: *Quæcunque ignorant, blaſfœmat.*

fœmant. Bem he verdade que D. Luis deu cauſa, mas naõ teve culpa: D. Luiz de Gongora naõ podia prevenir, que os ſeus Leitores o naõ haviam de comprehender: naõ eſcrevia para idiotas, ſenaõ para homens inſtruidos: pareceu-lhe, que todos ſabiam mais: e, quando naõ, *Suban ellos, que yo no quiero baxar.* Ora, a fallar verdade, quantos annos gaſtariam eſtes dous Criticos do Alemtejo para compor humas Soledades como as de Gongora? Ja peço menos: que tempo lhes ſeria neceſſario para formar hũ ſoneto, qual foy o do ſeu deſaggravo? Ainda aperto mais o ponto: tomem as licenças de introduzir termos novos, (como ſe contenhaõ nos limites da natureza) esforcem os brios, apurem os engenhos, peçaõ ſoccorro aos Amigos, façam todas as poſſiveis diligencias, vejaõ ſe podem imitar os ſublimes raſgos daquella culta pẽna: e depois de conhecer a differença das forças, humilhem a vanglorioza ſoberba, e nam ſe mettam a criticos do que no nome canta o ſeu triunfo.

Depois deſta breviſſima digreſſam, limitado obſequio ao merecimento de Gongora, tornemos a atar o fio do diſcurſo na materia de introduzir novos termos; culpa, de que elle cõfeſſa que o fizeram Réo, quando diz:

Ni voz, que no la acuſen de eſtrangera.

Per-

Perguntar-me-haõ os Senhores Criticos Tranſtaganos, e com elles os rigidiſſimos cenſores deſta licita, e inevitavel licença: a que eſpecie de Eruditos deve tocar taõ ampla faculdade? Lucrecio naõ limita peſſoas, propõme os motivos *Propter egeſtatem linguæ, et rerum novitatem.* Horacio parece eſtar inclinado aos profeſſores da poetica: *Poetis quidlibet audendi ſemper fuit æqua poteſtas.* O Padre Alvares deixa tudo á liberdade, e arbitrio dos poetas, ainda que para iſſo naõ tenhaõ preciſa ley.

Semper fuit æqua poteſtas
Vatibus, arbitrio que ſuo, ſine lege coacti.

A experiencia nos moſtra, que aſſim o fizeraõ Cicero no Lacio, Hortenſio em Heſpanha, Vieira em Portugal. Parece, que deſta nimia liberdade deve ſeguir-ſe o graviſſimo inconveniente de que dentro de poucos annos naõ nos entenderemos huns aos outros; e ſerá cada idioma huma nova Babel de ſi meſmo, porque ouviremos as vozes, ficando em jejum do que ſignificaõ.

Meu Meſtre o Senhor Marquez de Valença, que Deos tem, e cuja ſaudoſiſſima lembrança me eſtá ſempre

Enchendo, a impulſos de violenta magua,
o coração de dor, os olhos de agua:

aquelle varaõ mais illuſtre pela probidade, que

que pelo Real ſangue, em cujos numeroſos eſcritos competem o grave da eloquencia, e o florîdo da diſcriçaõ, dizia, que a licença de introduzir novos termos ſó devia tocar a huma Academia de ſabios, intervindo niſſo a ſuprema authoridade do Principe. Grande voto! e ſendo ſeu, tem o que baſta para ſer grande: aſſim pudeſſe chegar a pratica, onde o penſamento. He facil o dizer-ſe; he impoſſivel o praticar-ſe. Como neſta materia ſe intereſſa a liberdade do entendimento humano, havia de romper as cadêas de quantas leys ſe lhe quizeſſem impor. Com effeito ſe intentou na Italia, eſtabelecendo a Academia da Cruſca, que dezejando expurgar a lingua das fezes de ſemelhantes introducçoens, e conſtituî-la em hum eſtado duravel, e permanente; vemos por experiencia innegavel, que deſde entam athè o tempo, que viagey na Italia, (aſſim mo aſſeguraram doutos) tinham creſcido naquelle idioma as vozes em tanto numero, que neceſſitavam de muito maior proſodia, da que tinham antes.

Em França ſuccede o meſmo. Aquella incomparavel Naçam, cultiſſima entre todas as que ſazem vulto no orbe literario, tem, nam huma, ſenam muitas Academias compoſtas de infinitos homens de huma inſigne erudiçam, dedicados

dos todos a eſcrever com a maior eloquencia, que cabe nas ſuas forças. Leaõ-ſe com curioſa diligencia os eſcritos dos mais modernos, e achar-ſe-haõ palavras introduzidas, de que naõ uſáraõ, nem tiveraõ noticia os primitivos Academicos. Nas tragedias de Monſr. de Crebillon ſe obſervaõ termos propriiſſimamente adoptados, de que nam uſaram os que lhe precederam. Em Heſpanha ha huma Academia unicamente dedicada ao que pertence á lingua; e me lembro muito bem de Dom Manuel Pellizer de Velaſco, e Tovar, hum dos erudîtos ſocios, de que ſe compunha; o qual me diſſe, que lhes era preciſo hum grande volume para eſcrever as palavras de novo introduzidas, cujo uſo na ſua frequencia tinha adquirido tanta poſſe, que jà naõ podiam exterminá-las ſem fazer-lhes manifeſta injuria. E, na verdade, qual havia de ſer o Heſpanhol de tam intrepida ouſadîa, que deſprezaſſe as vozes introduzidas por Feijoó? Hũa vez uſadas por homem de tamanha esfera, já ninguem ſe atreve a expungî-las do idioma; por que Feijoó em Caſtella naõ tem menos authoridade, que Vieira em Portugal: e ſe a eſte inſigne Orador foi licita eſta licença, tambem o ſerá para aquelle Eſcritor igualmente inſigne. Deſenganem-ſe os rigidiſſimos Catões do idioma

Portuguez, que ſeraõ fruſtradas as diligencias mais exactas, que neſte aſſumpto ſe fizerem; e que pelas tres razoens, que apontey acima, he impoſſivel vedar-nos eſta faculdade.

Deſtes innegaveis exemplos eſtà como naſcendo eſta igualmente innegavel conſequencia: que, ainda que em Portugal ſe eſtabeleceſſe a mais illuſtre Academia, adornada com os homens mais eruditos, teria o meſmo ſucceſſo, que a de Caſtella, e a de França, e a da Italia. Parece dura eſta abſoluta negativa: mas, attendendo à neceſſidade da lingua, à novidade das couſas, e à liberdade da Naçaõ, ſeria impoſſivel o cingir-nos a eſtreitas margens, ſem que as rompeſſemos quando a urgencia nos neceſſitaſſe. O que eu vejo, he que todos clamaõ pela pureza da lingua; e que, quando lhes chega a occaſiaõ de ſe querer explicar, e lhes falta o termo para a explicaçaõ, faz cada hum da ſua parte o q̄ pòde, e introduz as vozes que melhor lhe parecem: e, ſe aſſim o naõ praticaõ, ſahem com humas producçoens taõ humildes, e taõ diſtantes de huma generoza eloquencia, (maiormente em verſo) que ſempre arraſtraõ com groſſeiro ſocco, e deſconhecem as obrigaçoens do cothurno. Se as comparações naõ foſſem odioſas, pudera allegar naõ poucos exem-

exemplos vivos, que namorados da que os Franceſes chamaõ *noble ſimplicité*, querem privar a natureza de toda a galla do artificio; ſem advertir, que na poeſia o ſer ſimplez eſtà muito perto de ſer fátuo; e que ha muita differença entre o ſer ſimplicidade, e ſer ſimplicidade nobre: pois a ſimplicidade deſpida de nobreza, fica vil, e para os homens de engenho ſempre intratavel. E quanto á introducçaõ de novas palavras, vou a referir o que ninguem me poderá negar.

Haverá quarenta annos, que no palacio do Conde da Ericeira ſe inſtituio huma célebre Academia, em que concorreraõ todos os homẽs doutos, e eraõ muitos os que na Corte ſe diſtinguiaõ. Queriaõ melhorar a palavra, com que vulgarmente conheciamos o inſecto chamado *cagalume*, e, deixando lhe nas ultimas ſyllabas o que luz, lhe trocaraõ o que nas primeiras duas enjoa, e lhe confirmáraõ o nome de *noite-luz*: porèm com hum ſucceſſo taõ infeliz, que naõ deu lume a palavra, e ficou o inſecto na poſſe do ſeu primeiro termo: mas porque? Porque aquelles grandes homẽs, q̃ certamente o eraõ, naõ tiveraõ bom goſto na eleiçaõ da voz. Se o ſeu intento era defviar dos ouvidos a diſſonãcia das duas primeiras ſyllabas, deviaõ ter providencia igual com o nome *cágado*, o qual, ſe lhe tirarem o

acento do primeiro *a*, ainda ſerà mais aſcoroſo, que o meſmo *cagalume*; porque eſte, ao menos com o *lume*, emenda a diſplicencia das primeiras quatro letras: mas o outro termo naõ tem véo, que lhe diſſimule a immundicia. Eſte eſquecimento he o primeiro fiſcal daquella lembrança; porque ninguem me darà razaõ para evitar-ſe em hum, mudando-lhe o ſeu proprio nome, e conſentir-ſe em outro, onde ha o meſmo inconveniente. Logo má eſcolha.

Em ſegundo lugar. *Noiteluz* he hum termo equivoco a tudo o que luz de noite. De noite luzem a Lua, as eſtrellas, os cometas, os planetas, as exhalaçoẽs, os fógos fátuos, os relampagos, os incendios dos vapores terreſtres, que ſe inflammaõ na regiaõ do ar. Parece-me que eſtou lendo em Severino Boecio:

Noctivagam Phœben præcinctam cornibus aureis,
æternosque aſtrorum ignes, cœlique micantes
ſcintillare oculos:

Sim, ſenhor, porque tudo iſto luz de noite. E iſto he no ceo; que quanto cà na terra luzem de noite as vélas, os rolos, as candêas, os candieiros, as tochas, os archotes, as alampadas, as fornalhas, os fornos de tijolo, de telha, e de cal; e atè luzem os olhos dos gatos. E eſcolher huma palavra tam equivoca a tudo o que

luz

luz de noite, naõ me parece que brilhàraõ na eleiçaõ. Se o intento foy adoptar huma palavra, que foſſe propria; que razaõ ha para naõ aproveitar-nos da vóz, deq̃ uſaõ os noſſos vizinhos taõ Eſpanhoes como nòs? Porque cauſa naõ diremos *pirilampo*, como elles dizem? Se he por ſer alhêa, valha me Deos com tanta iſençaõ! Gongora uſou a voz *menina*, que he toda noſſa.

Que menina de cryſtal.

Tambem he noſſo, e ſó noſſo, o lindo termo de *ſaudade*; e nam ſó os Caſtelhanos, mas athè os Inglezes o uſam jà. Pois ſe huma Naçaõ ſe aproveita do noſſo idioma; que razam hà para que nam nos aproveitemos dos vizinhos? Deſórte que antes querer trajàr huma voz remendada, e menos airoſa, que veſtir a precioſa galla da fazenda de Caſtella, como ſe foſſe contrabando! Nam alcanço a cauſa. Deixar hum termo tam bonito, tam agradavel, tam ſonoro, tam brilhante como *pirilampo*, para lhe preferir *noiteluz*! Confeſſo, que lhe nam acho luzimento. Huma vòz terminada em *us*, que parece que nos eſtà mettendo medo! Ex-ahi huma Academia de tantos homens erudîtos inventando hũa palavra, que na pouca aceitaçaõ, que tem, dà a conhecer a menos boa eſcolha, que tiveram aquelles, que a adoptàram.

Va

Và de hiſtoria, porque me parece que vem a pelo. Certa Senhora Titular deſta Corte era viſitada frequentemẽte por hum Religioſo de grãdes letras, e muita graça, o qual tinha eſpecial teima cõ eſſas velhas benzedeiras, q̃, ſegundo crê o vulgo, curaõ do quebranto. Quiz a Senhora jogar hũa péça de entrudo com o dito Padre, e fallou com huma deſtas benzedeiras, dizendo que a tal hora ſe achaſſe preſente, porque eſperava pelo Padre, de quem ſe compadecia muito por eſtar cheyo de quebranto athè os olhos. Com effeito chegou o Religioſo, e feitos os primeiros cumprimentos, veyo por hum lado a boa velha, e com a cruz das contas lhe foy fazendo ao longe varias cruzes acompanhadas da ladainha de arengas, q̃ coſtumaõ uſar em ſemelhante caſo, dizendo: Em virtude da ſanta bella cruz, em que morreu crucificado o Senhor Jeſus; e hia continuando ſeu enſalmo, quando o Religioſo, que via tirar-ſe-lhe o quebranto *invito domino*, voltando ſe contra ella, e animando com o braço o que pronunciava a voz, lhe diſſe com grande promptidaõ, e igual chiſte:

E que te caya na cabeça hum alcatruz,
e que morras ſem dizer chus, nem bus,
e te bataõ com hum pàonas coſtas trus trus,
e te appareçaõ os ſatanos todos nus.

e

e foy repetindo-lhe toda a regra do *Nomina in os Danaum, ſive in us converſa latinum*; com que a velha ſe retirou deſconfiada; a Senhora, e a ſua familia desfecháraõ a rir; e o bom Padre ſe deſpicou da benzedeira com a récua de terminaçoens em *us*, entre as quaes podia contar-ſe pela ſemelhança *a noiteluz*.

E, ſe em huma aſſemblea de tantos homens, ſem controverſia erudîtos, onde a queſtaõ havîa de ſer diſputada, faltou o bom goſto para a eſcolha de huma voz, que foſſe propria daquelle nocturno brilhante inſecto; quem ha de ſer o homem de taõ diſtincta authoridade, que ſe atreva a introduzir novos termos, ſem exppor-ſe á rigoroza critica dos zeladores do idioma? Eu, que ingenuamente me reconheço por inferior a todos, naõ poſſo, nem devo dar ſentença: porèm eſſes meſmos doutos naõ poderâõ com juſta cauſa eſtranhar me, que conforme o meu dictame ao de dous authores taõ claſſicos como Horacio, e como Lucrecio. Aos oradores, que forem verdadeiramente oradores, e aos poetas, q̃ forẽ verdadeiramẽte poetas; mas naõ aos poetinhas de agoa doce, q̃ com quatro decimas, e hum par de epilogos preſumem hombrear com os Coriféos da poeſia, he permittida a licença de introduzir novos termos, quando, com a devida moderaçaõ, entenderem q̃, ou por defeito da lingua, ou

ou por novidade de objectos, lhes he preciza a ſua introducçaõ: advertindo porèm, que no eſtylo familiar, bucolico, e epiſtolar lhes naõ he concedido taõ amplamente eſte indulto: nas compoſiçoens heroicas, em todo o genero de declamaçoens patheticas, e panegyricas tem eſta faculdade mais dilatada a ſua juriſdiçaõ. No modo, e no fim, com que procede o entendimento de cada hum, conſiſte a bondade, ou a malicia das ſuas obras. Horacio.·

Eſt modus in rebus, ſunt certi denique fines,
quos ultrà, citraque nequit conſiſtere rectum.

Para que o Critico, ou Zoilo Tranſtagano procedeſſe com menos forte rigoriſmo neſta intemperada calumnia, que contra o Pina promulgou, era preciſo que ponderaſſe primeiro quem he o author, que eſcreve; qual a ſua materia; de que metro uſa, e para quem eſcreve.· O author he Franciſco de Pina e de Mello, hum dos grandes homens do preſente ſeculo; a cujos eſtudos naõ fica peregrina toda a erudiçaõ, naõ ſó profana, mas tambem ſagrada; cuja penna com alto voo ſe tem remontado a todas as eſferas, porque eſcreve como Profeſſor de muitas faculdades; cujas proſas conſervaõ a amenidade de florîdas, ſem perder de viſta a circunſpecçaõ de ſérias; cujas poeſias daõ a conhecer, que ſabe temperar com

com as prudentes moderações de hum juizo maduro os fogozos impetos do natural enthuſiaſmo. Pina he hum Varaõ a todas as luzes excellente; que, ſe ainda naõ tem eſtatua no Capitolio, póde conſolar-ſe com o eſquecimento, que niſſo teve o Senado Romano com o ſeu inſigne Cataõ. Que a merece, ſó a inveja lho diſputa. Porèm Pina não neceſſita mais eſtatua, q̃ a q̃ lhe erigem ſeus eſcritos; pois em cada producçaõ do ſeu fecundo engenho tem hum levantado obeliſco, que lhe aſſegura a fama, e lhe eterniza o nome. Se nas ſuas obras encontraſſemos algum defeito, devîamos tratá-lo como Apelles fez o retrato de Alexãdre, pintãdo-o de meyo perfil, para diſſimular o defeito, que tinha em hum dos olhos, e que de algum modo o aſſeava. Porèm eſtes mimoſos primores do pincel de Apelles naõ ſaõ para imitados por pennas menos cultas. He muito homem o Pina para inſultado com dicterios, e talvez, de dous ignotos Ariſtarcos, a quem elle pòde ſem injuria mandar à palmatoria: mas neſta Reſpoſta os fuſtîga com mão peſada, para que naõ tornem a ſer atrevidos.

A materia, ſobre que eſcreve, he a mais grave, a mais ſublime, e a mais nobre; tomando por aſſumpto o debellar hereſias, para que triunfe dellas a Religiaõ Catholica: e em materia,

que ſó tem por objecto o triunfo da Religiaõ, naõ tem muito lugar a parte Erotica, que nos enſinaõ os Meſtres da epopeia. Moſtrando eu ao Senhor Marquez de Alorna o Poema, de que era Herôe, me fez a honra de advertir-me, que a parte Erotica ſe não achava nelle. Reſpondi: Em V. Exc. pondo os olhos nos meus annos, e no meu eſtado, logo me ha de diſpenſar da obediencia a eſſe preceito. Achou-me razaõ: e na verdade he muito para advertir, que os, de quem recebemos as regras da epopeia, ſaõ hum Ariſtoteles, hum Horacio, e algum outro, que viviaõ na cegueira do Paganiſmo; e os que hoje eſcrevemos, gozamos das verdadeiras luzes do Evangelho. A que fim hei de occupar o tempo na ficçaõ de hum amoroſo lance, ſe tenho em que empregà-lo cantando ſem fingimento empreſas nobiliſſimas? Iſſo he muito bom para o Amadîs de Gaula de Bernardo Taſſo, mas he muito alheio de hum aſſumpto polemico, em que ſe intereſſa a Religiaõ. O Erotico tem lugar no Macabeo de Silveira, no Alfonſo de Botelho, e em outros aſſumptos, que naõ ſaõ inteiramente ſacros; mas em hum Poema, onde todo o fim conſiſte em que a Religiaõ triunfe, naõ faz papel o amor. E, quando eſta figura repreſente em taõ reſpeitavel theatro, ha de vir taõ reveſtida de compoſtura, e

mo-

modeſtia, que edifique os ouvidos, e naõ offenda os olhos. Aſſim o faz Pina, muito a peſar dos improperios, que dos ſeus emulos eſcuta, que mettendo-ſe a Juizes do que naõ ſabem, entenderaõ que todos os aſſumptos ſaõ de huma eſpecie meſma. O aſſumpto deſte Poema naõ ſaõ aventuras de D. Quixote, para deter-ſe em amores de Dulcinéa: o Author he Franciſco de Pina empenhado em que a Religiaõ triunfe.

O metro, em que eſcreve, he verſo heroico, que pede hum eſtylo levantado, e que exceda muito os limites do vulgar, e mediocre. Para eſta ſublimidade conduz naõ pouco a introducçaõ de alguns termos, que pareçaõ novos, e eſtaràõ talvez uſados por outro Author de nome, (como elle moſtra) como ſejaõ organizados ſegundo o dialecto patrio, cuja deducçaõ tenha origem na lingua mãy, ou nas vizinhas; porque eſta licença naõ he taõ eſtranha, como a que deve conſiderar-ſe entre o Grego, e o Latim. Todas as vezes, que eu tenho na lingua materna hum ſubſtantivo, de que deduza o verbo, (como v. g. *analeſis*, de que deduzo *analiſar*) ou o verbo, de que deduza o ſubſtantivo, (como *amabilidade*, que naſce do verbo *amar*) com tanto que a palavra naõ

ſeja riſpida, e diſſonante, daõ os Meſtres eſta licença, ſem muita repugnancia. E, ſe ella foy admittida, ou tomada por hum proſiſta, como Cicero; com quanta mais razaõ ſe devia conceder a hum poeta, como Virgilio? Aſſim o praticou na Eneida, conforme obſerva algum dos ſeus Commentadores, onde he tanta a copia de vozes entaõ no Lacio deſconhecidas, que bem mereciaõ huma nova, e maior ſatyra de Cataõ. Porèm Virgilio naõ perdeu por iſſo o principado da epopeia Latina, antes (perdoe Madama Dacier) excedeu muito a Iliada de Homero: e Cicero pelos ſeus furtos de novas vozes, diz (naõ me lembro ſe nos Officios) que a lingua Latina no ſeu tempo já apoſtava igualdades com a lingua Grega. De cuja authoridade, tranſcrita pelo Marquez de Santo Albino no tratado da Eloquencia, deve extrahir todo o bom Logico eſta infallivel conſequencia: para que a lingua Grega ſe viſſe hombrear da Latina, foy preciſo que a Latina cõmetteſſe muitos latrocinios da Grega. Vay outra conſequencia. Se aſſim o praticou o Meſtre da eloquencia para eſcrever em proſa, mais amplas faculdades devem conceder-ſe a quem eſcreve em oraçaõ ligada, e muito mais ainda a hum Authòr de Poema epico; para que a difficuldade do compor ſe vença com os indultos de innovar.

Só

Só fiz reparo, e me cauſou alguma diſſonancia, que eſcolheſſe o Pina para metro do ſeu Poema huma eſpecie, heroica ſim, ou de arte maior, (como lhe chamaõ os Meſtres) que conſtaõ de onze ſyllabas; mas naõ ſempre ligado a terminar em conſoante, imitando neſta parte a nimia liberdade dos Dramas Italianos; quando eſtes, os Caſtelhanos, e os Portuguezes eſcolheraõ para as ſuas epopeias o metro da Oitava rima, podendo honrar a todos com a ſua imitaçaõ: e a fé que a Oitava naõ deſmerece o ſer metro de hũ Poema ſacro. Naõ ficaria menos airozo ſeguindo as pizadas de Camões na Luzîada, e Gabriel Pereira na Ulliſea. Mas conſidero, que quiz talvez uſar daquelle metro, de que ſe valem os Franceſes nas ſuas epopeias, como Racine, Voltairre, e Boilau; porque eſta Naçaõ faz hoje grande vulto na republica das letras. Seria tambem para ſe diſtinguir dos outros, que athè ſe quiz differençar no metro. Talvez ſerîa, que como eſtava ancioſo de enriquecer ao publico neſte facundo parto do ſeu fécundo engenho, buſcou hum metro, que lhe evitaſſe a demora. E teve ultimamente por juſta cauſa (e eſta he a que ſupponho) que, como o ſeu aſſumpto pede argumentos, perguntas, reſpoſtas, inſtancias, e ſoluçoens, ſó poderia bem executar o ſyſtema projectado, em verſo, e verſo, com

com ſentenças curtas, e por iſſo mais nervoſas, o que naõ conſeguiria na Oitava, em que a preciſa digreſſaõ enfraqueceria os argumentos com perigo do triunfo. Do que neceſſariamente devemos inferir, nam liſonjeiros, nem preoccupados, que athè na eleiçam do metro he ſingular eſta epopeia. Mordam muito embora ſeus emulos.

Ainda tenho outro, e mais ſolido fundamento para a licença de introduzir novas palavras, e he elle tam vigoroſo, e de tanta valentia, que me lizonjeio de que ninguem ſe ha de atrever ao contraſtar. He certo, que, ſe nam ha licença para introduzir novas vozes em huma lingua viva, muito menos ſe deve admittir eſta liberdade em huma lingua morta. He certo que os exemplos dos grandes homens ſam huns como eſpelhos, em que ſe retrata a noſſa imitaçam. E, ſuppoſto que os máos exemplos nam devem ſer imitados, como nos adverte o Meſtre da Rhetorica Fabio Quintiliano, *prava exempla non ſunt imitanda;* iſto ſe entende daquelles homens, a cuja noticia nam chegou o que havia na materia; mas nam daquelles, a quem os preceitos foram notorios, e, nam obſtante iſſo, os tranſgrediram; ou porque os achàram menos juſtos, ou porque a urgencia fez com que os tiveſſem

veſſem por diſpenſaveis. He certo, que ninguem ſe atreverà a negar ao Padre Manſi ſer hũ dos melhores Latinos, que illuſtráram o prezente ſeculo. Preſuppoſtos eſtes tres innegaveis principios, diſcorro deſte modo. Eſte douto Padre na ſua elegantiſſima traducçam das Diſſertaçoens de Calmet da lingua Franceſa para a Latina, nam obſtante o ſer morta eſta lingua, introduz nella o preterito ao verbo *fatago*, e nam huma, porèm muitas vezes lhe dá *fategit*; licença, que a cada paſſo eſtá frequentando em outros muitos verbos, e nomes, como póde palpavelmente evidenciar quem tiver o bom goſto de o ler. Ora nam he crivel, que hum Padre de tanta ſabedoria ignoraſſe athè onde ſe eſtendem os limites da ſua juriſdiçam; elle accreſcenta novas palavras na lingua morta: logo com muito maior razam o poderemos imitar na lingua, que for viva.

Mais. Serà muy ignorante quem quizer diſputar aos Francezes huma grande pericia em materia de latinidade. O meſmo conceito nos devem merecer os Authores Flamengos, e Alemães, de quem ſe diz *Flandria muſarum genitrix*, *Germania juris*. Continuamente eſtam obſervando os Profeſſores de differentes Faculdades vozes infinitas, que nunca ſe ouviram

no

no Lacio, nem ſe conheceram no ſeculo de Auguſto. E quem duvidará, que a neceſſidade, em que ſe viram, de querer explicar-ſe, e naõ acharem termos para a ſua explicaçam, os conſtrangeu a introduzî-los na meſma lingua morta? Mais. Todos os Filoſofos uſam da novidade dos termos para explicar as entidades: dizem *eſſeitas*, *volitio*, e outros muitos na latinidade ignorados. Os Theologos uſam de *aſeitas*, *Trinitas*, *veracitas*, que todos os Antigos deſconheceram; e o uſam, porque a pobreza da lingua, e a novidade das couſas (como diz Lucrecio) dam juſta licença para eſtas introducçoens. Pois, ſe ſe permitte eſta liberdade na lingua jà defuncta, quem a negarà em hum idioma, que ainda vive? E, ſe ſe concede à proſa; que injuſtiça nam he o querer negà-la a quem eſcreve em verſo? Iſto, porèm, ſe entende com os poetas, que ſam poetas: porque eſſes poetinhas da legoa, como v. g. Londres, e Parîz, eſſes, digo, nam merecem hum nome tam authorizado:

Mediocribes eſſe poetis
non homines, non dii, non conceſſere columnæ.

Fechadas aſſim as portas a toda a dûvida, que neſta materia poſſa occorrer; e abertas de par em par as do templo da Liberdade, para

que

que poſſam entrar por ellas livremente os poetas erudîtos, muito a pezar dos Rigoriſtas de todo o idioma: pergunto ultimamente aos ſenhores Criticos do Alemtejo para quem eſcreveu Franciſco de Pina a criticada epopeia? Eſcreveria acaſo para os ignorantes, para os idiótas, para a eſcòria da plebe infima? Naõ por certo. Eſcreveu para os doutos, para os homẽs erudîtos, para o mundo culto. Pois pòde com toda a liberdade inventar as vozes, que melhor lhe parecerem, ſujeito ſempre àquellas prudentes limitaçoens, que nos enſinaõ os Meſtres. Nas ſuas Inſtituiçoens rhetoricas nos adverte Quintiliano, que quando na oraçaõ ſe deſconhecer o ſentido de alguma palavra; das antecedentes, e mais das ſubſequentes, ſe póde com facilidade extrahir a ſua intelligencia. Diſſe como Meſtre: mas eſta doutrina he boa para rapazes, que neceſſitaõ deſte auxilio para perceber o q̃ eſtão lendo. Porèm os homẽs, q̃ ſaõ homẽs, e q̃ jà ſahiraõ da infancia da literatura, naõ haõ de miſter valer-ſe de hum pueril ſoccorro para a percepçam dos termos novos: logo conhecem na deducçaõ da origem, ou na anologîa da vizinhança o ſignificado de qualquer voz: aſſim como o dèſtro muſico pelo ſitio da clave, e figura da cantorîa conhece promp-

tamente em que linha eſtà o *re* para ſubir, e o *la* para deſcer. Depois de viajar na Europa deſoito annos, voltey em fim para Portugal, onde achey hum ſem numero de palavras novas, que naõ ſe uſavaõ no meu tempo: graças ao Todo Poderoſo, que nunca me foy preciſo pedir a outro a intelligencia do ſeu ſignificado, nem me pareceu acertado o fazer ſatyras a quem as innovou. Continuamente as eſtou lendo em varios eſcritos, que ſe dão a luz: fim confeſſo, que là me fazem novidade; mas, como a beſta naõ he eſpantadiça, paſſo por ellas, ſem moſtrar que tenho muito medo: ſó ſe a obſervo de aſpecto taõ formidavel, que pòde ſervir para deſmammar crianças. Sempre lanço à boa parte a licença, que ſe tomou quem eſcreveu. Ha conſciencias muito eſcrupuloſas dos peccados alheios, que deſviaõ de ſi quanto pòdem o ter eſſes eſcrupulos; porque, em lhes chegando a occaſiaõ, cahem como miſeraveis.

Nos termos Facultativos he indiſpenſavel a introducçaõ de novas vozes. Nem ſe entenderîaõ os Profeſſores das Faculdades, nem nòs os entenderîamos a elles, ſe naõ ſe introduziſſem as palavras, que ſaõ proprias para os objectos, que querem exprimir; porque, ſem o ſeu uſo, nem

nem elles teriaõ explicaçaõ, nem nòs intelligencia. Ora tende paciencia, e ide contando. Quadrante, aſtrolabio, microſcopio, teleſcopio, periféria, figura cónica, e cùbica, cuſpide da flamma, antlia pneumatica, maquina Boileana, ſifaõ, cilindro, cranio, pericranio, glandula pineal, abdomen, torax, inteſtinos, hypocondrios, exofago, e munctorios, miſantròpo, diſco, magnéte, priſmo, eſpelho uſtorio: que ſey? Saõ infinitos, mas neceſſarios eſtes ſignos da locuçaõ para explicar os conceitos do entendimento. Por vida voſſa perguntay a hum official de barbeiro (e mais eſtes ſabem muita couſa) ſe acaſo entende a gregaria de todos eſtes termos; ficarà paſmado de ouvir vocabulos tam eſtranhos. Perguntay a hum Mathematico, a hum Aſtronomo, a hum Filoſofo, a hum Medico; e eu ſey, que vos entenderà a lingua, ſem que lhe cauſe eſtranheza algũa deſtas vozes. Dirà a iſto o ſenhor Critico Eborenſe, que eſtas palavras eſtam jà introduzidas, que tem a ſeu favor a poſſe, e que pelas leis do uſo as entendemos todos. Agradeço a reſpoſta, e torno a perguntar: exiſtiriam eſſas vozes, ſe nam ſe introduziſſem? Naõ. Logo he preciſo que alguem as introduza para que tenhaõ exiſtencia. Confeſſo, que a primeira in-

troducçaõ havia de experimentar contradicçoens baſtantes nos eſcrupuloſos eſpantadiços, e nos que acerrimamente propugnam a caſtidade do idioma: mas, aſſim como eſſas tiveram a fortuna de ir pouco a pouco introduzindo-ſe athé fazer-ſe vulgares na intelligencia de todos; aſſim as que inventamos, ou adoptamos agora, daqui a quatro, ou cinco annos teram igual felicidade. Os grandes Homens tem licença para muitas couſas, que naõ ſe permittem aos que ſaõ pedantes, e a Franciſco de Pina ſó neſcios lhe diſputaõ, que ſeja Homem grande. Mas bem ſe lhe pode applicar o que diſſe Marcial.: *Et ſua quòd rarus tempora lector amat.* Saõ raros os Eſcritores, que merecem juſta eſtimaçaõ no tempo em que eſcreveram. O certo he que eſcreve para os erudîtos, e que eſtes muito bem entendem o que elle eſcreve. Importa pouco, que ſeja eſtranho para os ignorantes.

Adianto mais o penſamento ſobre as meſmas vozes Facultativas, jà vulgares à noticia dos Profeſſores. Supponhamos por hum momento, que hum poeta heroico para dizer, que hum Coronel de Cavallaria formou o ſeu regimento em hum meyo circulo, e foi aſſim marchando com muita pauſa, ſe explicava deſta forma:

Levando

Levando em marcha vagaroſa, e ſeria
O bellico eſquadraõ em periferia:

Tornemos a ſuppor que, para pintar ao Sol cahindo no occidẽte, dizia em outros dous verſos:

Nos braços de Neptuno procelloſo
Buſcava tumba o diſco luminoſo:

Se o Critico Eborenſe naõ eſtiver preſente em que *periferia* quer dizer hum ſemicirculo, e que *diſco luminoſo* he o Sol na linguagem dos Fiſicos, e Aſtronomos, (que em tudo o creio mais que medianamente inſtruido) parecer-lhe-ha que ſaõ huns termos inventados de novo, e fabricados *ad libitum* na fantaſia do poeta, ſendo jà taõ velhos como a Aſtronomia, e Fiſica. E bem podia ſucceder, ſem jactura da ſua grande erudiçaõ, qne padeceſſe algum eſquecimento no que os termos ſignificaõ; porque a memoria he fragil, e naõ eſtà prompta para reter em ſi todas as eſpecies do que ſe eſtudou, Se àquelle douto, de que já fiz mençaõ, lhe naõ occorreu a ſignificaçaõ de *acicate*, naõ ſeria couſa muito eſtranha, q̃ lhe cahiſſe da lembrança o ſignificado de *periferia*. Ex-ahi duas vozes, que pareciaõ novas, tendo de idade naõ poucos ſeculos; eix-ahi como ſe condenaõ, e proſtituem por eſtranhos aquelles meſmos termos, que para a noticia de ou-

outros tem uſo inveterado. Para eſtes, e naõ para aquelles, eſcreve o Pina: e os ſeus dous rigidiſſimos Criticantes, para trazer ao menos huma apparencia de doutos, deviaõ notar-lhe os erros ſubſtanciaes, ſem andar à caça de palavrinhas.

As antiquadas correm igual fortuna com as de novo introduzidas: aquellas jà naõ exiſtem, porque o naõ uſo lhes deſtruîo o ſer: eſtas principiaõ a ter uſo, porque o artificio, o bom goſto, ou a neceſſidade do Eſcritor lho dà. Humas naſceraõ hontem, morrem hoje, e á manhãa tornaràõ a viver: outras naſcem hoje, á manhãa perderàõ a vida, e no ſeguinte dia as veremos renaſcer. Eſte he o ſentido, com que diſſe Horacio:

Multa renaſcentur, quæ jam cecidere, cadentque
Quæ nunc ſunt in honore vocabula.

È tanta licença tem o poeta para introduzir vozes novas, como para uſar das antiquadas; a hũas dà o ſer, que naõ tinhaõ; às outras faz com que tornem outra vez a ſer. A difficuldade toda conſiſte em que o Eſcritor ſeja dotado daquelle engenho, daquelle bom goſto, daquella prudente eleiçaõ, q̃ ſe neceſſita, para collocar hũas, e outras no lugar, que a cada huma lhe compete: porque, ſendo aſſim, a voz introduzida naõ

naõ eſpantarà a gente com a ſua novidade; e a antiquada farà muito bem o ſeu papel, ſem que moſtre as rugas, e carquilhas da ſua velhice. Pende tudo de hum certo dom, que nem a todos ſe concede, e cuja poſſe naõ he effeito dos laborioſos eſtudos, ſenaõ de huma tal eſpecie de talentos, que ſabem accommodar as figuras nos ſeus buracos.

E ſe os dous famoſos, e erudîtos Criticos me replicarem, que as vozes antiquadas ſabemos todos o que ſignificaõ, e que as q̃ de novo ſe introduzem ſaõ huns enigmas, que naõ ſe comprehendem; porque neceſſitaõ de hum cõmento, que as interprete, ou de hum oculo de larga viſta, que as diviſe: deſde logo reſpondo naõ ſer tanto aſſim como ſe ſuppoem, antes muito ao contrario do q̃ ſe imagina: das vozes novas apenas haverà tal qual de mais eſcura intelligencia; e das antigas hey de aſſignar algumas taõ imperceptiveis, como ſe foſſem Gregas, Arabicas, ou Eſclavonicas. E, ſe iſto no ſeu alto conceito, e vaſta erudiçaõ padece alguma dûvida, digaõ-me eſſes doutiſſimos indagadores da Luſitana antiguidade q̃ quer dizer ſamîcas, teiró, canguello, tataranhaõ, e outras infinitas, que agora me naõ occorrem? Eiſ ahi tem vozes antiquadas, que ſeraõ rariſſimos

ſimos os que as percebaõ, ao meſmo tempo que as de novo introduzidas, ninguem haverà, ſó ſe for algum ruſtico, que as naõ entenda. A difficuldade deſte negocio conſiſte unicamente, como jà notey, no engenhoſo artificio, no goſto delicado, na eſcolha primoroſa de quem eſcreve. Horacio enſina com desfaſtio o modo de as fabricar para que ſe devaõ introduzir: *Si græco fonte cadent:* da meſma fórma, com que da fonte vay cahindo a agoa naturalmente no tanque ſem violencia, ſem regiſtro, ſem repuxo; aſſim devem os novos termos vir metter-ſe nos periodos: haõ de cahir como naſcidos, e naõ percipitar-ſe como violentados; ou para o dizer com fraſe mais familiar, haõ de vir eſcorregando; deſorte que a quem ler lhe pareça, que aquella voz vem alli como naſcida. Muratori, ſe bem me lembro, traz hum bello diſcurſo em materia ſemelhante.

Quintiliano lib. 115. diz de Horacio, que foy *in verbis feliciſſimè audax:* e iſto procedia do bom goſto, que ſe teve em as accommodar; eſtes atrevimentos ſaõ felices, os do màu uſo ſaõ deſgraçados.

Bem he verdade que iſto pende do bom goſto de cada hum; e cada hum preſume de ſi que tem o melhor goſto. Se o Eſcritor naõ aſſen-

taſſe

taſſe comſigo meſmo, que os ſeus eſcritos veſtem a galla daquelles caractères, que ſaõ eſtimaveis entre os erudîtos, nunca ſe reſolveria a ſahir com elles a publico, por naõ expor-ſe à nota, e riſo dos ſeus leitores: *Riſum teneatis, amici?* Se o Pina entendeſſe, que o ſeu Triunfo ſe havia de tornar em deſpojo do deſagrado de ſeus emulos, abſter-ſe-hia de dar trabalho aos impreſſores. Se os ſeus dous Criticos Tranſtaganos naõ ſe ſatisfizeſſem vãglorioſos de ter feito taõ inuteis reparos, poupavaõ-ſe ao deſgoſto das minhas reconvenções. Se eu naõ imaginaſſe, que os impugno a concluir, eſcuſava de por-me os oculos para eſcrever. Deſta ſatisfaçaõ, que cada hum tem de ſi meſmo, procede certamente aquella natural repugnancia da elevada ſoberba, com que ninguem quer, ainda depois de convencido, ſujeitar-ſe aos alheios dictames. *Difficile eſt ut quiſque cedat alieno judicio*, dizia Seneca. Se a Razaõ pudeſſe collocar ſempre o ſeu throno onde o entendimento humano enthroniza a rebeldia propria; nem o Concilio Niceno teria muito que diſputar com Arrio, nem a Igreja Catholica ſe veria taõ inſultada dos hereges, nem os Eſcritores doutos padeceriaõ tanta contrariedade de ſeus emulos.

O que eu obſervo, he, que todos nos querem dar as regras do bom goſto, e que poucos

executaõ aquillo meſmo, que taõ facilmente nos enſinaõ. Ha huma diſtancia conſideravel entre o magiſterio, e o tirocinio, entre a eſpeculaçaõ, e a pratica, entre a obſervancia, e a ley. Todos fogem de ſer diſcipulos, porque aſpiraõ todos a ter o grào de meſtres. Muratori eſcreveu com admiravel acerto as regras do bom goſto: (melhor diria tranſcreveu, porque foy hum deſtro plagiario dos Franceſes, e dos Latinos) nas ſuas obras deſmente aquelles meſmos preceitos, com que nos inſtrue; como com evidencia lho moſtra o Theologo Siciliano em huma diſſertaçaõ convincente. Por iſſo o incomparavel Quintiliano ſe ri, e faz bem pouco apreço dos preceitos, a que elle chama Catholicos, (iſto he) univerſaes; porque nem todos ſervem para todos, para tudo, para todo o lugar, e para todo o tempo. No conhecimento deſtas differenças ſe funda o bom, ou maõ, o melhor, ou peior de qualquer eſcrito. Pina poſſue, quanto a mim, em gràõ taõ eminente a verdadeira doutrina do bom goſto, que no preſente ſeculo naõ he facil excedê-lo. Neſte Poema, que he a dura pedra, em que roem, e gaſtaõ os dentes os ſeus dous Criticos Tranſlaganos, entendo que *levavit ſe ſupra ſe.*

Com tudo iſto, meu grande Amigo, que me vedes taõ empenhado em allegar as authoridades

da des mais nervoſas, e as razoẽs, ao que me parece, mais efficazes, para que a lingua patria ſe enriqueça, e a cõpoſiçaõ da epopeia ſe facilite; ſabey, q̃ me vejo naquelles termos, em q̃ dizia o Lirico:

Video meliora, proboque,
deteriora ſequor.

Naõ pratîco facilmente aquella meſma licença, que me he concedida, e que com toda a ſegurança podia praticar. Trago ſempre diante dos olhos a maxima do meſmo Lirico

In verbis tenuis, cautuſque ſerendis.

Em ſemear palavras he neceſſaria grande cautella, e naõ menos parſimonia. Em mil e oitocentas Oitavas, de que conſta o meu Poema Indico, (que principiei com muito goſto, e naõ concluo por juſtas cauſas) apenas ſe encontrarà huma, ou outra voz, que poſſa cauſar remorſo nas conſciencias eſcrupuloſas dos rigidos Ariſtarcos; e ainda aſſim naõ ſe eximio de vir a Juizo o termo *reconquiſta*, por mais que tiveſſe os requiſitos neceſſarios para poder entrar em concurſo. Nas cauſas literarias cada hum ſe conſtitue Juiz do crime do ſeu Bairro, (e tambem dos outros) e empunhando a virga cenſoria, ſem ſer conferida pelo Senado, mas ſómente pelo arbitrio proprio, vay fazendo a ſua correiçaõ; ainda que, como os Zoilos do Pina,

ſaia culpado na reſidencia. Sey muito bem aonde eſtaõ os marcos, que dividem os termos, e limitaõ as juriſdicçoens: mas, como veja que o meu ſeculo *in maligno poſitus eſt*, naõ me atrevo a uſar de todas as faculdades, que me indultaõ os Meſtres. Mais quero empregar-me em defender aos outros, que em defender-me amim. Conheço o que me he licito, e igualmente que me naõ convem: *Omnia mihi licent, ſed non omnia expediunt*, dizia S. Paulo; ainda que tenho huma liberdade taõ invicta para dizer o que entendo, q̃ bem poſſo appropriar-me a ſegunda parte do texto *Sed ego ſub nullius redigar poteſtate.* Mas antes quero eximir-me de hum privilegio, que neceſſitar-me de hum deſaggravo. Perdoo facilmente as injurias, que ſe me fazem a mim: ſou hum Moiſés quando vejo que ſe maltrata a innocencia dos outros. Para vingar as minhas offenſas ſou o mais fraco do mundo: para deſaggravar as alheas, ainda ſinto alguma valentia no pulſo. Nem o preſente trabalho tem outro motivo, nem aſpira a outro premio.

Tambem me embaraça as liberdades da penna, para abſter-me de aproveitar-me das poeticas licenças, o texto Horaciano:

Si volet uſus

quem

quẽ penes arbitriũ eſt, & jus, & norma loquẽdi.

Eſte *uſus* tem muito q̃ dizer. Os Cõmentadores de Horacio querem que ſeja o uſo da cõmunidade introduzido, acceito, e praticado em cada Naçaõ. Naõ eſtou pelo cõmento; porque cada Naçaõ tem ſabios, e idiòtas, e deſtes he ſem controverſia maior o numero: e ſe eſtes tiveſſem voto em Capitulo; os que abrimos os livros, e os ſabemos ler, nos veriamos obrigados a ſer como os Religioſos hoſpitalares de S. Joaõ de Deos, onde os leygos ſaõ os que preſidem. Na plebe, e ainda em gente bem graûda ſe eſtaõ continuamente inventando novos termos, de que ſó elles uſaõ, ſem que a multidaõ dos ſequazes ſirva de regra para a boa locuçaõ. Quintiliano o adverte, e com palavras bem expreſſivas: *Non, ſi quid multis* (in loquendo) *vitiosè inſederit, pro regulâ ſermonis accipiendum eſt.* Logo eſte *uſus* do Lirico naõ deve entender-ſe de toda a multidaõ, como *populus, gens, turba.*

Alguem pertende, que eſte *uſus* ſeja o da Corte; porque della, como de primeira origem, emanaõ os coſtumes, as mòdas, e as leys para toda a Monarchia. Por iſſo (não eſtou certo ſe foy Eumenio, ou ſe foy Pacato) havendo de orar na preſença do Imperador, pede venia para os deſcuidos, q̃ na latinidade commetter, deſculpando-

pando-se em ser de Bourdeux, e naõ de Roma; dando nisto a entender, que só na Corte Romana se fallava cultamente o idioma Latino, ou fosse pela elegancia do estylo, ou pela distinçaõ da pronûncia. Com effeito na Corte he que assistiaõ os Hortensios, os Catões, os Nepotes, os Veleios, os Tullios, e os Plinios; assim como tambẽ os Virgilios, os Ovidios, os Horacios, os Tibullos, e outros infinitos, a quẽ sem a menor repugnancia confessamos a authoridade do magisterio. Porèm esta causal tambem me naõ agrada; porque na Corte ha muytissimo ignorante, e outros tantos presumidos. Tenho ouvido a homens cheios de literatura taõ reverendos disparates em materia de locuçaõ, que se fazem incriveis a todo o bom juizo. Francisco de Pina nem nasceo, nem se criou na Corte: no campo tem passado a maior parte da vida; e falla, e escreve como observo em poucos. Logo esta razaõ, sendo de Corte, naõ he muy civil, e he pouco verdadeira. Cá, e lá más fadas hà. Dentro, e longe da Corte se falla bem, e se falla mal. Ser, ou naõ ser da Corte o uso, naõ me satisfaz. Na Provincia da Beira dizem *abonda*, a o que na Corte dizemos *basta*; e, com ser eu da Corte, naõ deixo de conhecer que a sua palavra he muito melhor que a nossa: melhor, porq̃ está nascendo

do nos braços do verbo *abundo*, de que eſtá cõmo indigitando o parenteſco da ſua origem; e a noſſa, para ſer groſſeira, lhe ſobra o q̃ tem de baſta, e muito mais ſe attendemos ao ſignificado, de que he equivoca, pois *baſta* em bom Portuguez val tanto como *albarda*. Deſtes exemplos poſſo allegar naõ poucos. Logo, torno a dizer, o ſer da Corte o uſo, naõ me ſatisfaz; nem he o verdadeiro ſentido do *Si volet uſus*.

Appellaremos, pois, para o uſo dos homẽs ſabios, e eruditos? Ainda niſſo tenho minhas duvidas; porque entre os ſabios tambem ha vulgo. Quem crerá, que hum dos primeiros Oradores da Corte, naſcido, e criado nella, devendo á fortuna a diſtinçaõ do ſangue, e á Univerſidade de Coimbra a borla do magiſterio, prégando no pulpito da Patriarchal, ſe reſolveſſe a dizer eſtas elegantiſſimas palavrinhas *poruquí porulí*? Pois ouvi-o eu, naõ ſey ſe com laſtima, ſe com ira. Bebeu, talvez, na primeira idade eſte vicioſo uſo, naõ fez reflexaõ na pronuncia, e eſcrita dos homẽs eloquentes; converteu-ſe o vicio em habito, e proferio o deſde o pulpito. Por iſto cõ prevenida advertencia enſina Quintiliano, que aos meninos de peito ſe dem amas eloquentes, e de pronunciaçaõ expedita, para que as crianças deſde as mantilhas do berço habituem os

or-

orgãos auriculares á verdadeira locuçaõ, e lhes naõ ſeja ao depois neceſſaria a applicaçaõ aos eſtudos, para evitar a fealdade dos erros. Ha homẽs muito ſabios, que vaõ *more pecudum* ſeguindo liuns as pizadas dos outros, ſem diſcernimento, ſem eſcolha, e athè ſem advertencia: e, muito que ſe adornem com eſtes attributos, ou predicados, taõ preciſos para eſcrever, e fallar com bom goſto; alguns conheço de taõ teimoſa tenacidade, que naõ cederàõ a Demoſthenes, nem a Homero, a Tullio, nem a Virgilio. Quer cada hum eſtabelecer a ſua ſeita, como Anaxagoras, Epicuro, e outros antigos Filoſofos; e quer á viva força, que todos pratiquem com a ſua doutrina, o que os diſcipulos com Pythagoras: *Magiſter dixit.*

Conſtituido no meyo de taõ nervoſas difficuldades, naõ ſey que partido abrace, e que dictame ſiga; pois obſervo, que todos deſobedecem as meſmas leys, que chegaõ a promulgar, faltando niſto áquella prudente maxima de hum dos ſette Sabios de Grecia: *Pareto legi quiſque legem ſanxeris.* Neſta, que nos aconſelha o Meſtre da locuçaõ, parece que ſe contradiz a ſi meſmo. Se o uſo commum he a regra de bem fallar, *Si volet uſus*, para que recõmenda a parſimonia em ſemear palavras: *In verbis tenuis cautus*

tusque ferendis? Se o uſo commum, e ninguem mais, he o que tem toda a authoridade nas vozes, com que fallamos, *quem penes arbitrium eſt, et jus, et norma loquendi*, já os poetas naõ tem a liberdade, ou o atrevimento de introduzir termos novos: *Poetis quidlibet audendi ſemper fuit æqua poteſtas.* Se o uſo commum he o unico, e verdadeiro conſervador das palavras; de que ſerve a fonte Grega, da qual vem como naſcidas as vozes *Si græco fonte cadent*? Aſſentemos, que athé o meſmo Horacio eſcreveu arbitrariamente, ou talvez eſquecendo-ſe depois do que tinha dito antes: pois quem inventa naõ ſupõem uſo; e, ou havemos de eſtar pelo uſo, ou pela licença da invençaõ.

O arbitrio mais ſeguro, que neſta materia tenho chegado a diſcorrer para evitar as deſordens, e compor as differenças, he ſeguir aquella prudente regra *Ne quid nimis*. Nem taõ eſcuro, q̃ eninguem me perceba; nem taõ claro, que me entendaõ athé os meninos da eſcóla. Nem taõ alto, que me fiquem inferiores as aguias; nem taõ raſteiro, que athé os ganços ſe me ſublimem. Nem tanto artificio, que fique deſpida a natureza; nem taõ nûa, que degenere em huma vil ſimplicidade. Nem tanto adoptar novos termos, que neceſſitemos de novos vocabularios; nem tanto abſter deſſa licença,

que poſſaõ condenar-nos de huma nimia auſteridade. *Medio tutiſſimus ibis*, he conſelho domeſmo Horacio. Ha cincoenta annos houve aqui hum poeta daquelles, de quem os Franceſes dizem ter *la téſte echauffée* a cabeça eſquentada, o qual compôs hum papelote, a que deu por titulo *Fallariſmo infanticiliario*, juſta materia aõ riſõ dos homẽs ſerios, e cordatos. Foy o caſo. Falleceu certa ſenhora illuſtre deixando dous filhos, que eſtavaõ já naquella idade, em que principîa a adoleſcencia: e, ſuppoſta a magoa de taõ ſenſivel perda, introduz o poeta aos dous filhos fallando, ſegundo o que lhes inſpirava a ſua dor. A eſta falla, ou falladura dos dous mancebos penetrados da ſua pena, chama o bom poeta *Fallariſmo infanticiliario*; vozes taõ extravagantes, e taõ longe de huma bem ordenada deducçaõ, que naõ ſõ merecem proſtituir-ſe pela ſua impropriedade, mas devia caſtigar-ſe o poeta por contrabandiſta de taõ alhêas palavras. Mas, quando ellas tem huma boa origem, de que naturalmente cahem, *Si græco fonte cadent*: quando ellas tem hum bom exemplo, que as authorize; em fugindo da extremidade do exceſſo *ne quid nimis*, devem ter legitimamente o ſeu uſo.

Neſta materia me fica ainda hum ligeiro eſcrupulo, que ſupponho ſuperfluo para huns

criticos

criticos taõ eſtudioſos, e póde talvez ſervir para os que forem menos applicados. Nunca he licito introduzir palavras, para fazer dellas o ripio de hum conſoante, ſenaõ para exprimir com propriedade o meditado penſamento. As que aſſim ſe introduzem, ſaõ adornos da arte: de outra forma, ſaõ precipicios do engenho mal aconſelhado. Ainda nos termos, que jà eſtaõ em uſo, he preciſa toda a prudente cautéla para naõ fazer o que vulgarmente chamamos pé de banco. Dou exemplo. O noſſo Hiſtoriador Faria na ſua *Aganipe* vay tecendo hum dilatado catalogo dos poetas mais célebres, e, fallando no inſigne Petrarca, diz aſſim:

El famozo Petrarca
de liricas canciones Patriarca.

Eſte *Patriarca* he juſtamente hum pé de banco; pois, ſendo huma voz jà uzada, e de todos conhecida, naõ faz alli mais figura, que ſervir de hum violento conſoante ao nome *Petrarca*. Por iſſo aquelle famoſo Engenho Peruano, que defendeu a Gongora, e criticou a Faria, para rebater o mào uſo daquella voz, lhe diz com chiſte Caſtelhano: *como ſi dixeramos:*

Saluſtio Criſpo
de Romanas hiſtorias Arçobiſpo:

Pois o meſmo papel, que reprezenta o *Arço-*

biſpo para conſoante de *Criſpo*, repreſenta igualmente o *Patriarca* para a conſonancia com *Petrarca*. E, ſe eſte pé de banco he taõ feio em vozes jà conhecidas, e vulgares, muito mais o ſerà, ſe, para eſſe fim ſomente, forem introduzidas. Perdoe-ſe-me a advertencia, que ainda que ſe julgue naõ ſer muy do caſo, naõ deixa de ſer util. E, para que o Fallariſmo infanticilario naõ fique iſento de cenſura do Meſtre, vem-lhe de molde o que na Arte Poetica nos enſina Horacio, mandando-nos evitar aquelles termos, aque elle chama *Seſquipedalia verba*.

Em nenhuma deſtas cenſuras do Meſtre conſidero incurſa eſta epopeia do Pina, por mais que o delicado goſto dos ſeus Criticos Tranſtaganos lhe buſque malicioſamente os erros, que ſó ſe veſte do traje da calumnia. Elle ſe defende com toda a valentia das criticas, que lhe fazem: elle deſmente os falſos teſtemunhos, que lhe levantaõ. Nada lhe fica no tinteiro; a tudo ſatisfaz, naõ com a liberdade juvenil, com que o inſultaõ ſeus emulos, mas com a ſezudeza, e modeſtia, que correſponde ao ſeu maduro juizo. Fere, e naõ injuria; deſpica-ſe, e naõ aggrava. Só eſta prenda baſtava para tapar a boca a ſeus emulos. Enche as obrigaçoẽs de hum homẽ illuſtre, e prudente. Mais me inſtrue a ſua moderaçaõ, que

que a ſua grande literatura. Eſta me perſuade a applicaçaõ aos eſtudos; aquella me edifica no ſeu Chriſtaõ exẽplo. Huma me enſina; outra me reforma. Conſiderando, pois, com ſéria reflexaõ a differença de eſtylo, com que os Criticos o maltrataõ, e o Pina lhes reſponde, me lembrey de dous afforiſmos de hum dos ſete Sabios, de que ſe illuſtra a Grecia, e ſaõ eſtes.

Quid ſtulti proprium? Non poſſe, et vele nocere.
Quid prudentis opus? Cum poſſit, nolle nocere.

Tome cada hum, deſtes dous exametros, a parte, que lhe tocar; em quanto eu, cançado jà de eſcrever, vou fazer as diligencias para dormir. Talvez que ſonhe com ſegunda Carta; e, do que fizer, vos irey dando viſta para recreaçaõ voſſa, e deſafogo meu. Deos vos guarde muitos annos.

CAR-

CARTA II.

MEU Amigo. Ainda eſtou de cama: e, como nella naõ tenho em que me occupar, vou buſcando algum modo honeſto de me divertir. O quarto, em que aſſiſto, me tem diſtante dos meus pobres cartapacios; e aſſim me he preciſo revolver as carunchoſas gavetas da já caduca memoria, para achar nellas alguma eſpecie, com que o juizo ſe recree, e a penna ſe exercite. Da primeira Carta, que vos eſcrevi, he eſta a ſegunda parte. Entaõ, ou obrigado da préſſa, ou impedido com a enfermidade, naõ diſſe tudo o que podia, e devia dizer. A brevidade coſtuma acompanhar-ſe da eſcuridaõ, e lembrando-me, do que diz Horacio: *Dum brevis eſſe laboro, obſcurus fio*, quero dilatar os voos da minha inutil penna pela vaſta eſfera deſta Reſpoſta do Pina; o qual, pela exuberancia da erudiçaõ dá materia em cada perîodo para ſe formar ſobre ella hũ dilatado diſcurſo. Eu bem ſey que Apologias extenſas, ainda quando conſervem o caracter de erudîtas, que naõ tem eſta minha, ſempre trazem comſigo o aſpecto de faſtidiozas. Por

iſſo

iſſo me deliberey a dividir em algumas Cartas o juizo, que formo do que nellas trato. Como dezejo ſer lido, quero facilitar com a induſtria da diviſaõ o que nunca merecerey com a rudeza do meu eſtylo.

Naõ ignoro, q̃ os doutos, e concertados eſcritos de Franciſco de Pina naõ neceſſitaõ de alheios auxilios para a ſua eſtabilidade. Aquelle engenho penetrante, aquelle juizo maduro, e circunſpecto, aquella continuada applicaçaõ aos livros, aquella feliz eleiçaõ das melhores maximas lhe fabricaõ em cada producçaõ literaria hum impenetravel eſcudo para a defenſa: mas aõ pé da mageſtoſa purpura, de que trajava Plataõ, eraõ tambem galla os trapos, e remendos, de que Socrates ſe veſtia. Tambem eſtimou Alexandre a cuba toſca, em que habitava Diogenes. Tambem mereceu eſtimaçaõ a pobre candêa, com que ſe allumiava Epitécto. Defender eu ao Pina de Montemor, naõ he dar mais alma á ſua penna elegante, he ſomente diminuir as forças a ſeus poderoſos contrarios. A ſua taõ bem formada epopeia naõ mendiga o favor da minha protecçaõ. Eſtá muy arraigado no conceito dos ſabios o ſeu merecimento: naõ depende a ſua firmeza de que os meus elogîos lhe aſſegurem a eſtimaçaõ. Naõ he meu animo avultar mais o

pre-

preço das ſuas obras; ſó deſejo quebrar os brios da maligna inveja. E, ſe neſta ſua Reſpoſta diz o Pina que tem atulhadas as ſuas gavetas de cartas laudatorias dos maiores homẽs do Reino, quizera eu (ſe he licito atrever-me a tanto) que entre as ſonoras ſuavidades delles Ciſnes do Caîſtro ſe ouviſſe tambem a rouca voz deſte raſteiro pato: advertindo porém, que os patos, que graznaõ, e naõ os cães, que mordem, foraõ os que defenderaõ dos inſultos do latrocinio o ſacro erario do Romano Capitolio.

Na preſente Carta me reſolvi a tomar por aſſumpto o ponto da heroicidade, em que o meu bom Homero do Critico Eborenſe, naõ ſó dormitou, porêm tambem dormio a ſomno ſolto. Parece, que a noite eſcura da ſua pouca advertencia, ou as luminoſas eſtrellas do Céo daquella epopeia lhe infundiraõ nos olhos, naõ ſó deſacordo, mas hum profundo lethargo.

Et jam nox humida cœlo
præcipitat, ſuadentque cadentia ſidera ſomnos;

pois taõ precipitadamente quiz impugnar, ou decidir; que nem ſequer conſultou o Calepino de Faſciolati para conhecer que caſta de bicho he eſte, a que deve dar-ſe o honroſo titulo de Heróe. Ora permittî que vos refira hum bem galante ſucceſſo, que ſe encontra nos monumen-

mentos da veneravel antiguidade. Platam definia ao homem: Animal de dous pés ſem pennas. Diogenes, que lhe era diametralmente oppoſto, depenou a hum gallo vivo, e, levando-o debaixo da rota capa á aula, em que enſinava Plataõ, o moſtrou aos diſcipulos daquelle Filoſofo, dizendo: ahi tendes o homem do voſſo Meſtre. Exaqui pintiparado o que executa o Pina com os ſeus Criticos Tranſtaganos. Moſtra-lhes, que naõ ſouberaõ definir o Heróe; porque, ſendo genero, que ſe accõmoda a todas as differenças do que for huma excellente virtude, elles o ſuppoem caracter individual, comque ſe diſtingue hum Guerreiro. Mas o Pina lhes faz ver, que ouviram cantar o gallo ſem ſaberem onde cantava. Diogenes lançou o gallo em roſto a Plataõ: o Pina faz hum gallo na tèſta de ſeus contraditores. Eſtes gallos coſtumaõ curar-ſe com hum papel molhado: molhou o Pina com a ſua tinta o papel, para curar eſtas empollas de cabeças inchadas.

Na Apologia, em que o Pina ſe defende das calumnias de ſeus emulos, diſſe muito, e diz com elegancia: mas, a pezar da ſua inexhauſta fecundidade, ainda me deixou alguma couſa, que dizer. E, em verdade, eu naõ alcanço

o fundamento, que tem o Critico Eborenſe para querer que ſó haja de ſer Heróe o que ſe emprega, e ſe diſtingue nas emprezas militares. He muito, que, ſendo hum deſtes meus ſenhores addicto á Igreja, como ſuppoem o Pina; e ambos taõ applicados aos curioſos eſtudos de bellas letras, como nos daõ a entender nas ſuas doutas Criticas, lhes deveſſem mais inclinaçaõ as iras ſanguinolentas de Marte, do que as ſuaves inſpiraçoens de Minerva; que prefiram a ſaia de malha à tòga, e à borla o capacete. Muito bem parece a lança na maõ de hum ſoldado: naõ he menos airoſa a penna entre os dedos de hum Eſcritor. Porque razaõ ha de ſer Heróe Caio Mario, e naõ o ſerà tambem Marco Tullio? Heróes foram os Marcellos, e os Camillos; mas, porque ha de negarſe eſta honra aos Plinios, e aos Hortenſios? Sejam muito embora dous Heróes os dous Scipiões de Africa, e Roma; mas tenhaõ a meſma honra os dous Catões Cenſorino, e Utienſe. Naõ deſcubro o motivo de ſer mais benemerita huma eſpada de ferro, do que huma penna de ouro.

Heròe foy D. Joam de Caſtro obrando prodigios de valor, e prudencia no ſeu governo da India: não foy menos Heròe Jacinto

Freire

Freire, deixando eternizadas em elegantes eſcritos taõ generoſas façanhas. O inimitavel Julio Ceſar naõ foy mais glorioſo por debellar inimigos, que por eſcrever commentarios. He queſtaõ debatida entre os ſabios, ſe a grandeza, e ſubſiſtencia dos Imperios he mais devedora ao baſtaõ dos Generaes, ou à penna dos Eſcritores. Nam me atrevo a decidir a cauſa: baſta-me, que ſe excitaſſe a controverſia: o que ſey he, que huns, e outros merecem brados ao clarim da Fama; que huns, e outros logram eſtatuas no templo da Memoria. Eu vi em Roterdam a eſtatua do famoſo Eraſmo, em cujo pedeſtal ſe lê a mais paſmoza inſcripçaõ, com que pode honrar-ſe hum diſtincto merecimento Eraſmo naõ foi ſoldado, ſenaõ Conſelheiro: naõ empunhou a eſpada, mas deu grande exercicio à penna. Os ſoldados conquiſtaõ os Dominios: os Eſcritores perpetuaõ os monumentos: *Non minor eſt virtus, quam quærere, parta tueri:* Nam he menos heroica huma penna, que ſe molha diſcretamente em tinta, do que huma eſpada, que ſe banha cruelmente em ſangue. He muito feya a tyrannia: he muito eſtimavel a ſciencia.

Mui bellicoſo deve de ter o animo eſte doutiſſimo Critico Eborenſe, pois a ſenhora Pal-

las armada lhe he devedora do primeiro voto. Talvez que os muros da Cidade lhe infundiſſem os eſpiritos de Sertorio. Mas podia tambem occorrer-lhe, que, ſe Evora he reſpeitavel pela antiga fundaçaõ dos ſeus muros, he com igual razaõ attendivel pela erecçaõ da ſua Academia. Tambem pudera lembrar-ſe, que Sertorio tinha habituado huma corça a lhe chegar ao ouvido, para dar a entender aos ſuperſticiozos ſoldados, que conſervava hum cõmercio muy familiar com Minerva, a cuja Deuſa he a corça conſagrada, e de quem o exercito a tinha por Miniſtra: para aſſim ſe convencer de que athe entre os delirios da ſuperſtiçaõ pagãa, eraõ preciſos os influxos de Minerva para authorizarlhe a valentia. Tanto depende do ſabio o valoroſo. Tanto importa hum ramo de oliveira para aſſegurar triunfos aos gumes de huma eſpada. Dizia Natal Alexandre ao Grande Luiz de França: *Defenda voſſa Mageſtade com a eſpada os privilegios da Monarchia, que eu lhe aſſegurarei com a minha penna as victorias.* Donde ſe infere, que no conceito de hum homem taõ erudîto eraõ igualmente Heròes Luiz triunfando, e Natal eſcrevendo.

Se as armas cedem a primazia à toga, *cedunt arma togæ*, porque motivo hade ſer menos heroica

roica a Senhora Pallas com huma toga veſtida, que com hum arnez armada? Porque cauſa os varoens doutos nam hombreáram com os valentes? De Minerva ſábia nos diz a Mythologia, que naſceu do cerebro de Jupiter: de Pallas bellicoſa ha muitas duvidas ſobre a ſua origem. Os Theologos põem o conſtitutivo da Divina Eſſencia no intellectivo, e naõ no poderozo. O valor ſem ſciencia, he furia ſem acordo. A nau ſem leme caminha ao naufragio. Para que o ſenhor Critico ſaiba diſtinguir quem merece a preferencia, lea eſte Soneto de engenhoſa eſtructura, em que o Poeta, cingindo-ſe aos eſtreitos limites de dous unicos conſoantes, deſentranha primoroſos penſamentos. Eſtà no livro intitulado: *Applauſos Academicos*, compoſto em obſequio do Author do livro. Diz aſſim:

Mais deve Portugal à voſſa penna
quando conta as acçoens da invicta eſpada,
do que deve, alto Cunha, à Luza eſpada
quando dà que contar a douta penna.
De Marte a eſpada foi, de Apollo a penna,
hũa, e outra divina, penna, e eſpada;
mas, ſe, à vida venceu mortal, a eſpada,
a morte vence já vivas à penna.

Defendeu

Defendeu por entaõ a noſſa eſpada,
defendeu para ſempre a voſſa penna;
do tempo a penna, do contrario a eſpada.
Logo melhor que a eſpada vence a penna:
que, ſe venceu ao Caſtelhano a eſpada,
a maior inimigo vence a penna.

Se o Critico implacavel do Triunfo da Religiaõ quizer ſujeitar-ſe hum pouco ás leys da humanidade, verà nos primeiros dous verſos deſte bem organizado Soneto a deciſiva ſentença de taõ diſputada queſtaõ. E, ſe obſervar, naõ preoccupado da cegueira, os dous verſos ultimos, acharà a razaõ, em que a ſentença ſe funda. A eſpada corta huma vida; a penna perpetûa huma memoria. A eſpada faz ao Heròe; a penna o dà a conhecer, e o eterniza: e o acreditar Heròes, tambem he heroicidade. antes o he em mais eminente grào, porque vence ao tempo, a que nenhum Heròe ſoube jà mais vencer, Que invejas naõ teve Alexandre Magno ao valoroſo Aquilles por naõ ter hum Homero, como Aquilles teve! Pareceu àquelle coraçaõ magnanimo, que lhe faltava o complemento às ſuas acçoens heroicas, por faltar-lhe huma penna, como a de Homero, que lhe fizeſſe o elogìo das proezas. He poſſivel (dizia

a

a ſi meſmo Alexandre) que Aquilles irado ſeja aſſumpto da Iliada, e Aquilles ſoffrido ſeja o objecto da Odiſſea; e que eu Alexandre naõ tenha quem celébre, nem o meu furor bèllico quando venço as numeroſas eſquadras do exercito de Darîo, nem a minha conſtante moderaçaõ com as filhas daquelle Monarcha! Inſira agora o erudîto Critico: e ha de ſer Heròe quem mata, naõ ha de ſer Heròe quem eſcreve? Se he iſto verdade, eſtà conſtituîdo verdadeiro Heròe o noſſo Critico Eborenſe; e naõ conſegue a heroicidade por eſcrever contra o Pina, mas porque he matador com eſta ſua Critica.

Deſengane-ſe, pois, eſte ſevero antagoniſta do Heròe da epopeia do Pina, que deu golpe no ſeu eſcudo, em querer que ſó as iras de Bellona ſaõ os degráos, por onde ſobem os grandes homens a merecer a gloria da heroicidade; pois ſendo profeſſor de letras, como ſe colhe deſtes ſeus diſcretos reparos, faz maior apreço das ruinas de Carthago, que das Academias de Athenas. Coimbra naõ ſe fez taõ célebre quando foy teatro da milicia, quanto o he agora por ſer hum emporio de ſcientificas faculdades. Deſengane-ſe que eſte foy o ſentir dos Gregos, dos Romanos, dos Athenienſes,

nienſes, dos Lacedemonios. Foy Herôe Homero na Poeſia; Demoſthenes na Oratoria. Foraõ Heróes hũ Pindaro, hum Theocrito, hum Menandro. Foraõ Heròes hum Hortenſio, hum Tullio, hum Quintiliano. Foraõ heróes hum Ariſtoteles, hum Pythagoras, hum Plataõ. Foraõ Heròes hum Terencio, hum Plauto, e hum Juvenal. Foraõ Heróes hum Taſſo, hum Marino, e hum Santinelli. Foraõ Heròes hum Camões, hum Pereira, hum Silveira, hum Botelho. Foraõ Heròes hum Racine, hum Corneilles, hum Boilau, e hum Voltairre. Foraõ Heròes hum Ségneri, hum Pallavicino, hũ Bordalûe, hũ Flechier, hũ Boſſuet, e hũ Vieira. Foraõ Heròes hum Doutor Angelico, hum Subtil Eſcoto, e hum Eximio Suares. Todos eſtes, e outros infinitos ſaõ Heròes no conceito de quem ſabe o em que a heroicidade conſiſte. Só o noſſo Definidor Tranſtagano quiz fazer-ſe ſequaz da opiniaõ do vulgo, q̃ ſó reſpeita o que teme, e cre cegamente, que ſó a eſpada fulminante deve collocar-ſe nos templos como diſtinctivo dos Heròes. Se eſta maxima, que nos enſina, he taõ verdadeira como diſcorre, errou o Critico em naõ ſeguir os eſtrondoſos rumores dos Marciaes clarins, e accõmodar-ſe aos mimoſos trabalhos da ſuaviſſima

Mi-

Minerva. Perdeu as eſperanças de ſer Heróe, porque abrîo maõ da vida de ſoldado.

Exaqui, meu bom Amigo, os riſcos, a que ſe expoem quẽ eſcreve, ou inſpirado pela inveja, ou movido pela jactancia; pois ſe rezolve a decidir *ex tripode*, que a herocidade ſó eſtà vinculada aos trabalhos da milicia. A iſto chamo eu eſcrever, deſpido o Eſcritor daquelles ſolidos fundamentos, q̃ neceſſita quẽ impugna, para deitar por terra as propoſiçoens do impugnado. Se foſſe certo que ſó hum elmo, e hum peito de aço tinhaõ juriſdiçaõ para fazer Heròes; a ambiçaõ humana, que aſpira ſempre a buſcar gloria, entregaria ao fogo as livrarias todas, como fazenda inutil, e viviria ſempre armada nas campanhas, ſollicitando a occaziaõ das batalhas: e naõ he aſſim, antes me parece que devera ſer pelo contrario; porque a guerra he caſtigo, he ruina, he eſtrago das Monarchias: por iſſo o grande Guerreiro de Iſrael, a quem as experiencias tinhaõ adquirido o titulo de Meſtre, dizia ſem rebuço: *Diſſipa gentes, quæ bella volunt.* David naõ foy mais Heróe por naõ ter a eſpada em ocio: *Non recedet gladius de domo tua*, do que foy ſeu filho Salomaõ conſervando em paz a Monarchia, que do guerreiro Pay herdara. E em verdade, naõ ſe conforma com o dictame da razaõ,

que de huma cauza taõ abominavel hajaõ de produzir-ſe os mais honrados effeitos. Bem vejo, que, como a guerra he a eſcóla do valor, o flagello dos inimigos, o meyo de conquiſtar Eſtados, e em fim o leito da honra; ſeja muito embora Heróe o que ſe diſtingue no campo das batalhas, e o que tem a fortuna de conſeguir victorias: mas conceda-ſe tambem eſte gloriozo attributo a quem ſe diſtingue nos eſtudos, e a quem faz vulto na república literaria com eruditas producçoens. Aqui entra no ſeu propio lugar o Pina. Negar-lhe a heroicidade, he muita rédea ao rencor, he declarar-ſe inimigo da razaõ.

E porque naõ ſe entenda que advogo pelas letras, por ſer eſta, e naõ a de ſoldado, a minha profiſſaõ, bem que nella com limitados progreſſos, eu moſtro o quadro a outra luz, e chamo os meſmos Senhores Criticos para Juizes. Julio Cezar na opiniaõ do erudito Mendoça foy mayor Heróe q̃ Alexandre Magno. Eſte valorozo, mas infeliz Dictador, refere Suetonio que roubara os Templos, deſpojando-os de tudo o que era ouro, que ſupprio com outras peças de lataõ, ou bronze dourado, para diſſimular os furtos, que na ſuperſtiçaõ gentilica naõ ſe livravaõ de ſacrilegios. Ponhaõ a Julio Cezar em huma parte da balança, e ponhaõ da outra parte a hum D. Joaõ V. Fideliſſimo

Fidelissimo Rey, e Senhor nosso, dispendendo immensos thezouros para enriquecer Igrejas, ornando-as com as mais preciozas alfayas no Reyno, nas Conquistas, e ainda nos Dominios estranhos; e vejaõ quem he mais Heróe, se Julio Cezar com latrocinios, se este Augusto Principe com liberalidades; se Julio perdendo o respeito ao sagrado dos Templos, se este magnanimo Rey taõ zeloso em dar-lhes culto.

Tòrno a convidá-los para Juizes. Quem mereceu com mais justa cauza o titulo de Heròe: Alexandre com huma insaciavel cobiça de conquistar o mundo, ou Diogenes com hum socego de animo taõ firme em o desprezar? Qual pèza mais; aquella ambiçaõ, ou este desprezo? *Sensit Alexander, festa cùm vidit in illa magnum habitatorem; quantum felicior hic, qui nil cuperet, quàm qui magnum sibi posceret orbem.* (Juven. Sat. 14.)

O certo he que Alexandre fez grande estimaçaõ de Diogenes; e Diogenes fez bem pouco apreço de Alexandre. Achava se o Cinico sentado no palacio estreito da sua cuba: chegou a fallar-lhe em pé o famozo Conquistador do mundo; e porque como corpo impedia a luz do Sol, lhe disse com summo dezembaraço o Filozofo: *Apartay vos, Senhor; naõ me tireis o que naõ me podeis dar.*

Podia alterar-ſe a ſoberba daquelle ſonhado filho de Jupiter; mas vendo, ou admirando, a ſerenidade daquelle eſpirito grande, retirou-ſe hum pouco para o naõ privar da luz. aſſim ſe aproveitaſſe da que ſubminiſtrava taõ claro deſengano. Dem ſua ſentença os que obſervarem com madureza a pobreza do Cinico, e o pompozo faſto do Conquiſtador de Imperios; porque eſtou certo, que o juizo prudente dará o voto a favor de Diogenes.

Demos outra viſta a eſta Imagem da heroicidade. Pergunto. Quem he mais juſtamente Heróe? O Tyranno, que com robuſto braço deſembainha o cutello para ferir innocentes gargantas; ou o Martyr, que offerece o peſcoço ao golpe em obſequio da Religiaõ, que profeſſa? Do Tyranno, ſó fica a memoria para abominar-ſe. ao Martyr ſe erigem eſtatuas, que nos nichos ſe reſpeitaõ, e ſobre os altares ſe adoraõ. Aquelle ſe deteſta como hum monſtro da tyrannîa. eſte ſe invoca por Valido da Divindade. Hum cortou as veas por odio, ſequiozo de lhe beber o ſangue; outro derramou o ſangue por amor, para teſtemunhar a fé. Pois qual deſtes he o verdadeiro Heróe? O Martyr, ou o Tyranno? A razoens taõ evidentes ſó naõ cede huma proterva rebeldia, ou huma cegueira obſtinada. Se os Senhores Criticos

ticos Tranſtaganos quizerem mais qualificadas provas deſte prudente dictame, lêaõ hum elegante diſcurſo, que ſobre eſta materia deu à luz meu reſpeitado Meſtre o Senhor Marquez de Valença, em que a ſua erudiçaõ, unindo-ſe à ſua eloquencia, e muito mais à ſua verdade, lhes deixarà os entendimentos taõ nobremente convencidos, que mudem de opiniaõ. e eu terey inexplicavel deleite de ver a dous Criticos taõ ſabios confeſſando a heroicidade daquella culta penna. Com taõ authorizado Padrinho, vede vós, meu Amigo, com quanto animo entraria eu na contenda, e com quanta ſegurança me prometteria a Victoria. Immudeçaõ os loquazes Criticos; e em penitencia de taõ manifeſto deſcuido, façaõ voto ſolemne, levantando o dedo, para naõ tornarem a fazer outra, ſobpena de ſe lhes fulminar mais ſevero caſtigo. Baſte por agora. Deos vos guarde. &c.

CAR-

CARTA III.

AMigo, e Senhor. Direis talvez, que ſou importuno com eſta repitiçaõ de Cartas: e eu vos digo que ſoffrais com paciencia [porque aſſim o manda a noſſa Ley] as fraquezas do voſſo Proximo. Ainda eſtou de cama, que val tanto, como dizer, que ainda eſtou de perninha; compenſando o que as moleſtias mortificaõ, com o que a liçaõ recrêa. Humas vezes peço licença ao ſenſitivo para dar uzo ao racional: outras vezes dou tregoas ao racional para acudir ao ſenſitivo; mas trabalhando ſempre: ſem que iſto ſeja affectar applicaçaõ aos eſtudos, ſenaõ ſómente buſcar algum meyo de evitar o ocio. Nem ſempre ha de eſtar hum homem rezando pelas contas, porque nem ſempre o melhor he o melhor. O rifaõ Caſtelhano diz: *A Dios rogando, y con el maço dando.* Aſſim o executo. Depois de encommendar a Deos as almas dos meus defuntos, pégo do maço, (ſe pode dar-ſe á penna eſte nome) e vou do melhor modo, que me he poſſivel, deſcarregando hum par de golpes bem merecidos, e por iſſo muito bem empregados, neſtes cultos Cenſores da criticada Epopeia: e eis-me feito Dom Quixote do Pina de Mon-

Montemór, como ſe foſſe a minha Dulcinéa, buſcando aventuras, desfazendo tortos, e mettendo-me em perigos, ſem ter hum Sancho Pança, que me acompanhe nas em emprezas·. porque ſe eſtes Senhores Criticos de Villaviçoza, e Evora me argumentarem na poſtilla, tenho para peras. Mas iſto que remedio tem? Já eſtou empenhado em defender a innocencia, e rebater a calumnia: havemos de levar eſte coelhinho à cova. Sou teimoſo, ou conſtante, em parecendo-me que me protege a razaõ. Armados com taõ forte eſcudo, até os fracos fazem por ſer valentes. Acho-me naquelles meſmos termos, em que ſe achavaõ os fabricadores da torre de Babel: *Non ceſſabunt, donec opere compleant*·. e eſtou certo (pelo que obſervo nas duas Criticas) que naõ ſaõ eſtes dous ſapientiſſimos Tranſtaganos os que ao Pina ſábio, e a mim idiota poderâõ dizer-nos·: *Venite, confundamus linguas eorum:* antes creyo, que quando lhes chegaſſe às mãos eſta convincente reſpoſta do erudito Pina, deveriaõ encher-ſe de vergonhoza confuzaõ; e que cobrindo o roſto com aquelle véo, que coſtuma tecer o pêjo, diriaõ com David·: *Operuit confuſio faciem meam.*

Quando principiey a eſcrever-vos a primeira Carta, confeſſo-vos que naõ me vinha ao penſamento

ſamento o eſcrever ſegunda·. e bem ſe colhe eſta verdade da materia ſobre que foy eſcrita; pois trato nella da introducçaõ de novas palavras; aſſumpto, que por ſerie chronologica devia tocar à prezente Carta·. porèm foraõ occorrendo à memoria eſpecies differentes; e he muy difficil, e ainda perigozo, deixar de parir o que huma vez ſe concebe·. *Conceptum ſermonem tenere quis poterit?* Eſta obrinha principiou em dezenfado; e de divertimento, paſſou a obrigaçaõ. As palavras diz que ſaõ como as cerejas, que vem humas encadeadas nas outras. Bem ſey que as minhas naõ ſaõ como as cadêas de ouro, que pendiaõ da boca de Hercules, mudo ſymbolo da ſua aurea convincente eloquencia, com que prendia a quantos o eſcutavaõ·. mas taes quaes ſaõ, eſpero animá-las de taõ robuſta efficacia, que a ſem-razaõ deſmaye, e a verdade triunfe.

No principio deſta Carta vos diſſe, que eſtava de perninha·. *Lupus in fabulâ;* porque com effeito temos que tratar ſobre hum aſſumpto de *pernas*. Eſta voz deu materia aos Criticos Tranſtaganos para fazerem huma grande caramunha, avaliando-a por termo baixo, e por iſſo improprio para a culta gravidade de huma Epopeia, em que ſe empenha nada menos que a Religiaõ. Quanto ao ſer baixa, naõ ha duvida, que por

tal

tal a conſidero, attendendo ao lugar, em que o ſupremo Artifice da natureza humana collocou eſta parte integrante do racional Compoſto; porêm os pés ainda ficaõ mais abaixo, e naõ nos conſta que Apollo os deſterraſſe do paiz da Epopeia. Quizera, digo a verdade, averiguar o motivo de ſe fazer taõ aſcoroſo eſte termo, que cauſa nojo, e faſtio a eſtes Criticos eſcrupuloſos. Supponhamos, por hum momento, que a qualquer deſtes meus ſenhores ſe offerecia a occaziaõ de deſcrever em huma oitava as partes, de que ſe organizava a eſtatua de Nabuco: eu preſumo que, por naõ fallar em pernas, naõ paſſariaõ do joelho; e ficaria coxo, e imperfeito aquelle ſonhado colloſſo da vaidade daquelle Principe ſoberbo.

As regras, que ſobre o uſo de palavras nos dicta a razaõ, e nos enſinaõ os Meſtres, como Quintiliano, e Cicero, naõ me parece que excluem dos limites da culta locuçaõ o termo *pernas*: excluem ſim todas as palavras, cujos ſignificados exprimem objectos immundos, e inhoneſtos: *Omnibus enim ferè verbis, præter pauca, quæ ſunt parum verecunda, in oratione locus eſt.* (Quintil pag. 507.) *Nam et humilibus, & vulgaribus eſt opus, & quæ vidẽtur ſordida, ubi res poſcit propriè dicuntur.* (Ibid.) E pernas naõ ſey q

ſejaõ huma entidade deshoneſta, nem immunda ſò ſe eſtiverem çujas por naõ andarem bem lavadas. Quando o poeta ſe acha neceſſitado, pelo aſſumpto ſobre que eſcreve, a fallar em partes, de que a penna deve fugir para encher as obrigaçoens da modeſtia; para eſſe caſo ſe fizeraõ as fraſes, as metaforas, os circunloquios. Dou entre outros, que me occorrem, hum bom exemplo em D. Luiz de Gongora, que, depois de ter pintado com pincel burleſco o que das ſeguintes coplas ſe collige, remata aſſim o ſeu romance:

En fin ſe raſcò Luzia
quando aqui, quando acullà
deſde el principio del mundo
haſta la poſteridad.
Diò buelta a fuente rabîa,
y recurrio ſu arrabal,
y acabò donde comiença
el peccado original.

Neſte caſo ſim, que devemos evitar, ainda entre as liberdades do eſtylo jocoſo, tudo aquilo, que fizer diſſonancia ao ouvido por conta da honeſtidade: porèm *pernas* naõ ſey que ſeja termo expreſſivo de immundicia, nem menos de indecencia.

Do gigante Filiſteo, a quem David fendeu

deu a teſta com huma pedra, e logo lhe cortou a cabeça com a ſua meſma eſpada, diz o ſagrado texto que trazia *ocreas ferreas* botas de ferro. Se o Prégador evangelico deſde a cadeira do pulpito, que he theatro de muito maior reſpeito, quizer fazer huma viva imagem deſte jà inanimado colloſſo, dirà que cobria a a çabeça com hum capacete de bronze; o peito, e ventre com huma robuſta ſaia de malha: mas Deos nos livre ſe diſſeſſe que calçava as membrudas pernas com botas de groſſeiro ferro; porque, ſe fallaſſe em pernas, o correriam às ſeixadas os rapazes, (a ſer como os Criticos, que as abominaõ) e lhe quebrariam a çabeça, aſſim como eſtes dous Eſcritores, julgando a palavra pela ſuſperficie, nos quebram tambem as cabeças com reparos de nenhuma entidade, ainda que là de ſi para ſi entendeſſem que tinham atraveſſado ao Pina com hũa lança mais forte, que a com que o Gigante ſe liſongeava de traſpaſſar a David. Valha me Deos com eſtes deſtriſſimos caçadores de palavras, como Domiciano de moſcas; pois nenhuma eſcapa ao ſeu agudiſſimo eſtylo, como ſuccedia àquelle Imperador *præacuto ſtylo*, conforme diz Suetonio. Filoſòfos naõ ſe detèm em obſervaçoens taõ humildes, maiormente

quando as palavras, que ſaõ materia da cenſura, eſtaõ admittidas por pennas authorizadas. Bacellar deſcrevendo a preſſa, com que de Arſilla ſe fez hum aviſo a Tangare, diz aſſim:

Metteu pernas ao cavallo,
que eſtimulado da eſpora,
medio em breve a diſtancia,
que vay de huma Praça à outra.

Se naõ lhes quadra Bacellar, vejaõ o Polifemo de Jacinto Freire; o qual, ainda que foy ſatyra ao que eſcreveu D.Luiz de Gongora, ſe explica deſte modo:

Porque de Polifemo huma ſó perna
calça quatorze pontos de caverna.

Nos livros de cavallaria de Galvaõ, e Rego ſe lê a palavra pernas mil vezes repetida. Nos da lingua Franceza he vulgar o termo *jambes;* e para dizerem que hum cavalleiro correu à desfilada, ſe valem do meſmo termo *a toutes jambes.* E, ſe eſta palavra he taõ indecente, como parece que imaginaõ, facaõ-me favor de conſtruir ao pé da letra aquelle texto do Evangelho: *Non fregerunt ejus crura*, e vejaõ ſe á palavra *crura* daõ outro ſignificado, ſenaõ *pernas.* Pois, ſe eſte he o termo, com que a ſabedoria de hum Evangeliſta dà a entender aquella parte integrante do Corpo de Chriſto, cuja de-

pen-

pendencia da natureza terminou o Divino Supposto, quem póde eſtranhar ao Pina, q̃ uſe della quando trata do humano compoſto? Nem ſe me diga, que o Evangelho he hiſtoria, e que a hiſtoria naõ eſtá ſujeita às rigoroſas leys da Epopeia; porque a Epopeia naõ he mais ſagrada, que a hiſtoria do Evangelho; e, ſe foſſe indecente aquella palavra, tanto o ſeria na hiſtoria, quanto no Poema. Todas as vezes, que a palavra he propria, e naõ propoem indecencia, nem immundicia, temos liberdade franca para o ſeu uſo: excepto, ſe em Villaviçoſa, ou Evora houver alguma aduana de palavras, que naõ tenhaõ licença de fazer-nos mercê em Lisboa, ſem trazerem paſſaporte dos ſenhores Criticos.

Deſorte, que he neceſſario reparar, que na parte, em que o Pina uſa deſta criticada palavra, naõ ſó he decente, mas indiſpenſavel, porque vay pintando as partes fiſicas do racional artefacto; e neſte quadro da ſua bem delineada pintura, ficaria diminuta a imagem, ſe lhe faltaſſem pernas: e como eſta palavra, nem pela aſpereza do ſom, nem pelo ſeu ſignificado, he aſcoroſa, ou indecente; e naõ ha termo ſynonymo, que ſeja mais culto, ou mais elegante, naõ entendo que lhes aſſiſte juſta cauſa aos ſenhores Tranſagaros para enjoar-ſe de a ler eſcrita,

crita, ou de a ouvir pronunciada. Naõ direy o meſmo, ſe a palavra, que ſe crimina, correſpondeſſe a outro ſexo; porque huma parte, que deve ao pundonor o recato de huma ſaia, nem por ſombra póde caber nos bicos de huma penna. Athé na gracioſa liberdade de hum lacayo de comedia tem ſeu modeſto limite a expreſſaõ de ſemelhante ſegredo. Na comedia de *Euridice, y Orfeo*, o lacayo Fabio, depois de fazer hum donoſiſſimo retrato da formoſura de Irene, conclue com eſta diſcreta copla.

Lo demàs, nadie lo puede
afirmar; pero yo afirmo,
que el faldellin es avaro,
que es ſenãl de que eſtá rico.

Aſſim trata jocoſamente, ſem faltar ás obrigaçoẽs da modeſtia, aquella parte eſcondida, e recatada com o véo do faldelim. Porem pernas de hum homem, e muito mais quando ſe deſcrevem as partes, de que o compoſto ſe organiza, he termo licito, e na ſua deſcripçaõ neceſſario. Baſte o referido, por evitar o nojo a eſtomago taõ delicado.

Pelo que diz reſpeito à palavra *coxa*, ſigo igual dictame: e quizera perguntar (ſe tenho licença para tanto) que ſyntaxe tem aquelle texto de Jacob, quando braço a braço luctou de noite

te com o Anjo, de cuja lucta ſe ſeguio, que o meſmo Anjo *Tetigit fœmur ejus, & claudicabat?* Que entendem eſtes ſenhores Criticos Tranſtaganos por aquelle *fœmur?* Que nome correſponde na lingua Portugueza ao *fœmur* da lingua Latina, ſenaõ for *coxa*? O certo he, que coxeou Jacob em virtude da ferida, com que o Anjo o aſſignalou; e medir as forças com quem goza de mais robuſtos braços, he querer muito por ſeu goſto ſahir ferido. Aſſim lhes ſuccede aos dous Cenſores do Triunfo da Religiaõ, que preſumindo de ſi meſmos, que eraõ capazes de medir as armas com o Pina de Montemor, por meyo da Critica o deſafiàraõ à lucta; e niſto he que claudicàraõ, porque naõ ſouberaõ conhecer a valentia daquelle pulſo. Jacob luctou com o Anjo, por entender que o Anjo naõ era mais que hum homem: *Vir luctabatur cum eo*: com o golpe teve o deſengano. Os meus dous Criticos tambem tiveram o conhecimento, que lhes era neceſſario, do Author de taõ valente Epopeia: e as reſultas foraõ ficarem elles feridos, e o Pina com o ſeu Triunfo.

E, ſe pernas, e coxas ſaõ termos taõ vîs, tão infames, como define *ex tripode* o Critico Eborenſe, ſuba hum pouco pelos degràos

gràos da eſcada do compoſto humano, e veja ſe ſaõ mais altos os de que uſou Camões quando diſſe:

E os formoſos limões, alli cheirando,
eſtaõ virginaes tetas imitando:

ou lembre-ſe, ſe acaſo leu a imitaçaõ de outro Poeta, que diz aſſim:

Ella lhe põem a tenra maõ na face,
elle brincando eſtá c'as lacteas tetas;
e o coraçaõ da Ninfa palpitando
lhe pede o meſmo, que lhe eſtà negando.

Deſtes exemplos lhes podia dar infinitos: duas andorinhas baſtaõ para fazer veraõ. E, ſe à penna culta do Principe dos Poetas Heſpanhões (titulo, que lhe deraõ, naõ os Portuguezes, ſenaõ os meſmos Caſtelhanos) naõ ſe fez eſtranho o fallar em *tetas*, ſem que para iſſo houveſſe mais urgencia, do que comparar a figura de hum limaõ; muito delicado tem o goſto o ſenhor Critico Eborenſe, a quem *coxas*, e *pernas* cauſaõ tanto nojo. Pudera lembrar-ſe de que na ſua meſma Critica expõem ſem algum rebuço o indecoroſo termo de *filho da puta*, palavra não ſó baixa, mas baixiſſima, porquiſſima, e indecentiſſima, muito alhea da modeſtia de huma penna taõ diſcretamente ſublime; e taõ eſcandaloza para os olhos de quem a

lê

a lê eſcrita, podendo com eſtylo mais moderado explicar o ſeu penſamento. Mais authoridade tinha em Jonathas ſeu Pay Saul; e, querendo-o deſcompor, e deſauthorizar porque ſe tinha declarado a favor de David, naõ ſe atreveu a fallar com tanta claridade; e ſó lhe diſſe: *Fili mulieris virum ultro rapientis.* He muita liberdade para quem ſe inculca taõ eſcrupuloſo. Veja ſe encontra lá por eſſes livros Franceſes, de que bebe as mais ſaudaveis doutrinas, algum exemplo, ou razaõ, que lhe authorizem a demaſia deſta licença. Ex-aqui o que he eſcrever ſem conſiderar. Ex-aqui o que ſe ſegue de ter telhado de vidro, e atirar pedras ao do ſeu vizinho. Ex-aqui os fructos, que ſe geraõ de eſcrever por malevolencia, ſem dar aſſenſo ás leys da moderaçaõ.

Chamey eſcandalozo áquelle termo de *filho da &c.*, naõ ſó pela diſſonancia, que faz nos ouvidos modeſtos, mas tambem pela qualidade da penna, que ſe molhou em huma tinta menos pura, ſendo o termo taõ claro. Eu naõ ſey ſe eſta voz indecente ſahio de algum monte de Evora, ou de algum *Valle* de Villa viçoſa. o que ſey he, ſer huma voz muito mais baſtarda, do que aquelle filho, que na Epopeia ſe critîca. Pareceu-me parto de algum

eſtudante ſemiputo, que faz jornada para Coimbra, e vay jogando as pulhas com o ſeu arrieiro athè chegar ao Rabaçal, ou às ſuas vizinhanças. Naõ, meus ſenhores Criticos, naõ ſaõ eſtes os termos, de que ſe valem as cultas pennas, e os maduros juizos. Eſte foy o mais feio borraõ, que o menino podia deitar na materia: e, *ſi malum ex quocumque defectu*, baſtava eſte defeito para que fique mà toda a Critica; porque a liberdade com que chegou a eſcrever-ſe huma vòz taõ indigna, bem dà a conhecer aos leytores, que ſe eſcreve com ira, e com malevolencia. Hum Eſcritor, que quer conſervar o caracter da ſeſudeza, naõ ſólta a rédea a ſemelhante dezaffogo. Nos eſcritos cenſórios admittem-ſe chiſtes, mas nunca indecencias. *Non decet ingenuum puerum ſcurrilis jocus.*

Ultimamente, para concluir eſta Carta, naõ poſſo negar-me a fazer huma ſó pergunta. Que couſa he *perna*? Perna he hum membro do humano compoſto, e que conſta de diverſas partes, como ſaõ: o quadril, (que deſde eſte querem os Anatomicos que principie) coxa, joelho, barriga da perna, canella, tornozello, peito, e planta do pè, calcanhar, ſola, vêas, muſculos, linhas, tendoens, arteria, joa-

joanete, dedos, unhas.· tudo iſto ſaõ partes daquelle todo, aſſim como hum braço principîa deſde o hombro, e remata nos dedos das mãos. Iſto ſuppoſto.· pòde uſar-ſe dos termos, que ſaõ partes daquelle todo; e naõ poderey uſar do todo, que conſtitue aquellas partes! Poſſo dizer quadril, (coxa naõ, porque o ſenhor Critico naõ quer) polpa, joelho, canella, barriga da perna, tornozello, peito do pé, ſola, dedos, unhas, e athè, ſe tanto for neceſſario, poſſo fallar em callos; mas naõ me he licito o eſcrever *perna*! confeſſo que lhe naõ poſſo deſcobrir a cauſa. Dou, e concedo que naõ eſteja muito em uſo, q̃ he o muito, q̃ ſe me pòde replicar. Reſpondo, q̃ naõ ha uſo ſem occaſiaõ.· e como, regularmẽte fallando, naõ tem hum poeta a occaſiaõ, por iſſo parece que lhe falta o uſo.· porèm ſe chega a occaſiaõ de eſcrever as partes do compoſto humano, entaõ tem o uſo o ſeu legitimo lugar. E, finalmente, todas as vezes que hum homem da graduaçaõ, e talentos de Franciſco de Pina tirou a máſcara ao bioco de taõ mal fundados eſcrupulos, e deu uſo a huma palavra, fica jà caracterizada para o uſo de todos.· authoridade, que ainda naõ podemos reconhecer nos dous Criticos, em quanto naõ virmos obras ſuas, que os qualifiquem de Authores. Duas criticas de taõ pouca

entidade naõ ſaõ baſtantes para lhes adquirir eſſe titulo. Naõ ſe atreve a criticar a hum Cicero, ſenaõ quem ſabe que he hum Cataõ; e ainda aſſim ficou Cataõ com a nota de ſatyrico, e Cicero com a gloria de eloquente.

Suſpenda, pois, o ſenhor Critico Eborenſe o golpe da fulminante eſpada, com que, de meyo a meyo, lhe pareceu que partia ao Pina: deponha a virga cenſoria, com que ſe perſuadio que, feito hum novo Licurgo da lingua Portugueza, podia dar a ſua ſentença definitiva, excluindo da proſodia dos termos cultos *perna*, e *coxa*, quando ſe deſcrevem as partes do compoſto humano; e dando liberdade á ſua penna para eſcrever a indecente mãy daquelle baſtardo filho.

La vez, que ſe viſtiò Paris
la garnacha de Licurgo,
perdiò por velloſa Palas,
y perdiò por zaimbra Juno.

Aſſim ſe explica D. Luiz de Gongora para dizer que Paris, o do monte Ida, chamado para Juiz da controverſia, que entre ſi moveraõ as tres Deoſas, Venus, Juno, e Pallas ſobre qual dellas era mais formoſa, deu a ſentença a favor de Venus: e aſſim ſe me repreſenta eſte Paris Portuguez, deſprezando a palavra *coxa* talvez por cabelluda, como a Deoſa Pallas; e dando excluſiva

ſiva ao termo *perna* por imitar as de Juno, que ſuppoẽ zaimbra, lhe pareceu mais linda a formoſura daquella Venus, com quem a ſua penna mais ſe accommodou, chegando a eſcrever *filho da &c.* Porem nós, que nos conhecemos deſobrigados da obediencia aos ſeus menos juſtos preceitos, admittimos as duas palavras do Pina, que nada tem de indecentes, e damos total excluſiva á ſua por ſer indecentiſſima: e tenho para mim, como materia indubitavel, que o homem de maduro juizo me ha de dar ſem repugnancia o ſeu voto.

Eu, que por ter já huns poucos (ou hũs muitos) de annos mais, e que pelo continuado exercicio de fallar em publico, e deſde lugar alto, pudera tambem aſpirar a veſtir a béca, e a ter os privilegios de meyo Licurgo da lingua Portugueza; ainda aſſim naõ quero metter-me na authoridade de Juiz; mas jà tenho idade, e experiencias para que me admittaõ a Conſelheiro. Como tal quizera perſuadir aos dous eſtudioſos Criticos do Alemtejo o uſo de humas quantas maximas, que me parecem preciſas para eſtabelecer o ſeu credito, ſem arruinar o alheio. Seja a primeira; que ainda naõ he tempo de conſiderar-ſe cada qual hum Ceſar, ou hum Pompeo, que naõ ſoffriaõ exceſſo, nem admittiaõ igualdade: he preciſo reconhecer, que o Pina de Montemór

temór em materias de poeſia tem no ſeu ſeculo, e na ſua patria poucos, que o igualem, e nenhum, que o exceda. Segunda; que as Criticas nunca devem veſtir o traje de ſatyras: bem podem fazer-ſe alguns reparos, e dar-ſe algumas advertencias, ſem que as palavras declinem para calumnias. Se eu houveſſe de dar ſoltura à penna na formaçaõ deſte Papel, creaõ que me tem occorrido eſpecies, com que os meus leytores teriaõ muito em que rir, os meus Criticos muito que chorar: o comedimento he o norte, que deve dirijir a agulha da penna do Eſcritor. Terceira; que, viſto o dare m moſtras de ter applicaçaõ aos livros, empreguem melhor os ſeus eſtudos: Criticas ſaõ muito arriſcadas a huma forte reconvençaõ; e he hum grandiſſimo deſar para quem eſcreve, o expor-ſe a que lhe digaõ *dous contra*. Quarta; que na licçaõ de alguns (naõ de todos) livrinhos Franceſes he neceſſario tomar o conſelho de S. Jeronymo com outros volumes, que ſe publicaraõ no ſeu tempo, *lege cautè*: recebamos a inſtrucçaõ, naõ profeſſemos a idolatrîa. Quinta; que a licçaõ de Caramuel he, quanto a mim, o texto, a quem deve ſeguir o que quizer fazer-ſe verdadeiro poeta Heſpanhol: elle foy a fonte manancial, de quem ſaõ regatos todos aquelles, que eſcreveraõ depois.

pois. Sexta; que naõ queiraõ principiar por onde os outros acabaõ; porque he empreſa, que pica muito em vangloria, e coſtuma ter menos ditoſos exitos. Honrem a Patria ſem infamia dos ſeus meſmos compatriotas. Praticados eſtes uteis conſelhos, e continuando huma ſéria applicaçaõ aos eſtudos, veremos com o tempo os ſeus maravilhoſos progreſſos. Tende, meu Amigo, mais ſaude, que a deſte pobre enfermo, e Deos vos guarde &c.

CAR-

CARTA IV.

AThegora, meu grande Amigo, naõ tenho feito mais, que eſtar jogando a péla com os reparos vãos, e cheios de vento deſtes dous Criticos famoſos, para que naõ tomem tanta chaça com o Pina de Montemor, e para que naõ tornem a mandar-lhe mais pélas gafas; as quaes, quando naõ façaõ perder, podem arriſcar o credito de hum Eſcritor, que faz mais honra à ſua Patria com os ſeus primoroſos eſcritos, da que lhe daõ os emulos com mal fundadas cenſuras. Iſto he ó que athequi tenho feito, porque me tem achado nas horas do deſfaſtio. De aqui em diante naõ ſey de que humor eſtará a Muſa; pois, ainda que velha, tambem às vezes ſe lhe exalta a cólera, e nem ſempre os humores eſtaõ na proporcionada conſiſtencia. O que ſey, he, que deſde que principiey a ler eſta Reſpoſta do Pina aos eruditos Tranſtaganos,

Manet alta mente repoſtum
judicium Paridis, ſpretæque injuria formæ;

e logo aſſentey commigo, que a belleza da penna offendida eſtava pedindo ao zelo alheio o poder ver-ſe deſaggravada. Dizia Santa Tereſa de Jeſus, que as peſſoas dedicadas ao exercicio das virtu-

tudes, era preciſo defender-ſe, e ajudar-ſe reciprocamente humas a outras, para quebrar as forças dos emulos, que as perſeguiaõ. Eſte deſenfado myſtico me ſervio de incentivo para eſcrever eſtas Cartas apologeticas, deſejando com ellas diminuir o alento aos Criticos orgulhoſos. E ainda que a mimoſa penna de hum Eſcritor taõ diſcerto mereça os raſgos de outra penna mais finamente aparada, com tudo (perdoe Feijoò) *Virtus unita fortior*; e lembro-me do tempo da pueril idade, em que li no Auto do Marquez de Mantua

Porque dous em companhia
tem muy grande refrigerio
para qualquer agonia.

Dizo veneravel Critico Eborenſe *per formalia verba ibi:*

Poema Erotico, Poema Epicò polemico, Tragicomedias &c. ſaõ mixtiços, naõ tẽ exẽplo na antiguidade, nẽ para elles deixaraõ preceitos os Meſtres da arte; e, como ſaõ concebidos no concurſo de eſpecies heterogeneas, ficaõ ſendo humas Chimeras, ou Minotauros, que nunca podem perder a mõſtruoſidade: e deſtes taes pede Horacio a ſeus amigos Piſões q̃ contenhaõ o riſo: *Riſum teneatis, amici.*

Aſſim o leio eſcrito ſem lhe faltar huma vîrgula: e eu digo, como dizem os Italianos, *bravo*, *braviſſimo!* Iſto eſtà mais adiantado do que eu ſuppunha. O certo he q̃ eſtamos na Aldêa ſem ver as caſas. Olhe o que aqui vaõ de couſas juntas: Epicos, Eroticos, Polemicos, Tragicomedias, Antiguidade, Meſtres, Preceitos, Heterogeneas, Concurſo de eſpecies, Chimeras, Minotauros, Piſões, Horacio, Arte poetica; e no fim de tudo quatro gargalhadas: *Riſum teneatis amici:* e tudo iſto, para moſtrar que jà tocou no principio (de que talvez ainda naõ paſſou) da Arte poetica de Horacio, onde diz:

turpiter atrum
deſinat in piſcem mulier formoſa ſupernè;

pintura, a que o meſmo Lirico dá o nome de monſtruoſa. Muito bem trazido! Mas o ſenhor Critico naõ deve ſaber, que tambem ha peixe mulher, peixe homem, peixe Biſpo, peixe gallo, peixe páo, peixe lingre, peixe cão, e ultimamente peixe podre, de cuja eſpecie me parece eſta Critica Eborenſe, que tambem, pelas monſtruozidades, que nella obſervo, he digna de riſo, ou talvez de laſtima. Pergunto: em que ſe parece o requeiquaõ cóm o eſpeto? Em nada. Pois aſſim ſe parece o Epicò-polemico do Pina com a mulher peixe, que nos deſcreve Horacio.

Chi-

Chimera he (ou, para melhor dizer, naõ he) hũa couſa, que ſe finge na fantaſia, e que naõ exiſte *in rerum naturâ*; (aſſim cuido que nos enſináraõ nas aulas.) *atqui* Epicó polemico exiſte *in rerum naturâ*. *ergo* naõ he Chimera. Provo a menor. Exiſte o Epico, porque de facto ſe dà Poema heroico em verſo de arte mayor; *atqui* tambem ſe dà polemico, porque ha a Religiaõ, que elle ſignifica. *ergo in rerum naturâ* exiſte o ſenhor Epicò-polemico. *ergo* naõ he Chimera, como ſupõem o Critico.

Bem vejo que poderà reſponder-me com huma diſtinçaõ, que he o tribunal, para onde appellaõ os Filoſofos quando ſe ſentem oppimidos com a força dos argumentos. Epicò-polemico *ſeorſim ſumpti* nam ſam Chimera, concedo; *conjunctim ſumpti* nam ſam Chimera, nego. Deſorte, que na conjunçam deſtas duas eſpecies *epico*, e *polemico* he que eſtà o chimerico, que tanto deſagrada ao ſenhor Eborenſe. *Sed contra. Per te* toda a razaõ de ſer huma chimera o Poema epicó-polemico eſtà no concurſo de eſpecies heterogeneas; *ſed ſic eſt* que do concurſo deſtas eſpecies naõ reſulta precizamente o chimerico. *ergo*. Provo a menor. Animal, e racional ſaõ duas eſpecies heterogeneas, e tanto como o ter, ou naõ raciocinio; *atqui* do concurſo deſtas

duas eſpecies naõ reſulta Chimera, antes bem huma entidade exiſtente, qual he o *homem: ergo* do concurſo de eſpecies heterogeneas naõ ha o que baſta para produzir-ſe Chimera. Da ſua diſtinçaõ reſultara infallivelmente, que ſeria chimerica eſta proproſiçaõ: O ſenhor Eborenſe he hum homem Filoſofo-Critico, porque eſte meu penſamento fora concebido no concurſo de eſpecies heterogeneas. Provo. Ser Filoſofo, do ſeu conceito formal, naõ diz mais que hum homem amante da ſabedoria: Critico, do ſeu conceito formal, diz hum homem, que nota erros; *atqui* eſtas duas eſpecies ſaõ entre ſi hum pouco heterogeneas: *ergo* o conceber a hum homem Critico Filoſofo he fazer huma Chimera; *ſed hoc eſt falſum*, porque eu ſupponho a eſte meu ſenhor muito bom Critico, e muito melhor Filoſofo: *ergo* tambem he falſo que o conceber-ſe no concurſo de eſpecies heterogeneas conſtitue Chimera. Se deſſizer como bom Logico eſtes ſyllogiſmos, eu lhe direy cá de longe:

Dic quibus in terris, & eris mihi magnus Apollo.

E guarde o ſeu Minotauro para outra caſta de Teſêos, que o Pina em taõ ſagrado Poema já tem deſcoberto o Vellocino de ouro no Triunfo da Religiaõ. *Epico* diz (na accepçaõ de agora) metrica narraçaõ. *Polemico* declara qual he o aſſumpto

pto do Poema; e unir eſtas duas eſpecies por meyo de huma, chamando lhe Epicò-polemico, ſò he Chimera no conceito de quem finge que naõ ſabe o em que o ſer Chimera conſiſte. E aqui veraõ os Filoſofos modernos ſe he, ou naõ he neceſſario o uſo dos Univerſaes, que deſejaõ proſtituir do paiz da Eſcóla, quando ſem elles naõ ſaberemos conhecer o genero, a eſpecie, a differença, as eſpecies infimas, e ſubalternas para fazer mais clara, e perceptivel a intelligencia dos objectos, ſobre que filoſofamos; que de outra ſorte ficariamos em jejum.

Cur igitur nefas eſt reperiri aliquid à nobis, quod ante non fuerit? Quintil. l. X. cap II. de Imitatione.

O naõ haver na antiguidade exemplo de ſemelhantes titulos de Poema, he razaõ, em que lha naõ acho: e talvez eſmurraria o candieiro, arqueando as ſobrancelhas, (porem naõ queimou ainda as peſtanas) parecendo-lhe que tinha dito huma couſa maravilhoſa. Pois ſayba que naõ diz couſa de ſubſtancia. Ainda lhe naõ chegou á noticia, que argumentos negativos tem pouca, ou nenhuma força? Diga-me: quantas entidades naõ exiſtiraõ no tempo antigo, que hoje exiſtem com univerſal acceitaçaõ? E quantas couſas, das quaes conhecemos a exiſtencia pelos veſ-

veſtigios, e hoje naõ eſtaõ em uſo? *Se* a regra, que nos aſſigna, he taõ certa como preſume, naõ appliquem os Medicos agoa de Inglaterra para as ſeiões, porque a época de hum ſeculo eſtà muy longe da éra dos Affonſinhos, em que naõ houve conhecimento deſte remedio. Da Hiſtoria antiga (ou ſeja ſagrada como a Eſcritura, ou profana como a de Herodoto) naõ conſta que para as febres, pleurizes, groſſura do ſangue, e outras enfermidades, houveſſe uſo de ſangria. O erudito Calmet (jà fallecido) na ſua Diſſertaçaõ *de Medicina veterum Hebræorum*, parece-me, ſe naõ engana a memoria, que naõ falla neſte remedio: logo naõ ſangremos quando a neceſſidade o pedir? Má conſequencia! Nenhum Author antigo, nem ainda o Principe de todos, qual foy Moiſés, nos deu noticia de que Deos tinha creado os Anjos; e nem ſabemos ainda o quando, e onde foraõ creados: logo (diriaõ os que viveraõ depois) iſto de Anjos he huma Chimera, porque Moiſés naõ fallou niſſo. Vê jà, meu ſenhor Critico Eborenſe, que o naõ diſſe, naõ fez, naõ houve, naõ eſcreveu, he hum argumento frivolo para negar o que ha? Recolha-ſe ao veſtuario; que argumentos da naõ exiſtencia paſſada, naõ ſervem para negar a exiſtencia preſente.

Po-

Porèm preſcindamos do ſagrado, e voltemos o diſcurſo para o profano. Ha grande controverſia entre os Eſcritores ſobre a origem da Poeſia na Europa. (Naõ fallo da Latina.) Querem huns, que da Italia ſe communicaſſe às mais Provincias. Outros lhe aſſignaõ entre os Gaſcões o berço. *Scinditur in contraria vulgus.* Veja-ſe a Arte poetica de Luzan, e o primeiro tomo do Traité de l' opinion do Marquez de S. Albino, que trataõ com miudeza eſte ponto. Vou ao caſo. He certo, que no primeiro berço, em que arrulhou a Poeſia, naõ ſe conheceraõ, nem ainda ſe ſonharaõ Sonetos, Oitavas, Liras, Endechas, Silvas, Epilogos, Endecaſyllabos, e outra variedade de metros, de que uſamos hoje: e, ſe houve diſſo, eſtimarey muito que ſe me participe a noticia, que me poderà ſer neceſſaria. O que nos conſta, he, que uſavaõ de huma eſpecie de trovas rimadas, que nem bem ſabemos o que era. Houve o metro, de que ao depois ſe aproveitou Joaõ de Mena, e de quem Gregorio de Mattos ſe valeu para a ſatyra do Marinicolas: *ergo*, e vay a conſequencia; eſtamos inhibidos para compor hoje em Oitava, porque na antiguidade ſe naõ acha exemplo de ſemelhante metro? Nego a conſequencia.

Ho-

Horacio na ſua Arte poetica (a que Monſr. Boilau chama arte ſem arte) nos dà huma idéa dos ridiculos theatros, em que os antigos repreſentavaõ as ſuas comedias. Juntavão huns poucos de carros, e, ou ſobre todos juntos, ou cada qual no ſeu, recitava cada hum o papel, que lhe pertencia. Depois deſte uſo praticavaõ huma eſpecie de pulpitos, deſde os quaes dizia cada qual o ſeu dito. Depois foraõ jà melhorando de ſitio, e ſobre barrotes aſſentàraõ taboas, de que faziaõ theatro: e talvez que deſte ultimo uſo derivaſſem os Heſpanhoes o chamar *tablas* aos ſeus theatros. Depois, para evitar o deſabrigo do tempo, jà naõ repreſentavaõ nos campos, e nas praças, (como ainda hoje ſe faz nas noſſas Provincias) mas buſcáraõ lugar mais commodo em caſas baixas, ou lojas. Depois de tudo iſto foy o bom goſto, ou chamemos-lhe a vangloria dos mortaes, erigindo magnificas fabricas, ſoberbos coliſêos, perſpectivas primoroſas, orqueſtras para a muſica, baſtidores, jardins, templos, caſtellos, cidades, boſques, campos de batalha com tendas, e pavilhoẽs, rios, em que pelejaõ armadas navaes, e outros infinitos objectos, em que ſe recreaõ os ſentidos, e às vezes ſe arrebataõ. Naõ, ſenhor; nada diſto ſerve: queimem-ſe eſtes idolos da vaidade,

de, porque nos theatros antigos nada diſto encontramos: repreſentem-ſe as comedias, e cantem-ſe as operas ſobre os pulpitos, ou ſobre carros, e ſigamos em tudo a olhos fechados o exemplo dos noſſos Maiores Senhor Critico Eborenſe, antigualhas do que foy, e do que naõ foy, ſaõ más provas para arguir o epico-polemico. Eſſas ſim, que ſaõ concurſo de eſpecies heterogeneas, que vem tanto para o noſſo caſo, quanto diſta o Norte do Sul. Intitular o Pina ao ſeu Poema com os dous nobliſſimos appellidos de epico, epolemico, ſaõ eſpecies muito homogeneas, que vem de molde ao metro, e á materia do meſmo Poema; porque na primeira dicçaõ dà a conhecer huma narraçaõ em verſo heroico, e na ſegunda nos declara que eſcreve materias, em que ſe intereſſa a Religiaõ: ſem que a falta de exemplo na antiguidade qualifique de erro eſte uſo. Naõ ſey ſe iſto he quinão.

Se eſta maxima de naõ termos exemplo na antiguidade he o modello por onde havemos de regular os preſentes uſos; queimemos as caſacas, as veſtias, os calçoens, os çapatos, os ſobretodos, os roquelós, as cabeleiras, os chapéos; em huma palavra, todos os trajes de que uſamos, porque na antiguidade naõ nos favorecem os exemplos, antes os obſervamos muito ao con-

trario. Noſſos primeiros Pays, depois que o peccado lhes moſtrou aos olhos a propria deſnudez, ſe teceraõ hum meio traje de folhas de figueira; *Conſuerunt folia ficus & fecerunt ſibi perizomata.* Logo deſde entaõ, e dentro no Paraizo tiveraõ ſeu principio as differentes modas; porque, vindo Deos a tomar-lhes reſidencia da ſua culpa, lhes veſtio a galla de humas tunicas de pelles: *Fecit quoque Deus Adæ, et uxori ejus tunicas peliceas, et induit eos.* Pois que? Porque Adam, e Eva trajaram folhas, e logo pelles, deveremos todos veſtir-nos de pelles, e mais de folhas? Porque entam, e muitos ſeculos depois, naõ ſe uſou caſaca, nem cabelleira, ninguem uſe hoje de cabelleira, nem caſaca? Se o ſenhor Critico quizer cingir-ſe ao naõ exemplo da antiguidade, quanto riria a gente! Dos trajes demos hum paſſo para a meſa.

Nam ha exemplo na antiguidade de que nas meſas ſe uſaſſe de colher, e garfo: para as comidas ſolidas ſerviaõ de garfos os cinco dedos; para as liquidas naõ havia mais colher, que levar a tijela à boca: logo nam ſe uſe hoje eſte arbitrio da limpeza. Nam ha exemplo na antiguidade dos fricacés, dos ragús, dos gigotes, dos paſteis de nata, dos timbales, das empadas, dos fricandós, e de outros mil guizados. No convite,

convite, que fez o Patriarcha Abraham aos tres Anjos, houve muito boa vitella, muito bom paõ, e, quando muito, algum recental aſſado; queimem-ſe, pois, todas as artes de cozinha, e poupe-ſe aos cozinheiros a induſtria, e o trabalho de tantos novos guizados, com que o padàr ſe ſaborea. Na antiguidade naõ houve cidraõ, nem ovos molles, nem manjar real, nem bollos da eſperança, nem jeléa de cidra, nem batatas cobertas, nem outras mil gulodices, que hoje ſaõ frequentes. logo fiquem ocioſas as conſerveiras, porque nenhuma deſtas guloſinas tem exemplo na ſenhora antiguidade. A fé, que, ſe iſto he regra para o governo dos noſſos uſos, ſe privará o ſenhor Critico dos ricos bocadinhos, que em Evora comî jà. Logo, o naõ haver na antiguidade exemplo, naõ he razaõ, que obrigue a naõ uſar-ſe hoje. O que viſto, e o mais, que dos autos conſta, condenamos ao Critico rèo a que naõ viſta outro algum traje, ſenaõ hum ſayo de pelles com ſua guarniçaõ de folhas de figueira. Outro ſi mandamos, que para todo ſempre ſe prive de aſſentar-ſe em meza lauta, opipera, e delicada; e que na ſua naõ uſe de colher, e garfo; item, que por eſpaço de dez annos naõ coma doce algum de qualquer genero que ſeja: e pague as cuſtas.

E, para que comprehenda a todos eſte noſſo verbal decreto, eſe evitem com a occaziaõ tantos peccados de gula; mandamos com a meſma força de ley, que no Reyno de Andaluzia ſe lance o fogo a todos os trepiches, como na America a todos os engenhos; viſto que a antiguidade nos naõ dà exemplo de fabricar-ſe açucar.

Deſorte que, ſegundo ſe colhe deſta ſua doutrina, quer o ſenhor Critico Eborenſe deſterrar do mundo tudo o que veſtir a galla da novidade, e ficarà a Rhetorica deſpida da ſua primeira parte, que he a invençaõ. Ainda naõ conta quatro ſeculos a invençaõ da polvora; e quando apareceu no mundo eſte invento fulminante, diriaõ os homens, que era hum erro o ſeu uſo, porque os Romanos a naõ uſaraõ. Para abrir brecha nos muros das famozas Cidades, que conquiſtavaõ, naõ havia canhoens, que deſpediſſem ballas, ſe naõ arîetes, que desfaziaõ as muralhas. Em Vienna de Auſtria, e no tempo do Imperador Leopoldo, appareceraõ as péças, que chamamos de nova invençaõ, e neſte ſeculo em portugal, e no feliz reinado do ſenhor Rey D. Joaõ V.· como, porèm, os quatro Reis do meſmo nome, que lhe precederaõ, nam uſaraõ das meſmas peças nas ſuas conquiſtas, e nas ſuas defenſas; foi hum erro craſ-

ſo

ſo o admitir eſte bellico artificio. Ha menos de quarenta annos, que hum artifice induſtrioſo inventou o modo facil de ferrar muitas taboas ao meſmo tempo. Fizeraõ mal em naõ o enforcar logo, já que veyo introduzir-nos huma novidade deſconhecida dos antigos. No Norte, em diverſos ſitios, obſervey aquella eſpecie de moinhos, que inventou a induſtria, e a que conſtrangeu a urgencia, os quaes ſervem para deſagoar os campos, e para facilitar as lavouras, e naõ tem de idade dous ſeculos. Arruinem-ſe, deſtruaõ ſe, naõ ſe uſe delles, porque a antiguidade nam teve noticia de ſemelhantes moînhos. Naõ me farà o ſenhor Critico hum favor, que lhe quero pedir? Buſque-me na antiguidade hum microſcopio para magnificar os objectos, ou hum teleſcopio para unir as diſtancias. Buſque huma balança, em que ſe peſe o ar. Deſcubra hum experimento fiſico para provar o aſcenſo dos graves. Veja ſe deſcobre outro para o mecaniſmo do equilibrio. Dê outro paſſo, e veja ſe algum dos antigos teve conhecimento da màquina pheumatica. De nenhuma deſtas couſas houve noticia deſde Adam athé a era de quinhentos. Pois, porque noſſos avôs naõ uſaraõ, haja huma ley para que naõ uſemos? *Apape* com tal illaçaõ! Logo, meu amabiliſſimo Critico

tico das Epopeias, o naõ haver exemplo na antiguidade, naõ he o que baſta para condenar a monſtruoſidade *epico-polemico*.

Nem menos lhe podemos diſſimular o arrogante magiſterio, com que ſe mette a definir, que os Meſtres nos naõ deixaraõ preceitos para eſta caſta de Poemas. Eſta ſentença, taõ livremente proferida, là pecca em hum tanto quanto de bazofia, por naõ dar lhe outro nome menos decente a hum Juiz tam conſpicuo, e agora pouco juſto, ainda que nella ficaſſe muito inteiro. O Poema ſacro, o erotico, o bellico, o tragico, où com qualquer outro titulo, que lhe queira dar, tudo he Poema, e todos eſtaõ ſujeitos às meſmas regras; para todos foy eſcrita a meſma Arte: hum Heróe, hum tempo, huma acçaõ, hum lugar, epiſodios, fabula, tropus, figuras, ficçoens, eſtylo ſublime, curias digreſsões; e tudo o mais, que enſina Ariſtoteles, e tranſcrevem Rapin, e le Bateux. Só ſe differençaõ nas materias; que para as leys todos ſaõ huns. E, ſe nam, diga-me: a Oratoria ſagrada, e a profana, que differença tem ſeraõ a objectiva? E por ventura naõ ſe eſtabeleceraõ para huma, e outra os preceitos da Rhetorica? *Ardeat orator, ſi vult incendere*, diz Quintiliano: e eſte ardor, que o Meſtre

nos

nos enſina, tanto comprehende ao Orador profano, como ao ſagrado; porque o fim de ambos he perſuadir aos ouvintes a materia, ſobre que declama, e eſte he todo o fim da Rhetorica *dicere ad perſuaſionem*. Pois, ſe a oratoria, ainda que tenha objectos diverſiſſimos, ſempre guarda os meſmos preceitos; que razaõ ha para que no Poema adverſidade dos aſſumptos exima ao poeta da obſervancia das meſmas leys? Ou quem haverá, que entenda naõ ſerem as meſmas leys igualmente impoſtas para todos os aſſumptos? *Ergo erravimus*, ſenhor Critico definidor de Poemas. He falſo o ſeu ſuppoſto, e igualmente falſa a ſua doutrina. Diz o meſmo Quintiliano, que naõ póde ſer orador, ſenaõ o que for bom: *Orator enim, niſi bonus, eſſe non poteſt.* Eu digo, que naõ póde ſer Critico de Poemas, ſenaõ aquelle, que for muito bom poeta: e, como ainda naõ vimos obra, que nos qualifique os ſeus progreſſos neſta ſublime Faculdade, parece-me que naõ póde ter voto em Capitulo, nem meter-ſe a Vereador mais velho da provincia do Parnaſo. *Non omnia poſſumus omnes.* Poeta, certamente naõ o he: quando muito, ſerá hum verſifta curioſo, quanto baſte para gaſtos de caſa.

De tudo o que levo dito ſobre a ſentença

tença definitiva do ſenhor Critico Eborenſe, e tambem do outro eſtudioſiſſimo Reparente; que he cunha do meſmo pào; ſe faz preciſo tirar algumas concluzoens. Primeira: que o Pina andou diſcreto em aſſignar o nome de polemico ao ſeu Poema, porque aſſim deu a conhecer aos leytores a religioſa materia de que tratava. Segunda: que o Critico nam tem razam para infamar de monſtruoſa chimera huma uniam de termos tam felizmente produzida, á qual nam póde negar huma natural exiſtencia. Terceira: he falſo, que os Meſtres da Arte nos nam deixaram preceitos para eſte genero de Poemas, porque os Meſtres, quando preceituaram, preſcindiram da materia, e ſo attenderam ao artificio. Que ſeja pedra, lenho, ou metal a materia de que ſe fabrîca a eſtatua, ſempre o Eſtatuario eſtà ſujeito ás meſmas leys da proporçam. Quarta: que, ou ſeja ſacro, ou profano, todo o Poema profeſſa as meſmas regras; e ſo fica o poeta deſobrigado de tratar com exceſſo (e ainda ſem a tocar levemente) a parte erotica, ſe o Poema he ſacro, ou polemico, e ſe o que compoem for eccleſiaſtico, e velho, como eu ſou; pois Ariſtoteles naõ podia prevenir as eſtreitas obrigaçoens do meu Eſta-

do

do para fazer limitaçoens aos preceitos comũs. Quinta: que guarde o concurſo das eſpecies heterogeneas para quando tratar de cathegorias, pois na conjunctura preſente naõ faz mais papel, que dar a conhecer que ſabe eſte vocabulo, e, quando muito, o que elle ſignifica. Sexta: que, o naõ haver exemplo na antiguidade, he argumento de nenhum vigor; porque, deſta propoſiçaõ *naõ houve*, naõ ſe deve inferir eſtoutra *naõ ha;* e tambem, porque naõ he juſto limitar aos engenhos a liberdade de penſar, como aos Poetas a de fingir, ſegundo o que nos adverte o grande Meſtre da Rhetorica: *Libera cuique ſua mens eſt.* Settima: que a mulher formoſa com cauda de peixe, de q̃ falla Horacio, nenhum parenteſco tem com o epico-polemico do Pina; porq̃ eſta ſua Epopeia por cima, e por bayxo, por dentro, e por fóra toda he formoſura, toda eſtá ornada de mil bellezas, que ſó conhece quem ſabe diſtinguir, e ſó deſconhecem os, a quem a inveja tem cegado os olhos. Oitava: que todo o riſo dos tres Piſões, e de qualquer homem dos que tem caracter de eruditos, eſtá guardado para celebrar eſta Criſe, que ás vezes lá tem alguns viſos de ridicula. Ahî tem o Senhor Critico as ſuas oito bem-

aventuranças: e crea, que as taes eſpecies heterogeneas (muito goſtei da palavrinha) no preſente caſo ſaõ como aquellas, das quaes logo no principio da Arte diz o Lirico

Velut ægri ſomnia vanæ
Finguntur ſpecies:

porque o Author da Critica devia de eſtar enfermo de algum exceſſo melancolico, e eſcreveo dormindo, ou ſonhando; pois ſó deſte modo ſe lhe podem deſculpar taõ extravagantes eſpécies. Em cujos termos ſe me faz preciſo lembrar-lhe o conſelho, que dá o meſmo Horacio a todos os que eſcrevem ſobre qualquer aſſumpto

Sumite materiam veſtris, qui ſcribitis, æquam viribus.

E, porque o Meſtre em taõ ſaudavel aforiſmo falla com muitos, *Sumite*, a ambos os ſenhores Criticos vem de molde o prudentiſſimo conſelho. Conheçaõ, que ainda naõ tem forças para medir as armas com o Pina; maiormente neſta Obra a todas as luzes excellente, ſó deſtes dous Criticos impugnada, por todos os homens doutos engrandecida.

Muytas, e muitas mais obſervaçoens podiaõ deſafiar a minha penna, ſe as moleſtias, que me obrigaraõ á cama, naõ me deſobrigaſſem

ſſem de revolver os livros. Detive me naquelles pontos, que ſó lhe deveraõ hum ligeiro toque; ou, porque os teve por menos ſubſtanciaes, ou, porque quiz deixar nos alguma couſa que dizer. Nas materias mais relevantes reſponde com tanta energia, e com tanta erudiçaõ, que ſem duvida terá produzido nos ſeus dous Criticos naõ pouco arrependimento. Eu diſcorro, que eſta licença, que ſe tomaraõ de o criticar, foy huma eſpecie de ambiçaõ de gloria, com que intentaraõ principiar a luzir; intento como o do incendiario do templo da Efeſina Diana, que pelo preço do ſacrilegio comprou a celebridade do ſeu nome: porèm eſtes dous Criticos com dezigual ſucceſſo na empreza meditada, porque intentaraõ, e naõ conſeguiraõ; aſpiraraõ a cantar a victoria, e naõ hè pouco que poſſaõ eſcapar da batalha; quizeraõ pôr o fogo, e voltaõ chamuſcados. Se eſta ſua projectada empreza recahiſſe em homens de pouca eſtimaçaõ, naõ me cauſara tanto eſcandalo a ſua ouſadia: mas em homens, q̃ querem ter grande vulto na republica literaria! Entrou Auguſto no anfiteatro; e, vendo nelle a alguns Cavalheiros Romanos com trajes menos decentes à propria gravidade, excla-

mou no ſeguinte verſo: *Romanos rerum dominos, gentemque togatam!* He poſſivel, dizia Auguſto, que eu veja com meus olhos ſemelhantes veſtiduras em homens da ordem equeſtre, em gente, que veſte á toga! He crivel, digo eu tambem, que dous homens com fama de eruditos, com eſtudos, que os qualificaõ de ſabios, frequentando Academias, com applicaçaõ aos livros, ſe reſolveſſem a eſcrever duas Criticas, em que a ſi proprios ſe fabricaõ o ſeu deſdouro! Duas Criticas, que eſtaõ reſpirando em cada letra huma inveja! Duas Criticas, que deraõ occaziaõ a tirar-me do meu ſocego! He crivel que, para inculcar a ſua literatura, ſe déſſe todo o dezaffogo aos impetos da liberdade *Romanos rerum dominos, gẽtemque togatam!* Sim: a experiencia o moſtra, a modeſtia o eſtranha, a razaõ o ſente. *Audax genus humanum*, dizia Horacio. Mas ainda bem, que o Hercules Luzitano ſabe heroicamente debellar a dous, a tres, e a outros muitos Gerioens. E, ſuppoſto que o ſeu grande merecimento fique muito álèm dos voos de huma penna taõ raſteira; no pedeſtal da eſtatua, quehe devida a ſeus elegantes eſcritos; naõ como elogîo, que o engradeça, ſenaõ ſomente

mente como voto, que ſe lhe conſagre, póde gravar-ſe eſte humilde

ROMANCE ENDECASYLLABO.

DOuto Pina: *Por mais que a torpe inveja*
Ferino dente contra vós aguça,
Em vaõ ſe esforça aos impetos do aſſalto,
Pois naõ acha onde empregue as mordeduras.
Neſte voſſo Poema incomparavel
Os defeitos ſolícita procura:
Mas como os póde achar, ſe á voſſa penna
Os mais nobres acertos ſe vinculaõ?
Por mais que eſtire a corda, e curve o arco,
Naõ vos póde chegar a ſetta aguda;
Porque he muy fraco o impulſo, q̃ a deſpede,
E deſſe voſſo Olympo he grande a altura.
Pareceis retratar o alto rochedo,
A que intenta eſcalar o mar com furias;
E elle inſenſivel lhe caſtiga as raivas
Desfazendo-lhe as ondas em eſcumas.
Ao Sacro Luminar da quarta eſfera
O periódico giro naõ perturbaõ
Nem baſtarda ouzadia dos vapores,
Nem denſa oppoſiçaõ da noite eſcura.

Eu

Eu creio nos dous Zoilos Tranſtaganos, (tria;
Que, atrever ſe a impugnar-vos, foy induſ-
Pois, querendo-ſe honrar na competencia,
Se valeraõ do arbitrio da diſputa.
Eſte intrepido arrojo temerario
Só neſta cauza pode ter deſculpa;
Pois, a valer ſe de outra tanto empenho,
Piza a critica as raias da loucura.
A vós! A cujo nome eſclarecido
Culta veneraçaõ Sabios tributaõ
Quantos maximas daõ no Peripato,
Quantos cingem de louro a fronte auguſta?
A vós! A quem ouviraõ com reſpeito
Doutos Alumnos da Academia occulta,
Que quazi pareceo deſanimada
Em quanto a penna voſſa naõ foy ſua?
A vós! A cujas obras afamadas
Por voſſas, por inſignes, e por muytas,
Tudo o que ha de melhor no excelſo Pindo
O roſto inclina, e o joelho encurva?
A vós! Para quem nunca ocioſa a eſtampa
Se vê, pois que por vós os prélos ſuaõ?
A vós! Por quem a Fama em elogîos
Tem já rouca a trombeta, ſe naõ muda.
A vós! A vós! Porèm, porque motivo
A' comprehenſaõ mental o aſſombro occupa,
Se ao meſmo claro ſol o eclipſe offende:
Se athé ao meſmo Ceo ſe atreve a injuria?

Diſ-

Diſſimulay, meu Pina generoſo;
Que ſó ſabe reinar quem diſſimula:
O voſſo claro nome naõ ſe extingue,
A voſſa luz brilhante naõ ſe offuſca.
Os átomos naõ ſervem de embaraço
Ao reſplandor da alampada diurna;
Nem o diſco ſolar ſeus rayos perde
Porque a opáca atmosféra mais ſe anubla.
Satyras incivís naõ vos offendem
Criticas objecçoens naõ vos desluſtraõ:
Inſenſivel vos veja o deſacato,
Que aſſim triunfais heroico da calumnia.
O juvenil ardor, com que atrevidos
Eſtes dous Tranſtaganos vos inſultaõ,
Foy abrir o regiſtro ás affluencias
Da voſſa fecundiſſima facundia.
Naõ foy, naõ, igualar as voſſas forças
O pertender entrar comvoſco em lucta;
Senão beber doutrinas, de que exhauſto
Eſſe voſſo theſouro ſerá nunca.
Quando em voſſa Epopeia erros deſcobrem,
Não vencimento, magiſterio buſcão;
Errando he que ſe aprende: eſta ouſadia
Pareceo deſacato, e foy aſtucia.
Voſſa eloquencia he tal, voſſas doutrinas
Tão ſólidas lhes dais, e tão fecundas,
Que ſerá documento eſta Reſpoſta
Á quantos da Poeſia as leys eſtudão.

Fazey

Fazey de Montemòr monte Parnaſo;
Preſidí novo Febo á Sacra turba,
Convertey em Caſtallia o que he Mondego,
E day alto exercicio às nove Muzas.
Em lamina immortal, ao voſſo nome
O ſonoro clarim veloz conduza
Thé onde a clara Aurora tem ſeu berço
Deſde onde o Sol no occaſo ſe ſepulta.
E agradecida a Patria vos erija
No templo da Memoria alta columna,
Sobre a qual voſſo buſto reſpeitado
Veja adorar-ſe das Naçoens mais cultas.

CARTA V.

MEu bom Amigo. Vou continuando a licçaõ deſte erudito papel, e deſcobrindo nelle novas deſculpas á minha admiraçaõ. Duas couſas formaõ ao preſente os motivos do meu aſſombro; huma he a altiva liberdade, com que o inſultaõ, outra he a prudente modeſtia, com que ſe deſpica: deſorte que a extravagancia, e ſemrazaõ da Critica chega a pizar as rayas de huma indiſcreta, e temeraria calumnia; e o deſaggravo da reſpoſta naõ excede os limites de huma ſatisfaçaõ moderada. Parece que ſe trocaraõ os trajes entre o Pina, e ſeus emulos: eſtes veſtem a galla da mal prendida licença; o Pina eſcreve como ſe veſtiſſe a cugulla, e obrigaçoens de monge. Os dous Criticos deſabrochaõ o peito para reſpirar a ira; o Pina cinge o eſtylo para qualificar a modeſtia. Quando veyo a Lisboa aquelle Principe Mouro pedir auxilio ao Senhor Rey D. Sebaſtiaõ para ſer reſtituido ao throno, de que ſe via deſpojado, entrou a ponderar prudentemente os perigos de huma guerra por todos os lados contingente: porèm os lizonjeiros Aulicos, que conheciaõ o bellicoſo eſpirito daquelle precipitado Monarcha, naõ ſó lhe facilitaraõ a empreza, mas athé ſe atreveraõ a aſſegurarlhe a victoria. Entaõ o mancebo Rey, conhecendoas inſpiraçoens da lizonja, diſſe aos circunſtantes: *O Mouro falla como Chriſtaõ, e os Chriſtãos fallaõ como ſe foſſem Mouros.* Eſtes dous Senhores Criticos naõ offendidos eſcrevem como ſe foſſem inſultados: o Pina inſultado reſponde como ſe naõ foſſe offendido. Os inſultos da Critica bem podiaõ deſafiar algum

exceſſo da colera: mas, como tinha ſeito triunfar a Religiaõ no Poema, quiz moſtrar, para acreditar-ſe de Heróe, que ſabîa triunfar de ſi meſmo.

Naõ poſſo eſquecer-me do que ſuccedeo a David quando ſe vio neceſſitado a valer ſe da fuga para declinar as iras do rebellado Abſalaõ. Pela falda de hum monte a pé, e deſcalço caminhava o perſeguido Rey, e lhe ſahio ao encontro hum mal aconſelhado vaſſallo, que de longe lhe atirava com pedras. Sim. Com pedras atirava Semêi àquelle meſmo David, que com huma pedra tinha derrubado ao Gigante. Sobre hum chuveiro de pedras, lhe atirava com outro de inſolentes palavras, chamando-lhe filho de Belial, regulo, intruſo na Monarchia de Iſrael, e tyranno uſurpador do imperio de Saul; improperios, que naõ ſó offendiaõ a innocencia da peſſoa, mas athé perderaõ o reſpeito aos foros da Mageſtade. Ao lado de David ſe achava Abiſai, hum valorozo Capitaõ, que quiz ſeguir em todo o tranſe a fortuna do ſeu Principe; e arrebatado do zelo pedio licença ao inſultado Monarcha para ir caſtigar o inſolente: *Quare maledicit canis hic mortuus Domino meo Regi? Vadam, & amputabo caput ejus.* E que faria neſte caſo o generoſo David? Reprimio lhe o orgulho, e naõ deu licença para vingar o deſacato: *Dimittite eum ut maledicat*; mais glorioſo por eſte ſoffrimento no aggravo, que por tantos antecedentes triunfos.

De David me parece o Pina huma imagem; naõ porque lhe herdaſſe a ſoberania do throno, mas porque o imita na fecundidade do metro. Retirado da Corte, o monte o desfructa, porque habita em Montemor o velho, e talvez perſeguido do ſeu Abſalaõ. De longe lhe atiraõ as pedradas, e de taõ longe, como de Evora, e Villaviçoza. Aquelle meſmo Franciſco

ciſco de Pina, que com a pedra do ſeu Poema chegou a proſtrar taõ agigantados contrarios da religiaõ verdadeira, ſe vê apredejado com os tiros, que lhe deſpede a Critica. E o Pina que faz neſte lance? Rebate os impulſos da ira; molha em brandura os bicos da penna; reſponde modeſtamente aos futeis reparos, com que o perſeguem ſeus emulos, e naõ os offende nem com huma ligeira palavra. Muito ſoffreu ſocrates à mà condiçaõ de ſua mulher Xantippa. Quando eſte inſigne Filoſofo eſtava de noyte mais applicado a revolver os ſeus livros, vinha pè ante pè a ſenhora Xantippa, e lhe vertia hum jarro de agoa ſobre a veneravel cabeça; injuria, que elle relevava com incrivel ſoffrimento. O Socrates de Montemor, por mais agoa que lhe lancem ſobre a cabeça, naõ lhe haõ de extinguir o fogo do ſeu precioſiſſimo enthuſiaſmo, nem esfriar os ardentes dezejos, com que ſe applica aos ſeus honeſtos eſtudos: antes elle na moderaçaõ, com que ſoffre, e na madureza, com que reſponde, a vay deitando na fervura ao iracundo furor de ſeus emulos.

Façamos juſtiça. Eu naõ digo que eſtes dous ſabios Criticos Tranſtaganos daõ tanta ſoltura à paixaõ da ira, que expliquem o ſeu ſentimento em termos menos civîs, nem deſaffoguem a ſua bilis em palavras menos compoſtas; porque nem Franciſco de Pina he homem, aquem ſe deſattenda, nem eſſe exceſſo cabe na honra, na literatura, no eſtado, e na prudencia dos meſmos, que o criticaõ: o que digo he que o impugnaõ com huma caterva de ſemrazoens mal fundadas. Se ha couſa no mundo, que faça ſahir a hum homem de ſi, e romper as leys da prudencia, he o ver-ſe atacado com huma ſemrazaõ manifeſta: pois que ſerà quando ſe vê oprimido de

tas? Já vimos nas Cartas antecedentes huma ſemrazaõ em naõ querer que ſe introduzaõ novas palavras quando as leys o permittem, e a neceſſidade o pede. Já vimos outra ſemrazaõ em adoptar o predicado de Heróes àquelles ſómente, que ſe aliſtaõ debaixo das bandeira de Marte. Já vimos que naõ devia fallar em pernas, nem coxas, quando ſe deſcrevem as partes do humano compoſto. Já vimos calumniar de chimera os dous termos epico polemico, com que ſe intitula, e dà a conhecer o Poema. Todas eſtas ſemrazões vay ouvindo com igual ſoffrimento, a todas reſponde com inalteravel modeſtia; e, ſe as naõ ſepulta em hum profundo ſilencio, he porque naõ ſe repute ignorancia, o que he compoſtura; ou porque ſe faz muitas vezes preciſo dar plena ſatisfaçaõ aos reparos, para tapar a boca dos criticos que tomariaõ mais anſa, ſe naõ ſe lhes rebateſſe o orgulho: *Silentium quandoquè noſtrûm adverſantium fovet audaciam*, diz o Chryſologo: *Quos opportet redargui*, dizia S. Paulo.

Perguntado huns dos ſette Sabios de Grecia qual era o mayor inimigo, que tinha hum homem? Reſpondeu, que outro homem: *Quis homini maior inimicus? Solus homo alter.* Diſſe bem; porque todas as vezes que hum homẽ nos ſeus eſcritos dà a conhecer que he homẽ, logo encontra outro homẽ, que ſe lhe declara por inimigo. E ainda que o douto Critico em certa paſſagem da ſua Satyra diz que he grande amigo ſeu; parece-me que eſta amizade imita a da hera, a qual ſe abraça com a parede para a derrubar; materia, que deu aſſumpto àquelle diſcreto alluſivo emblema, em que ſe pintava hum muro coberto com eſte genero de planta, e dizia o lema: *Amizade deſta hera.* Eſta he a boa amizade, que

o

o ſenhor, ou ſenhores Criticos praticaõ com eſte homẽ verdadeiramente homẽ: enchẽ lo de impoſturas, de dicterios, de futeis obſervaçoens taõ manifeſtas; porèm tudo iſto em tom de amizade: abraços, que ſolicitaõ a ruina; amizade, que ſó inculca malevolencia; em fim, amizade deſta hera: porque naõ fora o Pina taõ grande homẽ, ſe naõ tiveſe emulos, que taõ injuſtamente o maltrataõ, e inquietaõ. Ora vejamos outra nova ſemrazaõ.

Diz o erudito Critico *que o Pina faz mentiroſo o Heróe do ſeu Poema.* Conſiſte eſta mentira em que, fallando o Peregrino com aquelle Sacerdote do paganiſmo, lhe diga que vay a correr o mundo, e cale o verdadeiro, e principal intento da ſua peregrinaçaõ. A eſte frivolo, e inutiliſſimo reparo reſponde o Pina como pudera o mais inſigne Theologo; porque naõ ſò lhe enſina as differentes eſpecies, em que a mentira ſe divide, mas tambem allega *ad punctum* a ſentença do Doutor Angelico, o qual expreſſamente diz, que o calar huma verdade he couſa muy diverſa de dizer huma mentira. Podia tambem valer-ſe do axioma Filoſofico: *Præſcindentium non eſt mendacium;* pois na realidade iſto foy o que executou o Peregrino; diſſe que hia a peregrinar, e preſcindio de que hia a convencer. Se eſta preſcindencia do Peregrino deve capitular-ſe por patarata, reſponda o ſenhor Critico a huma duvida, q̃ lhe vou propor. Perguntado Chriſto pelo iniquo Preſidente ſe era filho de Deos: *Tu es filius Dei?* Naõ diſſe Chriſto o q̃ era; antes deu a entender q̃ o naõ era, chamando-ſe filho de homem e nada mais *Amodò videbitis filium hominis venientem in nubibus cœli:* logo, porque Chriſto calou huma verdade, inferiremos que diſſe huma mentira? Peſſima illaçaõ, e, ſobre blasfema, heretical.

Pois

Pois, porque o Peregrino diz que vay a peregrinar, e deixa em ſilencio que vay a convencer, tiraremos por concluſaõ, que foi hum mentiroſo? Eu me benzerei de tal Logica. Dizia Arceſilas, o fundador da ſegunda ſeita dos Academicos: Que de hum capaõ naõ ſe podia fazer hum gallo. Eu digo, que de hum màõ filoſofo nunca ſe pode formar hum bom Critico. Se o deixar huma verdade entre os recatos do ſilencio, he o meſmo que ſacar huma mentira a paſſeyo, metta a maõ na conſciencia o venerando Critico, e veja quantas pataratas terà dito deſtas em toda a ſua vida, ſem que as levaſſe por mentiras aos pès do Confeſſor.

A mentira officioſa naõ nos conſta, pelas regras da boa Theologia, que leve a gente ao inferno, porque he huma ligeira venialidade, que naõ faz perder a graça: porèm eſta mentira do Peregrino, ainda ſendo affectada, e ſuppoſta, perdeu taõ de veras a graça na eſcrupuloſa eſtimaçaõ deſte Critico, que pouco lhe falta para q̃ o triſte Peregrino ouça a tremenda voz do *Ite maledicti.* Mas o Pina, que naõ tem medo a eſpantalhos, ſe deſembaraça doutamente deſte mal conſiderado empecilho propondo o caſo de Abraham com Abimelec. Perguntou eſte Principe àquelle Patriarcha ſe Sara era eſpoza ſua? E reſpondeu o Patriarcha ao Principe dizendo que era ſua irmãa. Duvida-ſe neſte caſo ſe Abraham mentio, ou naõ mentio. Para reſponder a eſta duvida, he neceſſario entrar na averiguaçaõ dos motivos. Sara eſpoſa de Abraham era dotada de huma inſigne formoſura: ſe Abraham diſſeſſe que era ſeu marido, temeu que o mataſſem, para que o Principe ſe aproveitaſſe della, comprando aſſim pelo preço de huma vida o logro de huma belleza,

pois

pois teria por menor mal o homicidio, do que o adulterio. Pois que arbitrio, diſſe o bom Patriarcha, para ſalvar a vida? Direy eu que he minha irmãa; e naõ direy eu, nem Sara, que eſtamos atados com o vinculo do matrimonio: *Dic quod ſoror mea ſis.* Se eſta foi mentira, naõ excedeu os limites de officioſa, para eſcaparàs violencias da tyrannia. Mas os SS. PP., e Expoſitores do texto naõ querem conſentir em que mentiſſe o Patriarcha; porque o dizer que era irmãa (como na verdade era pela proximidade do parenteſco, que havia entre ambos) naõ foi negar que era eſpoſa. Diſſe huma verdade, e calou a outra; ſem que deſte ſilencio ſe infira falſidade: porque, ſe *Mentiri eſt contra mentem ire*, na mente do Patriarcha (ainda ſem appellarmos para a reſtricçaõ) parenteſco, e irmandade tudo vinha a dar em huma couſa meſma; pois no eſtylo do ſeu paiz ſe chamava irmandade ſempre que ſe dava parenteſco: coſtume, que ſucceſſivamente lemos obſervado, tratando a ſagrada pagina a Santiago por Irmaõ de Chriſto, que ſó era ſeu parente: *Jacobum fratrem Domini*: logo na mente, e na lingua do Patriarcha foy verdade o dizer que eraõ irmãos: e, o calar a verdade de ſer caſados, naõ deve contar-ſe no numero das mentiras.

Athequî reſpondeu diſcretamente o Pina taõ ajuſtado á razaõ, como inſtruido na materia. Agora direi eu tambem o meu texto de mentiras, que o naõ foraõ; dando com elle mais algum vigor ao que fica jà provado. Aos que ſaõ verſados na licçaõ das Eſcrituras, he vulgar o cazo, que ſuccedeu ao Patriarcha Iſaac com ſeus dous filhos Eſau, e Jacob. Envelheceu Iſaac, e foy a cegueira reſulta da ſua muita idade: *Oculi ejus caligaverant præ nimia ſenectute;*

ſtute; e, conhecendo que ſe avizinhava a morte, quiz lançar a bençaõ de primogenito a Eſau, ao qual pela antelaçaõ do naſcimento devia tocar o morgado da ſua caza, que havia de fundar-ſe na ſua meſma bençaõ. Chamou-o, e fallou-lhe aſſim. „Pre-„para, filho, as tuas armas venatorias; vay a caçar, „como tens de coſtume; e, do que trouxeres, faze-„me hum guizado, como tu ſabes que eu gòſto; por „que, depois de comer, te quero abençoar: *Et benedicat tibi anima mea.* Foy-ſe Eſau. Rebecca, mãy do meſmo Eſau, e de Jacob, que amava com maior extremo a Jacob, do que a Eſau; deſejando que a bençaõ da primogenitura recahiſſe naquelle, e naõ neſte filho, ſe valeu da induſtria para lograr o intento. Matou logo hum cabritinho: das pelles armou humas luvas para cobrir as mãos de Jacob, a fim de imitar as de Eſau, que eraõ cabelludas: diſpôs o guizado para o velho Iſac: induſtriou a Jacob no que devia dizer: chegou Jacob, à porta da camera, em que eſtava o Pay: ſentio-o Iſaac, e perguntou *Es tu acazo meu filho primogenito Eſau*? Sim ſou, lhe reſpondeu Jacob; eu ſou Eſau voſſo filho primogenito. Chega-te, filho, de mais perto, que quero ver ſe o tacto deſmente o que o ouvido me perſuade. Chegou Jacob ao leito; palpou-lhe o Pay as mãos; e, dando menos credito ao ouvido, do que ao tacto: *Vox quidem vox Jacob, ſed manus manus ſunt Eſau*, o abençoou: dizendo: *Det tibi Dominus de rore Cæli, & de pinguidine terræ.*

Eſte foy o famozo cazo Iſaac, e eſta foy a farça lograda felizmente pela induſtria de Rebecca. Obſervem os curiozos Eſcriturarios quantas mentiras vaõ envoltas neſte memoravel ſucceſſo. Mentîo Rebecca em fingir na pelle do cabrito as mãos de Eſau,

Eſaú, que na realidade eraõ de Jacob: e a mentira naõ ſó ſe diz com a palavra; tambem ſe diz com a obra. Mentio Jacob, dizendo que era Eſaú, pois na realidade naõ era Eſaú, ſenaõ Jacob. Tornou a mentir, pois, perguntando Iſaac: como viera tam brevemente: *Quomodo tam citò invenire potuiſti?* lhe reſpondeu o filho: *Voluntas Dei fuit;* dando niſto a entender que tinha ido ao monte o que de caſa naõ ſahira. Mentio em ſe appellidar primogenito, ſabendo muito bem que era filho de ſegundo, e naõ de primeiro parto. Conſultemos agora a toda a multidaõ numeroza dos ſantos Padres, e Doutores da Igreja, ſe foram mentiras todas eſtas, que acabamos de referir; e reſponderâm com S. Agoſtinho que por nenhum caſo devemos entrar em ſemelhante penſamento. Todo eſte lance era huma couſa, e ſignificava outra; porque eram vaticinios, que prefiguravam myſterios. Infiro agora: Pois, ſe naõ he mentira dizer que era o que na verdade naõ era; calar o q̃ he, porq̃ cauza ſe hade reputar por mentira? Ora diga-me o ſenhor Critico Eborenſe que péde replicar ſobre eſtas evidencias.

He tam grande o numero das mentiras officioſas, de que faz mençaõ a Eſcritura ſagrada, que a cada paſſo as encontrará o que for verſado na ſua deleitavel licçaõ. Naõ foi pequena a que ſe lê de Micol, filha de Saul, para livrar da morte a ſeu Eſpozo David. Muito a peſar da valentia, e fidelidade, com que David tinha aſſegurado a vacillante coroa na cabeça do ingrato Saul, deixou Saul penetrar-ſe dos impulſos de huma vil inveja, e quiz varias vezes tirar a vida a quem com a morte do gigante lhe firmou na maõ o ceptro, e com o toque da cithara lhe affugentava o demonio. Em huma

occaziam, em que a violencia do odio nam deu lugar à cautéla, percebeu Micol o depravado intento do mal intencionado Monarcha; e, aſſim que David entrou em caſa, lhe deu avizo da ruina, que conſideràva imminente: para cujo fim, fazendo de huma janella porta, lhe aconſelhou q̃ ſe eſcondeſſe no campo para eſcapar fugitivo: *Niſi ſalvaveris te nocte hac, cras morieris*: e, para dar-lhe mayor eſpaço à fuga, formou o vulto de hum corpo, que na cama introduzio, para que, quando o vieſſem buſcar para o levar ao ſupplicio, pudeſſe ella dizer que naõ podia ir por enfermo: *Miſit autem Saul apparitores, qui raperent David, et reſponſum eſt quod ægrotaret.* Regiſtaraõ os miniſtros o leito, e reconhecendo no fingido vulto a deſtreza do engano, o foraõ dizer a Saul: eſte ſe queixou de Micol a Micol: *Quare ſic illuſiſti mihi, & dimiſiſti inimicum meum ut fugeret?* e Micol ſe deſculpou com ſeu pay no ameaço da morte, que lhe fizera David: *Ipſe locutus eſt mihi: dimitte me, alioquin interficiam te.*

Neſte facto, que he hum dos mais célebres da ſagrada pagina, e em q̃ ſe conhece quanto póde a induſtria de hum coraçaõ occupado da paixaõ de amor; mentio Micol, mas taõ diſcretamente, que merecia alguma deſculpa por cada mentira. Mentio em dizer que David jazia enfermo no thalamo, ſendo certo, q̃ lhe tinha facilitado a fuga para eſconder-ſe no monte. Mentio em fingir huma eſtatua, que imitava a eſtatura de hum corpo, a fim de que os miniſtros o viſſem, e o julgaſſem enfermo. Mentio em dizer a Saul, que David a ameaçara com a morte, ſe lhe naõ conſentiſſe a fugida, ſendo ella a que avizou a David do perigo em que eſtava. Mas todas eſtas faõ humas officioſas mentiras, e tam alheas de culpa, que antes ſaõ dignas

gnas de hum eterno louvor; ſem que por ellas mereceſſe Micol huma eternidade de pena. Jonathas mentio tambem a ſeu pay para livrar da morte ao Amigo. David fugitivo mentio ao Sacerdote do templo, quando lhe pedio huma eſpada, dizendo-lhe que vinha ſem ella, porque a preſſa de obedecer a Saul o obrigara a ſahir deſarmado: *Nam juſſio Regis urgebat*; ſendo certo, que ſó o medo da morte o privara do acordo para ſahir ao deſterro voluntario ſem armas.

Deſtas officiozas mentiras ha, como ja diſſe, huma multidaõ infinita na Hiſtoria ſagrada; às quaes ſe pode ajuntar o que ſe refere do Patriarcha Serafico, que eſtando em hum caminho, e vendo vir hum homem com a eſpada na mam, que lhe perguntou ſe tinha paſſado por aquelle ſitio hum F. o Santo metteu as maons nas mangas, e diſſe: *Naõ paſſou por aqui, pois ha tempo, que eſtou neſte ſitio, e certamente por aqui naõ paſſou*: De fórma que com eſta reſtricçaõ, que poderia parecer mentira officioſa de que o F. naõ lhe paſſou pelas mangas do habito, evitou o homicidio. Nam he menos engraçada a reſpoſta da Rainha Santa Izabel, que levando no regaço da ſaya huma porçam de dinheiro para repartir pelos pobres, e encontrando-a ſeu eſpoſo o Rey D. Diniz, lhe perguntou: *Que levava?* reſpondeu a caritativa Heroina, illuſtrada por Deos que o Céo a naõ arriſcaría ou a mentir, ou a deſgoſtar ſeu eſpozo: *Levo rozas*, e aſſim ſucedeu; porque appareceraõ rozas, ſocegando-ſe o Rey, e florecendo a caridade.

Em alguns deſtes memoraveis ſucceſſos, filhos legitimos da cautéla, e da humana induſtria, bem ſe póde affirmar que ſe encontra aquella eſpecie de men-

tiras, que os Theologos conhecem, e diſtinguem com o nome de officioſas; e nellas he certo que, ainda ſem culpa mortal, em alguma couſa ſe faltou á verdade: porèm a mentira, de que falſamente he accuſado o Peregrino do Poema, nem ainda levemente ſe deve capitular por mentira; e a razaõ da differença conſiſte em que naquellas, aſſim, ou aſſim, ſe aſſeverou que fora o que naõ tinha ſido; e na do Peregrino houve ſómente hum cautelozo ſilencio, que deixou de dizer o que naõ era precizo declarar. E, como na ſentença do Doctor Angelico, ſeguido, *nemine diſcrepante*, por todos os Theologos, o calar huma verdade, injuſtamente ſe condena por manifeſta mentira: ſegue-ſe em boa Logica, que o Accuſador lhe levanta eſſe teſtimunho falſiſſimo; e que eſta he huma das iniquas ſemrazoens, com que pertendeu apurar o ſoffrimento do Author da Epopeia, cuja moderaçaõ naõ era merecedora de que ſe lhe fizeſſe taõ mal diſpoſto inſulto.

Porèm demos, e concedamos livremente que eſte ſilencio do Peregrino haja de infamar-ſe com o labéo de huma conteſtada mentira; perderia acaſo o Peregrino por eſſa culpa o caracter, que ſe lhe dá de Heróe? E ſendo o principal empenho do Poema epico naõ tanto engrandecer o Heróe, quanto o formar hum Heróe, [como nos enſinaõ os Meſtres da Faculdade] e, naõ tendo o homem em ſi mais que malicia, e peccado, [como define o Concilio Conſtancienſe] e ſendo igualmente certo, que todos, ainda os que vivem mais juſtificados, là tem ſeu tanto quanto de mentirozos: *Omnis homo mendax*, [como diz David] he impoſſivel que os Poetas achem hum homem, que ſeja digno do ſeu louvor, ou emprego do ſeu poetico artificio. Que mentiras

naõ

naõ fazem dizer aos Heròes dos ſeus Poemas os dous primeiros Epicos Homero, e mais Virgilio! Mas athequi naõ me conſta que deixaſſem de ſer Heróes o da Eneida, e o da Iliada. Senhor Critico Eborenſe muito da minha veneraçaõ, ſua mercê no meu pobre conceito he hum Heróe em pontos de critica; e, naõ obſtante a heroicidade, que lhe conſidero, como devida ao ſeu merecimento, naõ poderà dizer com verdade que naõ diga de quando em quando a ſua mentirinha: logo eſte ſilencio do Peregrino, ainda quando lhe concedamos que faltou nelle à verdade, naõ o póde esbulhar da poſſe de ſer Heròe, em que o conſtitue o Pina.

Provada a ſemrazaõ da mentira imputada ao Peregrino Heróe da Epopeia; ponderemos outra, em que o douto Critico Eborenſe parece que eſtà empenhado a *Ludere verbis*, gaſtando o preciozo tempo em puerîs reparos. Diz, pois, que o Genio do Peregrino he neſte Poema huma imagem muda, q̃ nunca ſe lhe ouve dizer huma ſó palavra; mais muda, que os pantominos dos antigos theatros Romanos; porque eſtes, jà que naõ animaſſem as vozes, ſe explicavaõ por acçoens; porèm que o Genio nem tem acçaõ, nem voz. Devera advertir o erudito Cenſor, que eſte Genio faz a figura do Anjo Cuſtodio, ou de outra alguma Angelica Intelligencia; e q̃, ſegundo nos enſinaraõ nas aulas, os Anjos naõ ſe explicaõ por palavras, e ſó ſe entendem por conceitos. Reſponde egregiamente o Pina deſmentindo taõ formidavel impoſtura: e, para uzar daquelle argumento, a que os Filoſofos chamaõ *ad hominem*, lhe repete algumas paſſagẽs do ſeu Poema, em que o Genio falla, e falla de myſterio. E ahi temos outra ſemrazaõ accuzando a mudez do Genio; pois ſe faz manifeſto, que ainda que naõ falle muito, alguma palavra diz: porque

que eſte Genio do Peregrino naõ tem tam màо genio como o do ſenhor Critico, que nada diz por mais que falle.

Diz mais o Pina, que ainda que o Genio foſſe inteiramente mudo, nam por iſſo deixaria de fazer o ſeu papel naquelle Epico teatro; porque nelle, como em qualquer outro, ſe introduzem figuras de perſpectiva á imitaçaõ da pintura: para cujo aſſumpto alléga a authoridade de Luzan, que he terminante, e vem de molde. Acreſcenta, que, dado o caſo, que naõ fallaſſe o Genio, ſempre tem lugar na ſcena deſte Triunfo, porque ſerve de teſtimunha ao famozo intento do Peregrino; pois toda a acçaõ heroica, qual era eſta de confutar errados dogmas, neceſſita de teſtimunha, que a qualifique. Verdade he eſta, que athè na ſabedoria tem lugar. Que importa que eu ſaiba, ſe ninguem ſabe que eu ſey? Daqui vem aquelle vulgar affoſiſmo: *Scire tuum nihil eſt, niſi te ſcire, hoc ſciat alter.* E, ſe iſto naõ he aſſim, diga-nos o ſenhor Critico de que forma nos conſtaria o ſeu relevante criterio, ſenaõ fazendo-o publico neſta ſua Critica? Immudeça nas aulas, e negue à penna o deſaffogo dos ſeus doutos eſcritos, para ver ſe conhece o mundo o theſouro, que ſe depoſita em Evora. Logo, aſſim como os ſeus eſtudioſos deſvelos neceſſitavam de formalizar huma Critica para dar-ſe a conhecer; aſſim tambem as diſputas do Peregrino faziam preciſa a aſſiſtencia do Genio, que, como teſtimunha, e de mayor excepçaõ, as pudeſſe qualificar.

Saudou o Anjo a Gedeam intitulando-o mais valente de todos os homens: *Dominus tecum, virorum fortiſſime.* Sóbe (lhe diſſe o Paraninfo) ao alto

to daquelle monte; deſce depois à planicie daquelle valle, ſitio do acampamento dos Madianitas, que haõ de ſer emprego dos golpes da tua eſpada, deſpojo do teu valor, e materia do teu triunfo: e, porque agora he noyte, e teràs medo de ir ſó, leva contigo a eſſe teu criado Phara, que he tambem homem de pulſo, e coraçaõ: *Sin autem ſolus ire formidas, deſcendat tecum Phara puer tuus.* Naõ alcanço eſta ſentença do Anjo, porque me parece hum pouco paradoxa. Acaba o Anjo de lhe chamar o mais valente homem, e ſuppõem-lhe medo? Ainda naõ ha muitos inſtantes era Gedeaõ hum *Virorum fortiſſime;* e jà recea que Gedeam tenha pavor, *formidas?* Se Gedeaõ he taõ valente como o Anjo diz, naõ pòde ter medo de ir ſo, apeſar da noyte; e ſe o horror das ſombras faz medrozo a Gedaõ, não he tam valente, como diz o Anjo. Mais. Ou o eſtrago, que Gedeaõ hia fazer nos Madianitas, era obra toda de Deos, e neſte caſo baſtava que Gedeaõ foſſe ſó; ou era para acreditar a valentia deſte Capitam, e neſte lance ficaria mais airoſo, ſe naõ foſſe acompanhado. Pois que papel vay fazer Phara em acompanhar a Gedeaõ? Eu naõ poſſo affirmar com certeza o como diſſolvêm eſta duvida os Interpretes deſte texto; porém, ſe me naõ engana a memoria, parece-me que ja li, que foy Phara acompanhar a Gedeaõ *Ut eſſet teſtis,* para que Gedeaõ tiveſſe em Phara huma abonada testimunha. E ſe a heroica temeridade do Capitam famozo neceſſitava de quem teſtimunhaſſe o facto; nam vay muyto fora de conta, que o Genio acompanhaſſe ao Peregrino para teſtimunhar a empreſa. E ahi temos o Genio, ainda que mudo, repreſentando o ſeu papel no theatro deſte inſigne Triunfo.

A

A futilidade de outros muitos reparos, em que o Critico conſome inutilmente o tempo, naõ ſaõ dignos de que o conſumamos em lhe dar reſpoſta; porque ſe conhece que naõ vay a buſcar verdades, ſenaõ a oſtentar noticias, e dar mais vulto ao ſeu Papel. A curioza indagaçaõ dos modernos Aſtronomos applica a viſta ao teleſcopio para obſervar nos Planetas as manchas, que na realidade tem: mas empregar todo o cuidado em deſcobrir manchas, que o naõ ſaõ, he naõ ver a luz, e querer ver as ſombras. E que dirà o erudito Critico quando lhe obſervarmos o tremendo dezacerto de querer ao lado do Peregrino o *Mentor da Epopeia do Telemaco*? Juſtamente ſe eſcandaliza o Pina, e aperta as mãos ſobre a cabeça, ao ver que hum homẽ Catholico, e que moſtra huma grande licçaõ dos livros, houveſſe de preferir para companheiro do Herõe hum Mentor Gentilico a huma Intelligencia Angelica. Vejaõ là que *Muſa mihi cauſas memora* para convencer hereſias, e triunfar a religiaõ. Veja bem (ſe acazo naõ cegou de inveja) ſe tem proporçaõ o *Dic mihi, muſa, virum captæ poſt tempora Troyæ* com hum aſſumpto abſolutamente ſagrado, em que a religiaõ ſe intereſſa. Perdoe-me o douto Critico, e permitta me dizer-lhe, que eſta eſpecie do *Mentor* he muito heterogenea da ley de Deos; que o preferir hum Mentor Gentîo a hum Anjo Cuſtodio, he rebentar de Humaniſta, e eſquecer-ſe de Chriſtaõ; ou, para me explicar com a diſcriçaõ de Solîs:

Ir caminando azia el templo,
dexando-ſe atràs el culto.

Primeiro que tudo, o reſpeito, com que devemos tratar as materias pertencentes à religiaõ: depois de cumprir com eſte dever, apure o engenho

genho delicadezas, e ſolte os diques às erudiçoens. Mentor para companheiro deſte Peregrino faria o meſmo papel, que com Socrates o ſeu demonio familiar.

Affroxemos hum pouco a corda ao arco da ſeriedade deſte diſcurſo; e, depondo a carranca de ſevero Cataõ, tomemos o riſonho aſpecto de hum poeta jovial. Vá de epigramma, que he muy do caſo. Certo Critico, naõ glotaõ, mas rabaceiro, fez huns reparos de pouca monta em hum Poema dilatado: ſoube-o o Author do Poema, e deſpicou-ſe com o ſeguinte:

Cur, dic, tam parcè numeroſo in carmine mordes?
Crede, quia aſſueſcis mandere quiſquilias.

Eſtes Criticos, que ſe detèm em caſquilhas, naõ eſtou bem com elles. Diz o noſſo rifaõ Portuguez: *Mal lhe vay à rapoza, quando ella anda aos grillos;* e eu digo: *Bem lhe vay ao Pina, quando os ſeus emulos naõ achaõ outra couſa, que lhe notar.* Athequi naõ temos viſto neſtas duas Criticas hum reparo de entidade: tudo ſam caſquilhas, nada de ſubſtancia: erros ſobre erros, deſcuidos ſobre deſcuidos, dicterios ſobre dicterios; em huma palavra, *mandere quiſquilias*: Parecem-me eſtes meus ſenhores ſequazes do pirroniſmo, em cuja doutrina, de tudo ſe duvidava: ainda as verdades mais evidentes achavaõ no ſeu criterio apertadas duvidas. Aſſim os vejo praticar, e naõ ſey em que ſe fundaõ. Ammonio, Filoſofo Chriſtaõ, foi o primeiro que intentou conciliar o dictames oppoſtos de Plataõ, e ſeu diſcipulo Ariſtoteles. Eſtes dous Filoſofos moderniſſimos bem podiaõ reconciliar-ſe com o Pina, e naõ diſſentir do ſeu dictame em pontos de Poetica. Ou authorizem mais ſolidamente a diſcordia, ou cuidem de retractar o erro.

Santo Ambroſio, ſegundo Doutor da Igreja, teve por certo que Platão fora no Egypto diſcipulo de Jeremias. S. Agoſtinho, parecendo-lhe que hum homem como S. Ambroſio nam podia errar, o ſeguio neſta opiniaõ: mas depois, calculando mais exactamente os tempos, conheceu que errara Ambrozio naquelle juizo, e que errou o meſmo Agoſtinho em ſegui-lo cegamente; porque, ſegundo o computo de Euſebio, Jeremias profetizou na Olympiada 37, e 38, e Platão naſceu, ſegundo o calculo de Stanley, naõ eſtou agora bem certo ſe no primeiro, ou no quarto anno da Olympiada 88: e entre a morte do Profeta, e o naſcimento do Filoſofo mediaram ao menos cento e ſeſſenta annos; diſtancia de tempo, que faz impoſſivel o ſer eſte Filoſofo diſcipulo daquelle Profeta. E que fez Agoſtinho? Fez o que devia fazer hum homem como Agoſtinho: confeſſou que errara, e retractou o erro. Iſto meſmo quizera perſuadir aos eruditos Criticos Tranſtaganos ſeguindo o exemplo daquelle Africano Pheniz; conhecer, e retractar o erro, porque *Sapientis eſt mutare conſilium.* Deos vos guarde &c.

CARTA VI.

AMigo e Senhor. Ainda que o meu Prelado domeſtico, cheyo de piedade com as minhas moleſtias, e de zelo pela minha ſaude, me deu huma boa reprimenda por ver-me a cama convertida em eſcritorio; e quiz privar-me do tinteiro para evitar a occaziam da que elle ſuppoem culpa: pode mais cõmigo a perſuaſaõ do genio, que a força do preceito. Naquellas horas, em que a diſtancia dos lugares, e a neceſſidade do ſomno fazem com que me roube aos ſeus olhos, naõ poſſo eximir-me de tomar na maõ a penna; porque ha delictos, que ó o ſaõ quando conſta que ſe commetteraõ. A noite he grande capa de velhacos; o ſeu ſilencio he complice de muitos peccados. Como naõ haja teſtimunhas, que me malſinem, tem de bom eſta culpa o naõ cauſar eſcandalo. A'lem diſto; em mim o eſtar continuamente fazendo rabiſcas (que nam faço outra couſa) he tam uſual, que jà de habito paſſou para vicio, e me vejo comprehendido na ſentença de Horacio.

Tenet inſanabile multos
Scribendi cacoethes.

Bem ſey, meu Amigo, que iſto he cantar mal, e porfiar; porèm o genio me perſuade, e a razam ainda he mais poderoza, porque me impelle: e ahi temos praticada a previa moçaõ dos Thomiſtas, q̃ me neceſſita ſem violencia da liberdade; pois *inſenſu compoſito* (expliquemo-nos aſſim) no ſentido de compor a prezente ſombra de Apologia, me ſinto pela inclinaçaõ movido, e pela innocencia do

Pina obrigado. Fraco, e, ſobre fraco, rude, conheço o eſtylo deſta Defenſa; porèm a minha rudeza

Scribere quæ vellem calamo permiſit agreſti:

contentando-me com ſaber, que *In rebus magnis ſit voluiſſe ſatis.*

A preſente cacotechnia [he palavra Grega, que ſignifica o mào uſo de qualquer arte; e vay em tom de amizade fazer companhia ao *ulular*, de que ao depois fallaremos] ſó ſerve de aproveitar algum daquelles pontos, que a vaſta erudiçaõ do Pina

Le dexò por eſcondido,
ò le perdonò por pobre.

O Pina, como he raio, foi empregando a força onde julgou que era mayor a reſiſtencia: queimou a eſpada, e naõ fez cazo da bainha: naõ ſe deteve na caſca, foi-ſe direito ao amago. Porèm eu, que ſou hum bichinho da terra, ando á maçaã do cham, e contento-me com apanhar as migalhas, *quæ cadunt de menſa domini.* Naõ me lembro, por certo, onde li a eſpecie, que vou a repetir. Achavaõ-ſe dous Generaes em termos de dar batalha ao Inimigo; e diſſe hum ao outro: *Tu ſiniſtrum cornu tene, ubi maior eſt hoſtium numerus, ego dextrum tenebo; contentus ſane, ſi, te vincente multitudinem, parvam illam manum, quæ ſe nobis offert, diſſipavero*: fique para o Pina o empenho de vencer as difficuldades maiores, que eu me darei por contente, ſe triunfar das objecçoens de menos monta: e, o que naquelle Capitam foi corteſania militar, ſeja em mim ſincera confiſſaõ. Como reconheço a differença das forças, contento-me com o menor empenho. Coroe-ſe o Pina com a dignidade do louro, que a mim me ſobra huma grinalda de grama.

E

E com effeito neſta admiravel Reſpoſta, em que o Pina deſempenha ao ſeu Poema daquella ſevera critica, ou mal formada ſatyra, com que o inſultaõ ſeus emulos; alléga humas razoens taõ ſólidas, e humas authoridades taõ terminantes, que naõ deixaõ lugar à duvida, nem materia para novos reparos. Jà de antes o tinha feito aſſim no bello Prologomeno do meſmo Poema: e lembrado eſtareis vós, meu Amigo, do que eu vos diſſe quando me communicaſtes eſta inſigne obra: *O Pina tapou todos os buracos*: que val tanto como dizer, que tinha dado huma cabal ſatisfaçaõ preventiva a quantos reparos ſe lhe pudeſſem fazer depois. Porèm como a demaſiada luz nos olhos talvez produz cegueira, em quem naõ goza dos privilegios de aguia, ſuccedeu, que os ſeus dous Criticos ou nam viram a brilhante luz das ſuas doutrinas, ou cegaram com a meſma luz, que lhes deu nos olhos: pois, tendo elle refpondido tanto de antemaõ às occurrentes difficuldades, ſahiram depois eſtas duas Criticas impugnando aquillo meſmo, que ja eſtava tam plenamente ſatisfeito; e iſto com expreſſoens hum pouco magiſtraes, que fogem do caracter de quem repara, e ſe arrogam a authoridade de quem decide. Notou o Critico Eborenſe [como na minha vos moſtrey] que ſe uniſſem com tam monſtruoſo laço o epico, e o polemico: e, depois de ter eſcrito eſte deſacordo, mais proprio de hum principiante pouco inſtruido, que de hum homem nas bellas letras taõ aproveitado, ſe põem em publico dizendo eſte, que bem merece o nome de deſatino: *Eſte defeito ainda he mayor*; cuja maioria conſiſte em que a fabula deſte Poema *naõ ſe eſtriba em verdade hiſtorica, maxima que ſeguiram os primeiros quatro Epicos.* Eſta he em

buſ-

ſubſtancia a maioria deſte grande defeito, ou grande peccado, cuja abſolviçaõ neceſſita de eſpecial Bulla do Deos Apollo, pois nam póde abſolvê-lo qualquer ſimplez leigo do Parnaſo.

Reparo que, tendo os dous ſenhores Criticos liſonjeado ao Pina com alguns louvores muito proprios da cortez piedade de ambos, e muito dignos do merecimento do Author, lhe notaõ defeitos de ſuperior, e inferior jerarchia. Huma de duas: ou os defeitos ſam ſuppoſtos, ou os louvores affectados; porque naõ póde ſer ſincéro o elogio, que degenera em declarado vituperio. Mas jà dey no ſegredo deſta variedade: ou foy muita inconſtancia de animo, ou foy a lingua hypòcrita do que ſentia o coraçaõ. *Populus hic labiis me honorat, cor autem eorum longe eſt à me.* Se naõ for jà, que, tendo cada hum deſtes meus ſenhores tomado a ſi, ainda que *invito domino*, o emprego de Juiz da balança; e, definindo-ſe a virtude da juſtiça diſtributiva: *Jus ſuum cuique tribuere*, daõ o premio, ou caſtigo, ſegundo o merecimento da obra; que aſſim o fazia o Doutor das Gentes: *Laudo vos? in hoc non laudo.* Oh lingua da balança, (deixay me exclamar, que o cazo he para iſſo) Oh lingua da balança da mais fiel equidade, que naõ inclinas para huma, nem para outra parte! E que bem imitas ao Divino exemplar, de quem diz David: *Juſtus Dominus, et juſtitias dilexit, æquitatem vidit vultus ejus!* Sim, meu bom Amigo; iſto he o que faz a inteira incorruptivel equidade dos dous Cenſorinos Catões: venha o menino à palmatoria, quando merecer o caſtigo; mas quando ganhar o troféo, va o rapaz para ſua caza carregado com o pezo da bandeiróla. Senhores Criticos do meu coraçaõ: mais mulla, e

me

menos gualdrapa; mais cortina, e menos franja. Eu fico por fiador de que lhes perdoa os elogîos, com tanto, que lhe naõ levantem falſos teſtimunhos.

E a eſte, que lhe levantam de naõ ſer facto hiſtorico a fabula do ſeu Poema; a eſte, a quem intitulaõ por maior defeito, reſponde egregiamente o Pina, dizendo, que entre os Controverſiſtas da Faculdade poetica naõ ſe aſſentou ainda, ſe a fabula da Epopeia deve fundar-ſe em facto hiſtorico, e verdadeiro, ou ſe ha de ſer formado na liberdade da fantaſia do Poeta. Para iſto deſentranha do teſouro da ſua vaſta erudiçaõ as Iliadas, as Odiſſéas, as Enéidas, e as Luſiadas com explicaçaõ taõ clara, e documentos tam certos, como de maõ de Meſtre. Alguma couſa, ainda que pouco, tenho lido ſobre hum aſſumpto tam acremente diſputado. Sei que Madama Dacier deu preferencia de Homero ſobre Virgilio. Venero o voto de taõ erudita Eſcritora, mas li outros Authores de ſublime nota, que collocaõ a Virgilio muito ſuperior a Homero: baſta-me a authoridade de quem diſſe:

Neſcio quid maius naſcitur Iliade.

Pondo, porèm, de parte eſta renhida controverſia, porque as comparaçoens veſtem ſempre o traje de odioſas, vamos ao ponto principal deſta materia, que ſe trata. Dou, e concedo livremente, que deva ſer facto hiſtorico a fabula do Poema. E quem lhe diſſe ao ſenhor Critico de Evora, q̃ a fabula do Triunfo da Religiaõ naõ he huma verdade vulgariſſima nas Hiſtorias? Eu naõ poſſo crer que naõ tenha lido a obra Franceſa *Varation des Egliſes*, nem a Hiſtoria univerſal do Abbade Fleuri, nem a hiſtoria Chronologica dos Papas, nem os res Cardeaes Baronio, Bellarmino, e Goti, nem

Arſ-

Arſdekin, ſe tem licença par o ler. Sam infinitos os Authores, em que achará a cada paſſo noticia hiſtorica das hereſias. Pois, ſe o ſeu dictame ſequaz do de Voltairre (Deos o tenha em deſcanſo) quer que em facto hiſtorico ſe funde a fabula da Epopeia; onde eſta *o mayor defeito* da Epopeia do Pina eſtabelecida em materia de hereſias, de que eſtam cheas as Hiſtorias? Eu cuido que cada hum deſtes meus veneraveis Cenſores podem dizer de ſi o que em certa ocaſiam diſſe Horacio :

Ibam fortè viâ ſacrâ, ſicut meus eſt mos,
neſcio quid cogitans nugarum, totus in illis.

Sim ſenhor: hiaõ talvez de ſuas caſas para a Igreja, repreſentando-lhes a ſua imaginaçaõ o que quer que foſſe, que os diſtrahio; naõ ſe lembraram de ſer factos hiſtoricos as hereſias; e, como cada hum hia *totus in illis*, eſcreveraõ o que imaginaram. Forte deſcuido! Mas a iſto, e a tudo o mais, que os Criticos inventaõ para deſaffogo da inveja, ſatisfaz o Author do Triunfo com ſuperabundancia; ſe naõ for, que para as doutrinas, que neſte Papel eſcreve, encontre taõ cegos os olhos de ſeus Adverſarios, como eſtiveram no Prologomeno. Digo-vos deveras, meu grande Amigo, que ha Paços, que parecem pardeeyros. Bernini eſcrevendo tantos tomos da hiſtoria das hereſias; porèm as hereſias naõ ſaõ factos hiſtoricos! Se iſto naõ foi hum *Neſcio quid cogitans nugarum*, naõ ſey que nome lhe poderemos dar.

E, ſendo tudo o que neſte Poema ſe lê muito digno do mais alto apreço, o que mais me arrebata, e os Criticos deſconhecem, he aquella engenhoſa contextura, que tanto afformoſea a obra, e na Arte logra o titulo de ficçaõ; artificio, que conſtitue

titue Poeta ao poeta, porque *Poeta* quer dizer *fictor*; e o q̃ nam ſabe fingir, naõ ſabe verſificar: quem ſabe fingir digo; porq̃ muitos fingem, mas naõ ſabem. Fingem como Bernardo Taſſo, e Arioſto com algũs outros, cujas ficçoens, por ficarem muito diſtantes do veroſimil, em vez de formozura, fazem horriveis fealdades nas ſuas producçoens; e por iſſo, como bem adverte o Pina, ſaõ excluidos do numero dos Authores, que compuzeram Epopeias. Ora aquelle Peregrino, aquelle Genio, aquellas jornadas, aquelles encontros, em hũa palavra, aquelle todo eſtà taõ dentro dos limites da veriſemelhança, que a ficçaõ parece que ſe deſmente de ficçaõ, e ſe converte em realidade. Alli o fingimento he primoroſo deſempenho da arte; e a propriedade huma viva imagem da natureza.

Porèm eſta nobiliſſima parte, ou ornamento da Epopeia, ha lances, em que ſe póde practicar, e ha tambem lances, em que nam póde ſer. Darey dous exemplos para me explicar melhor. Chegou à India Diogo Joaõ de Serpa, e Noronha, Socio meu na Meritiſſima Academia dos Occultos, e Engenho ſoccorrido das influencias do Parnaſo: e, querendo compor huma pequena Epopeia em obſequio do Marquez de Alorna, Vice-Rey daquelle Eſtado; fingio a hum Peregrino viajando pelo mundo, e que, chegando à Corte da Perſia, vira em huma praça publica differentes quadros, e retratadas nelles as glorioſas empreſas, e incomparaveis triunfos daquelle grande Heróe; e que attrahido da fama de ſuas victorias, emprendeu o largo caminho de Aſtrakan a Goa, para conhecer a hum Varaõ, q̃ devia aos pinceis tam excellentes raſgos. De forma que a fabula do ſeu naõ dilatado Poema eram os

triunfos do Marquez, naõ fantaſticos, e mentirofos, mas reaes, e verdadeiros: e a belleza, e ornato da ſua obra recebia toda alma do que era fingimento. O Peregrino, o eſtar na Perſia, aquellas pinturas, aquelle vir a Goa para ver ao Heróe de tanto vencimento, tudo iſto he fingido, mas taõ deſtramente fingido, que deſta ficçaõ ſe fabrica o eſpirito do ſeu Poema.

Em outro caſo jà a meſma ficçaõ nam pòde ter lugar, e he o ſeguinte. Na conquiſta de Alorna era preciſo abrir a porta da Praça, e ſe devia fazer por meyo de hum petardo. Nam havia quem ſe atreveſſe a ir pregà-lo na meſma porta defendida pelos lados, e pela parte ſuperior por infinitas eſpingardas. Animou-ſe a eſte arrojo abſolutamente impraticavel o valoroſiſſimo engenheiro Pedro Vicente Vidal, de naçaõ Valenciano; e por entre hum chuveiro de bàlas, e de ſettas, que nem levemente o tocàram, foi com incrivel valor cravar na porta da Praça aquelle bellico inſtrumento, e dar-lhe fogo; e voltou muito enxuto com o meſmo deſenfado, com que tinha ido, a receber dos companheiros os abraços, e de todo o exercito os aſſombros. Entrou-ſe a Praça; e fez tal rumor no eſpirito das gentes aquelle arrojo, a todas as luzes temerario, que de diverſas partes vieram nam poucos Barbaros a ve-lo, e a conhecer hum homem de tam intrepido valor. Ex-aqui jà neſte caſo naõ cabe o ornato daquella ficçaõ; porque com o Vice Rey podia fingir-ſe a jornada do Peregrino a ver hum Heròe dominante ſobre a fortuna: mas com o Vidal naõ podia praticar-ſe a meſma ficçaõ, por ſucceder na realidade o que là fora fingimento. Poderà bem o Poeta valer-ſe da proſopopeia, ou de outras figuras,

e

e tropos da Rhetorica, para dar mais vulto a eſte heroico feito: mas, como elle foy tal, que ſe fazia incrivel, excede a realidade os limites de toda a ficçaõ.

Mas, deixando à parte eſtes dous ſucceſſos, que bem ſey a ſahida, que ſe lhes póde dar, diz bem o Padre Rapin quando diz, que na Epopeia *La fiction i regne par tout*, que em toda ella deve reinar a ficçaõ, porque he como alma daquelle corpo, ſem a qual ficarà a meſma Epopeia como corpo ſem alma. Eu ainda digo mais, porque digo que naõ ſo na Epopeia, mas em qualquer genero de poeſia lhe infunde eſpiritos o fingimento. Eſta verdade naõ neceſſita provas, porque he quaſi evidente; mas para amplificar, e exemplificar a ſua evidencia, ſeja-me permittida a digreſſaõ de repetir tal qual ſoneto; e ſeja o primeiro hum de Monſieur Voiture, em que elle pinta a formoſura do emprego do ſeu amor. Da-lo-hei em Francez para os curioſos da lingua, e o verterey na noſſa do melhor modo, que me for poſſivel, reconhecendo ſempre a difficuldade das boas traducçoens.

Sous un habit de fleurs la Ninfe, que j'adore
en une de ces nuits aparut ſur ces lieux,
e a l' eclat de ſon teint, e a celui de ſes yeux
tout le monde la prit pour la naiſſent' Aurore.
La terre en la voyant fit mille fleurs eclore
l'air ſe remplit par tout de ces chants melodieux,
e les feux de la nuit pallirent dans les cieux,
e crucrent, que le jour recomençoit en core.
Se ſoleill, qui tombà dans le ſein de Tetis,
rallumant tout a coupt ſes rayons amortis,
detourná ſes chevaus pour aller auprés d' elle:

e l' impire de flots ne l' eut ſcu retenir;
mais la regardant mieux, e la voyant plus belle,
il ſe cachá ſous l' onde, e n'oſá revenir.

Vay a traduçaõ, ainda que menos animada.

De noite veyo aqui a que a alma adora,
e o traje a Primavera lhe cortara,
com tanta luz nos olhos, e na cara,
que todo o mundo a teve por Aurora.
Tanto que a vê, produz mil flores Flora,
apura o canto a filomena rara,
eſcondendo as eſtrellas a luz clara,
por crer que o dia raia nella agora.
O Sol jà ſepultado, ſo por ve-la,
ſem poder de Neptuno ſer detido,
colloca o plauſtro de ouro junto della.
Vendo-a eſteve curioſo, e divertido;
e, obſervando que a Ninfa era mais bella,
tornou a ſepultar-ſe de corrido.

Tórno a confeſſar a infinita diſtancia, entre o original, e a copia: vamos ao intento. No fundo ha a verdade de huma ſingular belleza, á qual o Poeta dá novas cores com o engenhoſo artificio de hum aggregado de ficções. Finge que a Ninfa veyo de noite, por ſer vulgariſſimo o dictame de que as formoſas à candêa. Finge que de flores ſe lhe tecia a roçagante galla. Finge ſer tal a luz dos olhos, e de todo o roſto, que o mundo julgou ter apontado no horizonte a Alva. Finge que os campos devêraõ à ſua preſença a producçaõ das flores. Finge que as aves a ſaudaraõ com ſuaves harmonioſos canticos. Finge que as eſtrellas deſmaiaraõ no firmamento,

mamento, e ſe eſconderaõ como envergonhadas, ou crendo talvez, que na Ninfa principiava a raiar o dia. Finge que o Sol, jà ſepultado no occaſo, anticipara o ſeu oriente; pois, ſuppondo-a Aurora, naõ podia o Sol eſtar diſtante. Finge que Neptuno lhe naõ ſoube impedir o prematurar o naſcimento. Finge que fitou os olhos nella; e que, reconhecendo-a mais formoſa, foy outra vez buſcar o ſeu ſepulcro no Occidente, e que naõ ouſou a apparecer mais no mundo. Ora ſeparay deſte maravilhoſo ſoneto o artificio da ficçaõ, e vereis que aquella formoſura fica feita hum cadaver deſanimado. De caminho ſe me faz precizo advertir aos ſenhores apaixonados da doutrina Franceſa, que tanto abominaõ as hyperboles, que obſervem, e eſmiucem toda a eſtructura deſte ſoneto, e vejaõ que todo elle he hum deſmarcado encarecimento, e que excede muito as leys do veriſimil: e mais naõ haverà Francez de bom goſto, que o naõ avalie por hum *chef d' œuvre*, como elles ſe explicaõ: para que aſſentem comſigo, que no bom, ou màõ uſo, que ſe dà à Rhetorica, he que conſiſte o parecerem bem, ou mal as ſuas figuras, e tropos. A maõ do Artifice he que faz torpe, ou proporcionada a eſtatua. Todas as vezes que o official he deſtro, pouco importa a materia para a perfeiçam do ſimulacro.

Vay outro, ainda que de inferior contextura, em que hum poeta bordalengo ideou hum novo methodo de exaggerar outra Belleza.

Eu vi hum dia Amor, que ſe queixava
que de viſta o privaſſe a natureza,
pois aſſim lhe negava huma belleza,

que

que elle por fé ſomente idolatrava.
A tenra maõ aos olhos applicava
para a venda ſoltar ſobre elles preza:
mas a Mãy lhe advertio, que neſta empreſa
o ſer de Amor com viſta ſe arriſcava.
Thè que Leonor c' a maõ de neve pura
com geſto airozo, e livre deſapego
os nòs lhe deſatou da ligadura.
Fez Amor em ſeus olhos doce emprego,
porèm, vendo tam rara formozura,
em lugar de ver mais, ficou mais cego,

Neſte ſoneto eſtà todo o ſeu eſpirito no artificio da ficçaõ. Finge-ſe que o amor ſe moſtrou queixoſo, e reſentido da ſua natural cegueira, pois, no infeliz eſtado de lhe faltar a viſta, ſe via inhabil para ver huma formoſura ſomente concedida à fé tam cega como o meſmo Amor. Finge-ſe que quiz tirar a venda para gozar com a viſta, o que naõ paſſava da esfera do deſejo. Finge-ſe que a Deoſa Venus, Mãy do Amor, lhe embaraçou o intento, propondo-lhe, que deixaria de ſer o que era, ſe chegaſſe a ver o que naõ via. Finge-ſe que Leonor, (eſta he a Dama) com mais authoridade no Amor que ſua propria Mãy, lhe deſatara a venda, para lhe conceder benigna, o que elle anhelava ambicioſo. Finge-ſe, em fim, que, pondo os olhos em huma belleza taõ rara, ſe de antes era cego porque era Amor, agora em conſequencia de a ter viſto ficou de amores muito mais cego. Ex-aqui a força, que na poeſia tem o artificio da ficçaõ, que apenas eſcàſſamente ſe póde praticar na proſa: e aqui he que aſſenta como de molde a ſentença do Stagyrita: *Non ea, quæ facta ſunt, ſed quæ fieri debuerunt;*

por

porque na proſa diz a narraçaõ o que foy, no verſo o que devera ſer; e iſto naõ ſe faz ſem fingir.

Neſta parte eſſenſialiſſima, naõ ſó da Epopeia, mas de todo o genero de poeſia, conſiſte o ſegredo de ſahirem as producçoens vivas, ou deſanimadas. Se o Poeta finge, e finge bem, he Poeta; ſe naõ finge, ou finge mal, pòde deixar o emprego, antes que lhe digaõ: *Outro officio.* Difficultoſa ſerà a execuçaõ deſte conſelho, porque cada hum preſume de ſi ſer o melhor; e ſó a idade reveſtida de muitos eſtudos, e muitas experiencias he que pòde abrir os olhos à cegueira da jactancia propria, e produzir no eſpirito elevado o conhecimento, ou o deſengano. O ſenhor Critico Eborenſe bem me entende o que eu niſto quero ſignificar; mas deixouſe poſſuir do eſpirito da maledicencia, e reſolveuſe a fingir em proſa que o Pina nam ſoube fingir em verſo. Finge, e finge com acerto, porque naõ ha exceſſo, nem falta, nem defeito, nem demaſia: ha aquelle proporcionado fingimento, por detràs do qual eſtà a natureza como eſpreitando as ſuas meſmas propriedades, ou como vendo-ſe retratada nas imagens, de que ſe val a ficçaõ. Quanto a mim (e a todos os que podem ter voto neſta materia) he na Poeſia o Pina de Montemor o meſmo que na eſcultura hum Phydias, hum Liſippo, hum Praxiteles; o meſmo que na pintura Zeuxis, hum Rubens, hum Timantes: nem o zinzel daquelles, nem deſtes o pincel deixàram à poſteridade melhores indicios da ſua bem regulada idéa, do que o Pina na compoſiçaõ de elegantes verſos.

O que mais me admira nas producçoens de taõ bem aparada penna, he que, eſtando habituada à ca-

cadencia dos numeros, quando eſcreve em proſa naõ ſe lhe conhece que he poeta; porque ſabe, ſem violentar a oraçaõ, diſpor taõ airoſamente os periodos, como que là parecem obra de outra maõ; prenda taõ difficil de conſeguir, que, prègando na Capella Real de Madrid o eloq ente Fr. Hortenſio Felix Palacivino, e proferindo hum daquelles elegantes raſgos, com que coſtumava encher de aſſombro os ouvidos do auditorio; Filippe IV. o Grande, que eſtava na Tribuna, e tinha certamente o primeiro voto em materia ſemelhante, voltou para o Camariſta, e diſſe: *Bien ſe le conoce que es poeta*: o que bem ſe conforma com aquella maxima vulgar entre os Romanos: *Ex poetis rarò fiunt oratores.* Saõ artes muy diverſas, e que ſe regulaõ por diverſiſſimos documentos, ainda que em ambas tem igual dominio os preceitos da Rhetorica. Nem Demoſthenes, nem Hortenſio (o Romano) nem Tullio, nem Plinio, nem Pacato foraõ ſequazes do enthuſiaſmo das Muſas. Ainda que de Homero diz Quintiliano lib. X. pag. 513 *Nec poeticâ modò ſed oratoria virtute eminentiſſimus.* Nem Homero, nem Pindaro, nem Theocrito, nem Menandro, nem Virgilio, nem Horacio, nem Tibullo, nem Propercio, nem Claudiano exercitaram o Oratoria. De Cicero ſabemos hum athe dous verſos, e nada mais: dos outros Oradores, nem hum ſo verſo nos communicou a antiguidade. Porèm o Pina ambidextro em ambas as Faculdades ſabe uſar de ambas com admiravel diviſaõ, porque ſabe dar a cada huma a tempera, que lhe correſponde. Na proſa naõ deſcubro huma ſo palavra, que me faça eſcrupulo. Na poeſia, e particularmente na Critica da Epopeia, naõ ha hum ſo verſo, que naõ ſeja fluido,

ſonoro, grave, harmonioſo, e ſublime. As imagẽs propriiſſimas; os epiſodios a ſeu tempo; a ficçaõ bem ordenada; mais, ou menos alto o eſtylo, ſegundo a perſonagem, que entra a fazer figura; as da Rhetorica accommodadas nos ſeus lugares com excellente uſo, ſem vir batidas ao martello; a fabula a mais nobre, porque naõ ſe acharà hum objecto mais illuſtre do que a Religiam triunfante; a obediencia às leis do Meſtre he obſervantiſſima; em tudo ſingular. Naõ obſtante o ſer aſſim, como aos leytores doutos ſerà parente, ſahem là de hum valle de Villa viçoſa, (que daqui em diante ſerà valle de lagrimas) e de hum, pouco mais que valle, dous Criticos deſcobridores de *mayores defeitos*; dous perſpicaciſſimos Zahories (he voz Caſtelhana que ſignifica vèdor de aguas) dous Zahories de Chimeras; dous buzios, que vaõ ao fundo do mar a buſcar a mulher com a cauda de peixe; dous antagoniſtas de vozes introduzidas; dous Filoſofos ſequazes de Epicuro, que naõ lhes eſcapaõ os atomos: em menos palavras: dous Criticos, que por terem algum eſtudo de theòrica, cuidaõ que iſſo he o meſmo, que ter o exercicio da pratica; e, por que eſta lhes falta, criticam cegamente, negando o louvor devido ao merecimento, e expondo-ſe a que ſe lhes applique eſte breviſſimo epigramma:

Carminibus nunquam das laudem, Pontice, noſtris;
Si cauſam rogitem: neſcio *promptus* ais.

Eſta palavra latina *neſcio* dà liberdade, e ainda ſerve de deſculpa a alguns atrevimentos. Va de hiſtoria. Achava-ſe na ſua Igreja certo Abbade em ſabbado de Alleluia; e, indo hum Beneficiado velho a cantar huma das profecias, que ſaõ daquelle Officio, diſſe: *de libro Exodi.* O Abbade, que eſta-

va perto, o reprehendeu alto, e de bom ſom, dizendo-lhe: Diga *Exódi*. Tornou o Clerigo a principiar o titulo da profecia, e tornou a dizer *de libro Exodi*; e tornou o meu Abbade a reprehendê lo: Ja lhe adverti que diga *Exódi*. O Clerigo ẽtaõ, menos ſoffrido ja, lhe diſſe deſta forma: *Exodi*, ſenhor Abbade, q̃ quen naõ ſabe, naõ reprehẽde. Pois q̃? A caſo preſumo eu, q̃ os dous Criticos Trãſtaganos vivẽ ſepultados ẽtre as feyas ſõbras de hũa ſopita ignorãcia? Naõ por certo: ãtes dos reparos, q̃ vejo fazer, infiro q̃ ſaõ applicados, e erudîtos. Logo como lhes póde quadrar aquelle termo *neſcio*? Eu o digo: he porq̃: *Omnis peccãs eſt ignorans*; e cà pelas regras do meu moral, cuido q̃ he peccado grave o infamar indevidamẽte ao ſeu Proximo; e muito mais o levantar-lhe falſos teſtemunhos: materia em que com o Pina foraõ peccadores, e cõmigo ſaõ peccantes; pois naõ hei de conſentir na infamia de hum homem, que acredita a Patria, e vou deſmentindo os aleives, com que taõ indignamente o tem inſultado. Neſte ſentido he que uſo do termo *neſcio*; porque a reſpeito da ſua applicaçaõ literaria, louvo, e me edifico das noticias, que de ambos tenho; e dezejo muito que ſe continuem, ainda que tambem quizera que ſe empregaſſem melhor; pois o eſcrever huma Critica he negocio *difficilis aleæ*, e raras vezes ſahem como cada hum preſume; mayormente ſe o animo naõ eſtà inteiramente deſpido de preoccupaçoens, e menos affecto ao ſujeito criticado.

Haverà trinta ou quarenta annos, que li em Madrid hum livro Francez intitulado: *Verdadeiro uſo da Critica*, Author hum Religioſo Carmelita deſcalço; que me alegrara foſſe hum dos que adornaſſem a livraria do ſenhor Critico Eborenſe, para que viſſe naquelle doutiſſimo Eſcritor as ſolidas regras,

com

com que inſtrue a quem houver de criticar. Lembrou-me que, entre as differentes maximas da ſua importante doutrina, diz que ſe acautelle o Critico de toda a falſidade, ou impoſtura ſobre a materia criticada; porque o leitor prudente, e advertido, vendo a mentira, reconhece a paixaõ, deſgoſta da obra, poem de parte o livro, e perde o conceito do Author, que o deu à luz. A' viſta deſte dictame prudentiſſimo, metaõ a maõ na conſciencia os dous Engenhos Tranſtaganos, e vejaõ em quantos pontos das ſuas Criticas faltaõ à verdade, como jà notey, e irei notando para ſua confuſaõ e para a bono do cenſurado Poema.

Deſte, e de outros màos uſos, que a cada paſſo vou obſervando nas duas Criticas, venho a inferir, e naõ ſem fundamento, que todo, ou quaſi todo o fim das cenſuras infelices foi moſtrar que ſabem as vozes facultativas, e os preceitos da Epopeia, mas da meſma forma, que hum papagayo repete o *Quem paſſa? El Rey, que vay á caça.* O papagayo naõ ſabe que couſa he caça, nem que couſa he Rey; mas, como he huma ave de mais viva percepcaõ, e de orgaons mais proporcionados para a pronuncia, vay fallando de oitiva as vozes, que lhe enſinàram. Certo homem tinha hum papagayo muito fallador, que coſtumava pôr a hum lado da janella pela parte de fóra. Deitou ſe a dormir a ſeſta, em cujo tempo hum vizinho de bom goſto, e de boa traveſſura, lançou mão do papagayo, e com huma tiſoura lhe foi cortando as pennas da cabeça athé lhe fazer huma coroa muito reverenda. Levantou-ſe de dormir o dono do papagayo, tirou o para dentro, e por mais que o deſafiava, naõ foi poſſivel tirar-lhe huma palavra do bi-

co; antes o vio taõ triſte, e amuado, que receou que lhe morreſſe: athè que obſervando a tonſura, que na cabeça lhe tinhaõ feito, lhe diſſe deſte modo: *Que he iſto meu louro? Voſſê tem ordens, e naõ falla?* A hiſtorieta naõ he para ambos, mas pòde ſervir para hum dos dous. Pareceu-lhe que, por ter Ordens, eſtava habilitado para fallar; e fallou como pudera hum papagayo: mas ainda bem que o Pina, jà q̃ naõ tem authoridade para lhe abrir coroa, a teve para lhe tornar a falla ao corpo, e fazê-lo immudecer, para que naõ ſe atreva a proferir reparos futeis, e pataratas manifeſtas. Naõ ſe me offerece mais que dizer ſobre a prezente materia; ou, ſe acaſo ſe offerece, melhor he calar, porque nem ſempre ſe pòde dizer tudo. Tende me ſempre na voſſa graça, e day-me em que exercite a minha obediencia as voſſas ordens, que naõ ſaõ como as do papagayo. Deos vos guarde &c.

CAR-

CARTA VII.

NAM ha duvida, meu Amigo, que cada qual está obrigado a fazer por ter saude, e conservar a vida. As minhas impertinentes queixas (de que a maior he a idade) me tem preso na cama para conseguir por meyo do descanço algum remedio às que eu mesmo me tenho adquirido com algum excessivo trabalho. Na presente estaçaõ là tem este descõmodo seus longes de conveniencia; por que ao mesmo tempo que a cama he huma especie de carcere, tambem conduz para o abrigo: e naõ deixa de ter sua gracinha o estar no quente ouvindo soprar o vento, e cahir a chuva, sem que esta me molhe, nem me esfrie aquelle. Esta noite, depois de ter dado à natureza aquellas horas de somno, que nem foraõ taõ poucas como de santo, nem tantas como de porco, peguey do Papel do Pina, que, muito a pesar dos seus emulos, me instrue, e me recrea. Imito nesta parte ao Doutor Maximo S. Jeronymo, que diz ingenuamente de si: *Post nocturnas vigilias, & continuas corporis macerationes Plautus mihi veniebat in manus.* Bem sey, que ao mesmo tempo q̃ hum homem taõ Douto como S. Jeronymo gostava da liçaõ de Plauto, e tinha a favor do seu bom gosto a authoridade de Varraõ, o qual dizia. *Musas ipsas, si Latinè loqui vellent, Plautino sermone locuturas;* naõ lhe faltou hum Poeta de tanto nome como Horacio, que desdenhou dos seus versos, das suas graças, e do seu estylo:

At nostri proavi Plautinos & numeros, & laudavere sales, nimium patienter utrunque, nè dicam stultè.

Esta

Eſta he a penſaõ das couſas humanas. Saboreaõ ſe huns do que outros ſe enfaſtiaõ : huns ſe agradaõ, outros ſe deſgoſtaõ : edifica-ſe eſte do que aquelle ſe eſcandaliza : prezaõ huns o que deſeſtimaõ outros. Aſinius Gallus eſcreveu contra Cicero huma invetiva ſatyrica, a que deu o titulo de *Ciceromaſtix:* Aſinius Pollio he de taõ diverſo dictame, que diz: *Ille ſe profeciſſe ſciat, cui Cicero valdè placebit.* Quintil. lib. X. pag. 125. A continuada liçaõ de Cicero foy a officina, em que ſe lavrou a grande eloquencia de S. Jeronymo; mas là veyo hum Macrobio, que eſcreveu contra Cicero varias invetivas; e em huma dellas me lembro que lhe condena como trambolho a frequencia de fechar os periodos com o *Eſſe videatur.* Nenhum dos antigos Poetas, nem ainda algum dos que illuſtraraõ aos ſeguintesſeculos, igualou na elegancia, e fecundidade a Virgilio, e com preferencia a todos o manda ler o Author do *Selecta poetarum*, em cujo prologo diz: *Virgilius totus eſt legendus, totusque memoriæ mandandus* : com tudo, là houve hum Imperador, (e cuido que foi o ſegundo Nero) que o teve por inepto, e de nenhuma ſubſtancia, e eſteve deliberado a mandar recolher todos os exemplares, que delle houveſſe, como tambem os do hiſtoriador Tito Livio, para os entregar ao fogo. Para mim, para D. Eugenio Gerardo, para D. Jozè Canhizàres, e para outros muytos intelligentes da cultura do idioma Caſtelhano, foy D. Luiz de Gongora hum milagre da poeſia : mas là houve hum Manoel de Faria e Souza, que acremente o ſatyriza ; ainda que tambem hum cèlebre Engenho Peruano, que nobiliſſimamente o defende, criticando com igual acrimonia os verſos de Faria, aquem faz ver, que

a

a ſua Aganipe naõ he fonte pura, ſenão immundo charco, onde o meſmo Faria ſalta como raã, mas naõ voa como ciſne. Naõ vio, nem verà o mundo maior Prègador que o Vieira; e ainda aſſim ſe lhe atreveu alguem, e com penna hum pouco menos comedida: mas eſſe Critico achou tan bem naõ poucos empenhados de Vieira, que a cara deſcuberta o defenderaõ.

Quis fuerit ſcriptor, cui putida lingua pepercit?
Excitat invidias officioſa manus.

Com licença, pois, do veneravel Critico Eborenſe, e do ſenhor Criticoſinho de Villaviçoſa, vou lendo, e recreando me com a reſpoſta, que a hum, e outro eſcreve o erudîto Pina ſobre a unidade da acçaõ, que elles negaõ dar-ſe na Epopeia do Triunfo criticado. Que à Epopeia ſe deva dar hũa acçaõ ſó, he preceito de Ariſtoteles, Meſtre deſta faculdade, univerſalmente ſeguido de todos aquelles, que eſcreveraõ na materia; e eſte he hũ dos preceitos indiſpenſaveis, ſem a obſervancia do qual ficarà deforme, antes formidavel, a contextura do Poema. Em verdade, que là parece hũa eſpecie de tyrânia, q̃ naõ ſendo Ariſtoteles profeſſor deſta Arte, nem deixando à poſteridade indicio algum de ter eſcrito Epopeias, nos deſſe neſte particular hũas leis taõ rigoroſas, ſẽdo hũa dellas o cativar o entendimento dos poetas, para que em huma Epopeia naõ poſſaõ diſcorrer em mais acçoens, do que huma ſó: ſim; là parece tyrannia. Achavaõ-ſe em huma cea convidados por Caligula alguns Principes da Africa, e da Aſia, e travaraõ ſua converſaçaõ ſobre o luſtre, e antiguidade das ſuas Caſas, ſobre a extenſaõ, e opulencia dos ſeus Dominios. Caligula, taõ ſoberbo como tyranno, là da cabeceira

ra da meſa percebeu o que fallavaõ, e exclamou, e repetio em altas vozes *Unus Rex*, *Unus Imperator*: que he iſſo, que ſobre Reinos, e Imperios eſtais là fallando? Naõ ha mais que hum Rei, e hum Imperador; e eſte ſou eu, e ninguem mais. *Unus Rex*, *Unus Imperator*.

Aſſim o diſſe a ſoberba inſoffrivel daquelle mõſtro da crueldade, mas diſſe bem, ſem ſaber o que dizia; porque em hum Reino sò deve haver hum Rey, e hum Imperio naõ deve ter mais que hum ſo Imperador. Entaõ principiou o Imperio Romano a fazer-ſe monſtro, quando ſe vio ſujeito a duas cabeças. Aguia de duas cabeças, ou he monſtruoſidade, ou he mentira. O Marquez de Valero, ſendo Vice Rey em Mexico, mandou á ſua Corte huma aguia com duas cabeças, que ſe conſerva no Real theſouro do Eſcurial como prodigio da natureza. A verdade deſte facto prova, que huma aguia com duas cabeças naõ he mentira, mas por iſſo meſmo ſe teve por monſtruoſidade. Ora, aſſim como ſeria monſtro hum Reyno com dous Reys, e com duas cabeças huma aguia; aſſim tambem ſeria monſtruoſa a Epopeia, ſe conſtaſſe de mais, que huma ſo acçaõ. Em cujos termos fora juſta, ſe naõ foſſe falſa, a objecçaõ do Critico. Iſto he o que notaõ os eruditos da diſcretiſſima comedia de D. Antonio de Solis intitulada: *Duelos de Amor, y Fortuna*, na qual aquelle judicioſo poeta apura quantas agudezas pódem caber na penna de hum engenho o mais fino, e delicado, mas taõ alheyo das leys do drama, que juntou em huma ſo comedia duas acçoens tam differentes, como os amores verdadeiros de Siquis, e Cupido, e os ſonhados de Endimiaõ com Diana: defeito, que, entre alguns outros, affeaõ muito ao theatro

Heſ-

Hespanhol, porque os seus comicos, sem a precisa instrucçaõ dos preceitos, deixaõ correr com precipitado furor os impetos do enthusiasmo poetico. Se D. Pedro Calderon tivesse lido as regras, que nos prescreve o Filosofo, e quizesse lembrar-se das que deu Horacio, lograria sem disputa o titulo de Principe, a pesar do grande Metastasio, e de todos os mais Dramaticos posteriores, aos quaes o mesmo Calderon abrio caminho, e servio de exemplo: pois he certo, que grande numero de comedias Italianas, e Francezas se aproveitàram do titulo, da fabula, e do enredo das Hespanholas; bem que aquellas em muita parte melhoradas, porque seus authores tiveram mais noticia dos preceitos da Arte, e lhes deraõ mais exacta observancia.

Fora, pois, muito justo o reparo do critico, se naõ fosse falso. Fora justo, porq̃ hum Poema epico, armado de muitas acçoens distinctas, ainda seria mais monstro, que a fabuloza Hydra do lago de Lerna com sete gargantas, e igual numero de cabeças, glorioso despojo da clava do valente Hercules. Porèm he falso, que a Epopeia do Pina conste de mais acçoens, que de huma só. He verdade que o combate do Peregrino teve por objecto o debellar muitas heresias; mas ainda que o numero destes inimigos constitua plural idade de acçoens; como todas se reduzem a hum só combate, e se encaminhaõ a hum só fim, ficaõ sendo todas hũa só acçam. Dou exemplo. Hum General venceu em batalha ao Exercito inimigo; depois de o vencer, foy perseguindo-o, e acabou de o derrotar; depois de derrotado, voltou a senhorear-se do campo; feito senhor do campo, houve ás mãos a caixa militar; recolheu, e repartio entre os soldados

o deſpojo; mandou metter nos armazens todas as munições de guerra, e boca; depois de tudo iſto remetteu á ſua Corte a noticia; e, para teſtemunhas da victoria, vinte, ou trinta eſtandartes, e outras tantas bandeiras; depois ordena, que ſe cante o *Te Deum* em acçaõ de graças; depois agradece, e engrandece aos ſoldados o esforço, e boa diſciplina, que tiveram. Quem naõ dirà, que eſtas acçoens todas ſam entre ſi diſtinctas, e iſto, naõ ſó *numericè*, ſenaõ tambem *ſpecificè?* Pois o vencer a batalha naõ he o meſmo, que ſeguir ao inimigo; ſeguir ao inimigo naõ he o meſmo, que derrotá-lo? derrotar ao inimigo naõ he o meſmo, que ficar ſenhor do campo: ficar ſenhor do campo naõ he o meſmo, que tomar-lhe a caixa militar: tomar a caixa militar naõ he o meſmo, que recolher os deſpojos: recolher os deſpojos naõ he o meſmo, que repartî-los: o meſmo digo de tudo o mais. Porèm como eſtas acções todas tem entre ſi hũ nexo ſucceſſivo, e todas ſe dirijem a hum fim ſó, qual he o de fazer completa a ſua victoria; aſſim tambem na Epopeia do Pina, ainda que ſejaõ muitas as hereſias combatidas, como iſto ſe faz em acto continuado, e ſe encaminha a hum triunfo, vem a conſtituir huma ſo acçaõ. De muitas cepas ſe compoem huma vinha, ainda que as uvas ſejaõ eſpecificamente diverſas humas das outras: de muitas oliveiras hum sò olival: de muita folhas hum livro: de muitas caſas hum sò palacio. E neſta materia naõ digo mais, porque o Pina diſſe tudo. Reſponde, e convence; que aſſim eſcrevem os homens, que ſaõ homens. Concluo eſte diſcurſo breve da unidade da acçaõ com hum epigramma de unidades, que ſervirà de curiozo entretenimento aos engenhos dos curiozos:

Una

Una fuit genitrix nati, pater unus, et ambo
Unus erat frater, ſed ſimul una ſoror.
Non ea ſponſa fuit, fuerit licèt ille maritus:
Connubium nullum; legitimata proles.

Pondo, em fim, de parte (que bem o merece) eſte ſubtil reparo da unidade da acçaõ, ao qual ſuperabundantemente ſatisfaz o Pina; vam os tocar, bem que de paſſo, outras materias, que devem paſſar pelo fogo do purgatorio para expiar o que tem de culpas, e que naõ eſtaõ em termos de lhes valer a indulgencia. Eu paſmo verdadeiramente de ver como eſtes incomparaveis Criticos levantaõ a voz do culto magiſterio, como ſe foſſem Definidores geraes da Ordem das Epopeias. Paſmo de ver como o erudito Eborenſe ſe inculca por

Inde thoro pater Eneas ſic orſus ab alto,

tratando aó Pina de Montemor, como ſe foſſe o ſeu menino Aſcanio, que na razaõ de filho eſtá obrigado a ouvir callando as ſeveras, e injuſtas reprehenſoens do Pay; ou como ſe eſte Pay levaſſe pela maõ ao filho para o livrar do incendio, em que ardia Troya. Paſmo de ver como com tanta liberdade nos canta o *cocorocò* aſſim a modo de gallo, que eſtà no ſeu polleiro. Valha-te Deos por Democrito, que ſempre te eſtàs rindo das deſordens deſte miſeravel mundo! Valha-te Deos por Sibylla Cumana, que là deſſa myſterioza cova, onde te empregas no fatidico exercicio, entre as eſcuridades de *ulular*, levantas ao Pina falſos teſtemunhos. Aſſim a pinta o Mantuano:

antroque remugit
obſcuris falſa involvens.

Valha-te Deos por eſpirito de Furia Averna, que, fazendo da tua penna açoute, vàs caſtigando os pec-

caminoſos defeitos da mais innocente, e religioza Epopeia

Ultrix accincta flagello
Teſifone quatit inſontes.

Valha-vos Deos por genios orgulhoſos, que, eſtando o Pina muito ſocegado, ouvindo, e lendo os elogios de tantos homens doutos, vos póde dizer como Samuel a Saul: *Cur inquietaſti me?* Valha-vos a Virgem da Paz, meus Ariſtarcos Tranſtaganos, que nem ſequer advertîs nas voſſas meſmas contradicçoens. Se o Pina tem *imagens belliſſimas*, e *raſgos bem poeticos*; como dizeis que lhe falta a peripècia, e roſnais naõ ſey que ſobre os epiſodios? Eu tenho diſcorrido, que toda eſta congérie, ou inglûvie, [ricas duas palavrinhas, primas comirmaãs do *ululár*] toda eſta conjunçaõ de termos, fabulas, unidades; epiſodios, peripècias, naõ ſaõ defeitos, que no Poema ſe deſcobriſſem, ſenaõ ſomente oſtentar noticia deſtas vozes Facultativas, para que o Pina, e outros como o Pina, cheyos de aſſombro, oude medo poſſaõ perguntar:
Quiſquis es armatus, qui noſtra ad limina tendis?
Quem ſerà eſte Turno, eſte Hector, eſte Aiax, q̃ aſſim armado com termos tam eſtrondozos, nos vem bater na porta da Epopeia para deſpertar ao noſſo infeliz deſcuido? Pois naõ, meus benigniſſimos Leitores: todo eſte armamento he hum puro rîpio pilhado a dente em le Bateux, e Rapin, ou em outro qualquer author Francez, que trate de poezia: e, ſobre iſto de pilhar a dente, naõ poſſo eſquecer-me do livreiro, que entrando no quintal de hum amigo, onde tinha diſpoſto humas quantas alfacinhas, o bom do livreiro lhas foy papando todas:

diz

diz aſſim a redondilha de huma decima, que lhe fizeraõ:

Comeu hum livreiro a dente
de alfalces todo hum canteiro;
e comeu, ſendo livreiro,
deſencadernadamente.

Sim ſenhor: tudo iſto he rîpio, que naõ tem por objecto o emendar defeitos, ſenaõ tómente oſtentar erudiçaõ. Meus doutiſſimos, e veneraveis Tranſtaganos, o formar huma Critica naõ he o meſmo, que compor quatro decimas. Para caſtigar ao Pina de Montemor he preciſo muito cabedal da Poetica; e, dos voſſos reparos, tó ſe colhe huma tinctura ſuperficial.

Certo Parocho de boa vida, naõ porque a fazia, mas porque a levava, ſabendo que huma ſua freguezia eſtava eſpiritada, e obſervando naõ haver na parochia, que era Aldêa, outro algum Clerigo, que lhe fizeſſe os exorciſmos, ſe determinou a fazer-lhos. Vendo, porèm, que os ſeus coſtumes naõ eraõ taes, que produziſſem virtude *opere operantis*, tratou de confeſſar ſe melhor do que athelli fizera, e tomou hum novenario de retiro com ſeus jejuns, diciplinas, e oraçaõ Acabada a novena, foy muyto determinado, e animoſo a exterminar o demonio do corpo da poſſeſſa, que jà para eſſe fim tinhaõ conduzido à Igreja; mas, tanto que o meu Abbade foy entrando pela porta, o demonio, que eſtava no cruzeiro, lhe deu huma riſada, e lhe diſſe pella boca da creatura: *Senhor Abbade, iſto ſe quer de longe*, dando lhe a entender, q̃ quatro dias de exercicios eſpirtuaes era pouco para aſſegurar o effeito do miniſterio, q̃ hia exercitar. Eſtou explicado. Quatro dias de eſtudo curioſo, e talvez ſem ter principios de hũa bõa Logica, e ſem aquelle uſo, de

que

que depende o magiſterio, não ſaõ os que baſtaõ para fazer criticas a hum homem como he o Pina. Outra caſta de eſtudos ſaõ os de Vernei; e, de ſatyrizar aos ſeus meſmos Nacionaes, disfarçando a ſatyra com a máſcara de inſtrucçaõ, naõ tirou outros fructos, que riſos, mófas, e convençoens, a que naõ deu, nem darà jàmais reſpoſta. E atreveraõ-ſe eſtes dous oraculos da Poeſia epica a eſcrever contra o Pina taõ famoſas criticas! Ainda mal, que o vemos: porèm vemos tambem, que naõ he eſte o pulſo, que poſſa conſeguir *Clavam Herculi extorquere.*

Com a meſma liberdade, com que ſe nega à Epopeia do Pina peripécia, e epiſodios, ſe lhe attribue taõ falſa, como licencioſamente, o exceſſo na parte erotica, ou amatoria; pois diz o ſenhor Critico Eborenſe, que neſta parte excedeu o Pina os limites da Chriſtaã modeſtia, *pintando huns amores alacayados, que foraõ logo às do cabo.* Digo, e confeſſo, que a falſidade de ſemelhante impoſtura me cauſou o devido eſcandalo a taõ licencioſa mentira. He falſo, e falſiſſimo. He blasfema liberdade, igual às outras, de q̃ a ſua Critica trasborda. Houve hum impoſtor chamado Noſtradamo, que deu ao publico naõ poucas falſidades em pontos tocantes à religiaõ: fizeraõ-lhe eſte diſtico:

Noſtra-damus cum falſa damus, nam fallere noſtrum eſt:
Et, cum falſa damus, nil niſi noſtra damus.

Temos ſegunda parte de Noſtradamo nas invetivas deſte Critico; pois parece que leva o empenho de vincular à ſua penna o morgado das impoſturas. Mandai-lhe de mimo o referido epigrãma, que ha de goſtar de ver-ſe nelle taõ vivamente retratado. Naõ preſumo que eſte myſterioſo oraculo das Epo-

peias

peias intenta enganar-nos com as impoſturas, de que jà tenho moſtrado naõ poucas: digo, ſim, que ſe engana, e que ſe allucina neſte juizo, que contra o Pina eſcreve. Não he Franciſco de Pina aquelle Ovidio, que poſſa dizer de ſi

Typhis, et Automedon dicar amoris ego.

Não he o homem, que por perder o reſpeito à mageſtade de Auguſto pelos amores de Livia ha de viver deſterrado entre a barbaridade dos Gétas. Huma penna taõ nobremente comedida naõ ſe deſaffoga em eſcrever indecencias. O Pina, todo modeſto, e ſeſudo! O Pina, todo grave, e circunſpecto! O Pina todo prudente, e catholico! O Pina eſcrevendo amores alacayados! He forte atrevimento! Para arguir a falſidade de taõ inſolente impoſtura naõ he neceſſario andar buſcando mais provas do que fazer madura reflexaõ, naõ digo jà nos ajuſtados coſtumes de taõ moderado Eſcritor, ſenaõ ſó na materia, que eſcreve, e no alto Mecenas, aquem dedica a obra. A materia he a mais ſagrada, pois tem por objecto o Triunfo da religiaõ. O Mecenas naõ he menos que hum Vigario de Chriſto, e Succeſſor de S. Pedro. E poderà vir á imaginaçaõ de algum homem cordato, ſe naõ for à de algum barbaro blasfemo, que hum illuſtre Catholico, bem morigerado, offerecendo o ſeu Poema a hum Papa reinante, haja de eſcrever expreſſoens menos dignas de taõ ſublime attençaõ! *Amores alacayados, e que vaõ logo às do cabo*, para mandar aos olhos de huu Summo Pontifice! O homem delirou; e bem ſe lhe póde perguntar com Virgilio:

O' formoſo puer, quæ te demntia cepit?

Por ventura o Triunfo da religiaõ ſam as

Saudades

ſaudades de Lidia, e Armindo? Saõ Cryſtaes d'alma, ou Allivio detriſtes, e conſolaçaõ de queixoſos? Hũ Poema taõ ſerio havia de reveſtiu-ſe de hum caracter tam ridiculo? Digo, e torno a dizer, que quando li huma invetiva deſta qualidade:

Obſtupui, ſteteruntque comæ, et vox faucibus hæſit: fiquei paſmado; fiquei entorpecido do meu meſmo aſſombro; nem poſſo acabar de perſuadir-me que ſe eſcreveſſe tam deſmedida falſidade. Leio huma, e outra vez eſta deſcompoſta licença, e me parece hum ſonho taõ deſmarcada impoſtura. Porem he certo, que aſſim ſe lê eſcrito no ſeu ſatyrico papel, e que jà naõ he preciſo dar prova mais qualificada para ſaber-ſe que eſtas duas Criſes foram traçadas pela inveja, que a penna dos dous Eſcritores naõ ſe molhou em tinta, ſenaõ em veneno, que naõ me admiro tanto da petulancia de hum ſecular, que cinge eſpada, quanto do deſafogo de hum Eccleſiaſtico, que traz na cabeça o diſtinctivo da tonſura. Nem eu acho outro deſpique em materia de tanto peſo, ſenaõ he applicar a hum, e outro o primeiro diſtico da ſatyra, que ſe fez a Nero:

Aſper, et immitis, breviter vis omnia dicam?
Diſpeream, ſi te mater amare poteſt.

Parece-me que eſtou ouvindo aos ſenhores Criticos Tranſtaganos formar queixa contra eſta minha reconvençaõ apologetica, pois deſde a primeira athe a preſente carta os crimino de invejozos. Tudo inveja? Inveja ãtes, invejaagora, e depois inveja? Aſſim o digo, porque aſſim o entendo; e deixa-me temperar a acrimonia do zelo com a galantaria de huma hiſtorieta. Certo homem foy chamado a Juizo para ſer teſtemunha de hum facto na ſua preſença ſuccedido. Perguntou-lhe o inquiridor, como

mo he coſtume; que idade tinha; e diſſe, quarenta annos. Fez o ſeu depoimento, e foy-ſe. Paſſados quinze annos tornou a ſer chamado para depor em outro facto, e ſendo inquirido da idade, tornou a dar a meſma de quarenta annos. Ha mais de quinze, que v. m. foy chamado a eſte meſmo Juizo, e me lembro muito bem, que v. m. me diſſe ter a meſma idade. Sim, [reſpondeu o homem] e niſſo verà v. m. que eu naõ ſou homem, que diga hoje huma couſa, e à manhaã outra. Applico ao prezente caſo. Eu ſou chamado pelo meu proprio zelo ao tribunal da razaõ: aquelle meſmo depoimento, que dey na minha primeira Carta, eſſe meſmo dou agora, e darey ſempre: inveja, e mais inveja; porque ſó a cegueira de huma inveja mal intencionada pode inſpirar os aleives, que leio eſcritos: e, ſe querem fugir deſte feitiſſimo labéo da inveja, naõ poderaõ eſcapar de jactancia, e falta de prudencia:

Dum vitia intentant fugere, in contraria tendunt.

Ora o Pina là parece que ſe dà por ſentido de q̃ ſe lhe levante eſte falſiſſimo teſtemunho, porque na verdade he golpe, que o fere muito no vivo da reputaçaõ, pois naõ ſó o conſideraõ ignorante da Arte, ſenaõ tambem immodeſto no eſtylo: e, para deſmentir hum aleive de taõ relevante conſequencia, tranſcreve algũas paſſagẽs doſeu Poema excellente, em que a parte erotica naõ paſſà de huma engenhoſa ficçaõ para adorno da Epopeia, mas taõ reveſtida de circunſpecçaõ, e modeſtia, e taõ exornada das mais honeſtas expreſſoenns, que nellas ſe deixa conhecer todo o caracter de ſezudeza, ſem haver huma sò palavra, que eſcandalize os olhos de quem o lè. *Cùm nihil inveniant obtrectatores noſtri, quod*

criminis arguant; ut habeant ſemper unde mordeant, fingunt nos dixiſſe ea, quæ nec cogitare poteramus. Eſtas ſaõ as genuinas palavras, com que devera queixar ſe o Pina contra huma impoſtura á todas as luzes temeraria, que ſerve de materia à ſiniſtra intençaõ dos ſeus emulos: fingem que houve, para morder athè no que naõ ha. Como notaram a falta de ficçaõ na Epopeia, quizeram acreditá-la com eſte immundo fingimento. Quizera perguntar-lhes ſe he mais honeſta, ou menos alacayada aquella donoſiſſima expreſſaõ de *Filho da puta*, que ſe acha eſcrita no ſeu papel.

Perguntou hum Filoſoſo antigo a outro Filoſofo ſeu contemporaneo, qual era a couſa mais pernicioſa de todo o mundo? Deu-lhe prompta reſpoſta, dizendo, que era a lingua de hum maldizente. Enganaiſ vos, replicou o primeyro: peyor, que a lingua do maldizente, he a penna do eſcritor malevolo; porque a palavra paſſa, e a eſcriptura permanece, *verba dicta tranſeunt, ſcripta permanent.* Diſſe bem: a lingua profere a palavra, que ſó dura o tempo, em que ſe ouve, e logo eſquece: a penna eſcreve muitas, que ſaõ outros tantos monumentos, que na poſteridade ſe perpetuaõ na memoria: a palavra dita poderà deſmentirſe com a negaçaõ; em ſe eſcrevendo, tem em cada letra huma teſtemunha irrefragavel da ſua exiſtencia. Se eſtas duas criſes tam temerarias, como mentirofas, chegaſſem a ſer empregos da eſtampa, ficaria no conceito dos vindouros a fama do Pina hum pouco ſuſpeitoſa: e, ainda ſem ſerem impreſſas, todos os que as lerem ſem conhecimento do Author daquella Epopeia, ficarám entendendo, que elle ſe deſmandou eſcrevendo o que naõ devia eſcrever.

crever. Vejaõ, pois, os encargos, que contrahiraõ os que ſemelhantes criticas eſcreveraõ, porq̃, de maldizentes atrevidos, ſe adoptaraõ o titulo de malevolos eſcriptores.

Amores alacayados, que vaõ logo às do cabo, he huma propoſiçaõ enfatica, que ſignifica muito mais do que ſoa, *cum plus ſignificamus quam dicimus* me parece que diz a regra do cartapacio. Amores alacayados ſignificaõ palavras toſcas, indecentes, libertinas, atrevidas, deſaforadas, ſem pejo, ſem vergonha, indignas de hum homem, que profeſſa as leis da nobreza, e ſó proprias, mas ainda aſſim eſtranhas, em hum moço de mullas, que faz domicilio nas eſtrevarias, e vay comer feijoens, e bacalhaõ nas tabernas. *Ir logo às do cabo* ſignifica actos venereos, torpes, eſcandaloſos, com toda a jactura do recato, e da modeſtia, muito alheas do temor de Deos, e que inculcaõ eſta falta em quem ſe determina a eſcreve los. Quando o Pina foſſe taõ inconſiderado, que ſoltaſſe os diques à liberdade immodeſta, ſempre as palavras do ſeu rectiſſimo Juiz deviam compor-ſe ao eſpelho do mais comedido recato por credito da ſua meſma ſentença: porèm ao ſenhor Juiz do crime dos amores alacayados lhe cahe em cima o texto do Apoſtolo no ſegundo capitulo da Epiſt. ad Rom.: *Propter quod inexcuſabilis es, o homo omnis, qui judicas. In quo enim judicas alterum, te ipſum condemnas: eadem enim agis, quæ judicas.* Com eſta differença porèm, entre a ſentença: e o delicto que o delicto he ſuppoſto, porque na Epopeia naõ hà palavra, que naõ ſeja hum exemplar da modeſtia; e os termos da ſentença ſaõ igualmente injuſtos, e desbocados. Com que, ajuſtadas as contas, *veſſa*

eſt ſagitta in caput ſagittantis.

E, porque poderia eu com muita facilidade enganar-me (que iſſo ſuccede a boa gente) li, e tornei a ler a condenada Epopeia, naõ ſó com attençaõ curioſa, ſenaõ tambem com advertida malicia, para ver ſe naquellas partes, em que a Erotica tem lugar, deſcobria paſſagem, que me fizeſſe evidente o que deu motivo a eſta nota. Ainda fiz mais, pois me riei da diligencia de alguma peſſoa, que bem póde ter voto; e, por mais que buſcamos a culpa imputada, naõ demos com ella. Onde eſtaõ logo eſtes alacayados amores? Eu diſcorro que eſtaõ eſcondidos na maſſa dos poſſiveis, ou que teraõ ſua morada no eſpaço imaginario dos ſeveriſſimos Cenſores; porque de outra fórma naõ nos conſta da ſua exiſtencia. Para que os dous auſteros Juizes provaſſem a ſua coarctada, e fizeſſem boa a ſua cenſura, era preciſo que indigitaſſem o ſitio, em que eſtes amores habitaõ, v. g. em tal, e tal verſo, em tal, e tal palavra, em tal, e tal periodo: mas reparos a vulto, e querer que ſe creaõ na fè dos padrinhos, naõ ſey porque cauſa. *Dicunt*, *nec probant*, diz neſte caſo Sam Jeronymo.

Quando os dous velhos Juizes de Iſrael, eſquecidos da canicie dos annos, e da authoridade do emprego, ſe deixaraõ vencer da ſenſual ſuggeſtaõ, de que fora objecto a formoſura de Suſanna, e acharaõ nella a conſtancia igual à formoſura; querendo ambos vingar-ſe daquelle deſprezo, que experimentaraõ na repulſa, a accuſaraõ falſamente de a ter viſto no pomar como complice de adulterio. A duas teſtemunhas de taõ authorizada excepçaõ, quem ſe atreveria a impugnar, ou quem as poderia contradizer?

tradizer? Foy Suſanna accuzada, e convencida por adultera; e, como tal, ouvio a ſentença de ſer apedrejada, que aſſim o diſpunha a Ley. Indo Suſanna para o ſupplicio, ſuſcitou Deos o eſpirito de Daniel para defender a honeſtidade de Suſanna; e, chamando na preſença de todo o povo aos dous impios Juizes, ſeparados, e diſtantes hũ do outro, perguntou a hum: *Sub qua arbore vidiſti eos mutuò colloquentes*? Reſpondeu o Juiz, *Sub ſchino*. Mentes, lhe tornou Daniel: *Rectè mentitus es in caput tuum*. Separado o primeiro, veyo o ſegundo tambem a juizo; e perguntando-lhe Daniel como fez ao outro: *Sub qua arbore vidiſti eos?* Reſpondeu, *Sub prino*: e provada a mentira do facto na incoherencia dos velhos, *Rectè mentitus es et tu in caput tuum*, fez-ſe-lhes a oraçaõ pela paſſiva, condenando aos que condenavaõ; livrando aſſim a innocentiſſima Suſanna do rigor da morte, e do labèo de adultera. Senhores Juizes deſta caſtiſſima Epopeia, vinde a Juizo, e dizey: *Sub qua arbore vidiſtis?* Apontay com o dedo a paſſagem, em que a comprehendeſtes no crime de adulterio contra as leys da honeſtidade: e em quanto o naõ moſtrais, tende paciencia, e ouvi o *Rectè mentitus es*.

Deſorte, meus amabiliſſimos ſenhores, que hum Critico, para haver de o ſer como deve ſer, ha-de contrahir as meſmas obrigaçoens do Juiz mais recto. Sentenças de baque de boque ſaõ muito boas para homens pouco intelligentes, ou para Juizes muito apayxonados, ou tambem para entendimentos de pouco peſo. Hum Critico, que deſeja adquirir nome, e eſtabelecer o ſeu credito, deve fundar a ſua criſe em ſolidos alicerces, de forma, que naõ ſe lhe prove a mentira; porque, huma vez pro-

vada a falſidade dos documentos, ſem duvida lhe hão de dar contraria ſentença, e perderà a cauſa, ainda que ſe lhe conceda a reviſta. E como neſte pleito, de que ſe trata, naõ ſe allegaõ os autos a folhas tantas para fazer prova a eſtes amores alacayados, eſtà contra os AA. a preſumpçaõ de Direito; e o Reo fica abſoluto da inſtancia. Ah, meus Criticos Tranſtaganos, tanto arrependimento tivera eu dos meus grandes peccados, como por là o terà havido de eſcrever eſtas Criticas! Mas, ſe peccaraõ como miſeraveis, peço-lhes que naõ ſe obſtinem como demonios. Confeſſem a ſua culpa, que eſſe he o meyo de conſeguir a graça.

Mas jà me parece que eſtou ouvindo os clamores dos meus Criticos Tranſtaganos, perguntando là de longe aos ſeus meſmos amigos, ou a alguns, que teraõ na Corte: quem he eſte Prègador da legoa, que ſe mette a miſſionario das noſſas Criticas? Quem he eſte Poeta bordalengo, eſcandalo da Patria, ludibrio da fortuna, exemplo da deſgraça, que vive là eſcondido à noticia das gentes, talvez envergonhado de pouco benemerito, e que nos vem cà deſafiar na Corte Brigantina, e no theatro das Sertorianas victorias? Com que razaõ, ſem ſer com elle o deſafio, nos poem a eſpada em cima, e nos dà em cada periodo hum golpe, que nos abraza? Elle nos trata como ſe foſſemos ahi quaeſquer peloens da literatura, ſendo nós huns homens eſtudioſos; e que conſumimos as noites na applicaçaõ aos livros. Elle nos farta de ignorantes, de maldizentes, de falſarios, de atrevidos, de mal intencionados, y cientas coſas más. Com muito mayor liberdade nos falla elle a nós, do que nós ao Pina.

Reſ-

Reſpondo: e ſerà por partes; porque em tudo parece bem a diſtinçaõ. *Ignorantes.* Já expliquey o ſentido, em que me valì deſta vóz. Naõ nego a applicaçaõ aos eſtudos, deſapprovo intelligencias hum pouco ſiniſtras: naõ eſtà o ſeu erro no entendimento, eſtà na vontade. Seneca: *Id diſplicet, cujus author nobis non placet. Maldizentes.* Claro eſtà que o he quem diz mal daquillo, de que dizem bem tantos homens reconhecidos no mundo por eruditos; e, ainda que de quando em quando, là lhe dem algum elogio ao ſoſlayo, logo o deſmentem com infinitos vituperios: e mal ſaberà dizer louvores, quem naõ ſabe calar os defeitos. Hũ dos ſette Sabios: *Loqui ignorabit, qui tacere neſciet. Falſarios.* Ainda mal, que tantas, e taõ evidentes provas tenho produzido no conteúdo neſtas Cartas. Naõ he pequena falſidade a dos amores alacayados, ſobre todas as outras, de que jà fiz mençaõ. *Atrevidos.* E quem duvidarà de lhes adoptar eſte titulo, vendo que eſcrevem papellinhos para os mandar à preſença de hum homem, a quem dà veneraçam todo hum Reyno? Horacio: *Audax genus humanum.... cœlum ipſum petimus ſtultitia. Mal intencionados.* Mettaõ a maõ no ſeio, e vejaõ que lepra traz. A ſua tençaõ naõ he curar a obra ſenaõ morder no Pina.

Quanto ao ir eu deſafiálos ſem ſer commigo o duelo; reſpondo: Que eu faço o que devo, e ſuas merces fizeraõ o que naõ deviaõ. Naõ era com Moiſés o caſo do Egypcio, que maltratava ao Hebreo; e Moiſés, para livrar ao Hebreo, tirou a vida ao Egypcio. As pennas dos ſenhores Criticos condenaram o innocente: a minha deſaggrava a innocencia: nelles a Critica traz no ſobre-

eſ-

eſcrito a letra do odio; em mim ſó milita a razaõ do zelo: e a eſpada de Elias ſempre foi de fogo. Quando o famoſo Hercules cortou as ſette cabeças da Hydra venenoza, obſervou, que, das feridas gargantas, ſe reproduziaõ logo outras tantas teſtas. Pois que remedio? Clava ardente; para que os golpes cauterizados com fogo as puzeſſem inbabeis de novas producçoens. Iſto he o que faço. Eſtas hydras, cujo veneno vay inficionando os ares athe produzir em Montemor o velho os ſeus pernicioſos effeitos, he neceſſario dar-lhes fogo, para q̃ naõ tornem a reſuſcitar com papeis menos decentes à eſtimaçaõ de hum Eſcritor de todos venerado, e ſó deſtes Ariſtarcos taõ pouco entendido. Se lhes arde a reprimenda, evitem as occaſioens: e ſaybam, que ſe tornarem a querer morder nas obras de hum homem taõ digno da eſtimaçaõ, ainda o Pina tem clava para novos golpes, e eu zelo para novas defenſas.

Aqui determinava dar fim ao preſente diſcurſo; mas, como nelle toquei a eſpecie da clava ardente de Hercules, eſquentou-ſe-me o miolo, e me parece que ſinto ferver na bola mental o que quer que ſeja, que algum dia ſe chamava ſoneto, e pelo deſuſo, naõ me lembra que nome tem hoje. Ahi vay; que eſtá em perigo a madre, ſe naõ der à luz a criança.

Com ferrea clava o Hercules Thebano
as gargantas da Hidra deſtroncava:
e o Pina em Montemor com melhor clava
audazes brios corta ao Tranſtagano.
Os ſette alentos do Dragaõ tyranno
a ferro, e fogo Alcides ſuffocava:

Pina

Pina, a quem os troféos lhe diſputava,
com ardor vence, ſim; mas muyto humano.
Hercules do Dragam triunfou ſeguro,
Pina ſe exime ao Critico deſdouro,
de hum, forte o braço; de outro o eſtylo puro.
Ceda, pois, toſco freixo ao culto louro;
que, ſe Alcides venceu com ferro duro,
ſabe o Pina triunfar com penna de ouro.

Com effeito era ſoneto, bem que com ſeu lunar de ſemiſoantes nas primeiras duas quadras; mas deſculpay-me eſſe defeito pelo que teve de repentino: quando lhe quiz acudir, jà eſtava *extra cauſas*. Os ſenhores Criticos Tranſtaganos ſaõ muy benignos, haõ de tapar os olhos para naõ ver eſte erro; e, no caſo que o vejaõ, tem tanta prudencia, que o ſaberaõ diſſimular. Os violentos raios de ſuas pennas fulminantes naõ ſe empregam na debil materia de hum triſte ſonetinho, acreditaõ a ſua voraz actividade no deſtroço das Epopeias:

Et tu, Romane, memento
parcere ſubjectis, et debellare ſuperbos.

Aſſim dizia o Mantuano fallando com Auguſto; e aſſim digo eu aos meus Criticos veneraveis, para que ſaibam que reſpeito o ſeu grande merecimento, da meſma forma, que Virgilio aquella Mageſtade.

Em concluzaõ, meu grande Amigo, naõ poſſo eximir-me, à viſta de taõ incoherentes, e pouco ſerios reparos, de applicar a eſtes dous Criticos menos cordatos o meſmo conceito, que de Seneca eſcreveu Quintilianno: *Velles eum ſuo ingenio dixiſſe, alieno judicio.* Naõ lhes nego nem a agudeza do entendimento, nem a applicaçaõ ao eſtudo;

mas tambem naõ poſſo conceder-lhes o pezo do juizo. O juizo, que formaõ da Epopeia do Pina, he a vara de toque do ſeu meſmo juizo. Quem o faz taõ màò, naõ he facil que o tenha bom: *Arbor mala non poteſt bonos fructus facere.* Eu tive hum livrinho Heſpanhol intitulado *El conſejero*, o qual logo nas primeiras linhas diz: ter-ſe por couſa certa entre os homens doutamente graves, que pèſa mais huma onça de juizo, que huma arroba de entendimento: enfaſe, e chiſte Caſtelhano, que tem toda a força de huma vigoroſa ſentença. Façaõ os ſenhores Criticos hum circunſpecto exame ſobre ſi meſmos, e vejaõ ſe obraraõ com juizo nas duas criſes, que eſcreveraõ, e no eſtylo, que praticaraõ. Combinem o licencioſo das ſuas criticas com a modeſtia, com que o Pina lhes reſponde. Obſervem a differença, que ſe dà entre huma, e outra penna, para ver quanto differe hum juizo de outro juizo. Vejaõ a liberdade das ſuas impoſturas como vay diſtante da innocencia daquelle Poema; e tirem por concluſaõ o conceito de Seneca: engenho ſim; juizo naõ: o engenho de Seneca era ſeu; mas, para dizer bem, neceſſitava pedir eſmola ao juizo alheio: *Vellus eum ſuo ingenio dixiſſe, alieno judicio.* Sinto muito ver-me preciſado a fallar com tanta claridade, mas diz o rifaõ: quem anda à chuva, molha-ſe. Se naõ tiveſſem eſcrito com tanta petulancia, naõ me leriaõ agora taõ cheio de inclemencia. Ouçaõ por hum momento a D. Antonio de Solis, que me parece eſtar fallando-lhes ao ouvido na ſeguinte copla:

Tel vulgo, que arbitro ciego
de los amantes deſignios,
como ſin juizio ſe halla
de todo quiere hazer juizio: me-

metteram-ſe a querer fazer papel entre o vulgo dos eruditos, e entrando a formar juizo dos amores alacayados [que na verdade o naõ foraõ] no peſſimo juizo, que formaraõ, fazem evidente o pouco juizo, que tiveram. Mas por iſſo vay ſobre elles o dia do Juizo; pois o Pina lhes pede contas eſtreitas, e me parece que naõ as daraõ muy ajuſtadas.

A Filippe Rey de Macedonia eſcreveu huma certo Filoſofo daquelle tempo, dando-ſe a ſi meſmo os titulos mais authorizados, e relevantes, como v., g. F. fiel obſervador do movimẽto dos celeſtes orbes com inteiro dominio ſobre o influxo dos aſtros, indagador de todos os occultos ſegredos da natureza &c. a Filippe de Macedonia ſaude. Leu Filippe a carta, e para poupar papel, tinta, tempo, lhe reſpondeu aſſim: *Filippe de Macedonia ao Filoſofo F. juizo.* Eſta reſpoſta, e naõ outra, devia dar o Pina ás magiſtraes, vangloriosas, e falſas deciſoens dos ſeus Criticos mal conſiderados; porèm para moſtrar na ſua moderaçaõ a maior prudencia do ſeu juizo, ou a invicta tranquilidade do ſeu animo, parece-me que quiz imitar a Socrates, de quem refere Seneca [no Tratado *de Ira, cap.* 11.] que levando publicamente huma bofetada, diſſe manſamente: ſer couſa bem moleſta o naõ ſaber hum homem quando devia ſahir de caza armado com capacete. *Socratem, aiunt, colapho percuſſum nil amplius dixiſſe, quàm moleſtum eſſet, quòd neſcirent homines quando cum galeâ prodire deberent.* Tanto me enfaſtia a altivez daquelle ſoberbo magiſterio, como a temperança de taõ modeſta reſpoſta me edifica, e me confunde. Quizera imitá-lo; e facilmente me ſujeitára á imitaçaõ, quando a injuria ſe me fizeſſe a mim, offerecendo a outra face

a quem me offendeſſe a primeira: mas como offenſas de tal Proximo ſaõ acredoras do deſaggravo, naõ he facil levar a penna pelos medidos paſſos da temperança: *Licet aliquando inſanire*: e, ſe naõ he eſte o caſo, naõ ſey qual ſeja.

Concluirey a preſente Carta referindo algũas eſpecies, que ſe conſervaõ na memoria deſde aquelle tempo, que a conſumia nos eſtudos das humanas letras. Seja a primeira a que li em Cicero [*lib.* 1. *de Orator.*] que Socrates, vendo-ſe injuſtamente arguido, e tyrannamente condenado pelos ſeus Juizes corruptos, lhes fallou, naõ com a humildade de complice, mas antes com a authoridade de Meſtre: vaõ as palavras de Cicero: *Socrates ità in judicio capitis pro ſe ipſo dixit, ut, non ſupplex, aut Reus, ſed magiſter & Dominus videretur eſſe Judicum.* Neſta reſpoſta do Pina me parece que vejo a Socrates produzido; pois os reconvem taõ livre, e taõ ſenhor de ſi meſmo, que ſe faz crer por hum Meſtre dos ſeus meſmos Juizes. Segunda. Refere Plinio [*lib.*2.*Variar.cap.*30.] que Platão na ſua mocidade ſe dedicara com vehemente inclinaçaõ ao exercicio da poezia; porèm vendo que os ſeus verſos eraõ inferiores aos de Homero, fizera divorcio com as Muſas para entregar-ſe a eſtudos, que ſe lhe repreſentaraõ de mayor utilidade; e, para naõ padecer o dezar de que outro o excedeſſe naquella arte, queimou todos os verſos, q̃ tinha eſcrito. Pina deſde a primeira idade ſubio ao cume do Parnaſo [ſem perder por eſta o eſtudo de outras faculdades] e alli ſe eſtabeceu com taõ firme pè, que no ſeu ſeculo, e na ſua patria naõ reconhece vantajem: naõ tem Homero, que o exceda, nem muitos que o igualem. Mas ao meſmo

mo tempo que Cicero o acclama por mais eloquente Filoſofo de toda a Grecia: *Quis enim uberior Platone? Jovem aiunt Philoſophi, ſi græcè loquitur, ſic loqui.* [*Cic. in Brutum*] Tal era o conceito, que eſte ſingular Orador fazia daquelle grande Filoſofo, que juntamente o vitupera de inconſtante: *Jam de inconſtantia Platonis longum eſt dicere.* Iſto ſe naõ póde verificar do Pina de Montemor: he eloquente como Platão; naõ he inconſtante como Platão. As ſuas doutrinas ſaõ as mais ſolidas, porque ſaõ as mais verdadeiras; por iſſo tem ſempre a meſma igualdade: as dos ſeus emulos, por ter tanto de falſas, a cada paſſo ſe lhes deſcobre a incoherencia. Aſſaz o temos viſto, e ainda iremos vendo: *Deus ſcit quod non mentior*, diz S. Paulo. E, ſendo proloquio univerſalmente admittido de todos os Filoſofos: *Semel malus ſemper præſumitur malus in eodem genere mali;* de máo partido ſe acharàm os ſenhores Tranſtaganos Ariſtophanes, pois, huma vez que ſe lhes prove qualquer genero de falſidade, ſe fazem ſuſpeitos, ainda quando naõ digaõ mentiras. Naõ me occorre mais ſobre o preſente aſſumpto. Iremos lendo, e obſervando. Deos vos guarde &c.

Eſtando já para vos remetter eſta Carta, me achou pondo o ſobreſcrito aquelle Amigo noſſo, e quiz ver os reparos, que nella faço em abono da Reſpoſta às duas Criſes Tranſtaganas. Abri, e fuy lendo, e elle cabeceando aſſim a modo de barbeiro de Aldea quando quer approvar o que diz o Prègador. Depois de lhe ter lido a Carta, lhe pedi o voto. Boa eſtá, me reſpondeu, mas acho a hum pouco forte. Sim eſtá acre, lhe torney eu; porèm, ſe algum dia leſtes o eſtylo, com que S. Jeronymo

Jeronymo reſponde a ſeus emulos; naõ acharêis taõ aſperas as minhas expreſſoens. O certo he, me replicou o Amigo, que he neceſſario grande cabedal de ſoffrimento para reſponder comedido a huma ſemrazaõ deſmarcada; e, ſendo tantas as que nas duas Criticas ſe encontram, terà feito as provas de hum verdadeiro Eſtoico o que as ſoffrer com inalteravel moderaçaõ. Eu vos confeſſo, continuou elle, que li a queixa, que o Pina faz de taõ manifeſta impoſtura, e fiquei eſcandalizado daquellas duas invétivas: em fim, ſomos homens, e cahimos como miſeraveis. Li, e torney á ler o Poema, em ſe criticaõ os amores alacayados, e naõ achei palavra, que deſdiſſeſſe da mais ſeſuda modeſtia. Li tambem com igual attenção o modo, com que o Pina ſe deſaggrava de tam injuſta cenſura; e, obſervando o atrevimento da Critica, e a erudiçaõ da Reſpoſta, juntey huns poucos de conſoantes, metti-me a poeta, e compuz, bem que muito a medo, hum pobre ſonetinho, que vos repetirey, ſe o quereis ouvir. Ay como ſim, lhe diſſe eu, e ſervirà para adoçar a acrimonia, que em mim notais. Foy repetindo, eu eſcrevendo, e diz aſſim.

Moveraõ guerra ao Ceo fortes gigantes,
pertendendo eſcalar o Firmamento;
mas Jove caſtigou o atrevimento
mandando á Terra as iras fulminantes.
Tal de Criticos dous pennas errantes
declaram ſeu altivo penſamento;
e tal Pina lhes pune o louco intento
com rayos, naõ crueis, mas elegantes.

Aquelles

Aquelles por ouſados, e orgulhoſos,
ſem antever as forças do Inimigo,
ficaraõ réos do eſtrago, e criminoſos.
Eſtes dous, ſendo igual o ſeu perigo,
ficaõ neſta inſtrucçaõ taõ vantajozos,
que podem ter por premio o que he caſtigo.

Ahi vay: e quizera perſuadir a todos os Criticos, e nelles a mim meſmo, aquella diſcreta maxima de Marco Tullio: *Nos & refellere ſinè pertinaciâ, & refelli ſinè iracundiâ poſſumus;* (*Cic. Tuſc. Quæſ.* 6. *l.* 2.) pois, executada ella, como Cicero nos adverte, nem as Criticas degenerariaõ em ſatyras, nem as apologias feriaõ hum deſafogo da cólera. Tende-me ſempre na voſſa graça.

CAR-

CARTA VIII.

MEu Amigo e meu Senhor. Deſde aquelle dia, que me fizeſtes a honra de viſitar-me, naõ torney a pegar na penna, porque me ſobreveyo novo embaraço, que totalmente me impoſſibilitou de uzar da liberdade do eſpirito para ir continuando o empenho, a que me vejo indiſpenſavelmente obrigado: e, como o entendimento humano pela dependencia dos orgãos (ſegredo, que ainda naõ alcançou a eſpeculaçaõ dos Filoſofos) naõ póde entre as oppreſſoens das moleſtias fazer o meſmo, que faz quando o corpo goza de perfeita ſaude, daqui naſceu o ocio, em que tenho eſtado eſtes dias; e ſinto, na verdade, o naõ poder dizer: *Nulla dies ſine linea*, porque eſtava com dezejo de concluir eſta obrinha, em que a demora fará parecer que me leva muito tempo de eſtudo o que para impugnar ſe naõ neceſſita de muito eſpaço de tempo. *Omnium rerum fortiſſima eſt veritas*, dizia o Nazianzeno; e para dizer a verdade, naõ he neceſſario revolver muitos livros.

No prologomeno do Triunfo da Religiaõ diz o Pina, que aquelle Poema foy obra de dous mezes. A eſta ingenua confiſſaõ, de que eu naõ duvido, reſponde o Senhor Eborenſe huma frigidiſſima graçolla, dizendo que: *Parto de dous mezes nunca coſtuma gozar da vitalidade.* Victor agudeza! Grande ſentença, ſe foſſe do cazo! E para eſte he que dizem os Caſtelhanos: *Bueño, pero no encaxa.* Que intentaria dizer-nos neſta ſentença o erudito Critico do Alemtejo? Duvîda, acazo, que hum Poeta como Franciſco de Pina, a quem naſceraõ os dentes

entre

entre as Muſas do Parnaſo, e que *Nondum tondenti barba cadebat*, ja dava a conhecer hum valente enthuſiaſmo poetico, acreditado em infinitas, e admiraveis producçõẽs, nunca ocioſo na licçaõ dos melhores livros; duvída, digo, que no eſpaço de dous mezes eſcreveſſe hum Poema no metro, de que uza, que naõ he dos mais difficultozos para a verſificaçaõ? Pois naõ ſe admire, Senhor Critico do meu coraçaõ, porque eu conheço a hum Poeta do noſſo ſeculo, e da noſſa patria, que em quinze dias eſcreveu quinhentas oitavas, metro, que tem outras difficuldades, que vencer: e mais, ſe ſua mercê ſe dignaſſe de as ler com menos ſevera carranca, talvez que julgaſſe impoſſivel o que foy compoſto ao correr da penna.

Ha quarenta annos, que nós achavamos em aſſemblea Academica no palacio de Joaõ Antonio de Alcaçova Carneiro, e eſtava Luiz de Avreu de Freitas recitando a ſua licçaõ ſobre materia de Oratoria com aquella erudiçaõ, e elegancia, que eraõ proprias de taõ inſigne homem. Chegou ſem ſer eſperado o Duque de Cadaval D. Nuno; depôs o Meſtre o quaderno da licçaõ; fez huma breve pauſa para ajuntar as eſpecies, que repentinamente lhe occorreraõ; e, tomando vénia ao Duque, principiou, naõ a verſificar, mas a fulminar oitavas com tal fecundidade, e taõ mageſtoza harmonia, que, a naõ dizer-lhe o Duque: *Baſta, baſta, que naõ mereço tanto*, parece que duraria horas aquelle diſcreto elogio. No pateo do Couto do Marquez de Caſcaes ouvi tambem outra noite a Diogo Joaõ de Seya, e Noronha fallar quaſi huma hora em romance heroico com valentia de engenho igual á do ſeu animo: e, para que naõ ſe entendeſſe q̃ hia prevenido, tocou nel-

le as muitas circunſtancias, que acabavaõ de ſuccéder, e que elle naõ podia prevenir. Ignora, acaſo, o inclyto Eborenſe o que de ſi confeſſa Ovidio: *Quidquid conabar dicere verſus erat?* Naõ ſabe que eſtas producçoens apreſſadas tem por origem huma viveza grande de engenho, applicaçaõ curioza, e frequente exercicio? Faz-lhe novidade o que podem na noſſa alma os habitos adquiridos? Tenha paciencia, e de-me attençaõ.

Os Sereniſſimos Duques de Lorena tem huma Caza de campo chamada Luneville, fábrica que em toda a ſua magnificencia eſtá reſpirando a mageſtade daquella Caza, Real ſempre, e hoje Imperatoria. O Palacio he dos mais ſoberbos, que meus olhos viraõ. Na ſua fachada, ou frontiſpicio ſe lê eſculpido eſte verſo Ovidiano: *Regia ſolis erat ſublimibus alta columnis*; e naõ houve Poeta, que ſe atreveſſe a acabar o diſtico, e o fechaſſe com hum ſciſſuratico. Correraõ os annos: chegou alli o noſſo Portuguez Macedo, Author de cincoenta volumes, e, ſendo-lhe referido o que ſuccedia, extemporaneamente, e com ſumma felicidade rompeu neſte pentametro: *Hac tamen inferior regia ſolis erat.* Veja lá ſe o faria melhor com muitos dias de eſtudo o meſmo Ovidio, que tinha feito o exhametro. Outros lhe daõ Author differente em hũ F. Pereira: mas *Quidquid ſit de Authore.* O Papa Urbano VIII. foy inſigne Poeta Latino (que iſto de verſificar tambem paſſêa nas ſalas do Vaticano.) Florecia no meſmo tempo em Roma outro Poeta igualmente inſigne, que extemporaneamente verſificava ſobre qualquer aſſumpto, prenda, que lhe conciliou a eſtimaçaõ diſtincta do meſmo Papa, condecorando-o com o honroſo titulo de Archipoeta. Eraõ nelle igual-

mente

mente fecundos os influxos de Apollo, e de Bacco, porque bebia com a meſma intemperada appetencia os cryſtaes de Aganipe, e o çumo da uva. Coſtumava o Papa naõ ſe pôr a meſa ſem ter preſente o ſeu Archipoeta, ao qual eſtava ſempre dando aſſumpto para compor epigrãmas. Diſſe lhe hum dia: faze lá hum diſthico á tua meſma fecundidade poetica; e promptamente diſſe

Archipoeta facit verſus pro mille poetis;

e parou hum breviſſimo eſpaço para o concluir: mas naõ foy neceſſario, porque o Papa acudio logo, dizendo:

Et pro mille aliis Archipoeta bibit.

Lia á meza no refeitorio de hum Collegio da Companhia o Leitor da ſemana, e, chegando ao texto do Geneſis *Ipſe eſt Eufrátes*, errou a ſyllaba media, e diſſe *Eúfrates*, eſperando hum pouco a ver ſe o emendavaõ. Voltou promptamente hum daquelles Meſtraços da poeſia para o Padre, que lhe ficava vizinho, e rompeu neſte incomparavel epigrãma

Venit ad Eufràtem, ſubitòque exterritus hæſit:
Ut citò tranſiret, corripuit fluvium.

Naõ he menos feliz o que vi eſcrito ſobre o portico do Hoſpital dos invalidos de Paris, fábrica do grande Luiz XIV., producçaõ tambem extemporanea

Regia, Rex, Regnum tria ſunt miracula mundi,
Rex animo, regnum viribus, arte domus.

Deſtes lhe pudera referir naõ poucos. E, ſe os de hum pobre bordalengo pudeſſem entrar em concurſo com os Corifeos da poetica faculdade, lhe repetira alguns, que talvez o deixariaõ ſatisfeito de que os repentes ſahem ás vezes taõ cultos, como os

que ſaõ maduramente meditados. Direi hum ſó. Certa Senhora Portugueza edificou hum ſumptuoſo domicilio para ſua habitaçaõ: foy aſſumpto de muitos engenhos, que engrandeceraõ a fabrica em varios elegantes epigrãmas Latinos, entre os quaes appareceu o ſeguinte:

Expenſis, Franciſca, tuis domus hæc aſſurgit in altum
Menſuram excedit verſus, & iſta domus.

No qual conſiſte a viveza do penſamento em fazer errado o primeiro verſo, dando-lhe hum pé de mais, para que o verſo, e fabrica excedeſſem a medida.

Mas porque a producçaõ extemporanea de hum, ou outro diſthico naõ faz prova ſufficiente á negada vitalidade, pergunte em quanto tempo compôs Monſenhor Bernardes os dous tomos em folio *de Conceptione*, e ſaberá o deu á luz em ſeis mezes, ſem faltar por iſſo á aſſiſtencia da Patriarchal, nem ao ſeu divertimento domeſtico. Em cincoenta dias eſcreveu Macedo a ſua inſigne obra *de Clavibus Petri*, livro em folio, e de avultado volume. Em huma jornada eſcreveu o Eximio Suares o ſeu Tratado *de Legibus;* obra, que naõ ſe lê como doutrina opinativa, ſenaõ como texto, e regra de ſemelhante materia. Em quatorze dias ſahio a ſer objecto da admiraçaõ Portugueza a vida de D. Joaõ de Caſtro, quarto Vice-Rey da India, eſcrita por Jacinto Freire. Se eu eſtiveſſe em diſpoſiçaõ de revolver os meus apontamentos, lhe repetiria hum extenſo catalogo de Authores de differentes naçoens, nos quaes a facilidade de compor foy igual á promptidaõ de conceber; porque ha engenhos tão vivamente penetrantes, e tão notoriamente fecundos, que para as ſuas producçoens literarias todo o anno he Primavera florîda, e Outono ſazoado.

O Pina

O Pina de Montemor não he Poeta por diſpenſaçaõ, como eu conheço alguns, he Poeta por natureza. Naõ he daquelles, que para compor huma Decima, ou para diſtribuir as partes de hum bem organizado Soneto, neceſſite praticar o que no entremez do Ratinho diz eſte a ſeu Amo Poeta,

Aſſòe ora o beſtunto,
E bata c' a maõ na teſta.

Ja vejo que me dirá, que o talento da operaçaõ he muy diverſo do talento de fazer juizo. O Senhor Marquez de Valença meu Meſtre, que Deos tem, nunca fez hum verſo em toda a ſua vida; e foy o melhor contraſte de poeſia, que teve a noſſa Corte. O entendimento humano tem esfera muito dilatada. Conheço muitos, que ſem ter o exercicio de pintores, tem excellente voto em pinturas. Naõ eſtamos neſſe cazo: porque huma couſa he formar juizo da bondade da obra, e outra couſa he duvidar da ſua bondade pelo pouco eſpaço de tempo, que ſe diſpendeu em a compor, para que por eſta cauſa ſe lhe negue a vitalidade, ou eſpirito poetico. Ao pintor ſuccede naõ poucas vezes (de que eu ſou teſtemunha ocular com algum bem inſigne) que arrebatado do furor dafanthaſia, toma os pinceis nos dedos, e, ſem tropeçar em côres, e proporçoens, com quatro pinceladas faz huma imagem perfeitiſſima: outras vezes eſtá o enthuſiaſmo tão rebelde, que conſome dias para pintar huma flor. Péga da penna hum Lente, e talvez de hum ſó impulſo eſcreve huma difficultoſa diſputa: haverá occaſião, que lhe leve dias o eſcrever hum paragrafo. O meſmo ſuccede ao Prégador, o meſmo ao Filoſofo, o meſmo ao Contrapontiſta, o meſmo a todos os Profeſſores de qualquer arte.

Para

Para poetizar com facilidade, e com acerto ſe requerem preciſamente as circunſtancias, que vou a repetir: primeira, muita lição de varias faculdades para fecundar o theſouro do entendimento, e enriquecê lo de differentes eſpecies. Segunda, memoria retentiva para guardar neſte theſouro as eſpecies, que ſe adquiriraõ com o eſtudo. Terceira, engenho agudo, e prompto, que naõ ſe lhe poſſa dizer: *Memoria infirma, ingenium tardum*, ou que não ſe lhe deva applicar o que de Silio Italico eſcreve Plinio: *Scribebat carmina majori curâ, quàm ingenio.* Quarta, juizo maduro, e bom goſto para diſtribuir as eſpecies nos tempos, e lugares proporcionados. Quinta, muito uſo de verſificar para ganhar habito, e parir ſem dores. Sexta, e principaliſſima o natural enthuſiaſmo; porque, ſe eſte falta, por mais que ſe trabalhe, tudo ſerá forçado, e violento: que por iſto dizem vulgarmente *Poetæ naſcuntur.* Ora quem ſerá tão cegamente invejozo, que negue ao Pina eſtas propriedades, que acabo de repetir? Elle tem grande noticia das linguas cultas para ſe valer da imitaçaõ. Elle ſabe uſar da vernaçula com a diſtinçaõ, que correſponde á proſa, e ao verſo. Elle ſublima o voo, quando a materia pede ſublimidade de eſtylo. Elle derrete a penna em ſuavidades, quando he neceſſario perſuadir com ternura. Em huma palavra: deve a Deos o ſaber reveſtir-ſe daquelles caracteres, que correſpondem a cada perſonagem. Se os ſeus dous Criticos naõ tiveſſem taõ vendados os olhos para ver a claridade, ſobraria o lançar ſem paixão a viſta do eſpirito ſobre aquelle incomparavel Prologomeno, para naõ ſe deſaffogar em tão injuſtas Criticas; pois nelle recopilou com admiravel proporção materias,

terias, que enchem muytos volumes. Mas que faria neſte caſo a inveja? Recorreu para a animação do feto humano: e, em vez de louvar a fecundidade do engenho, quiz negar a vitalidade do parto. Linda graça!

Viſto que tem liberdade para as dizer, ha de ter tambem paciencia para as ouvir. Pergũto: Sua mercê he Filoſofo? Naõ ſe afflija com a pergunta, que eu ſou de paz. Tórno a perguntar: ſua mercê he Platonico, ou Ariſtotelico, ou Neutoniano, ou Atomiſta, ou que Eſcóla ſegue? Porèm ſeja da que for; o que eu ſey he não ſer dos melhores Logicos, porque obſervo que tira as concluſoens como ſe jogão as pintas, o que der, e vier: e mais, quando eſcreveu eſta Criſe, entendeu firmemente que concluîa. Perdoe ſua mercê, que ainda ha huma terceira perguntinha: de que infere ſua mercê, que eſte *Parto de dous mezes naõ coſtuma gozar da vitalidade*? Cuidou ſua mercê, que o gerar, e produzir hum Poema, he o meſmo que conceber, e parir huma criança? Oh bem haja a Mãy, que o deu a luz! Ou ſua mercê toma iſto de Poema por couſa femea, porque termina em a attendendo á regra do cartapacio: *Fœmineum a primæ eſt, veluti panthera, ſagitta*, ou o tem por varaõ em obſequio do epico-polemico, favorecido da outra regra: *Maſcula cenſentur ſpecie depicta virili.* Se he femea; nem nunca, nem não nunca pode conſiderar-lhe á vitalidade; porque na opiniaõ do Filoſofo ſeguida geralmente, o feto da femea ſe anîma aos oitenta dias, e naõ cabe palheta em dous mezes, que tem ſó ſeſſenta. Se o ſuppoem varaõ, não pode negar lhe a vitalidade, porque no ſentir do meſmo Filoſofo, univerſalmente abraçado, o varaõ ſe anima aos quarenta dias.

Bem

Bem ſey que póde reſponder-me com o effugio de que naõ faz a comparação deſte parto do engenho com o da criança em quanto eſta ſe acha sòmente no eſtado de ſer feto, *intra matricem*, ſenaõ com o de parto conſiderado jà *extra cauſas*; e que, aſſim como a criança dada à luz em dous mezes de concebida não pòde naturalmente viver, aſſim tambem a producçaõ da criança deſta Epopeia gerada, e parida em dous mezes não póde gozar daquella vitalidade, que ſua mercê lhe nega. Não he iſto o que reſponde? Pois ſaberà, que nada tem reſpondido. Eſſe parto de dous mezes naõ ſe chama parto, chama ſe aborto: e o Poema concebido, e dado à luz em igual eſpaço de tempo, talvez naõ he aborto infeliz, ſenaõ hum felicilſimo parto: e a diverſa razaõ conſiſte em que a criança [ſegundo a ordem, que vemos guardar à natureza] neceſſita daquelle tempo de nove, ou ſete mezes para ſahir perfeitamente organizada; e como tal, na diſpoſiçaõ preciſa da vitalidade: *at verò*, quando a producçaõ do engenho chega a parir-ſe, já traz comſigo todas as diſpoziçoens neceſſarias para viver; antes, jà traz comſigo toda a vida, que lhe correſponde; ſem que o paſſar da officina do engenho, em que ſe concebeu, para o papel, em que ſe pare, ſeja o meſmo que gerar-ſe na muliebre, e ſahir para as mantilhas, em que ſe involvs a produzida, criança. To ne, pois, a ſua graçola daproduzide, e guarde-a para outra occaſiaõ, porque neſta naõ he do cazo.

Deſorte, meu ſenhor Filoſofo natural, que ha huma notavel differença entre os partos do entendimento, e eſſas producçoens da natureza: eſta he mais tardia, aquelle mais prompto: a natureza, pa-

para dar á luz o ſeu féto, lá tem o ſeu tempo determinado, antes do qual a producçaõ he aborto, e deſpois do qual paſſa a producçaõ a ſer monſtruoſidade: porèm os partos do entendimento naõ vivem ſujeitos a eſſe tempo prefixo: humas vezes tardaõ, outras vezes ſe prematuraõ, ſem que a préſſa, ou a demora ſejaõ cauſas da ſua mayor perfeiçaõ. Ora diga-me em ſua conſciencia, nunca lhe ſuccedeu (ſe acazo he poeta) eſtar mais prompto em humas occazioens, do que em outras, para eduzir os partos do ſeu fecundo engenho? E acazo eſſa mayor, ou menor tardança fez ſahir mais, ou menos perfeitas as ſuas obras? Pòde ſer que naõ. Logo, o ſer de dous mezes, ou de dous annos, naõ argûe o ter, ou naõ ter a preciza vitalidade. Eis-aqui, meu querido Senhor Filoſofo, porque o Pina lhe diz na ſua reſpoſta: *Outro officio.* Sahio a campo muy reſoluto a ferir, e vólta com as mãos na cabeça para ſe curar dos golpes. Acabe de entender, meu veneravel Critico das Epopeias, e das producçoens de dous mezes, que he neceſſario ver primeiro muyto bem o que diz quem ſe mette a criticar.

Naõ poucas vezes ſuccede, que os partos do entendimento extemporaneos, e repentinos ſahem muyto mais perfeitos, do que ſe foſſem por muyto tempo conſiderados: a experiencia aſſim o moſtra; a cauza, naõ ſey ſe a alcançaõ todos. Eu a direi, naõ ao Senhor Critico, porque o creio muy verſado nas ſoluçoens filoſoficas; ſenaõ ſómente a algum menos inſtruîdo, que chegue a ler eſte papel. A cauza he eſta. O que ſahe de impeto (excepto ſe a officina he de algum juizo deſtemperado) ſegue o primeiro impulſo da razaõ, a qual,

quanto he de ſi, tem natural propenſaõ para a verdade, conforme a ſentença filoſofica: *Intellectus amat ſecundùm verum.* Naquellas producçoens, que levaõ mais tempo de conſiderar ſe, ſuccede talvez pelo contrario, porque o meſmo entendimento ſe diverte, ou ſe diſtrahe, ou ſe esfria na eſcolha deſta, ou daquella voz, deſta, ou daquella fraſe; e, regularmente fallando, eſcolhe o menos bom, porque diz o rifaõ: *Quem muyto eſcolhe, pouco acerta.* Tenho dado a razaõ: e, para que lhe naõ pareça que me falta hum texto para autorizála, naõ he menos que de Quintiliano, e terminante para o caſo. Falla eſte inſigne Meſtre em ſemelhante aſſumpto, (no livro X. das ſuas Inſtituições Oratorias) e diz aſſim: *Ratio manifeſta eſt; nam benè concepti affectus, & recentiores rerum imagines continuò impetu feruntur, quæ nonnunquam morâ refrigeſcunt.* Veja là ſe o podia dizer com mais expreſſivos termos.

Nem intento com a preſente doutrina negar o devido tempo ás producçoens literarias, porque bem conheço os perigos a que ſe expõem o que deixa arrebatar-ſe da paixaõ violenta de hum furioſo enthuſiaſmo. Naõ eſcrevo a cauſal, e o texto como regra, que deva ſempre praticar ſe: mas, que ſucceda muytas vezes ſahir mais perfeito o que he filho do primeiro impulſo, ninguem mo negará. Eu o experimento, e com a experiencia fallo. Ordinariamente ſigo a primeira eſpecie, que me occorre. Se principio a deter-me na diverſidade de outras, entro a vacillar na eſcolha, e vejo-me embaraçado. Ora o Pina tem a ſeu favor a muyta licçaõ dos livros, que neceſſariamente lhe fecundaõ o eſpirito, e o enriquecem de eſpecies; ſabe as regras da verſificaçaõ,

ſificaçaõ, como os ſeus Criticos o Padre noſſo; tem exercicio de cincoenta annos de poetizar: e naõ he milagre que, deſtas antecedentes premiſſàs, ſe tire por concluzaõ dous mezes para eſcrever aquella caſta de Poema, em que certamente naõ falta a vitalidade.

Aqui me ficava ainda naõ ſey que remorſo na conſciencia ſobre o tempo da animaçaõ do féto: e, ſuppoſto que naõ condeno, que eſte Senhor Filoſofo Tranſtagano ſiga com o commum dos Filoſofos a ſentença daquelle, que he facilmente o Principe de todos; eu, que me confeſſò candidamente indigno deſſe nome, com o devido reſpeito ao incomparavel Stagyrita, e ſem aquella altiva liberdade, com que define o Eborenſe; quizera perguntar a razaõ de differença de tardar a natureza naõ menos de quarenta dias na animaçaõ da femea, tendo-ſe adiantado tanto em animar ao varaõ: de fórma, que o féto deſte ſe anima (ſegundo o Filoſofo) aos quarenta dias, e o da femea aos oitenta. He certo, que a materia, de que forma aquelle tenro corpuſculo, em hum, e outro ſexo, he ſempre a meſma. He certo, que a alma infundida por Deos *ad exigentiam materiæ* he da meſma eſpecie em todos, e que, por ſer hum mero eſpirito, naõ he homem, nem mulher: *Spiritus non habet ſexum*, diſſe o Mirandulano. Quem foy, logo, eſpreitar naquella recondita officina de taõ prodigioſa fábrica o tempo da animaçaõ do féto de hum ſexo, e outro? Se eſſe occulto ſegredo da natureza póde caber na limitada comprehenſaõ humana; remetto a curioſidade de hum, e outro Critico à liçaõ de Paulo Zacchias nas queſtões Medicò-legaes, porque eſtou inteirado da capacidade de ambos; e neſte delicadiſ-

ſimo Filoſofo veraõ o ponto nobremente diſcutido; provando (quanto a mim com evidencia) que a infuzaõ da alma ſe verifica naquelle inſtante, em que o féto *incipit coaleſcere*; porque, daquella materia, eſta he, e naõ outra a fórma. Iſſo de entrar a vegetativa, logo a ſenſitiva, e depois a racional, he arenga, que ſe maduramente a conſiderar qualquer prudente Filoſofo, ha de conhecer a implicancia deſta variedade de formas, quando tudo eſtà feito com a racional, em que as outras duas vaõ como embebidas. Deixo porèm de parte eſta ſubtil eſpeculativa queſtaõ do tempo, em que o féto humano ſe anîma, e vou obſervar em outro diſcurſo a portentoſa animaçaõ da Critica Eborenſe. Tende ſaude, e Deos vos guarde.

CARTA

CARTA IX.

AMIGO, e ſenhor muito da minha veneraçaõ. Sempre que ponho os olhos neſta erudîta Reſpoſta, em que o Pina ſatisfaz ſeus emulos ſobre os deſcuidos, de que injuſtamente o criticaõ, me lembro daquelle exemplo, que nos enſinàraõ nas claſſes : *Nil eſt facilius, quàm alterum monére, nihil difficilius, quàm ſeipſum cognoſcere.* Em huma das Cartas antecedentes diſſe jà aos doutos Criticos Tranſtaganos, q̃ quem tem telhado de vidro, naõ atire ao de ſeu vizinho: mas eſta he a vicioſa deſordem do entendimento humano, que condenamos os defeitos alheios, e naõ conhecemos os erros proprios. As noſſas culpas mortaes talvez ſe nos repreſentaõ como virtudes; as veniaes do noſſo Proximo caſtigamos como delictos graves: e iſto he propriamente o que nos diz aquelle exemplo: He muito facil reprehendermos aos outros; he muy difficil conhecer-nos a nós meſmos. Eſte he o erro, de que falla Chriſto no Evangelho: *Vides feſtucam in oculo fratris tui, trabem autem in oculo tuo non vides*: olhos ao meſmo tempo de lince, e de toupeira: grande perſpicacia para perceber o atomo de qualquer leve deſcuido, em que o Pina cahe; grande cegueira para naõ ver os erros craſſos, em que miſeravelmente tropeçaõ: *In illos invehimur, quorum veſtigia ſequimur inconſulti* dizia Santo Agoſtinho.

Jà tereis, meu bom Amigo, notado, que o erudîto Critico Eborenſe reprehendeu no Pina as vozes pernas, coxas, tronchas por ſerem baixas, e como taes improprias do eſtylo ſublime, caracter indiſpenſalvel no Poema epico; e lhe caſtiga tambem como

eſtranhas

eſtranhas, e novamente introduzidas no idioma Portuguez as palavras: orientar, analizar, genitor. Eſta he a *mea culpa*, *mea maxima culpa* daquelle penitente de Montemor. Mas, ſe acaſo viſtes as duas cartas, que mutuamente ſe eſcreveraõ os dous Criticos aſſim a modo de diſfarce para chegarem à maõ do Pina, como ſe diſſeramos: *Digo-to a ti*, *fógra; entende-me tu*, *nora*; alli verieis palavras muito mais eſtranhas, naõ por humildes, e abatidas, antes por levantadas, e eſtrondoſas. Em huma das cartas ha o termo *ulular*, que val tanto como gemer dando uivos à imitaçaõ dos lobos; pois, ſe me naõ falta a memoria, cuido que eſte ſignificado me enſinou meu Meſtre o Padre Gaſpar Simoens, quando eu conſtrùia Virgilio. Na outra carta ſe lê a voz *gazofilacio* eſcrita com *ço* em lugar de *zo*, para que naõ ſó houveſſe hum eſtrondo no retumbante da palavra, mas hum motivo do aſſombro no erro da ortografia. Temos, pois, *gazofilacio* palavra Pérſica, e Grega; e temos *ulular*, termo abſolutamente Latino; e iſto, naõ em hum Poema extenſo, ſenaõ em duas breves cartas, cujo familiar eſtylo naõ dá licença para tanto. Com que nos reparos, que fazem, e nas palavras, que praticaõ, eſtaõ *ad unguem* verificadas as tres ſentenças referidas: *Nil facilius* &c. *vides feſtucam* &c. *in illos invehimur*. Deos nos livre de que algum deſtes Senhores ſe metta nas cavallerias altas de comporem Epopeias, pois levaõ geito de introduzir tantas vozes, que ſerá tudo huma gregaria.

Bem he verdade, que jà tratey eſta materia na minha primeira Carta: e, ainda que nella me parece ter-me dilatado em huma queſtaõ deſta natureza; com tudo, algumas eſpecies me ficaraõ no tinteiro, que he tempo agora de virem à collaçaõ.

Quintiliano

Quintiliano no cap. X. das Inſtituiçoens Oratorias nos dà huma idéa do modo, com que devemos uſar das palavras para a locuçaõ. Primeiramente enſina, que toda a affectaçaõ he odioſa: *Nihil eſt odioſius affectatione*: e introduzir na lingua palavras eſcuſadas, quando ella tem outras para exprimir os conceitos, não ſey que ſeja muyto licito, antes me parece ſuperfluo. *Gazofilacio* he o meſmo que hum lugar, em que ſe guardão as riquezas, em cujo numero entrão tambem as mais preciozas alfaias; e, deixados os circunloquios, tem a meſma ſignificação, que *thezouro*: e com que o douto Critico tiveſſe dito, q̃ o Pina era hum theſouro literario, tinha feyto o elogio, ſem pedir favor ao ſeu novo *gazofilacio*, q̃ tem não pouco de affectação para ſe fazer odioſo.

O meſmo digo da voz *ulular* totalmente eſtranha, e deſneceſſaria; porque no caſo, em q̃ o outro erudito Cenſor uſa della, eſtava chêa a tençaõ, dizendo *gemer*, ou *lamentar*, que ainda lhe vinha mais propria. As Ninfas, de que Virgilio falla, ou foſſem Parcas, ou Furias, ou Orcades, ou Napeas, vaticinando, ou temendo as infelizes conſequencias, que haviaõ de reſultar dos amores de Eneas com a Raînha Dido, tanto que viraõ aos dous entrarem na eſcura concavidade da brenha, ſubiraõ ao cume do penhaſco, e lamentàraõ allî com laſtimoſos gemidos os infauſtos ſucceſſos, que juſtamente receavaõ.

Speluncam Dido, dux & Troianus eandem
deveniunt, ſummoque ululârunt vertice nimphæ.

Pois, ſe eſte affecto fatidico de ſentimento ſe dà muito bem a entender pelos termos de *lamentar*, ou de *gemer*; quem naõ julgarà por huma ſuperflua affectaçaõ, que ſe faça conhecer com a voz *ulular*?

In-

Incidit, foveam in quam fecit, cahio no meſmo cambapè, que tinha armado ao Pina. Condenaraõ em hum Poema tres vozes naõ uſadas, e encontraõ-ſe em duas cartas duas vozes inteiramente novas.

O meſmo Quintiliano, e neſte meſmo capitulo, moſtra inclinar-ſe mais às vozes antiquadas, que ás de novo introduzidas. Daquellas approva o uſo, attendendo ſempre às preciſas limitaçoens, e julga que conciliaõ mageſtade à Oratoria : *Verba vetuſtate repetita .... afferunt orationi maieſtatem.* Com as novas ſe inculca tam inexoravel, que nem ainda lhes admitte para padrinhos os mais authorizados exemplos. Nem Cataõ, nem Aſinio Pollio, nem Valerio Meſſala, nem Celio Rodigino, nem outro algũ Eſcritor de primeira nota fazem vulto no conceito de Quintiliano para a licença de introduzir palavras. Deixo á parte o ſummo rigor, com que eſte ſevero Juiz nos dá ſua ſentença; a cuja ſeveridade reſpondî jà na primeira Carta, obrando o meio termo do *nè quid nimis*: porèm, ſuppoſta a ſua doutrina, que he como de Meſtre; faço à viſta della eſte argumento: ſe naõ devem ſer admittidas as vozes eſtranhas, ainda que por homens doutos foſſem, ou ſejam praticadas ; como teraõ lugar as que naõ vem recõmendadas com algum inſigne exemplo? O Pina allega Authores de nome a ſeu favor; os ſeus Criticos naõ darâõ Author claſſico, que os abone: logo ao Pina ſe lhe pòde dar alguma deſculpa, os ſeus dous Criticos nenhuma tem. De forma que às duas vozes, que introduzem, ſe lhes pòde applicar ſem violencia, antes com grande propriedade: *Linguam, quam non noverant, audivimus.*

Segundo a preſente doutrina, temos encontrados os dictames dos dous Meſtres da Oratoria,

e

e da Potica, Horacio, e Quintiliano. Horacio admitte palavras novas, como haja parſimonia, e cautéla em introduzî-las: *In verbis tenuis, cautusque ſerendis.* Quer que eſtas vozes novas tenhaõ origem na lingua Grega, por ſer no ſeu tempo a mais culta, *ſi græco fonte cadent.* Enſina, que naõ ſayaõ da maõ aos Eſcritores do Lacio os exemplares da Grecia: *Exemplaria græca nocturnâ verſate manu, verſate diurna.* Quintiliano he de opiniaõ taõ diverſa, q̃ antes quer vozes antiquadas, *verba veſtutate repetita*, do que termos novos, e deſconhecidos, cuja intelligencia depende de hum intérprete. Vaõ as ſuas palavras no meſmo X. cap. *Oratio verò, cujus ſumma virtus eſt perſpicuitas, quàm vitioſa ſit ſi egeat interprete:* e eſtà taõ firme neſte ſeu dictame, que lhe naõ fazem força os grandes exemplos daquelles grandes homens, quaes foraõ Cataõ, Pollio, Celio, e Meſſalla.

Neſta diverſidade de pareceres, que partido tomaremos, ou que doutrina devemos mais ſeguramente abraçar? Muy facil; e tanto, quanto vay de advertir o ſentido, em que cada hum delles fallou. Quintiliano enſina aos que haõ de ſer oradores: Horacio inſtrue aos que houverem de ſer poetas. Quintiliano falla da oraçaõ ſolta, cujo principal caracter he a clareza: *Oratio, cujus ſumma virtus eſt perſpicuitas.* Horacio eſcreve da oraçaõ ligada *pictoribus atque poetis.* O poeta tem liberdade para muyto; o orador naõ tem licença para tanto. No verſo admittem-ſe alguns atrevimentos: *Quidlibet audendi ſemper fuit æqua poteſtas.* Na proſa tem iſſo não poucas difficuldades quando naõ ha urgencia, que nos obrigue. E, ſendo eſta a rigoroſa ley, com que o Meſtre enſina aos oradores, para uſo das declamaçoens; muyto maior aperto deverà ter o eſtylo epiſtolar, que naõ neceſſita de ſublimar o voo a eſferas

peregrinas. Com que tiraremos preciſamente eſta concluſaõ: o Pina em hum Poema extenſo podia muyto bem ſem nota introduzir tal qual palavra, e muyto mais authorizando-ſe com os exemplos: os ſeus Criticos naõ tem licença para dizer ſeriamente nas ſuas cartas *gazofilacio*, e *ulular*. Parece-me que tenho algũa razaõ.

Bem he verdade que para a introducçaõ de termos novos em verſo, he neceſſario ter aquella meſma fortuna, que Quintiliano reconheceu em Horacio: *In verbis feliciſſimè audax*; porque vejo a muytos, que tem eſtes atrevimentos com deſigual fortuna. Naõ baſta atrever-ſe, he preciſo acertar. De que ſerve desfechar a eſpingarda, ſe naõ ſe logra o tiro? A felicidade deſte acerto eſtà no bom goſto de quem eſcreve; eſtà em introduzir a palavra em occaſiaõ taõ opportuna, ou em lugar tão proporcionado, que naõ ſirva de tropeço ao eſpirito dos leitores; antes lhe pareça a quem ler, que ſó daquelle termo ſe devia uſar. E, como nas duas cartas mencionadas podiaõ ſubſtituir ſe com as vozes *lamentar*, e *theſouro*, o q̃ ſe exprime pelos termos *ulular*, e *gazofilacio*; parece-me que naõ ſerei muy ſevero Juiz ſe lhe der ſentença de expulſaõ do eſtylo popular.

Porèm, para que os dous erudîtos Criticos, e com elles todos os que me lerem, venham no claro conhecimento de que eu naõ firmo cegamente no que dizem outros, ſem cultivar primeiro o voto da razaõ; digo primeiramente, que o Meſtre da Oratoria eſtà ſummamente auſtero neſte preceito, com que nos inſtrue. Se o ſeu intento he que a oração ſeja clara: *Oratio, cujus ſumma virtus eſt perſpicuitas*, porque ſeria hum grande vicio q̃ a ſua intelligencia neceſſitaſſe de interprete: *Quàm vitioſa ſit, ſi egeat interprete*: como os erudîtos Criticos eſcreverão as duas cartas hum

ao

ao outro, e as cõmunicaraõ a Coimbra, para que o Pina as viſſe; e deſde allî ſe cõmunicaraõ a outros olhos, q̃ não ſaõ de todo em todo cegos; e os q̃ vimos eſtas cartas não neceſſitamos de conſultar o Calepino para a ſua intelligencia: e, como tambem a Arte poetica de Horacio foy eſcrita naõ ſó para os poetas, ſenão tambem para os oradores: (o que eu jà li em hum daquelles, que o commentaraõ, naõ me lembro qual) e como ultimamente, por mais que Quintiliano grite, nunca ha de deſenthronizar a Marco Tullio daquelle alto ſolio, a que o elevou a ſua eloquencia; que, para o ſer, ſe valeu do furto de infinitas vozes gregas: diſpenſo (por eſta vez sòrrente) os dous têrmos *gazofilacio*, e *ulular*, com tal condiçaõ porèm, que os ſenhores Criticos do Pina hão de obſervar em ſi o que condenão nos outros; porque reprovar no Pina *genitor*, e ſahir ao publico a *ulular*, he injuſtiça manifeſta. Ou não inventar novos termos, ou abſterſe de Criticas contra quẽ inventa. Aqui vem de molde aquella ſentença de hum dos ſete Sabios, que acima repeti: *Pareto legi quiſque legem ſanxeris*; pois naõ he juſto que haja para o Pina hũa ley, e outra para os ſeus Criticos; porque nem nos conſta q̃ os ſeus Criticos tenhão diſpenſa, nem podemos dizer que ao Pina lhe falta authoridade quando allega exemplos. Alguma couſa mais ſe me offerecia ſobre o preſente aſſumpto, mas para evitar o faſtîo, me poupo à extenſaõ. Tende ſempre muyta ſaude, e não deixeis que padeça muyto tempo ſaudades voſſas. Deos vos guarde, &c.

CARTA X.

ESTA he, meu bom amigo, a ultima Carta, que vos eſcrevo ſobre os reparos das duas cartas criticas, e ſobre a ſua Reſpoſta apologetica. He a ultima, e he a decima. Se eu houveſſe de ſeguir a doutrina dos Profeſſores da Kábala, ahi terîamos muytos myſterios, e geroglificos extrahidos agudamente do numero: loucuras acremente reprehendidas por Authores cathólicamente circunſpectos; e contra as quaes eſcreveu elegante o A. do *Enodatio figmenti kabaliſtici.* São dez, porque não eſtou para mais, ou porque nellas coube o que tinha que produzir: e queira Deos, que, por ſer eſcrita quaſi em hum mez, que eſtou de cama, ſe lhe não diſpute a vitalidade, que ſe negou aos dous mezes da Epopeia do Pina. Nella me irey cingindo quanto for poſſivel, tocando com brevidade alguns pontos, que naõ devem ficar ſem nota, para dar completa ſatisfaçaõ a todos os reparos da Critica.

Diz o douto Critico Tranſtagano, que o Pina eſcolheu para fabula do ſeu Poema hum aſſumpto *arido*, *deſcarnado*, *e ſem doçura.* Não diria mais nem tam deciſivamente o Toſtado, ou o Meſtre das ſentenças. He valente definir! He intoleravel ſatisfaçaõ do proprio magiſterio! *Quis te conſtituit judicem inter me, & te?* lhe podia juſtamente perguntar o Pina. Ora eu jà lhe perdoo o *arido*, mas o termoſinho *deſcarnado*, confeſſo que naõ lho poſſo perdoar. Com que todo o Poeta, que intentar a compoſiçaõ de huma Epopeia, ſerà obrigado a ir conſultar primeiro a eſte oraculo dos Poemas, para

ſaber

ſaber ſe he do ſeu agrado, q̃ diſcorra, e poetize ſobre materia ſacra, ou profana, eſteril, ou fecunda? Eu creio que eſte inexoravel Corregedor dos aſſumptos, em lugar de huma empreſa polemica, queria algum prato de carne, e ſem oſſos, guizada com ſeus ágilis mojilis, e polvorizada com ſeus póſinhos de açucar; pois deſſa fórma, e com tal tempero ſe evitava o arido, e deſcarnado, e ficaria com doçura. A Epopeia *Triunfo da Religiaõ* he deſcarnada: aſſim he; diſſe bem ſem reflectir no que dizia. Naõ tem carnes, porque he toda eſpirito. A carta eſcrita do ſeveriſſimo Tranſtagano he carne, e juntamente ſangue: carne, e carne bem magra, em que naõ ha couſa de ſubſtancia: he tambem ſangue, porque o faz nos golpes, que iniquamente dá, ou porque nota com paixaõ, e ſem criterio.

O que deixa que inferir huma Critica taõ judicioſa he, que, pois eſtranha tanto os oſſos, de que a Epopeia conſta, quer que o Pina eſcolheſſe huma fabula mais carnuda, ou que sò eſcreveſſe ſobre a materia vaſta: mas iſſo era muyto alheio dos annos, da chriſtandade, e da ſeſudeza do Pina. Se eſcolheu fabula de muyto oſſo, foy caſualidade, que paſſou a providencia, para que o dente canino da inveja tiveſſe mais em que roer, e em que fartar a fome. Naõ he muyto que lhe note a falta de carne quem moſtra a boca chea de ſangue nas mordeduras, que lhe faz. Porèm a dizer o que entendo, e o que dizem os homens mais doutos do noſſo Reino, a Epopeia *Triunfo da Religiaõ* naõ tem oſſo, nem carne; pois, como jà diſſe, he toda eſpirito; e o eſpirito naõ tem oſſo, nem carne: *Palpate, & videte quoniam ſpiritus carnem, & oſſa non habent.* Se o douto Critico Eborenſe naõ

ſe

ſe rende a huma evidencia taõ palpavel, he porque o deſagrado nunca foy collirio para a viſta, ou porque tem o tacto menos delicado para perceber as finezas, e primores do eſpirito poetico. A carne acha-ſe nos açougues, e naõ ſe buſca em hum Poema totalmente ſacro. Se eſte he taõ deſcarnado, como nos pinta, a fé que bem de carne lhe notou nos *amores alacayados*. Se tem muyto oſſo, he certo que tambem terà muyta medulla: quem naõ ſabe extrahî-la, moſtra naõ ſer a aguia, que *Venit ad Libanum, & tullit medullam cedri.*

Daqui ſe infere tambem, e ſem violar os principios de huma boa Logica, que o Critico Eborenſe naõ pòde ter voto para julgar no Poema criticado a falta de doçura; pois no inſulto da ſua Critica dà provas de ter eſtragado o bom goſto. Eſtà nos termos de lhe vir de molde o *pravo vivere naſo*, de que trata o Lirico. Quem goza de hum grande pádár taõ deſregrado, que tudo lhe parecem oſſos; jà ſe deixa ver que eſtà inhabil para goſtar o que he doçura. Se eſte Poema naõ he doce, a ſua criſe he bem azeda; e, tendo tanta abundancia de ácidos, naõ ſoube digerir a ambroſia deſta ſuaviſſima Epopeià: fraqueza do eſtomago, ou naõ ſey de que, nada coze, antes vomita quanto tem no buxo. Eſte Poema he dociſſimo, he ſuaviſſimo, ſem que a doçura lhe faça perder a mageſtade, ſem que o ſuave ſe faça excluſaõ do ſublime. Quem aſſim o naõ alcança, eſtà muy longe do verdadeiro conhecimento. Eu poſſo affirmar, que me ſaboreyo muyto com a ſua liçaõ. Talvez ſerà corrupçaõ do meu bom goſto; paciencia, que lhe heyde fazer?

Mas averiguemos em que conſiſte eſta falta de

de doçura na Epopeia criticada. Diz o Sapientiſſimo Eborenſe, que faltaõ nella os poeticos adornos. De que caſta de ſeda quererà eſte meu ſenhor que ſe veſtiſſe eſta menina? Faço eſta pergunta, porque eu a conheço taõ ricamente ataviada, que naõ podia cortar-ſe-lhe pela de mais alto preço. Ella tem *imagens belliſſimas.* Ella ſe compoem de *raſgos bem poeticos* : e , ſendo iſto confiſſaõ do meſmo Critico, que a impugna, claro eſtà, que ſe lhe deve dar todo o credito. Ainda confeſſa mais, ſem que para confeſſar lhe demos tormento, pois diz: *Que a voz Poema eſtà muyto bem deſempenhada, por quanto a verſificaçaõ he fluida, cadente, e numeroza; as diſcriçoens muyto boas, as imitaçoens bem executadas.* Agora à viſta deſtas confiſſoens, diga todo o homem de juizo ſe poderà verificar-ſe a falta de adornos poeticos, de que accuſa ao innocentiſſimo Poema. Que diremos a iſto ? *Mentita eſt iniquitas ſibi* , e naõ lhe conſidero outra ſoluçam. Se as imagens belliſſimas, e os raſgos bem poeticos naõ lograõ o titulo de adornos, ſerà preciſo lhe vamos cortar o traje das çaragoças de Brinches, ou dos pannos jardos do Redondo. Quereria, talvez, que foſſe huma Epopeia ſacra, outra

Alba Corinna venit tunicâ velata recinctâ?

Se ainda na modeſtia, com que ſe toca a parte erotica, ſe levantou o grito contra os amores alacayados, que naõ ſe achaõ; que ſerîa ſe acaſo o deſcuido , ou o artificio lhe accreſcentaſſe enfeites? Traja os adornos, que baſtaõ para naõ ſahir a publico deſcompoſta. Sobra-lhe o attributo da honeſtidade para cativar a todo o bom juizo. Eſconder-ſe eſta evidente verdade ao conhecimento de ſeus emulos, naõ he defeito da obra, he cegueira de quem

quem critica; aſſim como o faſtîo do enfermo a algum manjar delicado, naõ he falta do tempêro, mas deſordem do goſto.

Tornemos, porèm, a dar hum retoque naquelles dous predicados *arido*, e *deſcarnado*, porque ambos tem ſeu enfaſe, e neceſſitaõ de explicaçam. Quer dizer: que a fabula deſta Epopeia he ſecca, ou deſabrida, eſteril, ou infecunda? Parece-me que eſte he o ſentido, em que falla, e em que quer q̃ o percebamos. Suppoſto elle, pergunto: qual era a religiaõ da Romana gentilidade? Era hum cego polyteiſmo, dando culto a differentes deoſes, (por final que Marco Tullio em alguns lugares moſtra fazer eſcarneo da ſua multidaõ) aſſim como a noſſa, diſſipadas todas as ſombras da idolatria, conſiſte na crença de hum sò Deos com Trindade de Peſſoas. Pois, ſe Ovidio nos ſeus methamorfoſeos deſcobrio taõ fecunda materia para empregar a ſua penna tambem fecunda; porque ha de ſer eſteril a Religiam verdadeira, toda reveſtida de innumeraveis myſterios, ſervindo de aſſumpto a huma penna taõ chea de fecundidade? Tòrno a perguntar: qual foy a materia dos verſos de Sanazario, de Prudencio, de Apollinar, de S. Damaſo, de S. Paulino, de S. Gregorio Nazianzeno, e de outros infinitos poetas ſacros? Demos hum ſalto mais atràs: ſobre q̃ eſcreveu David os ſeus myſterioſos cento e cincoenta Pſalmos? Qual foy o aſſumpto do *Mille carmina*, que compôs ſeu filho Salomaõ? No ſentir dos Expoſitores *mille carmina* naõ quer dizer mil verſos, ſenaõ mil Poemas; e naõ teriaõ todos por fabula a ſenhora Aſtarten, deoſa dos Sidonios, alguns teriaõ por objecto o verdadeiro Numen, que o collocou no throno. O Cantico dos Canticos de hum Poema por todos os lados heroico,

e

e erotico; e dizem os ſagrados Interpretes com Arias Montano, Toſtado, Ghislerio, e S. Jeronymo, ſer compoſto naquelle metro, que correſponde ao noſſo de onze ſyllabas. O meſmo dizem dos Canticos de Moyſés, de Jeſué, de Debbora, de Suſanna, e de todos os da Eſcritura. O Pina tratou de confutar alguns dos erros principiaes; naõ tratou de todos, porq̃ eſſa materia pedia hum Poema infinito. E ainda ha hũ Innocente, q̃ à vaſtiſſima fabula da Religião Catholica chame aſſumpto arido, e deſcarnado? Sim ſenhor, ainda ha hum erudîto Tranſtagano, q̃ aſſim o eſcreveu, como ſe foſſemos alguns incultos Tapuias, q̃ nunca abriſſemos os livros.

De toda eſta caterva de erros taõ craſſos, e taõ manifeſtos abſurdos, que vejo imputar à Epopeia *Triunfo da Religiaõ*, e com q̃ intentaõ infamar, ou deſluzir o credito taõ bem eſtabelecido do Pina de Montemor; que havia de conſeguir ſe, que naõ foſſe a *inutilidade do ſeu Poema?* Aſſim o eſcreve em proprios termos, que eu naõ ſou coſtumado a levantar falſos teſtemunhos. A'viſta de taõ aſpera, e extravagante ſentença, ſeja-me licito dar hum brado, e exclamar com as vozes da admiraçaõ: Inutil eſta Epopeia! *Si in viridi hæc fiunt, in ſicco quid fiet?* Se he inutil huma Epopeia, em q̃ a Religiaõ triunfa de tantos erros oppoſtos à ſua verdade; dê ſe fogo a quantos tomaraõ a penna para eſcrever neſta materia. Eſte Poema toma a ſi o empenho de confutar, e convencer ao Atheîſta, que nega a exiſtencia de hum Deos, primeira cauſa de tudo o mais, que exiſte. Paſſa logo a argumentar rijamente contra hum Deîſta, que confeſſa a unidade da eſſencia, e nega a real diſtinçaõ das Perſonalidades Divinas. Depois ataca ao Polyteîſta, que crê que ha muytos Deoſes, todos

diſtinctos huns dos outros. Athéquî baſta: naõ paſſemos a mais, porque com iſto alcanço o que neceſſito. Diga-me agora o ſapientiſſimo Miſantropo das Epopeias polemicas, em que deſcobre a inutilidade, que plenis buccis nos clamorêa? Se eſta inutilidade he taõ certa como define magiſtralmente eſte oraculo, requeiro a todos os Lentes de Theologia eſcolaſtica, que nunca mais defendaõ concluſoens, nem dictem poſtilla *de Deo uno, & trino*, porque eſta materia de Religiaõ he inutil na republica das letras. Torno a requerer, que ſejaõ riſcados do catalogo dos Eſcritores os Areopagitas, os Ambroſios, os Agoſtinhos, os Damaſcenos, os Athanaſios, os Cirillos, os Bedas, os Rupertos, os Tomazes, os Eſcotos, os Egidios, os Baconios, e ſeiscentos outros, que com zeloza, e erudita penna eſcreveraõ ſobre a materia. Note-ſe, porèm, que os Santos Padres [à excepçaõ de algũ] eſcreveraõ em proſa; e o Pina, valendo ſe dos ſeus melhores argumentos, eſcreve poetizando. Pois, que temos com iſſo? Que venceu maior difficuldade, e q̃ fallou com tanto acerto, como ſe foſſe Theologo de profiſſaõ: e eſcreveu em verſo para radicar-ſe mais vivamente a doutrina na memoria dos ſeus leitores.

Eſta eſpecie, q̃ acabo de repetir, poderà ſer eſtranha para quem for menos bem inſtruîdo q̃ o doutiſſimo Eborenſe, pois ſey que he ſummamente applicado, [aſſim naõ foſſe taõ aveſſo de condiçaõ] Eſcreve Tucidides, que o primeiro uſo, que ſe deu aos caracteres, foy para eſcrever em verſo; e dà a razaõ, que ſe caſa muyto com quem a tem, e he a ſeguinte: o que ſe eſcrevia, levava o fim de conſervar-ſe na lembrança dos homens; e como a noſſa memoria conſerva mais facilmente o que ſe eſcreve em verſo, que o que ſe eſcreve em proſa; porque a cadencia dos nu-

numeros, e a ſemelhança da rima tem cà na papeleira do cerebro huma certa gavetinha, em que ſe depoſitaõ com mais reſguardo; daqui veyo, que para conſervaçaõ do que ſe eſcrevia era mais proporcionado o verſo, do que a proſa. E que fez diſcretamente o Pina? Vendo que eſtas materias, de que elle trata, eſtam eſcritas em proſa Latina, e Grega por infinitos Authores, mudou de eſtylo, e eſcreveu em verſo; para que as meſmas materias, jà diſcutidas pelos Theologos, ſe entranhaſſem mais profundamente nos coraçoens, e ſe conſervaſſem mais tenazmente nas memorias: mas com tanta infelicidade na acceitaçaõ de hum Critico, aliàs douto, e catholico, que dà ſentença definitiva ſobre a inutilidade deſta Epopeia; e, por hum es naõ es, ainda eſcapou de lhe fulminar a cenſura de perniciosa.

Naõ eſcapou por certo; que a tanto exceſſo obrigou a deſordem da fantaſia allucinada. Eu o naõ crera ſe o naõ leſſe eſcrito, naõ sò na erudita Reſpoſta, com que o Pina ſe deſempenha das calũnias, ſenam tambem nas cartas originaes, que por hum raro caminho chegàraõ à minha mão. Diz pois o ſeveriſſimo Critico, que: *Eſte Poema he arriſcado, porque, pintando com taõ vivas côres as opinioens heterodoxas, mais facilmente ſe perverterà o fiel, do que ſe converterá o impio.* Naõ ha mais dizer! Eſte he o padraõ, em que ſe póde gravar o *non plus ultra* da liberdade de hũ Eſcritor temerario. Contra os eſcritos de S. Jeronymo eſcreveu varios erros hũ tal chamado Vigilancio; e o Santo Doutor, na reconvenção, q̃ lhe faz, diz com igual chiſte, e facundia, que lhe quadrava melhor o nome de Dormitancio. Eu digo, que eſte vigilante Argos dos atomos da Epopeia dorme, e ſonha, e ronca, e tem pezadêlo, e eſtrabucha na cama, e dà mil voltas

para deſacreditar ao innocente Pina. Forte condiçã!

Porèm, ſe *Solatium eſt miſeris ſocios habuiſſe penates*, conſole-ſe o calumniado Pina de Montemor, que peiores invétivas ſe eſcreveraõ contra a eminente purpura do Cardeal Bellarmino, hum dos mais doutos Controverſiſtas, que defenderão a Fè Catholica. A ſua erudîta, e virtuòſa penna confutou com ſolidiſſimas razões, naõ ſó os argumentos hereticos, que athè o ſeu tempo perturbaram a paz da Igreja; mas tambem, prevenindo futuros, inventou com penetraçaõ maravilhoſa os argumentos, com que os hereges a poderiaõ inquietar depois, reſpondendo a todos, como ſe os já tiveſſe preſentes para entrar com elles em diſputa. Levantàram o grito ſeus emulos, e o cenſuràraõ de fomentar a guerra contra a meſma Igreja nos argumentos, que aos hereges ſubminiſtrava: e ahi tinhamos ao bom, e douto Cardeal pouco menos que excõmungado pela Bulla da Ceia, por dar armas aos inimigos da fé. Ora por onde paſſa a incomparavel penna, e a eminente dignidade de hum Eſcritor tam ſem controverſia inſigne, paſſe tambem a Epopeia do Pina, que naõ he mais que hum raſgo do que Bellarmino eſcreveu. Se hum, e outro nam tem outros peccados na preſença de Deos, eſtaõ juſtificados ambos; porque em hum, e outro concorreu huma meſma couſa.

Mas entremos ſeriamente na averiguaçam deſte caſo, ſaibamos em que delinque o Pina para fazer-ſe réo de tam rigoroſa cenſura. As imagens deſte Poema, confeſſam ſeus emulos que ſaõ belliſſimas; porèm que imagens? Se o Pina pintaſſe as hereſias com mais vivas cores, do que aquellas, com que affórmoſea as verdades catholicas, neſſe caſo teria lugar, e teria muita razam a Critica: mas ſe elle, depois de pintar

tar à hereſia, com os meſmos pinceis, que lhe fingiram à belleza, lhe retrata a fealdade, e lança novos, e mais elegantes raſgos para moſtrar a formoſura da verdadeira fé; em que eſtà a culpa? De q̃ ſervîo a Goliath ſahir a campo todo armado de ferro, ſe deixou deſcoberta a teſta, em que David lhe imprimîo a pedra deſpedida com valente pulſo? Iſto he o que fez o Pina: em achando aberta, tiro ao gigante; e o ſenhor Critico naõ ha de negar que os acerta com felicidade. Quando o Eſtatuario Romano fez aquella belliſſima eſtatua, que ſervîo depois aos amoroſos abraços de huma pouco honeſta matrona, certamente naõ prevenîo, que hum pedaço de marmore foſſe incentivo de huma paixão deſordenada. Quando o Pina eſcreveu a ſua Epopeia, naõ chegou a preſumir que huma pintura taõ catholica houveſſe de produzir inclinaçam às fealdades hereticas; antes com bem robuſto braço debellou hereſias, para que a fé triunfaſſe. Logo, a que folhas vay hum delicto taõ grave, como ſeria perverter os fieis? Meu Dormitancio Eborenſe, mal applicada literatura. Empregou mal o ſeu tempo em ſofiſmas de tam pouca entidade.

De fórma que eſta judicioſa invétiva vem a degenerar em paradoxa improvavel, quando, em vez de util, ſuppoem eſta Epopeia damnoſa. Para que o douto Critico fizeſſe menos aſpera, e mais juſta a ſua ſentença, era preciſo que nos moſtraſſe com individual criterio alguma paſſagem deſte cenſurado Poema, para que conſtaſſe com alguma evidencia que tal, ou tal periodo inculca erro no ſentido obvio; o que certamente não farà, porque o ſanto Tribunal, e ſeus incorruptos Cenſores caſtigaõ não sò as propoſiçoens ſuſpeitoſas, ſenam tambem os mais ligeiros eſcrupulos. Vejamos o quadro a outra luz, e

diga-

diga nos o rigidiſſimo Ariſtophanes que damnos tem feito eſte Poema polemico eſcrito pelo Pina de Montemor? Quantos fieis tem deſertado da Igreja catholica para aliſtar ſe entre os deſaforos de Arrio, ou entre as immundicias de Mafamede? Quem por cauſa da ſua liçaõ ſe tem feito ſequaz de Calvino, ou de Lutero? Qual he o Catholico, que abjurou os dogmas das chaves de S. Pedro, para ſe envolver na cegueira do judaiſmo? A quem obrigou eſta infeliz Epopeia a apoſtatar da verdadera luz, para ſeguir o caminho errado das trevas dos hereges? Aſſim he, me reſponderâõ: mas pòde alguem pela viveza, com que o Pina deſcreve eſſes erros, inclinar-ſe tanto a elles, que os prefira às verdades da noſſa religiaõ. Reſpondo, que em boa Theologia ninguem eſtà obrigado a evitar perigos contingentes, e remotiſſimos; ainda quando lhe venha ao penſamento, que poderaõ vir a acontecer. Naõ allego Authores, porque hè doutrina univerſalmente praticada.

E ſe eſte perigo he taõ attendivel, como o o conſidera, peccou graviſſimamente o veneravel Bellarmino, e com elle todos quantos exercitaraõ as pennas em ſimilhante aſſumpto. Se a doutrina do ſapientiſſimo Critico he taõ certa como preſume, ninguem ſaya de caſa, porque lhe pòde cahir huma telha ſobre a cabeça: ninguem và ver prociſsões, porque pòde encontrar com os olhos alguma formoſura, que o inquiete: ninguem ſe metta em huma ſege, porque pòdem desbocar-ſe as beſtas, e fazer-lhe o corpo em pedaços: ninguem embarque, (e eſte perigo he muyto mais proximo) porque pòde ſer tragado das ondas. Prégava Chriſto o ſermaõ de ſeu Corpo Sacramentado: *Caro mea verè eſt cibus*, e cauſou tal eſcandalo nos ouvidos do ſeu auditorio, que não sò tiveraõ

raõ por dura, e aſpera a ſua doutrina: *Durus eſt hic ſermo*; mas muytos delles deſertàraõ da ſua eſcóla: *Multi ex diſcipulis ejus abierunt retrò, & non jam cum illo ambulabant.* Pois que? Diremos, que o ſermaõ do Sãtiſſimo Prégador foy réo daquelle eſcandalo, ou cauſa daquella deſerſaõ? *Abſit.* Pois, porque o Pina pondera algũas razões, em que ſe fundaõ os hereges, arriſcou por iſſo a crença do verdadeiro catholico? *Minimè.* O Pina deu as proporções, que pertenciaõ a cada imagem. Naõ eſcreveu para as os fieis idiotas, que apenas entendem as oraçoens da cartilha. O ſeu Poema, como todas as ſuas obras, calçaõ cothurno; he eſcrito para homens doutos, e bem intencionados. Extrahir delle pernicioſo veneno, naõ he culpa da flor, ſenaõ officio de aranha. Eſta Epopeia he innocentiſſima: em nada induz a abraçar erros hereticos; antes bem a firmar-ſe nas verdades Catholicas.

Para dar o ultimo esforço às inſpiraçoens da inveja, ou o ultimo deſaffogo à ſemrazaõ da calumnia, conclue o oraculo Eborenſe a ſua erudita carta, e diz: *Ser muyto neceſſaria a ſua critica, para que o Pina naõ deſacredite a Patria entre as naçoens eſtrangeiras com eſte ſeu Poema.* Eſte he o fecho da abòbada: mas iſto já paſſa a exceſſo, e he querer apurar muyto o ſoffrimento dos homens. Porèm a inalteravel modeſtia do Pina, como ſe foſſe hum inſenſivel rochedo, em que batem as ondas com impeto, ſem fazer-lhe perder a conſtancia; reſponde taõ moderado a eſta petulante expreſſaõ, que mais me ſerve de exemplo a ſua modeſtia, do que de inſtrucçaõ os ſeus livros. He poſſivel que coubeſſe nos bicos da penna de hum Critico douto eſta intoleravel blasfemia! O Pina ſervindo de deſcredito à naçaõ Portugueza,

tugueza! *Blasfemavit.* A mim me toca o deſaggravar eſta injuria; primeiro com hum argumento bem ſólido, e logo com algumas noticias bem certas. Vay o argumento.

A infamia, que rezulta à naçaõ, procede da notoriedade, em que pelo prélo ſe divulgou o Poema; *atqui* q̃ a carta do Critico naõ pòde impedir a impreſſaõ, que eſtà feita: *ergo* a carta Eborenſe naõ tem forças para evitar que ſe infame a naçaõ. Provo a conſequencia. Em tanto poderia eſta carta evitar o ſuppoſto deſcredito, em quanto o prélo a fizeſſe publica, para que viſſem as naçoens eſtrangeiras, que, ſe ha hum Pina, que erra, ha tambem hum Oraculo, que o emenda; *ſed ſic eſt* que eſta carta he particularmente dirigida a hum amigo, e naõ goza da vulgaridade do prélo: *ergo* naõ tem forças a carta para evitar que ſe infame a Naçaõ. Ah meu eſtimadiſſimo Critico; e de quanto ſerve hum bocadinho de Logica para naõ cahir em abſurdos! Conſulte comſigo ſe huma carta miſſiva eſcrita ao ſenhor Licenciado de Evora, que eſtava [ſe he que eſtava] em Villaviçoſa, pòde curar a infamia da Patria no publicado Poema.

Vamos às noticias. Em toda Heſpanha, que he o paiz mais vizinho, ouvi fallar no ſeu nome com eſtimaçaõ. D. Joſé Cañizares, e D. Eugenio Gerardo o conheciaõ, e reſpeitavaõ: fuy perguntado muytas vezes ſe o conhecia; e, ſem affectar o louvor, naõ faltey à verdade. Em França he conhecido na Academia das Sciencias, e entre os Sabios de Trevoux. Em Hollanda me fallou nas ſuas compoſiçoens Monſr. Voltairre, quando ſe retirava de França para a Corte de Pruſſia.

O

O Conde da Ericeira me moſtrou carta de Monſr. Bollau Deſpraux, que fallava reſpeitoſamente no Pina de Montemor. Em Italia bem póde dar noticias ſuas o Cavalleiro Vernei, a quem o Pina eſcreveu duas cartas, que foraõ no conceito dos doutos duas linguas da fama, com que alli eſtabeleceu o ſeu nome, que jà de antes era conhecido no livro, que intitulou *Balança intellectual;* e confirmou depois com a preſente Epopeia, ſobre a qual ſe lhe eſcreveraõ eruditiſſimas, e honradiſſimas cartas. Em Amſterdam vi a primeira vez hum livrinho ſeu de romances excellentes na maõ de hum F. Silveira, ſobrinho do outro Silveira, que compôs o *Macabeo*. No noſſo Reino apenas haverà homẽ, dos q̃ veſtem camiſa lavada, que naõ conheça o merecimento do Pina: e eſte he o homem, com quem ſe infama a Patria! E com quanto mais cauſa, àviſta de humas invetivas taõ pouco honroſas, podia o Pina dizer aos dous Criticos:

Eſta palabra era mia,
y me la quitaſteis vos.

Os dous Ariſtarco, e Ariſtofanes Tranſtaganos ſaõ os que deſacreditaõ a Patria, e ſe deſacreditaõ a ſi; pois, onde quer que chegue a noticia deſtas duas cartas taõ cheas de ſofiſmas, e futilidades, ſeraõ lidas com mòfa, como foraõ por mim com eſcandalo. E porque a ſemrazaõ, com que o vejo inſultado, naõ tem outro deſpique, ſenaõ multiplicarlhe elogîos; entre os muytos, que lhe tem feito os homens mais doutos, tenha lugar eſte, que reverente lhe conſagro no ſeguinte Soneto.

Naõ foy caſualidade, he providencia
Oppor-ſe-vos hum Zoilo inadvertido;
Que naõ ficara o Triunfo taõ luzido,
Se naõ tiveſſe achado competencia.

Os meſmos deſaffogos da indecencia
O elogio vos tecem mais ſubido;
Pois ſe foſtes Solon pelo inſtruido,
Sois hum Socrates novo na paciencia.

A Critica indiſcreta, e temeraria,
Aborto feio de huma penna eſpuria,
Abrio caminho certo à voſſa gloria;

Pois a reſpoſta da objecçam contraria,
Convertendo em abono o que era injuria,
Accreſcentou ao Triunfo outra victoria.

FINIS.

CARTA GRATULATORIA SATISFATORIA, E APOLOGETICA

A FAVOR

Do Muito Reverendo

JOACHIM VELHO DO CANTO,

Como illuſtre defenſor do Sapientiſſimo, e invulneravel

FRANCISCO DE PINA, E DE MELLO.

M. R. S. C. D. J. B.

MEu Amigo, e Senhor do coraçaõ. Confeſſo-vos com toda a ſinceridade do meu puro affecto, que naõ podia a voſſa eſpecioza, e antiga amizade honrar-me com acçaõ mais agradavel para os apreços da minha eſtimaçaõ, que eſte nobre dezempenho, com que erudîtamente confundís a cegueira dos Criticos Tranſtaganos, acreditando, ennobrecendo, e authorizando a Patria com producçoens taõ excellentes: utilizando, enriquecendo, e illuſtrando o Orbe literario com doutrinas tam penetrantes, e portentoſas;

toſas: erigindo Eſtatuas, lavrando Padroens para a poſteridade ao *Non plus ultra* de immenſas prendas, e levantando altares ao mayor milagre do prezente ſeculo (o Sapientiſſimo Senhor Franciſco de Pina, e de Mello, honra da Patria, luſtre de Portugal, e gloria do Parnazo, meu grande, e eſtimabiliſſimo amigo) para ſer reſpeitado com veneraçaõ no dilatado, e ſucceſſivo imperio das futuras idades.

Só a voſſa engenhoſa, fecunda, delicada, e egregia penna podia voar de hum pólo a outro pólo, remontando felizmente os voos ao cume deſſas eſferas celeſtes, para enthronizar, e collocar entre as eſtrellas, como Aguia entre os ſabios, ao Sabio mais eſclarecido; abrindo os olhos áquelles criticos eſcrupuloſos, que cegos pelas limitadas porçoens da ſua intelligencia, cahiram, de abyſmo, em abyſmo, em erros tam deſcomedidos. Qual Icaro, fabricando o precipicio no proprio atrevimento. Ou qual outro ferino Perillo inventando crueldades, tormentos ideando, para nelles infeliſmente padecer o ultimo eſtrago.

Só hum eſpirito nobremente dotado de taõ altas qualidades, quantas em vòs reſplandecem com paſmo, com admiraçaõ, podia immortalizar a gloria daquelle nobiliſſimo Eſcritor. Se vòs naõ foreis taõ conhecido, e reconhecido em toda a rendondeza do Orbe por ſabio, por douto e por taõ erudîto, naõ dezembainharieis a penetrante eſpada da voſſa ſuperior elegancia, para deſcarregar concludentes golpes ſobre os inſultadores de hum Varam prudentiſſimo, e authorizado, que pelos ſeus diſtinctos, illuſtres merecimentos, tem grangeado digniſſimos applauſos de Oraculo da modeſtia, chriſtandade, e ſabedoria; fazendoſe Legiſladores, aquelles que ainda para executores devem ſer reprovados. E para tudo ſer á proporçaõ da mais bella e pompoſa genitura, atè a generoſa Critica, com que defendeis a hum tam ſublime Heróe, como todos reſpeitamos

no

no incomparavel Pina, ſó de juſtiça tocava, e pertencia a outro Heróe, como todos veneramos no voſſo incomparavel talento.

Para creſcer Cupido, foi neceſſario naſcer Anteros: para lograr novo eſpirito a excelſa fama do illuſtre Pina, foi preciſo florecer a voſſa egregia penna. E ſe para ſe encarecer a rara formozura de huma Campaſpe, ſó os delicados pinceis de Apelles foram o ultimo dezempenho; tambem para ſe exaggerar o raro talento do famozo Pina, ſó os primoroſos raſgos da voſſa bem aparada penna ſaõ a ultima perfeiçam: que para tam alto dezempenho outro braço, inda que invencivel, ſeria debil inſtrumento; outra penna, poſto que excellente, naõ ſeria tam relevantemente applaudida, que ſempre foram menos eſtimaveis os triunfos, onde ſaõ menos arriſcadas as victorias.

Quem eſcreveo contra o illuſtre Pina, indiſcretamente entendeo que o torpe de huma fealdade podia lograr veneraçoens á viſta do throno da formozura; ou q̃ a horribilidade das trevas podia merecer culto, onde a luz tem as prezidencias. Houve penſamento que entraſſe no groſſeiro projecto de offender o invencivel Pina! Horrenda incivilidade! Mas que ha de fazer a emulaçam colligada com a ignorancia?

Ao Sol adoravam os Egipcios com o dedo na boca, em demonſtraçam do ſeu reſpectuozo rendimento. Com o joelho no cham, e na boca o ſilencio ſe devem reſpeitar eſtes dous luminozos aſtros: que ſe ha ſilencios eloquentes, immudeçam os ſacrificios por grandeza dos myſterios.

Luzes chamavam os antigos aos Heróes famozos, e ſingulares: *Luminis nomine appellantur*, diſſe Pierio Valeriano. E jà dos grandes, e famozos engenhos o tinha decantado o diſcretiſſimo Fortunato: *Ingenium veſtrum luminis inſtar habet.*

Eſtampem-ſe pois no luſtrozo dos marmores, imprimaõ-ſe na eternidade dos bronzes, decantem-ſe no aurifero inſtrumento, e immortalizem-ſe na galhardia dos jaſpes as invenciveis producçoens dos dous famoſos Heròes do Firmamẽto literario; e nas columnas de tanta heroicidade, no triunfo de tantas palmas, ſe eſcreva o *Non plus ultra*; e com letras de ouro ſe lea, ſe venere, e ſe reſpeite a ſeguinte inſcripçam.

A Idolos tam ſagrados
ſó ſe incenſa immudecendo:
que ao throno dos impoſſiveis
paſſa o culto a ſacrilegio.

E dezenganem-ſe os Rigoriſtas, que naõ póde a republica das letras viver florida, agradavel, e brilhante, ſem a dociſſima fragrancia de tam eloquentiſſimas flores.

Naõ me admira, honrozo, e caro Amigo, que na voſſa peſſoa ſe reſpeitem tantos portentos, ſe venerem tantas ſingularidades, quantas ſam indiziveis ao impolido da minha fraze, e incomprehenſiveis ao groſſeiro da minha explicaçam; pois a ſabedoria de todas as ſciencias he hereditaria na voſſa Illuſtriſſima Caza hà mais de hum ſeculo; e nella tem florecido preclariſſimos Heróes, veneradiſſimos em letras, e virtudes.

A tam Sapientiſſima Familia chama o illuſtre Pina Senecas honradiſſimos de Portugal; e que o ſeu voto he o melhor em todo o genero de literatura. Que Sua Illuſtriſſima era incomparavel na lingua latina, e verdadeiro Pay da Patria. Do Senhor D. A. que logo da ſua puericia principiàra a ſer hum grande Orador. E de vós, que, entre tanto concurſo de prendas, ereis ſem diſputa o melhor na Poezia que tinha Lisboa, muito agudo, muito delicado, e a elevaçam do enthuſiaſmo a mais rara; e que era herança, porque todos ſobrepujàram na agudeza do engenho. (E o certo he que tam ſublimes Heróes ſe haviam reſpeitar na

Naçaõ

Naçam, como hum grande esforço do nosso Clima, e fazer-lhe os mesmos obsequios, que Roma dava a todos os q̃ se distinguiam naquella cabeça do mundo.

Lembra-me que quando tive a honra de mostrar a Sua Illustrissima a resposta que o erudito Pina deu ao Verney, me de disse estas palavras: *Diga ao seu amigo que escreva dezembaraçadamente: que componha sem escrupulo, que naõ tem quem o exceda na grandeza do talento, e lhe louvo muito a grande modestia, e gravidade com que convence ao seu oppoente.* Este elogio tam distincto, proferido pela boca daquelle grande Oraculo, parece tem força de Ley, para se venerar com profundo respeito ao famozissimo Pina. Nesta mesma occaziaõ, e em muitas mais sempre me confessastes com a sinceridade de bom amigo, que todas as suas producçoens eraõ formozissimas, ou no verso, ou na proza; como assim authorizais com aquella elevadissima energia, em que tanto brilha a vossa elegancia. E a este bravo Herõe se atrevem indiscretas pennas! Oh erro inaudito! Oh que ignominioza invetiva!

Todos os homens de espirito penetrante, e de remontada esfera, publicáraõ com as expressoens mais agradaveis, mais attentas, que o *Triunfo da Religiaõ* era hum parto felicissimo de seu Author; e bastava que assim o affirmasse, ou confirmasse o mais seguro texto, que sois vòs. Porèm quem se havia oppôr a hum entendimento taõ fecundo? os Grandes, os Doutos, os Sabios? Não: que esses cheyos de honra, que lhes he tão natural, louvárão, e louvão a superioridade de tão veneravel talento. Os Pigmeos he que se atreverão áquelle forte Gigante. E que importa que grosseiros vapores intentem perturbar a brilhante luz do Sol, se a sacrilega, barbara rezolução lhe augmenta novo esplendor, lhe duplica a soberania? Quem culpa as obras grandes, ou

com

com a inveja as qualifica, ou com ſuas advertencias as melhora, diſſe huma diſcreta penna.

A Catam fizeram mais celebrado as accuzaçoens de ſeu inimigo Galba. A Demoſthenes as de Eſquines. A Cicero as de Saluſtio. E ao noſſo grande Pina a dos Criticos Tranſtaganos; porque os grandes eſpiritos ſempre ficaõ mais brilhantes, quando mais invejados. Arda a inveja, brilhe a ſabedoria. Arda a emulaçaõ, e reſplandeçaõ os luminoſos rayos da voſſa incomparavel erudiçaõ, para deſtruir, e abrazar todo o penſamento menos reſpeitozo contra o aſſumpto que defendeis; e para que todo o mundo rompa naquelles meſmos regios, e auguſtos elogios, em que rompèo a diſcreta Rainha Sabbá vendo, e admirando a incomparavel ſabedoria de Salomão: *Mayor eſt ſapientia tua quã rumor, quem audivi.*

A agoa limpa, e clara, forma cryſtalinos eſpelhos; porém a que eſtá turva, e torpe não deixa ver as imagens. E quem vio já mais ao Mar cheyo de colera, que o naõ admiraſſe cheyo de torpeza? Quando o coraçam eſtá manchado com a torpe paixão da inveja, nam deixa ver a belliſſima imagem da razam; porque ainda que eſta ſe lhe offereça primeiro aos olhos, he tão poderozo o torpe vicio da inveja, que a faz retroceder, para que de nenhuma ſorte da ſua idea ſe vejão copiadas as prodigiozas perfeiçoens. E quando erra o coração, não póde acertar o entendimento: quẽ pertender vaidozamente oſtentar acertos no endimento, depois de ter commettido erros na vontade, não ſe aroja a menor temeridade, q̃ a querer que o Omnipotente lhe patrocine os abſurdos: e ſempre foi illuminaçam eſperar as piedades donde ſe provocaõ os caſtigos.

E quando não erráram as paixoens humanas! Mas viva ſempre feliz a voſſa fecundiſſima, e elegantiſſima penna, para çom a elevaçam do eſtylo, grandeza do talento,

lento, e relevancia do engenho exaltar a honra de hum Heróe de tanta authoridade, e viva sempre vencedora a penetrante espada da vossa incomparavel erudiçaõ, que com tanta evidencia convence, e manifesta a verdade da Critica, e defensa da obra, cortando a cabeça a essas Hidras venenozas, que a pernicioza critica da inveja tinha formado para infestar a innocencia das virtudes. Com mais justificada razaõ se deve dizer de vòs o que em louvor semelhante cantou a doutissima penna de Salviano Epist 8. *Opus arte nobile, rebus grande, eruditione elegans, stylo insigne, veritate clarum, nec à suo Auctore, alienum.*

A semelhança he o berço onde o amor se emballa, Ama o virtuoso ao que exercita virtudes, porque nelle resplandece a sua semelhança. Ama o perverso a outro da sua especie, porque nelle vê copiada a sua dezenvoltura. Porèm naõ succede o mesmo ao que tem algum genero de prendas; porque nam sò não ama a outro prendado, mas aborrece tudo o que he vê-lo aplaudido: transformam-se os afectos; o que naturalmente podia ser inclinação agradavel, passou a ser odio aborrecivel.

Ha huns bichinhos nimiamente venenozos, os quaes sò se crião entre as Rozas: e quem tal differa! que donde se adora tanta belleza, se havia encontrar hum tal dezacatamento! Assim a inveja, a qual só se vê nascer ao pé do que florece. E quem se persuadira que donde se esperavão os obsequios, se introduzissem as indecencias! Mas se não ha luz sem sombra, dia sem noite, sol sem átomos, donde assiste a felicidade, ahi reside a emulaçam.

Exemplos infaustos lamentamos reprezentados em varias scenas, succedidos em diversos theatros, Campanhas funestas, batalhas perdidas, pela indigna oppoziçaõ, e inveja infame dos Generaes de seu mesmo partido; querendo antes perder a reputaçaõ, serem infieis á patria,

tria, ſó por naõ ceder a gloria a outro ſuperior, e concorrer para o ſeu applauzo: quando toda a competencia devia ſer inſpirada de hum generozo ardor, de huma emulaçam brioza, que diſtinguiſſe o valor, e o merecimento na celebridade dos trophèos. Que vulgaridade taõ ordinaria, fazer-ſe eſta injuria à honra dos homens mais benemeritos! Vicioſa politica! Precipitado deſconcerto! Indecente capricho!

Hum Luthero teimozo, obſtinadamente perdido, por não ceder da prezumpçaõ de ſuſtentar a immenſidade de erros, que o condenàraõ. Outros infinitos exemplares, de que eſtaõ cheyas as hiſtorias, em que a inveja, a vaidade, e a preſumpçaõ tiveraõ as prezidencias, para ſuſtentar huma deſgraçada origem. No livro da Sabedoria, Cap. 2., ſe acha que hum invejozo he ſemelhante ao Diabo, que por inveja maquinou a ruîna do genero humano *Invidia autem Diaboli mors introivit in orbem terrarum.* Mas arda a emulaçaõ, e brilhe a ſabedoria; arda a inveja, e reſplandeça a virtude.

Eſte he o forte, porque os homens grandes tem mayor ſequito nos eſpiritos nobres, que nos entendimentos prezumidos. Mas advirtaõ eſſes genios tumultuantes, ou ſabios de perſpectiva, (como lhe chama o Illuſtriſſimo Feijò) que tratar com menos reſpeito a Sabios de taõ alta jerarchia, he a arte mais indigna de quantas podia inventar a malevola indecencia, para acreditar-ſe ſegura nos eſpiritos da ignorancia.

Vem aqui de molde hum chiſtozo ſucceſſo, que aponta o meſmo Doutiſſimo Feijó no Tom. 2. Cap. 8. no diſcurſo da Sabedoria apparente §. 4. „ Acuerdome ha„ ver leido en el hombre de letras del Padre Daniel Bar„ toli, que un jumento tropeçando por accidente con la „ Illiada de Homero, la deſtroçò, e hizo pedaços con los „ dientes. Aſſi que para ultrajar, y lacerar un noble Eſcritor

;, tor, nadie èz màs a propoſito que una beſtia. Eu rogo aos curiozos, vejaõ o dito Cap. que parece ſe eſcreveu a favor do meſmo aſſumpto.

E a hum Heròe taõ reſpeitavel, taõ illuſtre, e de hum tal caracter, a hum Varaõ de fama taõ abalizada, taõ eminente, e de taõ altos predicados como o grande Pina intentàraõ desluzir (mas com infelicidade laſtimoza) eſſes rigoroſos Ariſtarcos?

Nam baſtava para que o Triunfo da Religiaõ correſſe ſem reparos, ennobrecendo-ſe logo no Frontiſpicio com humas approvaçoens tam egregias, diſcretas, e eruditas dos Doutiſſimos Cenſores para conciliar toda a veneraçam, que lhe era tam natural?

Naõ ſobejava para conterem a intoleravel Critica, fazer o excelſo Pina tanto beneficio à Patria, honrando a Naçaõ taõ altamente, para que ſó de admiraçoens, de applauzos, e de vivas ſe adornaſſem os peitos, e ſe reveſtiſſem os coraçoens de jubilos, comedimentos, e bajulaçoens, agradecidos á excellencia de taõ feliz dezempenho? Cruel inveja! Injurioza emulaçaõ! O Expediente mais bello para cenſurar huma obra, he pegar na penà, e fazer outra melhor; eſte he o nobre dezempenho dos eſpiritos penetrantes: o mais he deſpique, que ſe regeita, porque deixa deſluzido o talento de quem o exercita. Mas, meu verdadeiro, e fiel Amigo, a razaõ mais forte, mais concludente, e o mais lamentavel erro da Critica, he, que ſendo o Triunfo da Religiaõ dedicado á Suprema Cabeça da Igreja, jà ſobrava eſta ſagrada recommendaçaõ para que as veneraçoens lhe anticipaſſem as reverencias. Porque taõ purificada hia jà aquella precioza victima, que toda a imaginaçaõ de menos verdadeira ſeria atrevimento; o penſamento mais leve de impureza (ainda remoto) foi ſacrilegio; porque faz mais veneravel ao Idolo a fidalguia do culto: a pureza do

ſacrificio, mais ſoberano o ſimulacro: e rendimento taõ ſagrado affugentava qualquer pernicioza critica, deſtruia toda a occaziaõ de inveja, para que naõ ſe pudeſſe eſcrupulizar da verdade, ſem horror da veneraçaõ, ſem eſcandalo da reverencia. Oh precioza virtude, ſagrada luz da verdade, e quanto te exaltas portentoza com os indigeſtos caprichos, que ſe te oppoem; fazendo mageſtozo dominante throno nas irreverencias com que te inſultaõ! Barbara indecencia! Sacrilega oppoziçaõ!

Era grande a ancia, e fadiga, com que antes de ſahir o dito livro à luz do prélo me perguntava por elle aquelle famoſiſſimo Heróe, que he poblema indefinivel ſe foi mais illuſtre pelas armas, ſe pélas letras, o grande, o Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Marquez de Alorna, (que em todas as quatro partes do mundo fez gloriozo écco a ſua fama, retumbou excelſa a ſua heroicidade, pois onde não foi a peſſoa, là chegou o invencivel braço para o reſpeito, para a veneração o incomparavel talento) a que eu ſatisfazia, que ainda não eſtava prompto. He grande a expectação deſte livro, tomára jà vê-lo, me dizia: chegou finalmente a occazião de eu ter a honra de offerecer-lho da parte do Author; e depois de viſto, e admirado, conreſpondeu com aquelles diſtinctos obzequios, eſpeciozos elogios, que ſaõ proprios em peſſoas de tão alta jerarchia, de literatura tão eminente.

Os premios coſtumão dar-ſe á porporção dos merecimentos. Quem eſcreve para ſabios não póde agradar a neſcios. Fixar os olhos no Sol he privilegio ſó ás Aguias concedido. As outras Aves, como não ſaõ daquella illuſtre qualidade, ſe pertenderem participar do meſmo luzido eſplendor, precizamente hão-de ficar cegas; porque dos privilegios não ſe tira conſequencia geral. E que mayor cegueira que a dos Criticos do Alemtejo!

lemtejo! Vede là que eſtimulo forte para conſundir, e deſtruir as Herezias, que impugna o grande Pina! E que eſcandalo para encher de pavor as Regioens mais incultas!

Cauzou admiração ver o theatro da guerra em Alemanha, combatendo-ſe Alemães com Alemaens. E que laſtima naõ cauzará ver os Catholicos contra Catholicos, batalhando em pontos de tanta conſideração! Porèm digão quanto quizerem, que certamente nada dizem; e jà de agora fica o Triunfo mais excelſo, applaudido, e decantado, não ſo pela voſſa diſcretiſſima penna, mas pelos melhores Cyſnes da Eloquencia, os Doutiſſimos Cenſores, que com exquizita erudição, eſtylo ſublime, elegancia ſingular, formão hum tam bem concertado, primorozo, e excellente Terceto de harmonias tão doces, e agradaveis, que com ellas cingem os louros, prepárão as palmas ao brilhante carro, em que cantão com vozes attractivas do Triunfo a mayor gloria.

Ainda torno a repetir que fallem, ainda que com injuria ſua, porque vòs com o ſublime dos conceitos, concludente das ſentenças, abundancia de diſcriçoens, com a immenſidade de doutrinas, authoridade das regras, preciozidade das vozes, adorno de palavras, e com teſtemunhos tão irrefragaveis conſagrais tantos cultos áquelle animado compoſto de perfeiçoens, offereceis tantos ſacrificios ao templo da ſua bem merecida, e reverenciada fama, incenſais com perfumes tão delicados, com aromas tão preciozos a ſua portentoza ſabèdoria, que fazeis (ſem diſputa) o Idolo mais Soberano, deixando mais brilhante o Simulacro.

Vivei pois, ó ſublime, excelſo Luzitano Tulio, para auxiliar da Patria, dezempenho feliz da honra dos benemeritos, triunfando com reſpeito, com admiração,

das Criticas mais ſeveras, colligadas com as mayores ignorancias. Naõ foi mais brilhante a Oratoria, que fez a elegancia de hum Cicero na defeza dos Celios, dos Cornelios, e dos Marcellos, do que a elevada eloquencia, com que efficázmente ſe explica a voſſa delicada penna para defender a honra, e verdade de hum homem taõ venerado. Vivei, ó Lisbonenſe prodigiozo Homero; para que a relevante delicadeza das voſſas raras poezias entre como hum Sol de brilhantes luzes a diſſipar, deſvanecer, e deſterrar as horrorozas trevas da ignorancia, e a eſtabelecer pelo Univerſo o belliſſimo candor das verdades mais ignoradas. Vivei, ó Venerado Demoſthenes, para que as voſſas eloquentiſſimas producçoens corraõ triunfantes pela vaſtiſſima circunferencia do Orbe literario com as reſpectivas antonomazias de Principe da Eloquencia, Oratoria, Poezia, Elegancia, Erudiçaõ, Rhetorica, e de todas as ſciencias; porque o voſſo engenho, ſabedoria, e doutrina ſe eſtendem a tantas differentes faculdades, que parece nenhuma vós he foraſteira, mas antes em todas ſois hum conſummado meſtre: aqui tem lugar o dito de Cicero: (L. 1 de Nat. Deorum.) *Si ſingulas diſciplinas percipere magnum eſt, quanto majus omnes!* E todos eſtes elogios ſaõ diminutos encarecimentos às qualidades de taõ ſublime eſpirito, que tanto arrebata as veneraçoens para ſe diſtinguir entre os melhores Heròes de todo o mundo.

Naõ mereceu com mais razaõ o illuſtre Capitolio de Roma ſer o thezouro, em que ſe encerrávaõ os livros das Sybillas, do que agora podem eſperar q̃ o ſejaõ da voſſa egregia compoziçaõ as mayores Bibliothecas do Univerſo; antes eſtou perſuadido, que ninguem duvidará da honra, que os antigos Romanos davaõ aos que tanto ſe diſtinguiaõ no merecimento, e eu jà alleguei neſta meſma gratulaçaõ. E ſe depois de ficar taõ ſagrada-

mente

mente ennobrecido o alto talento do grande Pina, ſuccedér que nos olhos dos eſcrupulozos ainda faça a enfermidade menos agradavel a voſſa illuſtre Apologia, he infalivel; que na altiſſima, e piedoza elegancia, com que o defendeis, lhe offereço na minha prompta expediçaõ o melhor colirio com que ſe deſvaneça.

Muitas finezas vos devo; eſta no meu conceito he a mais ſublime. Naõ ſei verdadeiramente como poſſa agradecer-vos taõ alto dezempenho. Quando tive noticia de que tinhaõ feito perniciozas, ou indigeſtas Criticas ao meu grande amigo, e Senhor, Pina, a cujo tempo me eſtaveis honrando com a voſſa belliſſima, e ſociavel prezença, e me viſtes tão afflicto, logo, como taõ bom, e fiel amigo me conſolaſtes benigno: acção propria de hum peito cheyo de nobreza. Ouviſteſ-me queixozo, e promptamente me ſocorreſtes favoravel: natural effeito de hum coraçaõ generozo. Admiraſte-me zelozo, naõ ſo pela fama, mas pela boa opiniaõ do grande Pina, generoza, e illuſtremente me dezẽpenhaſtes com eſtas eruditas compoziçoens, que pela ſua tranſcendencia me rezolvo offerecê-las ao publico, para que repetidas vezes canſe o prélo com impreſſaõ taõ prodigioza; e no duplicado dos paſmos, dos aſſombros, e das admiraçoens ſe multiplicarem os agradecimentos, que os engenhos mais penetrantes devem confeſſar ás voſſas peregrinas producçoens; pois neſta acçaõ de tanta nobreza, em que fazeis eterna a memoria de hum auzente amigo, deixais á poſteridade exaltada a quinta eſſencia da voſſa diſcriçaõ. Se Plinio tivera viſto eſta viviſſima penetraçaõ do voſſo engenho, diſſera de vòs com mais evidencia o que cantou de Tito Ariſton: *Nihil eſt quod dicere velis, quod ille docere non poſſit:* ou como cantou outra doutiſſima penna:

Digna

Digna legi ſcribis, facis et digniſſima ſcriptis:
Scripta probant doctum, te tua facta probant.

E ja que ſois tam favorecido das Muzas, e do Sacro Pindo deſce tantas vezes Apollo a coroar voſſas illuſtres, excelſas poezias, rogo-vos me alcanceis do meſmo Sabio divinas direcçoens, para que com taõ clariſſima luz ſe accenda nobremente o louvor que o peito inflamma, infundido alma no metrico accento, para que de aſſumpto tam ſublime, poſſa dignamente mover a vòs, tocar a lira, e aſſinar o plectro. Corraõ pois eſſes liquidos influxos; para que em acçaõ de tanto empenho tenha equidade a Muza, a vóz, a penna o aſſumpto, e o objecto. Ora eſcutai-me na ſemſaboria deſte

SONETO.

O Lympo de ſciencias prodigiozo,
A cujo engenho illuſtre, e reſpeitado.
Cede Apollo eſſe throno ſublimado,
Para nelle exaltar vos mageſtozo.
Dos Sabios o concurſo numerozo
Rende ao voſſo talento o Magiſtrado:
Que quando brilha o Sol taõ remontado,
Dos mais aſtros ſe oculta o luminoſo.
E ſe de tantos lauros ſois taõ digno,
Eternize-ſe a gloria á voſſa fama
Com aſſombro immortal, Padraõ condigno
E a milagres do ardor em que ſe inflamma,
Se no Pindo ſe exalta Sol benigno,
No univerſo eſtremeça ardente chamma.

Quero dizer-vos mais duas palavrinhas aqui de mais perto.

OY-

OYTAVA.

HE' tam ſublime, excelſo, e dilatado
Voſſo nome, e talento ſoberano,
Que a fama delle ſó deixa aſſombrado
Quanto diſta do Tejo ao Oceano.
Da deuza alada tendes jà canſado
Com tam alto louvor o ecco ufano;
Pois para decantar hum tal portento
Enrouquece ás cem linguas o inſtrumento.

Voſſo amigo muito affectivo, e obrigado.

Fr. Joaõ da Annunciaçaõ Pomba.

Em aplauzo do Reverendiſſimo P. M. Fr. Joaõ da Annunciaçaõ Pomba Corte Real.

DECIMAS.

PAdre Meſtre Fr. Joaõ
Aquem devo honra, e favor,
Tomara dar-te hum louvor
Como eſſe ſino Balaõ:
Na minha pobre cançaõ
Digo és enleyo, és encanto;
O Senhor Joaquim do Canto
Iſſo he joya peregrina;
O ſublime, e excelſo Pina
Todo he paſmo, aſſombro, eſpanto.

TO

Todos tres ſois mui bonitos,
Mui diſcretos, e engraçados;
Já de Sabios laureados
Vos canta a fama em ſeus gritos:
Oppóſtos ſaõ infinitos,
Mas de humildes fundamentos;
Para abater vîs intentos,
Fugî deſſes terremotos,
Porque donde hà gafanhotos
Nem bons frios, nem bons ventos.

Anonymo.

De hum engenho, que no exercicio poetico jà deu liçaõ do B. A. Ba. e quer agora dar a das cinco letras vogaes A.E.I.O.U.

SONETO.

E Agora, meus ſenhores Tranſtaga -
Que podem replicar ao douto Pi -
He mui bem feito; levem ſeu caſti -
E, ſe vinham por lãa, vam toſquia -

Quem os mette em camizas de onze va -
Ainda o Pina em Lisboa tem ami -
Que a campo ſahem ſem temes peri -
E que por elle expoem o peito ás ba -

Tornem ca, meus Senhores do Alemte -
Sem trazer alvara do Deos Apo -
A querer criticar ao Deos das Mu -

Voltaram c' as mãos poſtas na cabe -
Levando nos inchaços dos caro -
A pena, que ſe deve aos teſtaru -

Aqui

ESta honra taõ diſtincta, que Voſſa Reverendiſſima permittio à minha obediencia dando-me a ler a Carta gratulatoria, ou diſcreto panegyrico, que conſagra ao mayor Athlante da Monarchia literaria, o grande, e incomparavel P. Joaquim Velho do Canto, me deixa ſummamente obrigada, e aõ meſmo paſſo vaidoza mente inſtruida com a ſua eſpecioza leitura. E confeſſo a voſſa Reverendiſſima que no ſeu culto ſe arrebatou tanto o eſpirito, que por muito tempo eſteve ſem acordo à comprehenſaõ: que effeitos de tanta raridade ſõ os coſtuma produzir a gloria de hum grande jubilo, ou a admiraçaõ de huma formozura deſta qualidade. Sò voſſa Reverendiſſima podia taõ deſembaraçadamente deixar para ſempre authorizadas as excelſas qualidades de cous taõ fam gerad s Heróes; ennobrecendo os aſſombros com a brilhante perfeiçaõ de tantas excellencias, eſmaltando-os com a bellez a dos mais preciozos adornos da eloquencia, repro-duzindo os com a formozura de belliſſimas imagens da mais elevada erudiçaõ, para ſervirem de gloriozo incentivo ás futuras veneraçoens; collocando com primoroza decencia nas aras da immortalidade os triunfos, que os immortalizaõ, taõ nobremente authorizados por huma penna taõ delicada como a de voſſa Reverendiſſima.

He mui louvavel a empreza, que o nobiliſſimo Author da Critica tomou para defender huma innocencia ultrajada, e ſingularizar o ſeu viviſſimo eſpirito com a tranſcendencia da ſua vaſtiſſima erudiçaõ. Prodigiozo expediente! Singular idéa! Naõ ha producçaõ de mayor merecimento; nem podia o ſimulachro reſpeitar-ſe taõ ſoberano ſem a nobreza de taõ illuſtre ſacrificio: bem moſtra que a ſua penetrante vivacidade he hum feliz deſempenho da natu-

reza;

reza; e he jufto que a fama das fuas refpeitadas producçoens, rompendo da fala etherea o azul globo, vá decantando com fortiffimos brados defde o terraqueo pólo á quarta efféra, para nelle gravar attencioza a fua fabedoria, unida com o preciozo cryfol das fuas belliffimas prendas. Com glorias, vivas, louvores, portentos, e prodigios o ficará reverenciando todo o Luzo Império, por fer o verdadeiro exemplar de toda a perfeiçaõ, Sabio, Douto, Illuftre, Fecundo, Elegante, Difcreto, Excellente, Preclaro, e o mais nobre efplendor de toda a Heroicidade. Eu naõ poffo collocá-lo em throno mais brilhante, porque voffa Reverendiffima com os fublimes elogios da fua elegancia deixou exhauridos todos os thezouros, e preciozidades da eloquencia. Só digo, que naõ teve taõ jufta cauza a intiga Roma para formar eftatuas aos grandes Heróes daquelle feculo, como o agora tem todo mundo para erigir padroens ao Efplendidiffimo Apologifta do grande Pinna. E os Senhores Criticos que diraõ agora? O que? Depois de darem as mãos á palmatoria, e ouvirem as funebres exequias ás fuas Criticas, fe recolhaõ ao veftuario, ou cubiculos, como Diogenes na fua cuba, affiftidos de immenfas nuvens de mofquitos, e diluvios de gafanhotos, (de que ha abundancia no clima Tranftagano) chorem o tempo perdido, e taõ mal gafto no indigeftо, podendo applicá-lo com utilidade no perfuafivo.

A mayor fingularidade deſte Triunfo he reduzir a tal mizeria a emulaçaõ, e pôr em tal conſternaçaõ, e aperto a inveja, que preciſamente, ou haõ de ſeguir o partido, e vantajens do applauzo, ou ſepultarſe nos horrores de hum perpetuo eſquecimento.

CAMPA EM CIMA

Com eſte EPITAFIO.

Gaiteiro he hũ dos indigeſtos Criticos.

Caminhante paſſageiro,
Attende ao forte pregaõ,
Que ſuſcita a emulaçaõ
De hum audax, e de hum gaiteiro.

AQui jaz em terra fria
Sentindo em duro regello
Quem ao grande Pina, e Mello
Inſultou a galhardia.

Appareça no Orbe eſſe admiravel eſpectaculo para encher de gloria, obſequio, e eſpanto toda a diſtancia, que vai do Occazo athè o Oriente: ouçaõ-ſe as vozes deſſe canôro habitador do Caiſtro: cance-ſe o prélo com a belleza de taõ illuſtre impreſſaõ: publique-ſe a grandeza, e admiraçaõ deſſes optimos triunfos. E a quem ſe deve o maximo triunfo?

Só a vós, Joaõ excelſo,
aſſombro regio, e preclaro,
que com prendas, e com luſtres,
excedeis da fama o brado.
Viva ſempre eſclarecido
voſſo nome ſoberano;
e avive o merecimento
o perduravel do applauzo,

Deſculpe voſſa Reverendiſſima os dezacertos, e logre eternas felicidades, como lhe dezejo.

De Voſſa Reverendiſſima

A mais obzequioziſſima veneradora

D. Thereza Caetana de Mendoça.

Em applauſo da meſma Senhora.

DECIMA.

FOrmoſiſſimo portento
De belleza, e diſcriçaõ;
Eſſa grande erudiçaõ,
Eſſe admiravel talento
Aſtros ſaõ de hum firmamento
Milagroſo, e ſoberano:
Pois quando mais brilha ufano
Voſſo engenho peregrino,
Oſtentando-ſe divino
Se deſmente ao ſer de humano.

D. M. A. M. E. Q.

Ao M. R. Senhor Joaquim Velho do Canto, reſpondendo aos Criticos do Poema Epico-polemico em abono do meſmo Poema, eſcreve ſeu Amigo o Doutor Joaõ Manoel da Coſta eſte

ROMANCE ENDECASYLLABO.

ADefender o grande illuſtre Pina,
O' famozo Joaquim, ſahìs a campo.
Ah bom Velho! Perdoe o Ceo benigno
Aquem vos fez ſahir do voſſo canto.
Vos empenhando ainda a culta penna
Para nos repetir aquelles raſgos,
Que ao templo Delio ſaõ ornato, e honra
Em preciozos eſcudos pendurados!

Vòs negado ao repouzo merecido
Por voſſos glorioziſſimos trabalhos,
Quando jà as folhas do triunfante louro
Ou de leyto vos ſervem, ou de eſtrado!
Que violencia baſtou para mover-vos?
Que delicto, ou que injuria aprovocar-vos?
Com pequeno motivo ſer naõ pòde
Tam exceſſivo empenho deſculpado.
Mas que mayor motivo para exceſſos
Que ver de hum, ou dous Zoilos inſultado.
Aquelle grande engenho, alto, fecundo,
Que a Montemòr dà foros de Parnazo?
Aquelle, que deſpois de encher o mundo
De eccos ſublimes, numerozos cantos,
Levou da Religiaõ os epinicios
Ao Coro ſuperior do Vaticano?
O Pina, e Mello digo, e digo tudo,
Que eſte ſo nome aſſumpto ao cõmum paſmo;
He deſte Herò famoſo a todas luzes
O elogio mayor, mais digno aplauzo.
Bem ſabeis vos, que contra dous Athletas
Nam baſta todo hum Hercules Tebano;
E, para aſſegurar o vencimento,
Ao Portugues quizeſte fazer lado.
Louvo a cautèla, naõ approvo o ſuſto
Que fizera hum bicipite Ariſtarco
Contra quem os Gerroens, e hydras horrendas
Fere, torce, deſtronca, e faz pedaços.
Mas ſahí muito embora. Hum meſmo Nume
Recebe em vos, e Pina o dezacato:
Logo he juſto que os dous com mutuo auxilio
Concorraõ igualmente ao dezaggravo.
Sahì pois; e aos valentes luctadores
Podeis dar de partido, ou de barato,

Que tragaõ dez Tipheos em cada pulſo,
E a centos Briareos em cada braço.
O Pina, como parte, ſo ſe occupa
Em romper futiliſſimos reparos:
Vos, como Meſtre, e como Juiz ſevero
Pondes novo rigor em caſtigá-los.
Sahì, que em voſſa douta Apologia
Muita, e boa doutrina intereſſamos;
Porque nella os preceitos da Epopeia
Lemos melhor que nunca interpretados.
Se eſtudarem por ella os judiciozos,
Mas criticos traveſſos, Tranſtaganos,
Daquellas meſmas regras, que limitaõ,
Veraõ claros exemplos praticados.
O erotiſmo veraõ, a peripecia,
O epiſodio, a ficçaõ tam concertados,
Que naõ cheguem a ſer formozo vicio
(Se hà culpas bellas) de hum Poema ſacro.
Poderâõ aprender no meſmo eſtudo
Outras noticias mil, de que ſaõ faltos,
Como Ethica, e Politica, que brotaõ
Deſte voſſo thezouro nunca exhauſto.
Se com tudo os dous Criticos quizerem
Repetir contra vós novos aſſaltos
Rebeldes à inſtrucçaõ, com que os illuſtra
O voſſo magiſterio Soberano:
Se o coraçaõ dos dous endurecido
Quizer ſeguir o empenho de obſtinado,
Naõ admittindo os ſabios documentos,
Que neſta Apologia lhe ides dando:
Se, ao ver os feliciſſimos progreſſos
Da voſſa gloria, com teimozos brados
Quizerem confundir aquellas vozes,
Que vos celebraõ no cõmum applauzo:

Vos,

Vos, e Pina, que já pelo apogèo
Deſſa immortal esfera ides girando,
Naõ vos pareis a ouvir. Oh naõ ſe perca
Em tam glorioza ecliptica hum ſo paſſo!
Ambos ſois, aſtros de mayor grandeza:
Logo he juſto imiteis os grandes aſtros,
Que, ſem fazer myſterio dos inſultos,
Vam fazendo ſeu giro accelerado.
Dai às pennas no prelo o exercicio
Tenhaõ ſo no trabalho o ſeu deſcanſo,
Que a Patria o pede, e quer de eterno bronze
Erijir-vos eternos ſimulacros.

De Antonio Jozè de Almeida, e Caſtel-branco em applauzo da Obra intitulada: Critica da Critica, e Defenſa da Defenſa.

ROMANCE HEROICO

QUe alto levanta o voo! Que ſublime
Se moſtra, Egregio Canto, a voſſa penna!
Animais hum prodigio em cada raſgo,
E eſcreveis hum aſſombro em cada letra.
Eu nam ſei de que mais em vòs me admire,
Quando vos vejo dar tam cultas regras
Se o ſolido, e profundo das doutrinas,
Ou ſe os aureos thezouros da eloquencia.
Com pulſo tam robuſto na Oratoria,
Como a lira pulſais com maõ taõ deſtra,
Que igualmente em tam nobres faculdades
Vos logrou Roma, e vos inveja Athenas.
Se ſubis à eminencia do Parnazo,
Se vos vê da verdade a alta cadeira,

Em

A Vieira, e Camoens a Patria eſcuta,
Ou a Homero, e Demoſthenes a Grecia.
Ou vozes articule a voſſa lingua,
Ou caracteres voſſa maõ eſcreva,
Aos ouvidos, aos olhos. à meſma alma
Sabeis introduzir-vos ſem violencia.
Agora, pois, à criſe mais injuſta
Fulminais vós a criſe mais ſevera
E á defenſa da Critica inhumana
Novo eſpirito dà voſſa defenſa.
Eſte papel, que aos olhos Luzitanos
Hum zelo diſcretiſſimo diſpenſa,
Moſtra, a pezar da idade, que ainda anima
O poetico ardor a voſſa vêa.
A chamma ſubtiliſſima que Apollo
Em voſſo nobre eſpirito accendera,
Sem que o tempo lhe extingua a actividade,
Felizmente reſpira em lavaredas.
Eſcreva o Pina, e veja criticado
Do Triunfo o innocentiſſimo Poema,
Que vós, deitando a terra a opoſta Criſe,
Fazeis que o Triunfo a ſeus contrarios vença.
Oh que heroica virtude! Oh que juſtiça
Neſte ſublime eſcrito ſe contempla!
Vingar a hum homem douto das calumnias,
E liberar de inſultos a innocencia.
Oh que nobreza de animo ſe inculca
Na voſſa Apologia tam diſcreta!
Pois diſſipa os impulſos dos contrarios
Nas nervozas razoens, com que argumenta.
A' viſta deſte illuſtre dezaggravo,
Em que o Pina, e a Patria ſe intereſſa,
Contra ſi meſma a emulaçam ſe volte,
E de inveja ſe coma a meſma inveja.

Em

Em quanto a voſſa penna eſtava ocioza.
Vivia o Triunfo expoſto a contingencias:
Eſcreveis vôs, e canta triunfo o Triunfo
Como bem palinodia a Parte adverſa
Quando à penna do Pina lhe faltaſſe
O eſpirito, que anima a culta empreza;
Dos deſmayos, que a Critica lhe forma
Tem na voſſa nova alma, com que alenta.
Eſcrevei ambos, e deſtruéte a Patria
As voſſas fecundiſſimas ideas,
E là vos diſputai a mayoria
Sem vos ſervir de aggravo a competencia
Que eu, admirado de hum engenho, e outro,
Parece juſto que o louvor ſuſpenda
Porque naõ cabe tam ſublime aſſumpto
Nos limites de fraze taõ raſteira.

Ao meſmo aſſumpto

DECIMA

PIna eſcreveu, e inſultado
Se vio de huma injuſta offenſa,
Mas neſta voſſa Defenſa
Afè que eſtà bem vingado:
A' viſta do voſſo brado
A Criſe em ſilencio fique,
E, porque melhor me explique,
Digo que dê de barato
O Pina o ſeu dezacato,
Só por lograr tal deſpique.

Anonymo

Ele-

E Legantiſſimo Scriptori,
Viro peritiſſimo,
Decem Epiſtolas
Feliciter ſcribenti,
D. Joaquimo Velho do Canto.
Homini *ſanè* docto
Triumphum Religionis
(Opus profundiſſimum!)
Illuſtriſ. Domini Franciſci de Pina, e de Mello,
Acrite Propugnanti.
He oi incomparabili
Triumphi Criterium
A' duoi us Tranſtaganis exaratum
Egregiè hebetanti.
Fr. Antonius ab undecim mille Virginibus Ferreira
Tertii Ordinis S. P. Franciſci.

CARMEN ELEGIACUM

PINA comes Phœbi, quo læta ſuperbit alumno
Liſia; namque decus, Piéridumque favor.
Caſtaliam ſapiunt ejus dulciſſima fontem
Carmina, quem Vatum tollit ad aſtra phalanx.
Pina inter Vates ſolus, quem laurea cingit.
Cujus mellifluum carmen ab ore cadit.
Non ſolum Vates; per ſacra volumina currit,
Doctorum ſenſum pandit, & arte polit.
Hunc duo ſunt auſi (heu ſcelus!) atro rodere dente,
Quos prave orbi *Trans* terra *Tagana* dedit.
Non tulit impunes Dominus Joaquimus iniqui
Criminis Authores, ſedulus arma parat.
Arripuit calamum, belloque accingitur, intus
Strangulat exardens anxia corda dolor.

Hæ

Hæc ſunt, quæ tractas, generoſi vindicis arma,
Hîc in Ariſtarchos tela retorta vides.
Non ope Mulciberi conſtructa, ſed arte Minervæ,
Ingenio, non vi condita, Lector, habes.
Non ſatis Alcides contra duo creditus olim,
In duo nunc Joaquim ſatque, ſuperque fuit.
Clio tibi chartam, calamum Thalîa miniſtrat,
Atque tuos digitos dexter Apollo regit.
Hic, cui Mercurius cum Pallade proximus hæret,
Semper erunt magni ſcripta canenda Viri.
Vivite felices Joachim, & nobiliſſime *Pina*,
Religionis laus magna *Triumphus* erit.
Bis ſex terra Pares exultans Gallica jactet,
Gaudeat hoc uno Lyſia noſtra Pare. Vale.

CARTA

Ao M. R. P. M. Fr. Joaõ da Anunciaçaõ Pomba

MEu amigo, e Senhor. Concedeo-me V.R.ma huma grande felicidade em me deixar ler eſte elevadiſſimos partos do ſeu entendimento, na elegantiſſima Carta gratulatoria, que eſcreve ao ſapientiſſimo Joaquim Velho do Canto, ou ao mayor encanto dos noſſos affectos; e tudo quanto vejo ſaõ prodigios, quanto leio admiraçoens.

O Grande, e eſclarecido digniſſimo Author do *Triunfo da Religiaõ* naõ ſó he merecedor deſtes grandes, e diſtinctos obſequios, mas de todo aquelle eſplendidiſſimo applauſo, que logra por todo o mundo, ſendo eſte ainda pequeno theatro para o ſeu incomparavel merecimento: e aſtro de taõ alta jerarchia naõ pòdem perturbar-lhe a elevaçaõ dos luzimentos vapores indignos. Com tudo, como he infinito o numero dos neſcios, là ſahîraõ de humas matas brabas huns cavalheiros de polaina, ou politicos de chaminé, huns inſipientes, que inſultàraõ a ſoberanîa de hum eſplendor taõ brilhante. Hum dos pernicio-

zos effeitos da inveja hé eſcurecer a razaõ; e toda a perturbaçaõ ſempre degenerou em dezacerto.

Para flagello deſſes deſcomedidos, e caſtigar taõ horrorozos inſultos, ſahe a campo o fecundiſſimo Author do *Marte Luzitano na India* com as valorozas armas da ſua egregia literatura, nunca jàmais vencidas nos theatros mais celebres da monarchia das letras. Eſte eſclarecido Author bem ſe dà a conhecer nas agradaveis vozes das ſuas locuçoẽs por diſcipulo daquelle famoziſſimo Heròe, a todas as luzes grande, o Excellentiſſimo Marquez de Valença; e por iſſo filho legitimo da ſua elevadiſſima eloquencia, que tanto authoriza na elegancia, melodîa, e ornato, com que eſcreve; e jà de outro Sapientiſſimo Pay tinha herdado a feliciſſima deſcendencia, que altamente lhe qualifica a natureza. De ambos recebeo huma taõ eſclarecida origem, que lhe eterniza a alma na fecundidade do eſpirito. De taõ formoziſſimos partos naõ ſe podiaõ produzir luzes, que naõ foſſem adornadas de portentos, e admiraçoens.

Eu ſou teſtemunha de muitos, e grandes elogîos, que em varias Cortes ouvi em obſequio do ſeu grande talento. Naõ tive o goſto de o tratar na mayor Corte do mundo, porque jà ſe havia retirado quando là cheguei: nella aſſombrou o diſcreto, o polido, o ſentencioſo, e o agradavel unidos com o vaſtiſſimo da erudiçaõ. Naõ relato muitas mais excellencias, que ouvi em outras Cortes deſte grande Homem, porque he mayor panegyriſta hum decente, e reſpeitozo ſilencio, quando nenhum encarecimento pòde ſer condigno elogîo à ſua grande capacidade. O certo hè que o grande merecimento o tem collocado no mayor grao da authoridade, para ſer reſpeitado em magnificos empregos, cadeiras, cargos, e magiſterios; hé ornamento da Patria, eſ-

eſplendor da Naçaõ, gloria do Univerſo: em fim, tranſcende toda a esfera do diſcurſo, e ſò de ſi meſmo pòde ſer o melhor exemplo.

Louvo muyto a reſoluçaõ da empreza, hè excellente toda a obra: a poezia arrebata, a proza enfeitiça. V.R.ma. tem bons amigos, porque a ſua polidêz, os ſeus agrados, unidos com as ſuas prendas, ſempre fizeraõ huma doce harmonia para attrahir coraçoens, e render vontades. Seu bom amigo, o grande Pina, merece-lhe toda a extenſaõ de affectos, que lhe tributa. Eſſa a razaõ, porque logo teve a promptidaõ de outro fiel amigo para a execuçaõ de taõ nobre dezempenho. Jà V.R.ma. tinha dado excellentes provas de ſer hum grande Meſtre na Faculdade harmonica, ou Sciencia das Sciencias, como lhe chama o doutiſſimo Jozè Lourenço Pſelus nas explanaçoens ſobre a Muzica, que eſcreveo o Padre Manoel Nunes; agora ſe juſtifica naõ ſó grande Orador, mas inſigne Poeta. Aqui eſtà preſente peſſoa mui diſtincta, que ſe achava na Corte de França, quando là appareceu hum elegantiſſimo Diſcurſo, que V.R.ma. tinha feito para ſatisfazer a hum eſcrupulo do ſapientiſſimo Feijoó a reſpeito de naõ poder hum Cantor executar humas tantas figuras debaixo de hũ compaſſo, e outras mais miudezas, a que V.R.ma. reſpondeo com tanta energia, agudeza, vaſtidaõ de regras, immenſidade de exemplos, e com huma tal penetraçaõ, que deixou admirada huma Naçaõ taõ ſabia, tam polida, que ſe naõ pòde diſtinguir qual brilhava mais, ſe a elevaçaõ do eſtylo, ſe o concludente das provas. Na maõ de hum Miniſtro daquella Corte, diz que fora teſtemunha ocular de ver hũ grande elogîo de Monſieur Voltaire para entregar a V. R.ma., de que a ſua coſtumada izençaõ fez pouco apreço; pois ſempre deſprezou naõ ſó auras populares,

mas ainda as eſtimaçoens mais diſtinctas.

Em concluſaõ. Seguro a V.R.ma. que tudo eſtá nobre; os obſequios, e gratulaçoens hum prodigio: e para mayor realce do Triunfo là ſe faz mais brilhante com o grande elogîo da precioziſſima, e gracioziſſima Senhora D. Thereza Caetana de Mendoça, para abyſmar todo o Orbe com aſſombros, e portentos.

Voe por toda eſſa dilatada circunferencia do Orbe a fama de taõ preclariſſimos Heróes com mais remontados voos; a ſingularidade de tantas pennas, e o delicado de ſuas penetraçoens lhe eſtam collocando na immortalidade o mais honrado Padram aos ſeus illuſtres merecimentos. Deos guarde a V. R.ma. Lisboa em 7. de Novembro de 1758. De V. Reverendiſſima

Amigo fiel, e obſequioſo

D. Franciſco Xavalier Colona de Vaſconcellos.

RECONHECIMENTO

Obſequioſo do elevado eſtylo, que expõem na ſua Epiſtola Gratulatoria

O M. R. P. M. FR. JOAÕ DA ANNUNCIAÇAM POMBA,

Que lhe tributa hum apaixonado da elevada Muſa do Pina, e muyto affectuoſo venerador da incomparavel ſciencia, e altos predicados do ſempre grande Author da Apologia.

ROMANCE.

DO voſſo obſequio o generoſo impulſo
Deyxa a queſtam em tudo mais luzida;
Pois o abono, que dais à aurea materia,
Freyo da inveja he, paſmo da lingua.
Tanto o voo da Epiſtola famoſa
Tranſcende a eſfera da agudeza invicta,
Que, àlèm da força dos milagres raros,
He unica do aſſombro maravilha.

Se

Se na inveja imprudente dar-ſe póde
Myſterio algum na errada fantazia,
Andarà myſterioſa deſpertando
Da voſſa penna a perſpicaz doutrina.
Mas ſe naõ pòde ſer que tantos luſtres
Deſafie cruel, ſempre exquizita,
Ha de ver que a Cenſura lhe deſcobre
Nas ignorancias ſua infauſta ruina.
Mordendo eſſe alpid venenozo a cauda,
Por vós confeſſarà, quando ſe opprima,
Que da ſua cegueyra encontra as luzes
Nos reconhecimentos da cahida.
De Pina à elevaçaõ votava Apollo
Concentos de Aganipe, eccos da Lyra;
Mas à viſta dos emulos lhe vota
Por lauros luzes, e por palmas dias.
O Poema, que deo a voz da Fama,
Todo Triunfo he, e agora fica
Máis triunfante naõ sò no ecco da Obra
Mas eterno inda mais na Apologîa.
Parabens devem dar-ſe muytas vezes
A' neſcia inveja, que ao Heróe mutila;
Que a defenſa, que ſahe a ennobrecê-lo,
De ſeu nome aquilata a primazia.
Jà a traydora Tranſtagana idèa
Envergonhada, na mudez publìca,
Que ſe intentoù ferir taõ alto Engenho,
Hum eſplendôr he jà cada ferida.
Quem naõ adorarà de Pina os raîgos,
Quando vir que de Velho a idèa fina
Empunha a penna abonando acertos,
Que triunfante no Triunfo canta o Pina!
Quem jà naõ julgarà que eſta alta empreza
Os ſeus talentos no Orbe diviniza,
Se por elle o Athlante do Parnazo
A Caliope expoem, a Euterpe explica! Da

Da emulaçaõ foy ſó a ſombra opaca,
Para que de mais luſtres ſe reviſta
Obra tam ſingular, tam grata Muſa,
Pois realces lhe dam de Velho as tintas.
Ditozo vòs, ò fino intereſſado,
Que lograis deſtes dous do amor as ditas,
Deſempenhando em votos da eloquencia
Se os extremos da fé, de amante as ditas.
De hum, e outro o reſpeyto do Caracter
Vigilante guardais; porque inimiga
Outra vez naõ ſe atreva a petulancia
De Heròe tam grande á ſacra melodìa.
Para exemplo da fé, diſpôs a ſorte
Que a emulaçam proceda deſtemida;
Para que vòs, ſahindo a campo agora,
Moſtraſſeis do talento a valentia.
Conhecida do mundo era por certo
Da voſſa penna a erudiçaõ conſpicua:
Mas agora, a prodigios da materia,
A fazeis immortal, deyxais mais digna.
Se athèqui no elevado ereis aſſombro,
Mais agora o amor vos dignifica;
Que jà paſſou da gratidam o extremo
Depois que a Oreſte o tempo eſconde a pira.
Serà a voſſa Epiſtola famoza
Aſſumpto aos paſmos, da attençaõ delicia,
Vendo que em cada raſgo deſta empreza
Huma chamma da fé o amor reſpira.
Candida Pomba ſois, e propriamente
Saõ voſſas ſabias vozes taõ diſtinctas,
Que na fina ternura, que as eleva,
Reverberaõ da Pomba aureas caricias.
Voay, que nunca chega à eſfera voſſa
Da inveja inſulſa a neſcia aleyvozia;
Pois reconhece em voſſo Magiſterio
Fiel o ardor, ſem nota alguma a lima.

Do M.R. P. Jozè Manoel Penalvo. AO-

Ao Reverendiſſimo Senhor Frey Joaõ da Annunciaçaõ Pomba, eſcrevendo huma Carta gratulatoria a ſeu amigo Joaquim Velho do Canto.

SONETO.

ESTA Carta, Joam, gratulatoria,
Que com penna eſcreveis bem apparada,
Sobre ſer de enſinar Norma acertada,
Hè Carta de aprender Executoria.

Sua larga liçaõ hè bem notoria,
Porque eſtà das ſciencias bem ornada;
E Carta, que aſſim hé tam bem lavrada,
Hè Carta, e he Padraõ de immortal gloria.

Deſtas Cartas, ou Carta, em que ſeguro
Surcais mar de noticias, naõ coarctas,
Mais feliz, que nas ondas Palimuro:

Bem ſe vê, pois eſtaõ de tudo ſartas,
Que no tempo prezente, e no futuro
Só vós podeis a todos dar as Cartas.

Sub C. *M. F. F.*

SONETO.

DOus Criticos ſeveros inſultàraõ
Ao grande, e invulneravel Pina e Mello:
Mas no arrojo inaudito hum Mongibello
De indigeſtos vapores vomitàraõ.

Com infamias, injurias provocàraõ
Contra ſi o maior cruel flagello,
Pondo em ſuas gargantas o cutello,
Que a inveja, a emulaçaõ lhe preparáraõ.

Sentencêa o Juiz bem tencionado;
Regras dá, como Meſtre o mais polido;
Dos ſabios com louvor he ſuſtentado.

Deſpreze o Pina excelſo o atrevido,
Pois por taõ nobres pennas exaltado
Eterniza o talento eſclarecido.

Do Author da Gratulaçaõ.

Ao M. R. D. Joaquim Velho do Canto, em huma Critica, que fez á outra feita a Franciſco de Pina e Mello.

SONETO.

DEſte Zoilo mordaz o feroz dente
Quiz ao Pina morder, mas ficou mudo,
Que ſendo ao Pina voſſa penna eſcudo,
Pouco fez em calar-ſe reverente.
O Pina ſabio he, he eloquente,
Tem rara diſcriçam, engenho agudo;
Porèm a voſſa pena excede a tudo
No diſcreto, no douto, e no ſciente.
Vivey, ſabio Joaquim, porque ſe veja
Que em defender aos ſabios podeis tanto,
Que vos reſpeita o mundo, e vos inveja,
E o Zoilo confeſſe em triſte pranto
Render-ſe à voſſa voz, para que ſeja
Venturozo o trofeo do voſſo Canto.

De Ignacio Antonio de Oliveira.

Ao M. R. Senhor Fr. Joaõ da Anunciaçaõ Pomba reſpondendo á Carta de hum Amigo.

SONETO.

NEſſa reſpoſta, que ao Amigo deſtes,
Taõ douto, e taõ diſcreto vos moſtraſtes,
Que naõ ſó no diſcreto o igualaſtes,
Mas parece que em tudo o excedeſtes.

Lá neſſa esfera quarta, onde o puzeſtes,
Para ambos igual throno fabricaſtes;
Com que a amizade antiga renovaſtes,
Outro Pilades vòs, elle outro Oreſtes.

Porèm a penna voſſa certamente
Apollo ha de premiar com verde rama,
Por diſcreto, por douto, e por ſciente,

E o mundo, que por ſabio vos aclama,
Reſpeita o voſſo nome reverente,
Vendo a penna da Pomba azas da Fama.

Do meſmo.

Ao meſmo Aſſumpto, e em que tambem ſe louva o Author das Cartas, Joaquim Velho do Canto.

SONETO.

A PUBLICAR do Canto as melodîas
Voſſa affinada voz mui bem ſe apura,
Que, quando deſte tal ſôa a voz pura,
Hé precizo ſe apurem harmonias.

Eſſas pois Tranſtaganas ufanîas,
Ao Triunfo ſacrilega impoſtura,
Jà cantaraõ na ſua deſventura,
Com o encanto do Canto, as ouzadias.

Porèm, oh Criſe, e quam conveniente
Ao Metrico Inſtituto literario
Foy da producçaõ tua o producente!

Porque fez com que o Canto em hũ ſummario
Aos Alumnos de Apollo ſabiamente
Preſtaſſe da Poezia hum nôvo Erario.

Sub C. *M. F. F.*

SONETO.

IN LAUDEM

OPTIMI MAGISTRI

Rmi. P. Fr. JOANNIS AB ANNUNTIATIONE POMBA,

Defenſorem primi noſtri ſæculi
Vatis peracutiſſimum
elogiantis.

EPIGRAMMA.

ERipit illæſum rauco mordentis ab ore
Altiloquum Vatem Gladius ille bonus.
Ut benè defenſus maneat per ſæcla futura,
Occurrit Clypeus maximus eſte tuus.

Ex intimo cordis

Obſequio additiſſimus tuo.

E. A. M. Q.

LICENCAS.

DO SANTO OFFICIO.

CENSURA

Do M. R. P. M. Fr. Jozè da Ave Maria Leite, Lente de Theologia, Doutor pela Universidade de Coimbra, Qualificador do Santo Officio, &c.

SERENISSIMO SENHOR.

OS papeis juntos nam incluem couza alguma diſſonante aos Sagrados Dogmas da Religiam Chriſtaã, ou bons coſtumes. Convento da Santiſſima Trindade de Lisboa 18 de Dezembro de 1758.

Doutor Fr. Joſeph da Ave Maria Leyte.

VIſta a informaçaõ, podem-ſe imprimir os papeis, que ſe apreſentaõ, e depois voltaráõ cõferidos para ſe dar licença q̃ corraõ, ſem a qual naõ correràõ. Lisboa no Paço de Palhavaã 19 de Dezembro de 1758

Silva. Trigozo. Silveiro Lobo.

DO ORDINARIO.

CENSURA.

Do M. R. Doutor Jozé Thomaz Borges.

EXCEL.^MO e REV.^MO SENHOR:

HUma Apologîa, em q̃ o Reverendo D. Joaquim Velho do Canto deixou convencidos a certos Criticos, deo nobre motivo a eſta *Carta gratulatoria*, de que V. Exc. foi ſervido deſtinar-me Cenſor. Eſcrevera, e dera à eſtampa Francifco de Pina e Mello, Moço fidalgo da Caza Real, hum livro, intitulado: *Triunfo da Religiam* &c. e, naõ obſtante moſtrar nelle defendidos egregiamente os ſagrados Dogmas da Fé contra os abominaveis delirios dos Sectarios hetherodóxos, e haver dedicado o meſmo livro à Mageſtade do glorioziſſimo Pontifice Benedicto, o Grande, reynante, a eſſe tempo, no throno do Supremo Apoſtolado, e ao prezente nos noſſos coraçoens com immortal ſuſpiro da noſſa ſaudade, recebendo do Santiſſimo, e Sapientiſſimo Padre hum Breve Laudatorio, e dos homens verdadeiramente ſabios dignas acclamaçoens; ſahiram precipitadamente dous Engenhos Tranſtaganos, que com a maſcara de Criticos, e liberdade de Anonymos pertendèraõ deſluſtrar o *Triunfo*, e deſpojar dos louros, com q̃ no meſmo Capitólio Romano fôra coroado, a ſeu Clariſſimo Author. Sentíra, como devera, animozidade taõ eſtranha o Reverendo Padre M. Fr. Joaõ da Annunciaçaõ Pomba, filho benemerito da Inclyta Regular Ordem Terceira Serafica na Sãta, e Dou-

tiſſima Provincia deſtes Reynos; pois o alto merecimento do Triunfador impugnado, e a ſincéra antiga amizade, que lhe profeſſa, o eſtimuláraõ a huma publica defenſa. Eſta com reſoluçaõ generoza tomou à ſua conta ſeu amigo o Reverendo Padre D. Joaquim Velho do Canto, taõ famozo no Olympo da Oratoria ſagrada, como adorado das Caſtas Muſas no Parnazo; aſſim por fazer obzequio à juſtiça do illuſtre Pina, como para deſterrar do nobre afflicto animo do eſtimavel Meſtre Pomba toda a magoa; e em dez erudîtas Cartas concluîo a Apologîa, deixando o *Triunfo* mais brilhante, e em vergonhoza retirada aos Impugnadores. Dos immortaes Pina, e Canto naõ me pertence fazer neſte lugar illuſtre memoria, antes ſeria muito reprehenſivel o elogîo, porque duas vezes deſneceſſario: a primeira; porque recommendar Heróes de taõ ſublime eſfera, aos quaes as ſuas repetidas producçoens literarias tem feito benemeritos dos ſonóros brados da fama, hè empenho taõ ociôzo, como fora allumiar com huma tocha a quem eſtivéſſe cercado das luzes do Sol: a ſegunda; porque o elegante A. da *Carta gratulatoria* (que adirige ao Sabio eloquente Canto em reſpoſta) a hum, e outro elogîa com penna, naõ prateáda, como a de outra Pomba, mas toda de ſólida prata, e com eſtylo de fino ouro. Aſſim illuſtra o merecimento daquelles Sabios o erudîto Pomba. Naõ deixa porèm de enſinar na meſma Carta, e tambem de caſtigar [mas com ſuave moderaçaõ] aos dous animozos inconſiderados Criticos. Elle o faz magiſtralmente; livre porém de toda a colera; porque: *Columba neſcia fellis.* Elle com a mavel zelo os reprehende, enſinandos-lhes, que nem todos ſaõ

para tudo. Para ſer Critico naõ baſta o eſtudo de outras Faculdades, nem ainda o eſtudo da meſma Critica pelos livros de Euzebio Amort, de Honorato de Santa Maria, do Illuſtriſſimo Frey Miguel de S. Jozè, e outros: aſſim como nem o eſtudo da Poezia faz Poètas, nem o da Rhetorica Eloquentes, ſe falta numen, e engenho; [he judiciza reflexaõ do Critico de Oviedo] aſſim tambem, para ſe fazer hum habil Critico, além deſſes eſtudos, ſaõ precizos hum entendimento juſto, e claro; hum engenho perſpicaz, e bem inſtruido, e hum juizo penetrante, e exacto: mas iſto da-o Deos a quem he ſervido. Elle finalmente, ſe os naõ caſtiga, ao menos, por compaixaõ, os ameaça com os golpes da ſua penna, ou eſpada: *A' facie gladii Columbæ.* Fique pois o diſcréto A. deſta bem eſcrita Carta desfructando os louvores, que de juſtiça lhe ſaõ devidos: Iguaes merecem os elegantes Poétas Latinos, e Vulgares, que em ſuaves, e agudos metros applaudem ao meſmo A. e a ſeus prezados illuſtres amigos: e aſſim, Excellentiſſimo Senhor, concluo jà de todo a minha Cenſura.

Nada contém eſta Obra, que lhe embarace o fazer-ſe publica pela eſtampa; pois nem em hum ſó apice ſe oppõem aos ſagrados Dogmas da Fé, aos veneraveis Decretos da Igreja, e aos bem regulados dictames da Moral Chriſtaã. Eſte o meu parecer: Voſſa Excellencia mandarà o que for ſervido. Lisboa 9. de Janeiro. de 1759.

Jozè Thomaz Borges.

VIſta a informaçam, podem ſe imprimir os papeis de que ſe trata, e depois de impreſſos tornem. Lisboa 13 de Janeiro de 1759.

E. J. A. de Lacedemonia.

DO

JUIZO

Do Excellentiſſimo e Reverendiſſimo Senhor Dom Frey Joaõ de Saõ Jozè, Monge Benedictino, Biſpo eleyto do Graõ Parà.

SENHOR.

CUmpro com as ordens de Voſſa Mageſtade, revendo o papel, q̃ ſe ſervio remeter-me, e conſta de huma Carta gratulatoria eſcrita a hum amigo do diſcreto Author, a hum Varaõ de tanto merecimento, que Voſſa Mageſtade lhe reconheceu em o premio a diſtinção. Eſta Carta prova, que ainda hà Niſos, e Eurialos, Pilades, e Oréſtes, amigos emfim fieis: e tudo aquillo, que inſpira fidelidade, ou dà idèa de taõ generoſa virtude deve ſer agradavel innocente liſonja em todo o tempo, e neſte mais. As compoſiçoens Poeticas, que vem juntas, àlèm de fazerem algumas honra a huma Naçaõ, de quem ſe eſcreveo hà ſeculos, que na Muſica, e Poetica reynavaõ os Portuguezes, como em Paiz proprio, ſaõ incenſos, ou flores do Parnaſo, de que ſe faz ſacrificio, em que ſe naõ encontra aura, ou vapôr que offenda, nem aſpide que morda, ou levemente pize as Leys de Voſſa Mageſtade; pelo queparece

a Obra digna da licença, que ſe pede. V. Mageſtade mandarà o que for ſervido. S. Bento da Saude 21 de Janeiro de 1759.

Fr. Joaõ de S. Jozè.

Monge de S. Bento.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario e depois de impreſſo tornarà á Meza para ſe conferir, taxar, e dar licença que poſſa correr, ſem a qual naõ correrà. Lisboa 30 de Janeiro de 1759.

Com quatro Rubricas.